

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

BÁRBARA MANO DE FARIA

**REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DE IMIGRANTES E REFUGIADOS NO
CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

BELO HORIZONTE

2020

BÁRBARA MANO DE FARIA

**REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DE IMIGRANTES E REFUGIADOS NO
CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística do texto e do discurso.

Área de Concentração: Linguística do texto e do discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gláucia Muniz Proença Lara.

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

F224r Faria, Bárbara Mano de.
Representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no cenário brasileiro contemporâneo [manuscrito] / Barbara Mano de Faria. – 2020.
264 f., enc.: il., (color)
Orientadora: Gláucia Muniz Proença Lara.
Área de concentração: Linguística do Texto de do Discurso.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 216-220.
Anexos: f. 222-264.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Imigrantes – Brasil – Teses. 3. Refugiados – Brasil – Teses. I. Lara, Gláucia Muniz Proença, 1977-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no cenário brasileiro contemporâneo

BÁRBARA MANO DE FARIA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 06 de março de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Luciano Magnoni Tocaia – Presidente da banca/representante do orientador
UFMG


Prof(a). Sandra Maria Silva Cavalcante
PUC-MG


Prof(a). Wander Emediato de Souza
UFMG

Belo Horizonte, 6 de março de 2020.


Profa. Ana Lúcia Adorno Marciotto Oliveira
Subcoord. Programa de Pós- Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

A Katiana, onde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

Eu acredito muito que tudo na vida tem uma razão de ser. Há pouco mais de dois anos, eu abracei este projeto de estudar as migrações. Mas a verdade é que as migrações me abraçaram antes mesmo de eu seguir minha trajetória acadêmica – e seguem me chamando e me movendo a cada dia. Mais que um tema de mestrado, as migrações são hoje o motivo maior da minha trajetória de vida. E acho que é porque elas explicam um pouco da minha história e da minha construção também. Sou profundamente grata aos meus pais, Marilda e Celso, por me mostrarem, desde sempre, que o que a vida quer da gente é coragem para desbravar novos caminhos e se deixar guiar por amor. E também à minha irmã, Débora, que me ensina, todos os dias, que quem queremos ser não está no fim da jornada, mas no princípio de nossas buscas e no potencial que elas têm de (nos) transformar. Agradeço à minha família todos os valores e referências que me lembram de onde parti.

Em meio a umas tantas mudanças, foi preciso desenraizar e enraizar novamente algumas vezes para descobrir o sentido de pertencer. Ou seguir descobrindo, o que torna a vida este aprendizado sem fim. Mas a melhor parte de ir se (auto)descobrir por esses caminhos é, sem dúvidas, a possibilidade do encontro – cuja razão de ser, para mim, não vem do acaso ou do destino, mas da providência divina, à qual sou grata por sempre me orientar. Ainda bem que, nessas tantas voltas da vida, eu tive o privilégio de encontrar um companheiro que caminha de mãos dadas comigo e apoia todas as minhas escolhas. Obrigada, Mateus, por me inspirar a seguir em frente neste projeto e por compartilhar comigo tantos outros projetos de vida. E também tive o privilégio de fazer amizades que, nos últimos (dez) anos, significaram com suas histórias os lugares por onde passei e trouxeram novos sentidos à minha própria história. Um agradecimento especial à Clarice, à Juliana, ao Lucas, à Milene e à Ana, que se fazem presentes a todo tempo e em qualquer lugar. Minha gratidão também às queridas amigas de escola e aos amigos que a faculdade e o trabalho me apresentaram, por tornarem a lida – e a vida – muito mais leve e completa. E muito obrigada, Sophie e Agnès, minhas amigas de além-mar, que me acolheram com tanto carinho quando estive na condição de imigrante.

Não poderia deixar de agradecer ainda a todos aqueles que contribuíram, de uma forma ou de outra, para que este projeto se tornasse real. À minha orientadora, Glaucia Lara, que colocou em diálogo nossos trabalhos e lançou um olhar atento às reflexões que aqui construí. Ao professor Wander Emediato, que participou da minha iniciação à pesquisa e

segue contribuindo tanto para a minha trajetória acadêmica. À professora Sandra Cavalcante, que ressignifica o trabalho acadêmico de forma tão sensível, desenvolvendo e apoiando projetos educacionais que transformam a realidade em redor, sobretudo de imigrantes e refugiados. Ao professor Luciano Tocaia, que se dispôs a compartilhar comigo suas impressões e seus novos projetos que contemplam as migrações. À professora Daniervelin Pereira, que me apresentou novas possibilidades de estudo com uma competência e uma delicadeza exemplares. A todos os professores com os quais tive a honra de aprender e de descobrir novos mundos – na UFMG, na PUC Minas e no CEFET-MG. Aos queridos colegas e amigos – de modo especial, ao Eric, à Paula, ao Augusto, à Clara, à Julianna e à Natália – com os quais tive o prazer de caminhar em busca de novos conhecimentos e, principalmente, de transformação social. À Universidade Federal de Minas Gerais e à CAPES, que viabilizaram a concretização deste projeto e de tudo o que nele cabe. Sou eternamente grata à oportunidade de encontrar, na universidade pública, conhecimentos e referências tão plurais, frutos da diversidade de sujeitos e de histórias que coexistem nesse espaço. Por isso mesmo, sigo sendo também uma eterna defensora da educação pública como direito, assegurado a brasileiros e imigrantes.

Finalmente, gostaria de agradecer a todos aqueles que, em seu percurso migratório, transformaram tanto o meu caminho com suas histórias de vida. Não tenho palavras para demonstrar a minha gratidão e a minha admiração a todos os que se dispuseram a (se) contar aqui – alguns se tornaram verdadeiros amigos. Agradeço também a todas as alunas (e a todos os alunos) que já passaram e ainda passam pela minha vida ao longo destes três anos de trabalho como professora de Português como Língua de Acolhimento: em meio a tantas chegadas e partidas, nunca serei capaz de retribuir-lhes todo o ensinamento que me proporcionam com seus exemplos de vida. Muito obrigada a todos os estudantes do PEC-G e a todos os professores de PLA e de PLAc, que seguem me inspirando nesta caminhada. Gratidão sem fim às amadas companheiras do Coletivo de Mulheres Migrantes - Cio da Terra, que me ensinam, todos os dias, o quanto merecemos viver e amar como qualquer mulher no planeta. O quanto precisamos nos reinventar o tempo todo e o quanto nos fortalecemos quando caminhamos coletivamente. É esse ensinamento (e esse acolhimento) que me guia todos os dias. E nada é mais gratificante que pertencer hoje a esse grupo de mulheres que segue lutando e sendo "terra fértil sem fronteiras".

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. [...] Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Este trabalho se volta para o estudo de representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no cenário brasileiro contemporâneo, tendo como principais referências a Análise do Discurso de orientação francesa (ADF) e algumas teorias/disciplinas que com ela dialogam. O fenômeno das migrações contemporâneas, marcado por diversas modalidades de deslocamento e por fluxos humanos cada vez maiores, tem alcançado projeções significativas nos discursos institucionais que circulam no Brasil e no mundo. Ao focalizarem as chamadas “migrações Sul-Sul”, esses discursos tendem a representá-las segundo o imaginário de uma crise migratória internacional, como forma de justificar a adoção de políticas migratórias pautadas no fechamento de fronteiras e na marginalização social de imigrantes e refugiados. Paralelamente, há poucos espaços para que os próprios integrantes desses grupos falem de si e de sua(s) condição(ões) migratória(s), de modo que as representações sociodiscursivas desses sujeitos, que são, geralmente, veiculadas pelas mídias, ecoem na opinião pública e, muitas vezes, influenciem/reflitam o senso comum (a *doxa*). Logo, para que o estabelecimento desses indivíduos no país ocorra de forma humanitária, é fundamental compreender como o *status* atribuído a esses grupos orienta o tratamento social e político a eles dirigido. Buscamos, assim, analisar as representações sociodiscursivas que emergem na instância midiática e compará-las aos modos como imigrantes e refugiados se representam em suas próprias narrativas de vida, com base em um *corpus* formado por notícias da imprensa de referência mineira e por narrativas de vida elaboradas a partir de entrevistas concedidas por imigrantes e refugiados residentes na região metropolitana de Belo Horizonte. Primeiramente, apresentamos um panorama dos principais acordos e documentos políticos, internacionais e nacionais, que definem juridicamente as diversas categorias de sujeitos migrantes, discutindo suas representações nesses instrumentos. Em um segundo momento, retomamos as noções de representações sociais e de imaginários sociodiscursivos que embasam este estudo; algumas abordagens teóricas que tratam dos discursos das mídias e da opinião pública; e as referências da Sociologia e da ADF que teorizam as narrativas de vida. Também recorreremos a uma série de referenciais teórico-metodológicos para construir um dispositivo “individualizado” de análise, à luz da Semântica Global. Em seguida, descrevemos todos os procedimentos metodológicos adotados para coletar, registrar e analisar os textos do *corpus*, destacando o caráter qualitativo da pesquisa. Após empreender as análises discursivas dos textos midiáticos, agrupados em eixos temáticos, e das narrativas de vida, analisadas separadamente, pudemos comprovar nossas hipóteses iniciais, especialmente as de que há uma desigualdade de espaços de fala destinados à discussão das migrações contemporâneas, o que favorece certos discursos institucionalizados política e socialmente e inibe ou até silencia a(s) própria(s) voz(es) dos imigrantes e refugiados, que não se sentem, na maioria das vezes, representados nos/pelos discursos institucionais/midiáticos.

Palavras-chave: Representações sociodiscursivas; migrações contemporâneas; imigrantes e refugiados; discursos midiáticos; narrativas de vida.

RÉSUMÉ

Ce travail se porte sur l'étude de représentations sociodiscursives d'immigrés et de réfugiés dans le contexte brésilien contemporain, en utilisant comme référence l'Analyse du Discours d'orientation française et quelques théories/disciplines qui dialoguent avec elle. Le phénomène des migrations contemporaines, caractérisé par de diverses modalités de déplacement et par des flux humains croissants, atteint aujourd'hui des projections significatives dans les discours institutionnels qui circulent dans le pays et dans le monde. En se concentrant sur les processus migratoires connus comme « migrations Sud-Sud », ces discours tendent à les représenter selon l'imaginaire d'une crise migratoire internationale, sous prétexte de justifier l'adoption de politiques migratoires qui opèrent la fermeture de frontières et la marginalisation sociale d'immigrés et de réfugiés. Parallèlement, il y a peu d'espaces pour que les membres de ces groupes parlent eux-mêmes de soi et de leur(s) condition(s) migratoire(s), de sorte que les représentations sociodiscursives de ces sujets, qui sont, en général, diffusées pour les médias, résonnent dans l'opinion publique et même influencent/réfléchissent le sens commun (la *doxa*). Par conséquent, pour que l'établissement de ces individus dans le pays soit fait de façon humanitaire, il est essentiel de comprendre comment le *status* attribué à ces groupes oriente le traitement social et politique vers eux. Ainsi, nous avons eu le but d'analyser les représentations sociodiscursives qui émergent de l'instance médiatique et de les comparer avec les manières dont les immigrés et les réfugiés se représentent dans leurs propres récits de vie, en nous appuyant sur un *corpus* composé de textes de la presse de référence de Minas Gerais, ainsi que de récits de vie élaborés à partir d'entretiens réalisés avec des immigrés et réfugiés qui habitent dans la région métropolitaine de Belo Horizonte. Tout d'abord, nous avons présenté un panorama de principaux accords et documents politiques, internationaux et nationaux, qui définissent juridiquement les diverses catégories de sujets migrants, en discutant leurs représentations dans ces instruments. Ensuite, nous avons repris les notions de représentations sociales et d'imaginaires sociodiscursifs, qui ont inspiré cette étude; quelques approches théoriques qui parlent des discours des médias et de l'opinion publique; et les références de la Sociologie et de l'ADF qui théorisent les récits de vie. Nous avons repris aussi un ensemble de références théoriques et méthodologiques pour créer un dispositif « individualisé » d'analyse, inspiré de la Sémantique Globale. Puis, nous avons décrit toutes les procédures méthodologiques adoptées pour recueillir, enregistrer et analyser les textes du *corpus*, en mettant en relief la nature qualitative de la recherche. Après développer les analyses discursives des textes journalistiques, regroupés selon des axes thématiques, et des récits de vie, analysées séparément, nous avons vérifié nos hypothèses initiales, surtout celles qui suggèrent une inégalité dans les espaces de parole destinés à la discussion des migrations contemporaines, ce qui favorise certains discours institutionnalisés politiquement et socialement et inhibe ou silencie la(les) propre(s) voix des immigrés et réfugiés, qui ne se considèrent pas normalement bien représentés par des discours institutionnels/médiatiques.

Mots-clés: Représentations sociodiscursives; migrations contemporaines ; immigrés et réfugiés; discours médiatiques; récits de vie.

ABSTRACT

This paper studies socio-discursive representations of immigrants and refugees in the Brazilian contemporary context, resorting to the French theory of Discourse Analysis (DA) and some related theories/disciplines. The contemporary migration phenomenon, marked by many modalities of displacement and by increasingly bigger human flows, has reached significant projections in institutional discourse in Brazil and in the world. Focusing on the so-called “South-South migrations”, these discourses tend to represent migration according to the imaginary of an international crisis, so as to justify migratory policies based on border closure and social marginalization of immigrants and refugees. Besides, there are few spaces for the members of these groups to talk about themselves and their migratory conditions, so that their sociodiscursive representations, which are, generally, presented by the media, could reverberate in the public opinion and influence/reflect the common sense (*doxa*). Thus, in order to receive these individuals in the country in a humanitarian way, it is fundamental to understand how the status attributed to them influences the social and political treatment they are given. In this way, we seek to analyse the socio-discursive representations which emerge in the media instance and compare them to the way in which immigrants and refugees represent their own life stories. Based on a *corpus* composed by pieces of news from the reference press of Minas Gerais and by life stories obtained in interviews given by immigrants and refugees who live in the Great Belo Horizonte, we, firstly, presented an overview of the main national and international agreement policies and documents, which define, in a legal way, the many categories of migrants, and discussed their representation in these instruments. Secondly, we presented the notions of social representations and of socio-discursive imaginaries, which are the basis of this study; some theoretical approaches which deal with media discourses and with public opinion; as well as Sociology and DA references to the concept of life stories. We also resorted to theoretical and methodological literature to build an “individualized” device of analysis, in light of Global Semantics. Finally, we described the methodological procedure adopted to collect, register and analyse the texts that compose our *corpus*, highlighting the qualitative nature of this study. After analysing the media texts, grouped by thematic axes, and the life stories, which were examined separately, we could confirm our initial hypotheses, especially the fact that there is an uneven distribution of speech spaces dealing with contemporary migrations, which favors certain politically and socially institutionalized discourses and inhibits, or even silences, the voice(s) of immigrants and refugees, who do not feel, in most cases, represented by institutional/media discourses.

Key-words: Socio-discursive representations; contemporary migration; immigrants and refugees; media discourses; life stories.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ANUAR – Associação das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento de Refugiados

CEFET-MG – Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

OBMINAS – Observatório da Migração Internacional do Estado de Minas Gerais

OIM – Organização Internacional para as Migrações

OIR – Organização Internacional para os Refugiados

ONU – Organização das Nações Unidas

PEC-G – Programa de Estudantes – Convênio de Graduação

PEC-PG – Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação

PLAc – Português como Língua de Acolhimento

RNs – Resoluções Normativas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Principais organizações e instrumentos globais contemporâneos para a proteção de refugiados	32
FIGURA 2 – Principais dispositivos latino-americanos contemporâneos para a proteção de refugiados	35
FIGURA 3 – Principais organizações e instrumentos nacionais contemporâneos para a proteção de imigrantes e refugiados	44

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Apresentação das notícias	100
QUADRO 2 – Categorias discursivas analisadas nas notícias	100
QUADRO 3 – Notícia 1	102
QUADRO 4 – Notícia 2	103
QUADRO 5 – Notícia 3	109
QUADRO 6 – Notícia 4	110
QUADRO 7 – Notícia 5	116
QUADRO 8 – Notícia 6	117
QUADRO 9 – Notícia 7	118
QUADRO 10 – Notícia 8	119
QUADRO 11 – Notícia 9	126
QUADRO 12 – Notícia 10	126
QUADRO 13 – Notícia 11	130
QUADRO 14 – Apresentação das narrativas de vida	140
QUADRO 15 – Categorias discursivas analisadas nas narrativas de vida	141
QUADRO 16 – Narrativa 1	142
QUADRO 17 – Narrativa 2	152
QUADRO 18 – Narrativa 3	160
QUADRO 19 – Narrativa 4	166
QUADRO 20 – Narrativa 5	184
QUADRO 21 – Narrativa 6	199

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: DO PANORAMA SOCIOPOLÍTICO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS	27
1.1 Movimentos migratórios globais: da multimodalidade de fluxos à multiplicidade de conceitos	29
1.2. Do cenário global ao nacional: diálogos e entrecruzamentos	43
CAPÍTULO 2 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS: UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR ORIENTADO PELA ADF	57
2.1. O papel das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos nos processos de significação e de construção identitária	58
2.2. As representações sociais e os imaginários sociodiscursivos subjacentes aos discursos das mídias e da opinião pública	68
2.3. Os imaginários e as (auto)representações que permeiam as narrativas de vida	75
2.4. A materialidade linguística das representações sociodiscursivas e os planos nos quais se desvelam	81
CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES DO OUTRO E REPRESENTAÇÕES DE SI: ENTRE O(S) DISCURSO(S) MUDIÁTICO(S) E AS NARRATIVAS DE VIDA DE IMIGRANTES E REFUGIADOS	96
3.1. As representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados na imprensa de referência mineira	96
3.1.1. Políticas migratórias	102
3.1.2. Ajuda humanitária	109
3.1.3. Imigração venezuelana	115
3.1.4. Olhares cotidianos sobre os imigrantes	125
3.1.5. Olhares sobre os emigrantes	130

3.2. As (auto)representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados em suas narrativas de vida	133
3.2.1. Nela de Voz	142
3.2.2. Jean Marc	152
3.2.3. Fadi	160
3.2.4. Déborah	166
3.2.5. Jker Pazmiño	184
3.2.6. Adiba	199
3.3. Do(s) discurso(s) sobre o outro à(s) narrativa(s) de si: apresentação e discussão dos resultados	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS	216
ANEXOS	222
Anexo 1	222
Anexo 2	227
Anexo 3	232
Anexo 4	234
Anexo 5	235
Anexo 6	237
Anexo 7	238

INTRODUÇÃO

Atualmente, estima-se a existência de, ao menos, 272 milhões de migrantes internacionais no mundo, o que corresponde a 3,5% da população mundial, que conta com 7,7 bilhões de habitantes, de acordo com dados do relatório *World Migration Report 2020*¹, publicado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM). Esses dados, referentes ao ano de 2019, apontam para um aumento de 23% no número de sujeitos deslocados no cenário das migrações internacionais, tendo em vista a comparação com dados emitidos pela OIM em 2010, quando eram estimados 220,78 milhões de migrantes internacionais, ou seja, 3,2% da população global. Ainda segundo o relatório de 2020, “o deslocamento forçado tem registrado recordes no mundo, com o número de pessoas internamente deslocadas atingindo 41 milhões, e o número de refugiados chegando a aproximadamente 26 milhões”².

Com efeito, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) aponta hoje para 70,8 milhões de pessoas forçadas a se deslocar no mundo, conforme os dados publicados no relatório *Global Trends: Forced Displacement in 2018*³. Desse total, 41,3 milhões de pessoas estão deslocadas internamente; 25,9 milhões estão refugiadas e 3,5 milhões, na condição de solicitantes de refúgio, das quais 341,8 mil correspondem a novos solicitantes no ano de 2018, sendo a maioria das solicitações proveniente de venezuelanos. Ainda segundo o ACNUR, existem 92,4 mil refugiados reassentados, e há dados sobre 3,9 milhões de pessoas apátridas, embora se acredite que existam outras tantas (milhões) nessa situação. De todo modo, o relatório estima que 37 mil pessoas são forçadas a fugir de suas casas por causa de conflitos e perseguição⁴.

Nesse panorama, é importante considerar que “o cenário das migrações internacionais no século XXI tem sido marcado por movimentos migratórios que incluem percursos, cada vez mais intensos, entre os países do Sul global”, sendo que “as restrições impostas pelos países do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais consistem em importante elemento de reconfiguração das migrações e seus destinos no mundo hoje” (BAENINGER *et.al.*, 2018, p.13). Diante disso, ao propormos este estudo no âmbito das migrações contemporâneas, voltamos nosso olhar especificamente para as chamadas “migrações Sul-Sul”, caracterizadas pelos fluxos migratórios entre e em direção aos países da América Latina. Nessa perspectiva, assumimos que os processos migratórios que se configuram dentro desse quadro

1 Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

2 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oim-migrantes-internacionais-somam-272-milhoes-35-da-populacao-global/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

3 Disponível em: https://www.unhcr.org/globaltrends2018/#_ga=2.175874336.362113418.1575064818-1784521686.1574251253. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

4 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

[...] denotam os desafios teórico-metodológicos para explicações e análises das migrações entre os países da região bem como da imigração haitiana, síria, africana, [...] de imigrações refugiadas, dentre outras modalidades migratórias que constroem o mosaico das tendências de deslocamentos de população na contemporaneidade. (BAENINGER *et.al.*, 2018, p.13).

Nesse cenário, o Brasil figura como um país dotado de certa projeção internacional não apenas por compor os principais tratados internacionais que dizem respeito às migrações internacionais e ao refúgio, como também por conduzir políticas e acordos diplomáticos de caráter humanitário no quadro das migrações Sul-Sul, notadamente na recepção de sírios, haitianos e, mais recentemente, de venezuelanos no país. Segundo dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), na quarta edição do relatório *Refúgio em Números*⁵, há 11.231 pessoas reconhecidas como refugiadas pelo Estado brasileiro, dentre as quais 36% correspondem a sírios, 15% a congoleses e 9% a angolanos. Apenas no ano de 2018, foram realizadas mais de 80 mil solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no país, das quais 1.086, provenientes de indivíduos de diferentes nacionalidades, obtiveram êxito. Dentre essas solicitações, 61.681 foram feitas por venezuelanos, o que contribuiu consideravelmente para o aumento na totalidade de pedidos. Logo em seguida, destacam-se as solicitações feitas por haitianos (7.030) e por cubanos (2.794), cujos países estão situados na região da América Latina e do Caribe⁶.

Ainda de acordo com o relatório, Roraima foi o estado que teve maior registro de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em 2018 (50.770 solicitações), o que se explica pelo fato de o estado estar situado na fronteira brasileira com a Venezuela. Também pela proximidade geográfica, o estado do Amazonas apresenta o segundo maior registro de solicitações (10.500), seguido do estado de São Paulo (9.977), que tem recebido muitos venezuelanos pelo Programa de Interiorização, realizado pelo governo brasileiro em parceria com o ACNUR e com organizações não governamentais e religiosas. Já Minas Gerais, que tem registrados, no total, 378 pedidos de refúgio, também tem recebido um número crescente de imigrantes venezuelanos, que chegam normalmente ao estado pelo Programa de Interiorização e são acolhidos pela rede “Acolhe Minas”, formada por setores da sociedade civil, entidades religiosas, universidades e ONGs, além do próprio ACNUR, a fim de suprir a carência de políticas públicas para o estabelecimento desses grupos no estado.

Em todo caso, os números referentes à imigração para Minas Gerais e, mais especificamente, para a Região Metropolitana de Belo Horizonte, divulgados pelo *Diagnóstico*

5 Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-numeros_versao-23-de-julho-002.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

6 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

sobre *Migração e Refúgio em Minas Gerais*⁷, mostram que, até o ano de 2010, conforme dados do último Censo do IBGE, 47,6% (7.873) dos imigrantes do estado se concentravam na Região Metropolitana, estando a maioria deles em Belo Horizonte e, logo em seguida, nas cidades adjacentes com maior destaque econômico, como Contagem, Nova Lima e Betim. Segundo o *Atlas da Migração Internacional em Minas Gerais*⁸, até o ano de 2016, 10.539 imigrantes em Minas tinham como primeiro município de residência a cidade de Belo Horizonte, contra 1.975 em Contagem, 615 em Nova Lima, 545 em Esmeraldas e 490 em Betim. Em relação ao país de origem dos imigrantes que vieram para o estado, dentro do quadro das migrações Sul-Sul, até 2016, os grupos mais representativos eram o dos haitianos (3.241 em Minas e 2.530 na região metropolitana de BH) e o dos colombianos (1.997 em Minas e 912 na região metropolitana), situação que é hoje possivelmente modificada pela imigração venezuelana.

Dada a realidade migratória atual e cada vez mais presente no mundo, ainda que seja possível notar, de fato, uma maior presença, em nosso país, de indivíduos deslocados, o olhar da sociedade brasileira sobre essas minorias, sobretudo étnicas e culturais, permanece, em grande medida, condicionado às abordagens feitas pelos organismos políticos e institucionais envolvidos na recepção desses grupos, bem como pelos veículos midiáticos nacionais. Dessa maneira, podemos perceber que, para além de aspectos práticos e administrativos fundamentais no processo de amparo e inserção (mesmo que provisórios) de imigrantes e refugiados no Brasil, uma ampliação da visibilidade e da representatividade social dessas pessoas se mostra extremamente relevante para que essa acolhida ocorra de forma democrática. E tal abertura parte necessariamente, a nosso ver, de uma maior compreensão do *status* social que inscreve esses grupos minoritários no cenário sociopolítico brasileiro – o que permitiria inclusive maior clareza sobre a terminologia que distingue, para fins jurídicos, imigrantes de refugiados, mesmo que, na prática, as condições sociais de ambos, muitas vezes, não se diferenciem. Essa compreensão, por sua vez, envolve a consciência de que tal *status* está sujeito ao próprio modo como o senso comum⁹, refletido no discurso das

7 Diagnóstico publicado, no ano de 2018, pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania – MG. Disponível em: http://www.agenciaminas.mg.gov.br/ckeditor_assets/attachments/4455/dgir_imprimir_29-03-2018_capacolorida.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

8 Atlas elaborado pelo Observatório das Migrações Internacionais do Estado de Minas Gerais e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – da PUC Minas. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNDhmNGVIM2UtMjRiNi00YTU4LTk3YjAtZTI4ZDY2Y2VjNzQzIiwidCI6IjdlZTQzN2UyLWJhNDItNGM4MS1iMjk0LTl4NTkxZTMwOGRmYyJ9>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

9 A noção de *senso comum* que assumimos neste projeto está associada à de *doxa*. Segundo a definição apresentada por Plantin (2004, p.176; grifo do original) no *Dicionário de Análise do Discurso*, a palavra *doxa* é “emprestada do grego e designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A *doxa* corresponde ao **sentido comum**, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente”.

instituições políticas e sociais e simultaneamente influenciado por ele, concebe a problemática social da imigração e do refúgio. Logo, é de suma importância o reconhecimento de que as configurações sociais – com todos os seus modelos de relações, bem como os estereótipos relativos a seus integrantes – são sustentadas primordialmente por uma série de representações e de imaginários compartilhados e difundidos por meio dos discursos de diversos atores da sociedade: os políticos, as mídias e ainda os grupos civis engajados ou não com questões de caráter social, entre outros.

Diante disso, pensar em uma democratização legítima no que se refere à recepção e à inclusão de imigrantes e refugiados no Brasil envolve fundamentalmente uma reformulação dos parâmetros a partir dos quais esses grupos são representados. Para que isso ocorra, é importante reconhecer que a(s) narrativa(s) sobre a questão das migrações continua(m) restrita(s) a discursos, considerados oficiais, que perpetuam uma série de representações sociais associadas a imaginários, valores e estereótipos que são difundidos e compartilhados na cultura brasileira e, por extensão, na ocidental. Nessa perspectiva, assumimos com Lara e Limberti (2015, p.7) que “a História é, em geral, contada do ponto de vista do dominador. A voz do outro – o dominado – é abafada, silenciada”, ainda que seu eco se mantenha “nos vãos, nas fissuras do sistema, esperando a oportunidade de ser ouvida”. Projetando essa reflexão em um quadro teórico mais amplo, Santos e Meneses (2009, p.9), ao tratarem da noção de epistemologia como toda “ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido”, destacam que “as alternativas à epistemologia dominante partem, em geral, do princípio de que o mundo é epistemologicamente diverso” (SANTOS; MENESES, 2009, p.12). Essa diversidade, designada pelos autores como epistemologias do Sul,

[...] longe de ser algo negativo, representa um enorme enriquecimento das capacidades humanas para conferir inteligibilidade e intencionalidade às experiências sociais. A pluralidade epistemológica do mundo e, com ela, o reconhecimento de conhecimentos rivais dotados de critérios diferentes de validade tornam visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de acções e de agentes sociais. (SANTOS; MENESES, 2009, p.12).

Em consonância com esse pensamento, Ribeiro (2019, s/p) aponta a urgência de se deslocar o pensamento hegemônico e de se ressignificarem as identidades de grupos minoritarizados nos/pelos próprios discursos hegemônicos, “para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica”. Nesse sentido, reconhecemos com a autora que “não poder acessar espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços” e que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”. É a

partir dessa perspectiva que Ribeiro (2019, s/p) pensa a noção de lugar de fala, fundamental para o nosso estudo, como um meio de “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”, rompendo com “o silêncio instituído para quem foi subalternizado”.

Assim, julgamos primordial “dar a palavra” a esses grupos minoritarizados, a fim de que eles próprios, ampliado seu espaço de fala, possam fazer (re)conhecer suas representações e concepções sobre as condições de deslocamento, apresentando, desse modo, novas perspectivas sociais. Ressaltamos, contudo, que o sentido de “dar a palavra”, aqui assumido, não pretende demarcar a hierarquia de poder (de fala) que pretendemos justamente combater, a partir da qual a tomada da palavra por representantes dos grupos minoritarizados se dá, unicamente, mediante a concessão benevolente de quem detém majoritariamente os espaços de fala na esfera social e pública. Ao contrário, nossa intenção de “dar a palavra” é (ou pretende ser) uma forma de “restituir uma fala perdida ou alterada; é também traduzir e expressar, o mais próximo possível do original; é, ainda, devolvê-la a seu dono, como uma dívida” (DUCARD, 2015, p.111). Entendemos, pois, que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e de configuração do mundo por outros olhares e geografias” (RIBEIRO, 2019, s/p).

Com efeito, o contato multicultural com imigrantes e refugiados, por meio do engajamento com projetos sociais voltados para o acolhimento de imigrantes e refugiados¹⁰, foi a principal motivação para o desenvolvimento deste trabalho, visto que esse contato mais próximo nos permitiu constatar, na prática, uma dupla interferência que faz com que muitos integrantes desses grupos minoritarizados sejam destituídos de voz. A primeira delas consiste nos próprios obstáculos à sobrevivência vivenciados por muitos indivíduos que se encontram na condição de deslocamento – a começar pelo desconhecimento ou pelo não domínio efetivo da língua portuguesa, o que já limita suas possibilidades de comunicação em um cenário no qual muitos brasileiros também não dominam outras línguas. Já a segunda corresponde à vulnerabilidade e à invisibilidade social a que muitos estão sujeitos, não por uma condição intrínseca à existência na imigração, mas

10 Nosso engajamento social com questão das migrações, iniciado anteriormente ao próprio desenvolvimento deste trabalho, consiste na atuação em projetos sociais voluntários voltados para o acolhimento de imigrantes e refugiados, especialmente no âmbito do ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Dentre as ações que desenvolvemos, encontram-se o ensino de PLAc para mulheres migrantes, entre 2017 e 2018, no seio do Projeto Mulheres, atualmente extinto, do Centro Zanmi – atual Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados; a participação na gestão das atividades do Coletivo de Mulheres Migrantes – Cio da Terra, desde 2018, com destaque para a criação do Curso de Português para Mulheres Migrantes; a participação como professora voluntária no curso de PLAc do CEFET-MG, a partir de 2019. Vale ressaltar que o envolvimento com tais projetos tem possibilitado ainda o contato com outras associações e com outros grupos que desenvolvem iniciativas voltadas para imigrantes e refugiados.

assegurada por uma série de estereótipos que se difundem no/pelo senso comum (na/pela *doxa*), a partir das representações discursivas em que a sociedade se pauta.

Nessa perspectiva, tendo como principal suporte teórico a Análise do Discurso de orientação francesa (ADF), fundamentamos nossa proposta de trabalho em duas formulações teóricas que dialogam entre si no sentido de refletirem sobre elementos de ordem conjuntural que, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, embasam estruturas sociais – inclusive em seus aspectos políticos – e contribuem para mantê-las: a noção de imaginários sociodiscursivos, desenvolvida no âmbito da ADF por Charaudeau (2006), e a Teoria das Representações Sociais, apresentada por Moscovici (2015). Lembramos que a ADF é uma teoria interdisciplinar, o que lhe permite dialogar com outras disciplinas/abordagens, como é o caso da Psicologia Social, aqui representada por Moscovici. Em ambos os casos, portanto, propõe-se uma abordagem social considerando os modos como as próprias sociedades representam e concebem a realidade em que estão inseridas ou que as envolve, sendo esse processo inerente e fundamental à sua configuração. Por isso, também julgamos pertinente uma reflexão acerca das (des)igualdades e de sua relação com aspectos discursivos, também associados às diversas instituições políticas e sociais, que as asseguram e as mantêm, como propõem Lara e Limberti (2015).

Logo, reconhecidos os problemas gerados pela limitação das representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados a uma “narrativa oficial”, orientada pelos discursos de autoridades específicas (políticas, midiáticas etc.) e influenciadora do imaginário social sobre a imigração e o refúgio, mostra-se imprescindível ampliar os espaços de fala desses grupos minoritarizados. Afinal, é somente por meio do diálogo estreito com seus representantes que poderemos, pois, compreender melhor o modo como os próprios imigrantes e refugiados, ao menos aqueles com os quais temos contato no cotidiano, concebem sua condição de deslocamento e manifestam seus valores frente a uma sociedade que frequentemente os representa como o outro-estrangeiro.

Assim, partiremos de uma base teórica interdisciplinar para identificar sob quais referenciais sociodiscursivos, em termos de imaginários e representações, os imigrantes e refugiados têm sido identificados, a ponto de se definir um *status* que condiciona não somente o tratamento social dirigido a eles, mas também a relevância de políticas públicas destinadas ao seu amparo. Para tanto, buscaremos investigar os modos de problematização da questão através dos discursos de diversos atores – políticos, institucionais (nos quais se enquadram as mídias) e sociais – envolvidos no quadro das migrações contemporâneas, bem como de alguns representantes de imigrantes e refugiados que, advindos de países do Sul global, vivem na região metropolitana de

Belo Horizonte. Nessa perspectiva, apropriamo-nos de algumas questões elencadas por Lara e Limberti (2015, p.8), nas quais o nosso estudo se ancora:

Quem é, afinal, esse outro? O que dizem dele e o que ele diz de si mesmo? Como ele se apresenta e se representa no próprio discurso? Que apresentações e representações dele circulam em outros lugares, em outros discursos? Como, enfim, ele se significa e é significado?

Como forma de orientar nosso trabalho, elaboramos ainda um conjunto de hipóteses, embasado no referencial teórico a ser apresentado e em impressões advindas de nossa prática – diferentes, contudo, de um trabalho metodológico minucioso. Nesse sentido, partiremos dos pressupostos de que:

a) existem imaginários, materializados no/pelo discurso, que embasam a forma como a sociedade em geral concebe e estigmatiza a realidade de imigrantes e refugiados, considerados como um grupo social minoritário;

b) esses imaginários sociais (ou sociodiscursivos) consistem em saberes de crença compartilhados pelo senso comum, que se refletem em – ou são simultaneamente (re)ativados por – discursos de diferentes instituições, entre elas os meios midiáticos ditos referenciais, que funcionam como uma espécie de porta-voz desse grupo, sob a aparência de discursos mais objetivos e imparciais;

c) há uma desigualdade de espaços de fala destinados à abordagem da questão, o que favorece certos discursos institucionalizados política e socialmente e inibe ou até silencia a(s) própria(s) voz(es) dos imigrantes e refugiados;

d) os imigrantes e refugiados não se sentem, na maioria das vezes, representados nos e pelos discursos institucionais/midiáticos, o que reforça a necessidade de assegurar-lhes seu lugar de fala para que “(se) contem” e se identifiquem efetivamente como integrantes da sociedade/comunidade que pretende acolhê-los.

Tendo em vista essas hipóteses, nosso objetivo geral, com este trabalho, é comparar as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados que emergem da instância midiática – mais especificamente, da imprensa de referência mineira – às (auto)representações elaboradas pelos representantes desses grupos em suas próprias narrativas de vida, buscando correspondências e/ou divergências entre esses dois tipos de representação. Para tanto, estabelecemos também alguns objetivos específicos, a saber:

1 Desenvolver um breve panorama sobre as políticas e os acordos migratórios internacionais e nacionais, a fim de identificar os estatutos jurídicos a partir dos quais os diversos grupos de sujeitos migrantes são oficialmente representados.

2 Coletar e analisar as representações e os imaginários sociodiscursivos em torno das figuras de imigrantes e refugiados, bem como os modos como são problematizados, em notícias que tematizam as migrações contemporâneas, veiculadas pelas versões *online* de dois jornais representativos da imprensa de referência mineira: *Estado de Minas* e *O Tempo*.

3 Dialogar com representantes de imigrantes e refugiados que ocupem determinados papéis de representatividade social nos espaços em que se inserem, a fim de conhecer, por intermédio de suas narrativas de vida, suas formas de representação da condição de imigração e de refúgio, além dos modos como se identificam frente a um *status* social que os coloca como minorias.

Orientados, pois, por esses objetivos, faremos, no capítulo 1, uma breve contextualização sociopolítica do cenário das migrações internacionais na contemporaneidade. Para tanto, apresentaremos os principais acordos e instrumentos políticos – internacionais, latino-americanos e nacionais – que direcionam não apenas as políticas migratórias empreendidas pelos Estados contemporâneos, mas também os modos como as sociedades, oriundas desses Estados, concebem a questão da imigração e do refúgio. Assim, ao apontarmos as principais diretrizes que tratam da definição dos diversos estatutos jurídicos atribuídos aos diferentes grupos de sujeitos migrantes, bem como dos seus direitos e deveres nos países de acolhida, buscaremos reconhecer as designações oficiais que os representam e compreender/discutir os critérios que as embasam.

No capítulo 2, abordaremos, em um primeiro momento, os principais referenciais teóricos a partir dos quais traçaremos uma (re)elaboração das noções de imaginários e representações sociodiscursivos, tendo em vista as ideias de Charaudeau (2006) e de Moscovici (2015), ampliadas por outras noções que com elas dialogam. Em um segundo momento, trataremos também do(s) discurso(s) das mídias e de sua projeção/reflexão na opinião pública, uma vez que a compreensão do contrato comunicacional e dos mecanismos discursivos próprios à esfera midiática nos parece fundamental para uma análise mais crítica desse(s) discurso(s). Em um terceiro momento, voltaremos nosso olhar para o estudo das narrativas de vida, buscando recuperar o quadro epistemológico em que se inserem e o modo como viabilizam, pelo próprio discurso, as (auto)representações dos sujeitos que se contam. Finalmente, apontaremos os principais referenciais teórico-metodológicos que adotaremos como base para a construção de nosso “dispositivo de análise individualizado” (ORLANDI, 1999), a partir do qual empreenderemos a análise dos mecanismos linguístico-enunciativos utilizados nos textos que compõem o *corpus*.

Desenvolveremos, no capítulo 3, a análise dos textos do *corpus*, em duas etapas: primeiramente, analisaremos as notícias que coletamos com base em um recorte temporal pré-estabelecido e, em seguida, as narrativas de vida de imigrantes e refugiados entrevistados por nós.

Em cada uma das etapas, partiremos de uma apresentação de todo o processo metodológico subjacente à construção do *corpus*, desde a escolha dos textos / a busca pelos entrevistados, passando pela fase de coleta e categorização das notícias / de realização e registro das entrevistas na forma de narrativas de vida, até chegar à análise propriamente dita das representações sociodiscursivas que definem o *status* de imigrantes e refugiados / das (auto)representações referentes à sua condição, ao seu país de origem e ao país de acolhida. Assim, com base nesse percurso metodológico, poderemos empreender análises mais criteriosas e apresentar resultados mais consistentes em relação às hipóteses e conforme os objetivos definidos anteriormente.

Nas Considerações Finais, traremos uma reflexão, fundamentada teórica e empiricamente, sobre as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados que circulam no imaginário social brasileiro e sobre os possíveis caminhos para reconstruir, ainda que a médio e longo prazo, os sistemas de pensamento que relegam esses grupos a um lugar de marginalização social. Desse modo, poderemos concluir que a democratização efetiva da sociedade, em todos os seus níveis e com todos os seus integrantes, está intrinsecamente ligada à democratização dos próprios espaços de fala que possibilitam a representatividade dos diversos grupos sociais.

CAPÍTULO 1

MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: DO PANORAMA SOCIOPOLÍTICO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS

Neste primeiro capítulo, traçaremos um panorama dos processos migratórios contemporâneos situados no quadro da chamada “migração Sul-Sul”, que se configura a partir dos deslocamentos humanos entre e em direção aos países da América Latina, demonstrando, na última década, “a complexidade e heterogeneidade da imigração internacional” (BAENINGER *et al.*, 2018, p.13). Para tanto, retomaremos os acordos e dispositivos políticos, estabelecidos na contemporaneidade – isto é, desde o período pós-guerras – como os principais instrumentos de orientação das políticas migratórias internacionais, latino-americanos e nacionais. A partir deles, buscaremos compreender não apenas as circunstâncias que impulsionam esses deslocamentos, mas também o(s) modo(s) como os sujeitos migrantes são representados jurídica e socialmente, a partir de uma série de designações formuladas e institucionalizadas por/nesses instrumentos.

Nessa perspectiva, assumimos que as migrações contemporâneas envolvendo países do Sul global têm se tornado cada vez mais relevantes como tema a ser debatido nas instituições voltadas para o público, uma vez que elas “se consolidam no bojo de processo mais amplo das migrações transnacionais, da divisão internacional do trabalho, da mobilidade do capital”, refletindo e (re)configurando “condicionantes que ocorrem fora das fronteiras nacionais, com impactos na conformação da imigração no âmbito de cada país” (BAENINGER *et al.*, 2018, p.13). Isso se deve ao fato de que, no século XXI, para além do atrativo exercido por melhores condições de vida em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo a empregabilidade nesses locais um dos principais motores das migrações internacionais (CLOCHARD, 2007, p.2), os processos de internacionalização evidenciam novas modalidades migratórias, motivadas por fatores que colocam em risco a integridade e a liberdade de diversos grupos populacionais. De acordo com Clochard (2007, p.3),

[...] as guerras civis, hoje mais numerosas que os confrontos entre Estados, as crises humanitárias, as novas formas de conflitos (como as guerras conduzidas pelos Estados Unidos da América para lutar contra o terrorismo internacional) promovem êxodos e deslocamentos forçados de populações cada vez mais importantes...¹¹

11 Tradução livre de: « [...] les guerres civiles, aujourd’hui plus nombreuses que les affrontements entre États, les crises humanitaires, les nouvelles formes de conflits (comme les guerres menées par les États-Unis d’Amérique pour lutter contre le terrorisme international) entraînent des exodes et des déplacements contraints de populations de plus en plus importants.... ».

Esse novo cenário, identificado por Clochard (2007) como *migrações de crise*, é marcado não apenas pela intensificação dos fluxos humanos, mas também pelo aumento da vulnerabilidade desses grupos, na medida em que a construção de fronteiras físicas, culturais, ideológicas e políticas cria barreiras para o seu acolhimento humanitário. Como destaca Santos (2014, p.15), “a intensificação dos controles imigratórios, assim, tem significados simbólicos muito profundos visto que o ‘acesso à mobilidade global’ representa uma nova forma de estratificação social”. Diante desse quadro, reconhecemos que os problemas frequentemente atribuídos, pelos discursos institucionalizados, ao próprio fenômeno migratório contemporâneo são antes provenientes de uma gestão política desordenada das migrações, que se volta, muitas vezes, para a imposição de barreiras físicas e simbólicas que excluem determinados grupos humanos.

Desse modo, embora nosso estudo das migrações contemporâneas seja fortemente ancorado nas reflexões de Clochard (2007), julgamos importante discutir – e, de certa forma, rebater – a construção do imaginário de crise que embasa as representações desse fenômeno migratório, partindo do princípio de que “não se pode escrever inocentemente sobre a imigração e sobre os imigrantes; não se pode escrever [...] sem interrogar-se acerca do estatuto social e científico desse mesmo objeto” (SAYAD, 1998, p.21). Nessa perspectiva, problematizamos o fato de que a própria adoção de um léxico ligado ao campo semântico da *crise* já condiciona uma narrativa, oficializada, que atribui valor negativo aos processos migratórios no âmbito das migrações Sul-Sul. Com efeito,

Está no estatuto do imigrante (estatuto ao mesmo tempo social, jurídico, político e, também, científico), e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados – problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos etc., mais que no sentido de problemática constituída de forma crítica em relação a um objeto que cria necessariamente um problema e que, característica esta que lhe é própria, existe apenas, no limite, graças aos problemas que coloca para a sociedade. Sem dúvida, a problemática verdadeira e apropriada a este setor deveria começar por se dar como primeiro problema, como problema prévio, o fato de que se trata de um objeto que cria um problema. (SAYAD, 1998, p.15).

Toda essa discussão já nos oferece as bases para a problematização que nos interessa mais profundamente e se volta para os modos como os diferentes grupos migrantes são representados nos/pelos discursos institucionalizados, que ressoam no senso comum (na *doxa*). Embora o estatuto jurídico de cada um desses grupos pareça já consolidado pelos organismos políticos voltados para a questão da migração e do refúgio, como demonstraremos ao longo deste capítulo, não raro, imigrantes provenientes de processos diversos são assimilados à categoria de *refugiados* ou ainda generalizados por meio de termos como *migrante* e *estrangeiro*. Isso gera uma série de problemas ligados ao modo como esses indivíduos são representados discursivamente na

sociedade e ao condicionamento de políticas públicas a essa institucionalização dos grupos humanos. Nas palavras de Moulin (2012, p.2),

Essa rigidez conceitual e jurídica é um efeito, acredito, da disjunção que é gerada pela natureza transversal da experiência da mobilidade e que produz uma série de tensões para as formas modernas de organização da vida política. Assim, enquanto a linguagem de crise, emergência ou problema tem sido constantemente dirigida para refugiados e migrantes, numa tentativa de representá-los como ameaças existenciais ao Estado-Nação (Nyers, 2006; Soguk, 1999, Bigo, 2007), a terminologia também revela as enormes ansiedades geradas pela complexidade da experiência migratória e sobre como as subjetividades políticas dela advindas produzem rupturas e fissuras no imaginário político contemporâneo em geral.

Nesse sentido, à medida que novas configurações sociais e novos sistemas de poder têm-se consolidado nos Estados contemporâneos e se projetado no cenário de internacionalização, tem ocorrido também uma maior especificidade na conceituação oficial dos grupos migrantes. Por outro lado, o uso de designações condizentes com cada grupo se mostra cada vez mais fluido nos espaços institucionais e sociais, o que nos suscita o interesse em analisar como essas representações se consolidam e se entrecruzam.

1.1. Movimentos migratórios globais: da multimodalidade de fluxos à multiplicidade de conceitos

Com este breve panorama das migrações e do refúgio em nível global, pretendemos identificar de que maneira as diretrizes internacionais classificam os fenômenos e os sujeitos de que tratamos aqui. Além disso, sem perder de vista o propósito linguístico e discursivo deste trabalho, procuraremos perceber em que medida as definições adotadas como referência atribuem determinado *status* a esses grupos minoritarizados, influenciando, assim, os imaginários sociais ou ainda sendo influenciados por eles.

Para tanto, voltaremos nosso olhar inicialmente para os termos *imigrante* e *refugiado*, uma vez que correspondem aos grupos que focalizamos neste estudo sobre representações sociodiscursivas. De acordo com Fiala (2018, p.146; grifos do original),

No plano formal, a família lexical [migr-] apresenta, ao longo do tempo, uma regularidade semântica e derivacional marcável. A estrutura é agrupada em torno do substantivo *migração*, emprestado do latim (1495), atestado desde o começo do século XVI (1531) com o sentido de “mudança de lugar, deslocamento de uma população de indivíduos”, que substitui e marginaliza um termo que se sabe mais antigo, *transmigração* (atestado desde o século XII), e pôde designar sucessivamente os primeiros deslocamentos de populações no mundo antigo ou em direção à América. [...] Ele designa também desde então [desde o século XVIII], implicitamente, o tráfico de populações africanas escravizadas e, explicitamente, a partir do século XIX, os deslocamentos massivos mais ou menos forçados de populações ligadas às colonizações europeias, aos conflitos internacionais, à passagem

das fronteiras nacionais, mas também, em um contexto sociológico, aos deslocamentos interiores de caráter social...¹²

Ainda segundo o autor, tanto as variações de usos quanto a morfologia dos termos ligados à migração revelam propriedades referenciais, políticas e socioeconômicas, a exemplo do que ocorreu, na segunda metade do século XX, com a redução dos usos dos termos *emigrantes* e *emigração*, simultânea ao aumento dos usos de *imigrante* e *imigração*. Para além das recorrências em si, isso simboliza uma mudança de paradigmas. Assim, com a diminuição de empregos do termo *emigrantes*, marginaliza-se também a evocação “de uma origem, de um estado, de uma identidade, até mesmo de um estatuto de *deslocados*, de *exilados*”. Além disso, impondo-se no espaço público (em substituição a *emigração*), o termo genérico *imigração* torna-se o “tema principal dos afrontamentos ideológicos gerados pelos partidos xenófobos ou racistas que conduzem a luta contra a *imigração clandestina...*” (FIALA, 2018, p.149; grifos do original)¹³. Em todo caso, como pontua Sayad (1998, p.13), “a primeira e maior oposição de natureza temática é precisamente aquela que separa a emigração (e a qualidade de emigrante), e tudo o que dela se pode dizer, da imigração (e da condição de imigrante) e dos inúmeros estudos que a ela foram dedicados em geral”.

Isso se deve ao fato de que os movimentos de emigração e de imigração se desenrolam em ordem linear, “em sua dupla dimensão de fato coletivo e de itinerário individual (a trajetória e a experiência singulares do emigrante e do imigrante)” (SAYAD, 1998, p.13), sendo que o imigrante passa a existir na sociedade que o denomina apenas a partir do momento em que atravessa suas fronteiras. No entanto, na medida em que o espaço dos deslocamentos não é apenas físico, mas “também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente” (*Ibid.*, p.15), o autor sinaliza que a condição de existência na imigração é condicionada a duas representações contraditórias: a de um estado provisório que o define por direito e a de uma situação duradoura que o caracteriza de fato (*Ibid.*, p.45). Com isso, a própria definição de imigrante – bem como os discursos que a atualizam – é ancorada nessa contradição fundamental, que é da ordem das “percepções coletivas” em torno de “todo entendimento que temos

12 Tradução livre de: « Sur le plan formel, la famille lexicale présente dans la durée une régularité sémantique et dérivationnelle remarquable. La structure est groupée autour du substantif *migration*, emprunt au latin (1495), attesté dès le début du XVIe siècle (1531) avec le sens de « changement de lieu, déplacement d’une population d’individus », qui remplace et marginalise un terme savant plus ancien, *transmigration* (attesté dès le XIIIe siècle), et a pu désigner successivement les premiers déplacements de populations dans le monde antique ou vers l’Amérique. [...] Il désigne aussi dès lors [dès le XVIIIe siècle], implicitement, la traite des populations africaines asservies et, explicitement, à partir du XIXe siècle, les déplacements massifs plus ou moins forcés de populations liés aux colonisations européennes, aux conflits internationaux, au passage des frontières nationales, mais aussi, dans un contexte sociologique, aux déplacements intérieurs à caractère social....».

13 Tradução livre de: « Avec les usages décroissants dans la seconde moitié du XXe siècle du terme *émigrés*, c’est le rappel d’une origine, d’un état, d’une identité, voire d’un statut de *déplacés*, d’*exilés* qui se trouve marginalisé [...] Le terme générique *immigration* se substitue à *émigration* dans l’espace public, où il devient le thème principal d’afrontements idéologiques portés par les partis xénophobes ou racistes qui mènent la lutte contre l’*immigration clandestine....*».

da nossa ordem social e política, [...] de todas as categorias de nosso entendimento político (e não só político)” (*Ibid.*, p.57). Em outras palavras,

Da mesma forma como que se impõe a todos – aos imigrantes, é claro, mas também à sociedade que os recebe, bem como à sociedade da qual provém –, essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal. E, se todos os atores envolvidos pela imigração acabam concordando com essa ilusão, é sem dúvida porque ela permite que cada um componha com as contradições próprias à posição que ocupa, e isso sem ter o sentimento de estar infringindo as categorias habituais pelas quais os outros pensam e se constituem os imigrantes, ou ainda pelas quais eles próprios se pensam e se constituem. (SAYAD, 1998, p.46).

O termo *refugiado*, por sua vez, diz respeito a uma categoria jurídica que, conforme aponta Akoka (2018, p.184), mudou muito ao longo do tempo. De fato, podemos constatar uma grande diferença entre a definição de *refugiado* antes e após a Segunda Guerra Mundial, o que aponta para a relevância desse cenário no quadro das migrações, projetando-as em nível mundial, bem como para uma transformação tanto das motivações quanto das características dos deslocamentos.

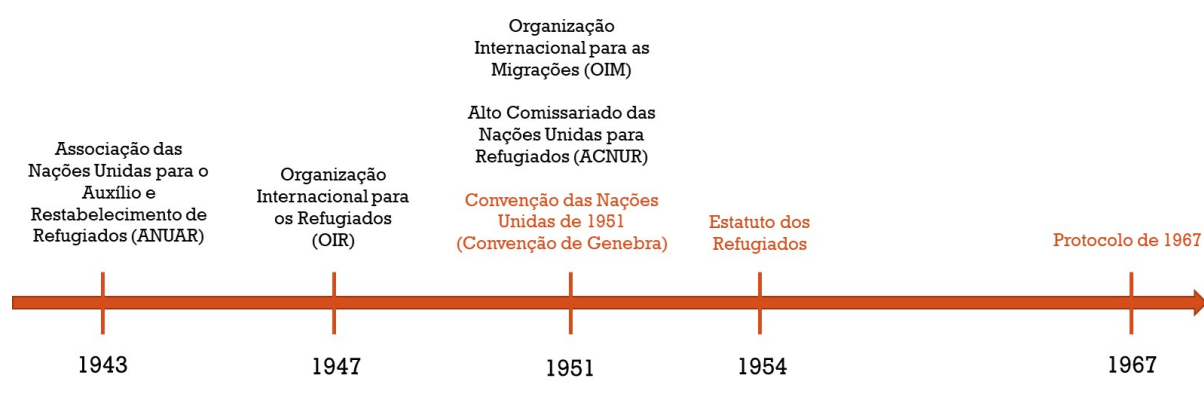
Durante o período entreguerras, o termo se aplica a grupos bem específicos designados pela Sociedade das Nações (SDN): primeiramente e antes de tudo, os russos (1921), depois os armênios (1924) e finalmente os assírio-caldeus (1928). Basta pertencer a um desses grupos e se encontrar fora de seu país de origem para obter o estatuto de refugiado, que remonta então a um pertencimento coletivo e não a uma história individual. [...] Duas lógicas motivam o amplo acolhimento que lhes é reservado nos grandes países europeus: afirmar uma oposição ao regime soviético e responder às necessidades de mão-de-obra do pós-Primeira Guerra. Em contrapartida, outros grupos minoritários, expulsos pelas novas maiorias nacionais fora dos Estados-Nação criados sobre os territórios impostos pelos tratados de paz, receberam pouca atenção das potências europeias. [...] Os judeus da Alemanha nazista deverão assim esperar o ano de 1938, que marca o fim das tentativas ocidentais de conciliação com Hitler, para que seu grupo seja considerado pelas instâncias internacionais como digno do estatuto de refugiado (AKOKA, 2018, p.184-185)¹⁴.

É no período da Guerra Fria, contudo, que começa a ser elaborada uma definição de *refugiado* mais condizente com o perfil do grande contingente de europeus que se submetiam ao deslocamento forçado, como apontam Lopez e Diniz (s/d) e Santos (2014). De acordo com

14 Tradução livre de: « Durant l’entre-deux guerres, le terme s’applique à des groupes bien spécifiques désignés par la Société des Nations (SDN): d’abord et avant tout les Russes (1921) puis les Arméniens (1924), et enfin les Assyro-chaldéens (1928). Il suffit d’appartenir à l’un de ces groupes et se trouver en dehors de son pays d’origine pour obtenir le statut de réfugié, qui renvoie alors à une appartenance collective et non à une histoire individuelle. [...] Deux logiques motivent le large accueil qui leur est réservé dans les grands pays européens: affirmer une opposition au régime soviétique et répondre aux besoins en main-d’oeuvre de l’après- Première Guerre. Par contraste, d’autres groupes minoritaires, expulsés par les nouvelles majorités nationales hors des États-Nations créés sur les territoires imposés par les traités de paix, mobilisèrent peu l’attention des puissances européennes. [...] Les Juifs de l’Allemagne nazie devront ainsi attendre l’année 1938, qui marque la fin des tentatives occidentales de conciliation avec Hitler, pour que leur groupe soit considéré par les instances internationales comme relevant du statut de réfugié. »

Clochard (2007, p.3), “entre 1945 e 1990, os deslocamentos dos refugiados encontravam sua origem principalmente nas numerosas crises resultantes de confrontações ideológicas, políticas e militares entre o Leste e o Oeste”¹⁵. Nesse contexto, destacam-se, como importantes iniciativas políticas da Organização das Nações Unidas (ONU), a criação da Associação das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento de Refugiados (ANUAR) em 1943, cujo objetivo principal era repatriar os deslocados, e a sua substituição pela Organização Internacional para os Refugiados (OIR) em 1947, “a qual visava não apenas a repatriação, mas também registro, classificação, proteção e instalação dos refugiados europeus” (SANTOS, 2014, p.5).

FIGURA 1 – Principais organizações e instrumentos globais contemporâneos para a proteção de refugiados



Fonte: Compilação da autora

Outro marco importante nesse momento, cujas contribuições permanecem até a contemporaneidade, foi a criação da Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 1951¹⁶. Dentre seus objetivos e funções, encontra-se, primordialmente, o encaminhamento de serviços de migração, tais como “recrutamento, seleção, tramitação, ensino de idiomas, atividades de orientação, exames médicos, colocação, atividades que facilitem a acolhida e a integração, assessoramento em assuntos migratórios” (SENADO, 2013, p.56). Tais ações, sinalizadas na própria Constituição da OIM, têm como base não apenas a “realização harmônica dos movimentos migratórios em todo o mundo e facilitar, nas condições mais favoráveis o assentamento e integração dos migrantes na estrutura econômica e social do país de acolhida”, mas também “a cooperação dos Estados e das organizações internacionais, governamentais e não governamentais [...], não somente

15 Tradução livre de: « Entre 1945 et 1990, les déplacements des réfugiés trouvaient principalement leur origine dans les nombreuses crises résultants de confrontations idéologiques, politiques et militaires entre l’Est et l’Ouest. »

16 Vale ressaltar que, apenas em 2016, a OIM passou a figurar como uma entidade relacionada à Organização das Nações Unidas (ONU), conforme notícia disponível em: <https://migramundo.com/oim-vai-ingressar-no-sistema-onu-a-partir-de-setembro/>. O Brasil, por sua vez, passou a integrar a OIM como um dos seus 166 Estados-membros após um processo de cinco anos, que começou com um acordo em 2010 e terminou com a aprovação do Senado Federal, em 2015 (<https://migramundo.com/apos-longo-caminho-congresso-aprova-ingresso-do-brasil-na-oim/>).

no que se refere ao processo migratório, mas também à situação e necessidades específicas do migrante em sua condição de pessoa humana” (*Ibid.*, p.55).

No entanto, é a instituição do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), também em 1951¹⁷, que marcou o início de uma série de medidas não apenas para definir, de forma mais precisa, o estatuto de *refugiado*, mas também para traçar ações, em nível mundial, para o acolhimento dos grupos designados como tal. Assim, como define o próprio Estatuto do ACNUR, a função do Alto Comissariado é “proporcionar proteção internacional, sob os auspícios das Nações Unidas, aos refugiados” e “encontrar soluções permanentes para o problema dos refugiados, [...] a fim de facilitar [...] a sua integração no seio de novas comunidades nacionais” (ACNUR, 2013, p.92). Para tanto, o documento ainda destaca o caráter apolítico, humanitário e social do trabalho desenvolvido pela instituição, bem como a definição de *refugiado* com base na qual essas ações se desdobram, a saber:

A. (i) Qualquer pessoa que tenha sido considerada refugiada em aplicação dos Acordos de 12 de Maio de 1926 e de 30 de Junho de 1928, ou em aplicação das Convenções de 28 de Outubro de 1933 e de 10 de Fevereiro de 1938, do Protocolo de 14 de Setembro de 1939, ou ainda em aplicação da Constituição da Organização Internacional dos Refugiados.

(ii) Qualquer pessoa que, em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 01 de Janeiro de 1951, e receando, com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade ou opinião política, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio ou por outras razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira requerer a proteção daquele país; ou quem, não possuindo uma nacionalidade e estando fora do país de residência habitual, não possa ou, em virtude desse receio ou por outras razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira retornar.

B. Qualquer outra pessoa que estiver fora do país de que tem a nacionalidade ou, se não tem nacionalidade, fora do país onde tinha a sua residência habitual porque receia ou receava com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade ou opiniões políticas e que não pode ou, em virtude desse receio, não quer pedir a proteção do governo do país da sua nacionalidade ou, se não tem nacionalidade, não quer voltar ao país onde tinha a sua residência habitual. (ACNUR, 2013, p.93-94).

Tal definição, por sua vez, parte do conceito de *refugiado* apresentado pela Convenção das Nações Unidas de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados, que entrou em vigor em 1954. A Convenção, realizada em Genebra, no mesmo ano em que a OIM e o ACNUR foram instituídos, além de conceituar *refugiado*¹⁸ conforme a seção A disposta no capítulo II do Estatuto do ACNUR

17 Criado a partir de uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1950, como relembra Santos (2014, p.6).

18 “A. Para os fins da presente Convenção, o termo ‘refugiado’ se aplicará a qualquer pessoa:

1) Que foi considerada refugiada nos termos dos Ajustes de 12 de maio de 1926 e de 30 de junho de 1928, ou das Convenções de 28 de outubro de 1933 e de 10 de fevereiro de 1938 e do Protocolo de 14 de setembro de 1939, ou ainda da Constituição da Organização Internacional dos Refugiados; [...]

2) Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos,

(apresentada acima), dispõe sobre seus deveres para com o país de acolhida, “os quais compreendem notadamente a obrigação de respeitar as leis e regulamentos, assim como as medidas tomadas que visam a manutenção da ordem pública” (ACNUR, 2013, p.70). Por outro lado, ela também trata de seus direitos com relação à associação, aos empregos remunerados, ao bem-estar, à liberdade de movimento, aos papéis de identidade, aos documentos de viagem e à naturalização, dentre outras questões. Finalmente, sem deixar de destacar o princípio da não discriminação pelos Estados que participam da Convenção, “quanto à raça, à religião ou ao país de origem”, ela estabelece ainda a situação jurídica do refugiado, segundo a qual “o estatuto pessoal de um refugiado será regido pela lei do país de seu domicílio, ou, na falta de domicílio, pela lei do país de sua residência” (*Ibid.*, p.70; 72).

Assim, sem desconsiderar o mérito apresentado pela Convenção de 1951 no que se refere à primeira elaboração concreta do conceito de *refugiado*, não podemos deixar de ressaltar, como destaca Santos (2014), que a condição de refúgio, ao se voltar para os acontecimentos ocorridos anteriormente ao ano de 1951, é uma categoria construída no tempo e no espaço. Logo, “a definição limita temporal e geograficamente o termo, uma vez que restringe a concessão do estatuto de refugiado aos europeus. As restrições temporal e geográfica foram excluídas apenas em 1967 com o Protocolo relativo ao estatuto do refugiado...” (SANTOS, 2014, p.7).

Diante desse quadro, o Protocolo de 1967, relativo ao Estatuto dos Refugiados, propõe uma revisão e uma atualização do documento anterior, a partir de uma eliminação da reserva temporal (SANTOS, 2014, p.7) e também da própria limitação espacial, uma vez que o conceito de *refugiado* passou a corresponder à condição de deslocamento de outros grupos de indivíduos:

Para os efeitos do presente Protocolo, o termo “refugiado” deverá [...] significar qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção, como se as palavras “em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951” e as palavras “...como consequência de tais acontecimentos” não figurassem do §2º da seção A do artigo primeiro. (ACNUR, 2013, p.86).

Desse modo, o conceito de refugiado é estendido a “qualquer pessoa que estiver fora do país de que tem a nacionalidade ou, se não tem nacionalidade, fora do país onde tinha sua residência habitual” (ACNUR, 2013, p.93-94) por motivos de perseguição de naturezas diversas, como destaca a seção B do capítulo II do Estatuto do ACNUR. A partir de então, os dois documentos – a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 – passam a ser “considerados pelo ACNUR os mais importantes instrumentos internacionais de proteção aos refugiados” (LOPEZ; DINIZ, s/d, p.33), além de figurarem nos acordos internacionais como referências para a adoção de medidas voltadas para as questões migratórias, com destaque para o refúgio.

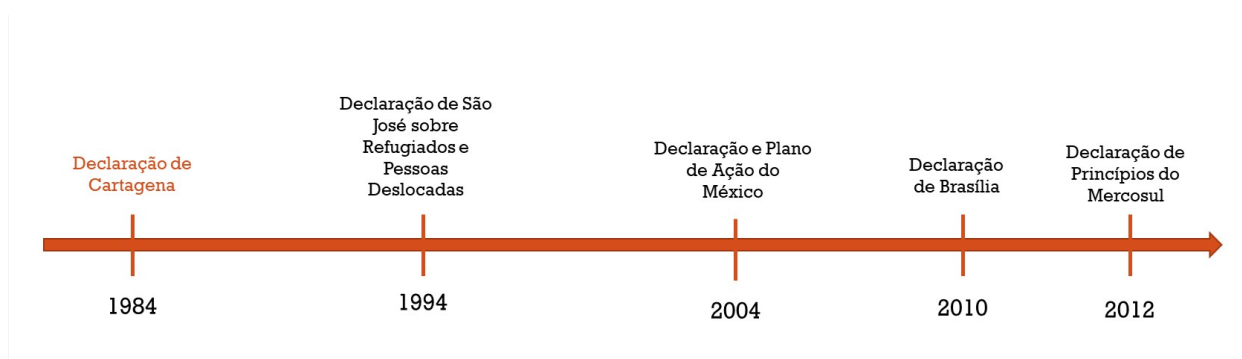
não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele...” (ACNUR, 2013, p.68).

Por outro lado, sem desconsiderar o desenvolvimento progressivo do conceito de refugiado nesses documentos de referência, destacamos com Moulin (2012) a permanência de dois elementos caracterizadores desse *status*: a condição de habitante por excelência do âmbito internacional e o medo fundado de perseguição. Com relação ao primeiro, a autora sinaliza que tal condição “se perpetua mesmo quando esse indivíduo é reconhecido como refugiado pelo país de acolhida haja vista uma série de restrições impostas a ele mesmo em sociedades com legislações mais liberais”, que “envolvem normalmente seletividade na atribuição de direitos sociais e políticos, bem como os próprios direitos de mobilidade”, tornando-o uma espécie de “aporia em movimento, na medida em que rompe com a conexão linear e supostamente precisa que se estabelece entre o internacional e o nacional”. (MOULIN, 2012, p.5). Já no caso do segundo elemento considerado pela autora como fundamental na dinâmica do espaço internacional,

A ideia é a de que expulsos para o espaço perigoso do internacional os refugiados serão caracterizados pelo medo, mas que, uma vez encontrando o espaço (*sic*) da normalidade nacional, eles possam novamente racionalizar esse medo, apresentando uma narrativa autêntica e consubstanciada das suas trajetórias e que justifique a concessão da proteção. [...] O medo é também a emoção constitutiva da natureza forçada do deslocamento. O refugiado é, segundo essa definição, um autômato que é impulsionado por fatores exógenos e involuntários a uma rota de fuga e de acolhida que não é, e não pode ser, nunca, de sua escolha. (MOULIN, 2012, p.7).

Transpondo tal reflexão para o contexto latino-americano, o reconhecimento de que “a situação na América Central, no que concerne aos refugiados, tem evoluído nestes últimos anos, de tal forma que tem adquirido novas dimensões que requerem uma especial consideração” (ACNUR, 2013, p.97), aponta para a necessidade de uma melhor diferenciação, nos instrumentos oficiais, entre refugiados e outros migrantes internacionais, atendendo às demandas diferenciadas dos dois grupos (SANTOS, 2014, p.7). Nessa perspectiva, foram criadas sucessivas declarações a partir de encontros internacionais de países da América Latina, tendo como marco referencial a Declaração de Cartagena de 1984.

FIGURA 2 – Principais dispositivos latino-americanos contemporâneos para a proteção de refugiados



Fonte: Compilação da autora

Diferentemente da Convenção de 1951, que “consolida leis, é regulatória, codifica direitos, estabelece padrões por meio da comunidade internacional”, e do Protocolo de 1967, que funciona como “um instrumento independente, que acrescenta elementos a um tratado prévio”, as Declarações, embora não apresentem um comprometimento de caráter obrigatório, envolvem uma série de princípios e a intenção de assumir um compromisso (SANTOS, 2014, p.8). Isso demonstra não apenas a importância da Declaração de Cartagena e de seu propósito, como também a da sua reafirmação pelas declarações subsequentes.

Nesse sentido, a Declaração de Cartagena de 1984¹⁹ reconhece os esforços empreendidos pelos países receptores de refugiados, mencionados como generosos diante da situação de crise econômica vivenciada por eles, e propõe o fortalecimento de “programas de proteção e assistência aos refugiados, sobretudo nos aspectos de saúde, educação, trabalho e segurança” (ACNUR, 2013, p.98), tendo em vista “a natureza pacífica, apolítica e exclusivamente humanitária da concessão de asilo ou do reconhecimento da condição de refugiado” (*Ibid.*, p.100). No que diz respeito propriamente à definição de refugiado, a fim de diferenciá-la de outras categorias de migrantes, a Declaração de Cartagena destaca que:

[...] a definição ou o conceito de refugiado recomendável para sua utilização na região é o que, além de conter os elementos da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. (ACNUR, 2013, p.99-100)

Tal definição permite, portanto, situar melhor o debate acerca da migração e do refúgio, bem como dos seus protagonistas, na medida em que esses processos passam a ser identificados como um fenômeno dotado de particularidades que são atravessadas, em nível continental, por traços históricos, políticos e socioculturais de países da América Latina. É nesse sentido que a Declaração de São José sobre Refugiados e Pessoas Deslocadas, de 1994²⁰, realça “a importante experiência da América Central que tem permitido, entre outros benefícios, o regresso maciço de milhares de refugiados e o encerramento da maioria dos acampamentos existentes na área” e reconhece “a crescente importância das deslocamentos internos e dos movimentos migratórios

19 Adotada pelo “Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários”, realizado em Cartagena - Colômbia, entre 19 e 22 de Novembro de 1984. (ACNUR, 2013, p.97).

20 Adotada pelo “Colóquio Internacional em Comemoração do Décimo Aniversário da Declaração de Cartagena sobre Refugiados”, realizado em São José, Costa Rica, entre 5 e 7 de Dezembro de 1994. (ACNUR, 2013, p.103).

forçados motivados por causas diferentes das previstas na Declaração de Cartagena” (ACNUR, 2013, p.103).

Assim, destacando a proteção dos direitos humanos e os critérios que fundamentam o conceito de *refugiado* na Declaração de Cartagena, a Declaração de São José sublinha ainda “a importância de fomentar a plena observância dos direitos econômicos, sociais e culturais, a fim de apoiar o seu desenvolvimento assim como a tutela jurídica dos refugiados”. Ao ampliar seu escopo para esses novos critérios, o documento pontua que “tanto os refugiados como as pessoas que migram por outras razões, incluindo razões econômicas, são titulares de direitos humanos que devem ser respeitados em qualquer momento, circunstância ou lugar” (ACNUR, 2013, p.106-107).

Além disso, a Declaração de 1994 traz à cena as especificidades das condições de indígenas, crianças e mulheres – as mulheres já tendo sido mencionadas na Declaração de 1984 – e a problemática dos deslocados internos, reiterando “a responsabilidade dos Estados de erradicarem, com o apoio da comunidade internacional, as causas que originam o êxodo forçado de pessoas”. Finalmente, reforça “programas de repatriação voluntária [dos refugiados] e reinserção nos seus locais de origem [...], programas que facilitem a integração local, ofereçam a documentação indispensável ou regularizem a condição migratória dessas pessoas” (ACNUR, 2013, p.106).

Dando continuidade a essas medidas, foram adotados, em 2004, a Declaração e o Plano de Ação do México para fortalecer a proteção internacional dos refugiados na América Latina²¹, elaborados com a presença de governos e representantes da sociedade civil (SANTOS, 2014, p.12-13). Esses instrumentos propõem o fortalecimento da proteção internacional dos refugiados, por meio de pesquisas e divulgações sobre seus direitos e de formação e fortalecimento institucional (ACNUR, 2013, p.120-122), mas também o desenvolvimento de soluções duradouras, a partir do Programa de Autossuficiência e Integração Local “Cidades Solidárias”, do Programa Integral “Fronteiras Solidárias” e do Programa Regional de “Reassentamento Solidário” (*Ibid.*, p.123-125). Em relação ao Programa “Fronteiras Solidárias”, destacam-se os objetivos relacionados ao “desenvolvimento social e econômico, beneficiando por igual as pessoas que requerem proteção internacional e as populações locais de acolhida” (*Ibid.*, p.125).

Tais medidas se fundamentam, conforme sinalizam os próprios documentos, em motivações de naturezas diferentes. De um lado, as ações levam em consideração o crescente número de refugiados latino-americanos e o fato de coexistirem várias situações na América Latina, marcadas por uma desigualdade no que se refere à recepção de refugiados pelos países latino-

21 Adotada durante a Reunião Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Declaração de Cartagena sobre Refugiados, realizada na Cidade do México, México, nos dias 15 e 16 de Novembro de 2004. (ACNUR, 2013, p.111).

americanos²² (ACNUR, 2013, p.117-118). De outro, as propostas retomam, de forma atualizada, o princípio de não discriminação, associando-o a “medidas para prevenir, combater e eliminar todas as formas de discriminação e xenofobia, garantindo o exercício dos direitos de todas as pessoas sujeitas à jurisdição do Estado” (*Ibid.*, p.112). De todo modo, essas soluções, como aponta Moulin (2012, p.6), “abarcam em uma medida ou outra uma tentativa de aproximação do refugiado ao domínio nacional”, que “vai apagando a natureza internacional da condição refugiada e os aproximando da condição de cidadãos, de uma situação de normalidade”.

Nesse sentido, os documentos reconhecem “a existência de grupos migratórios mistos, dentro dos quais há pessoas que podem ser qualificadas como refugiadas”, mas também indivíduos que se enquadram em uma condição de deslocamento interno e/ou de deslocamento forçado, sendo “necessário atentar para suas causas e, simultaneamente, desenvolver políticas e soluções pragmáticas para proporcionar proteção efetiva àqueles que [a] requeiram” (ACNUR, 2013, p.113). A esse respeito, Moulin (2012, p.10-11) salienta que a emergência das populações internamente deslocadas amplia o debate acerca do deslocamento de pessoas sob a rubrica das migrações forçadas, visto que é fruto “da crescente inabilidade da dicotomia refugiado-migrante de dar conta da dinâmica do deslocamento internacional”, bem como de uma dupla exclusão (do nacional e do internacional) e de uma cidadania esvaziada, o que torna o indivíduo internamente deslocado um “quase-refugiado, quase porque permanece territorialmente inscrito, embora não protegido, no espaço doméstico”.

Ademais, a Declaração e o Plano de Ação do México ressaltam que “a perseguição pode guardar relação com o gênero e a idade dos refugiados”, o que requer “proteção e assistência humanitária atendendo às necessidades diferenciadas de homens e mulheres, crianças e meninas, adolescentes e adultos idosos, pessoas com necessidades especiais, minorias e grupos étnicos”²³. Esses instrumentos trazem ainda um elemento novo quando invocam os meios de comunicação a promoverem “os valores de solidariedade, respeito, tolerância e multi-culturalismo, destacando a problemática humanitária das vítimas de deslocamento forçado e seus direitos fundamentais” (ACNUR, 2013, p.113-114).

22 “Isso faz com que, na atualidade na América Latina, coexistam várias situações: 1) países que continuam recebendo um número reduzido de solicitantes da condição de refugiado e refugiados imersos nos fluxos migratórios regionais e continentais; 2) países que albergam um número significativo de refugiados reconhecidos e/ou solicitantes da condição de refugiado; e 3) países com programas emergentes de reassentamento. Em alguns países da região, essas situações convergem.” (ACNUR, 2013, p.118).

23 “Um importante número de países de América Latina tem consagrado a nível constitucional o direito de asilo e a grande maioria é parte da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e/ou de seu Protocolo de 1967. Do mesmo modo, a grande maioria dispõe de órgãos, normas e procedimentos nacionais para a determinação da condição de refugiado. Alguns países reconhecem que a perseguição pode guardar relação com o gênero e a idade, tendo presente as necessidades diferenciadas de proteção de homens e mulheres, crianças, adolescentes e idosos.” (ACNUR, 2013, p.118).

Outro marco importante para a série de instrumentos latino-americanos de proteção a migrantes e refugiados, inclusive pelo fato de ter sido fruto de um encontro sediado no Brasil, foi a Declaração de Brasília sobre a proteção de refugiados e apátridas no continente americano, adotada em 2010. Reunindo 18 países²⁴ e sendo instituído na ocasião do aniversário de 60 anos do ACNUR e da Convenção de 1951 (SANTOS, 2014, p.13), o documento ressalta a importância de ações conjuntas para a proteção e o acolhimento de refugiados, apátridas e deslocados internos, sublinhando “a contribuição fundamental desempenhada pelos Estados, com o apoio do ACNUR, dos doadores, das instituições nacionais para a promoção e proteção dos direitos humanos e das organizações da sociedade civil” (ACNUR, 2013, p.129). Além disso, reconhece os êxitos da legislação nacional referente a refugiados e deslocados internos latino-americanos no que se refere à incorporação de “considerações de idade, gênero e diversidade para responder às necessidades diferenciadas de cuidado e proteção de homens e mulheres, meninos e meninas, idosos, pessoas com deficiência, povos indígenas e afro-descendentes” (ACNUR, 2013, p.129).

Tendo em vista o respeito ao princípio do *non-refoulement*, que defende a não rejeição na fronteira e a não devolução indireta (ACNUR, 2013, p.128), bem como à natureza apolítica e humanitária da proteção dos refugiados, deslocados internos e apátridas, “reconhecendo seus direitos e obrigações, bem como suas contribuições positivas para a sociedade”, a Declaração de Brasília propõe ainda a adoção de “mecanismos adequados de proteção nacional para lidar com novas situações não previstas pelos instrumentos internacionais relativos à proteção dos refugiados”. Dentre elas, destacam-se vítimas de tráfico, crianças desacompanhadas ou separadas dos responsáveis e migrantes vulneráveis, os quais demandam uma proteção especial, sem que sejam ignoradas “alternativas para a migração regular e políticas migratórias que respeitem os direitos humanos dos migrantes, independente de sua condição migratória, para preservar o espaço para a proteção dos refugiados” (*Ibid.*, p.130-131).

Por fim, foi assinada, em 2012, a Declaração de Princípios do Mercosul sobre proteção internacional dos refugiados²⁵, com o intuito de harmonizar as legislações dos países pertencentes ao Mercosul (SANTOS, 2014, p.13). Para tanto, o documento destaca “o MERCOSUL ampliado

24 Os governos dos países do continente americano participantes foram: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e República Bolivariana da Venezuela. (ACNUR, 2013, p.128).

25 A referida declaração foi assinada em Fortaleza – Brasil, no dia 23 do mês de novembro de 2012, no âmbito da Reunião de Ministros de Interior do MERCOSUL e Estados Associados, da qual participaram: a Ministra de Segurança da República da Argentina, o Ministro da Justiça da República Federativa do Brasil, o Ministro do Interior da República Oriental do Uruguai, o Ministro do Poder Popular para Relações Interiores e Justiça da República Bolivariana da Venezuela, Estados parte do MERCOSUL, bem como o Ministro de Governo do Estado Plurinacional da Bolívia, o Ministro do Interior e Segurança Pública da República do Chile, a Ministra das Relações Exteriores da República da Colômbia, o Ministro do Interior da República do Equador e o Ministro do Interior da República do Peru, Estados Associados do MERCOSUL. (ACNUR, 2013, p.132).

como um espaço humanitário de proteção aos refugiados”, compreendendo como *refugiado* o conceito atualizado pela Declaração de Cartagena e ressaltando o desenvolvimento de “políticas de migração não restritivas que contemplem alternativas para a regularização migratória como instrumentos para evitar a apresentação de solicitações que não tenham relação com a definição de refugiados” (ACNUR, 2013, p.133), dado o contexto do aumento e da complexidade dos movimentos migratórios mistos. Assim, a Declaração do Mercosul reforça o princípio do *non-refoulement*, garantindo aos refugiados os mesmos direitos aplicados a todo estrangeiro residente no país e reconhecendo sua contribuição para as sociedades de acolhimento, além de valorizar a “participação da sociedade civil junto às instâncias e espaços oficiais para a elaboração e implementação de políticas públicas de proteção e integração dos refugiados” (*Ibid.*, p.133-134).

A partir desse percurso institucional e documental relativo às políticas migratórias internacionais, constatamos a adoção progressiva de uma diversidade de designações para fazer referência aos sujeitos mencionados nesses instrumentos, como reflexo de uma diversificação da natureza dos deslocamentos humanos. Um exemplo disso são as próprias categorias apresentadas pelo ACNUR como forma de orientar a divulgação de dados numéricos relativos aos grupos humanos deslocados e de melhor conduzir a ajuda humanitária a eles destinada. Além da categoria representada por *refugiados*, são contempladas também as representadas por *solicitantes de refúgio*, “pessoas que solicitam às autoridades competentes serem reconhecidas como refugiado, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio”²⁶; por *deslocados internos*, “pessoas deslocadas dentro de seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessaram uma fronteira internacional para buscar proteção”²⁷; por *apátridas*, “pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país”²⁸; e, por fim, por *retornados*, “pessoas que tiveram o status de refugiados e solicitantes de refúgio, e que retornam voluntariamente a seus países de origem”²⁹.

Logo, no cenário contemporâneo das migrações Sul-Sul, a multimodalidade de fluxos migratórios, ao demandar uma série de políticas condizentes com o perfil de cada grupo migrante, requer também uma definição cada vez mais específica das categorias de indivíduos representadas nessas diretrizes. De acordo com Moulin (2012, p.12-13), “certos atributos trabalham para produzir

26 Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/solicitantes-de-refugio/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

27 Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

28 Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/apatridas/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

29 Dados disponíveis em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/retornados/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

essas diferenças via separação de pessoas em diferentes modalidades” e “se organizam, portanto, em torno de quatro dinâmicas características”, a saber:

- 1) da relação com fronteiras territoriais e simbólicas (e a vulnerabilidade associada à proximidade ou distância tanto espacial quanto temporal do domínio protetivo da esfera doméstica);
- 2) do poder afetivo do deslocamento e as emoções dele constitutivas (medo, desespero e esperança);
- 3) da necessidade do movimento (voluntário ou forçado);
- 4) da natureza do evento que justifica e torna autêntica a mobilidade (político ou econômico). (MOULIN, 2012, p.12-13).

Se, por um lado, identificamos uma maior especificação desses grupos à medida que prosseguimos na exposição cronológica dos instrumentos de proteção internacionais, por outro, ainda não notamos um detalhamento na definição jurídica de muitos deles. Isso possibilita discordâncias na aplicação de medidas de proteção a esses sujeitos e contribui para uma maior fluidez no uso de suas designações, tanto por parte das mídias quanto por parte das instituições públicas e civis. Para além desses problemas, mas não dissociada deles, há ainda a questão da politização³⁰ dos sujeitos inseridos no quadro das migrações pelos meios institucionais, o que secundariza sua dimensão humana em prol de interesses de Estado. Como destaca Calabrese (2018, p.156),

É notadamente o discurso político que vai instrumentalizar a diferença entre migrante e refugiado, para estabelecer uma distinção entre o refugiado digno (o que foge do perigo de morte e então não tem escolha) e o migrante não digno (o que migra voluntariamente por razões pessoais). Nesses discursos, o migrante se desloca por razões econômicas, o que o tornaria inelegível ao estatuto de refugiado e, por isso, ilegítimo em seu movimento de migração.³¹

A esse respeito, Santos (2014, p.14) destaca o fato de a categoria jurídica de *refugiado* ser condicionada às barreiras de circulação e aos usos “explorados pelos atores políticos que se relacionam por meio dela – o Estado-Nação, o ACNUR, as ONGs – e, ainda, pela sociedade civil, uma vez que os próprios refugiados são agentes e também fazem uso dessa categoria”. Logo, o estatuto de *refugiado*, em seu sentido mais restrito, inscreve-se em um dinamismo condicionado pelas noções de soberania, território e cidadania, sendo o refúgio um “retrato das barreiras físicas, culturais, sociais e ideológicas marcadas pelas fronteiras – fronteiras essas que protegem e

30 Essa questão foi fortemente debatida nas sessões sobre políticas migratórias *do II Seminário do Observatório da Migração Internacional do Estado de Minas Gerais* (OBMINAS), realizado pelo OBMINAS, em parceria com a PUC Minas, nos dias 10 e 11 de junho de 2019, em Belo Horizonte.

31 Tradução livre de: « C'est notamment le discours politique qui va instrumentaliser la différence entre migrant et réfugié, pour établir une distinction entre le réfugié méritant (celui qui fuit le danger de mort et donc n'a pas le choix) et le migrant non méritant (celui qui migre volontairement pour des raisons personnelles). Dans ces discours, le migrant se déplace pour des raisons économiques, ce qui le rendrait inéligible au statut de réfugié et, par là, illégitime dans sa démarche de migration. ».

vulnerabilizam os indivíduos, que admitem e ao mesmo tempo os excluem” (*Ibid.*, p.10). Retomando as ideias de Moulin (2012, p.7-8), “enquanto os refugiados são definidos prioritariamente pelo evento político que funda seu temor e, assim incluídos em um discurso apolítico de proteção humanitária, o migrante é delimitado pela busca da sobrevivência econômica, traduzida em termos da fuga”.

Contrariamente a essa visão política sobre a figura do migrante, Grosso (2010, p.66) apresenta uma perspectiva humanitária na forma como concebe as migrações, sinalizando que, seja qual for a razão do deslocamento, “raramente alguém deixa o seu espaço de afetos se não tiver uma forte motivação que passa muitas vezes pela própria sobrevivência e pela melhoria das condições de vida, o que leva a uma mobilidade que afeta todas as áreas da vida de quem se desloca”. Em consonância com esse pensamento, Lisboa (2006, p.152) defende que os motivos que levam à migração podem estar ligados tanto a causas socioeconômicas e políticas quanto a dimensões subjetivas. Em todo caso, além do cruzamento de fronteiras administrativas e políticas e da fixação de nova residência, a migração envolve “um processo de desenraizamento do local de origem seguido de novo enraizamento [...] no local de chegada” (LISBOA, 2006, p.152), o que reforça a necessidade de um tratamento político que contemple essa visão humanitária, para promover a integração e o acolhimento efetivos dos sujeitos migrantes à nova sociedade em que se inserem.

Ainda em relação ao tratamento dado a esses sujeitos, Calabrese (2018, p.159) aponta para o fato de que as categorizações, empregadas de maneiras muito diferentes pelos atores sociais, ao agirem no espaço público pelo viés de seus discursos, viabilizam a imposição de uma certa visão do real, que sustenta as representações desses grupos. Segundo a autora,

[...] é pela sua utilização ou não utilização das palavras, mas também pelos metadiscursos que produzem sobre as próprias palavras, que eles [os atores sociais] chegam a criar realidades diferentes. [...] Assim os políticos redefinem os indivíduos que se enquadram na categoria de refugiado para limitar as entradas no território, enquanto as associações recusam a existência de uma “crise dos migrantes” ou “dos refugiados” e postulam a existência de uma crise de acolhimento, tese igualmente defendida pelos sociólogos [...]. Algumas associações e alguns militantes (incluindo jornalistas) recusam o uso de *migrante* em proveito de *refugiado*, apesar dos limites do sentido jurídico da última categoria. (CALABRESE, 2018, p.159; grifos do original).³²

É nessa perspectiva que Akoka (2018, p.185) afirma, com base nas diferentes configurações do estatuto de refugiado, que as definições dizem mais sobre as sociedades que as

32 Tradução livre de: « c’est par leur utilisation ou non utilisation des mots, mais aussi par les métadiscours qu’ils produisent sur les mots eux-mêmes, qu’ils parviennent à créer des réalités différentes. [...] Ainsi les politiques redéfinissent les individus qui tombent sous la catégorie réfugié pour limiter les entrées dans le territoire, alors que les associations refusent l’existence d’une « crise des migrants » ou « des réfugiés » et avancent l’existence d’une crise d’accueil, thèse également défendue par des sociologues [...]. Certaines associations et certains militants (y compris des journalistes) refusent l’usage de *migrant* au profit de *réfugié*, malgré les limites du sens juridique de la dernière catégorie. ».

elaboram e as interpretam do que sobre os indivíduos definidos por elas. Indo além da distinção, fortemente problematizada, entre migrante e refugiado, a autora avança para uma reflexão sobre a hierarquização entre dois tipos de violência: a política e a econômica. Essa hierarquização, fundamentada historicamente pela autora, é consolidada na medida em que a Convenção de 1951 instaura um conceito de refugiado a partir da noção de perseguição, que condiz com a violação das liberdades políticas e privilegia a vitória do pensamento ocidental – e, por que não dizer, liberal – na Guerra Fria, enquanto as vulnerabilidades socioeconômicas, tradicionalmente tematizadas por discursos de base comunista, passam a ser tratadas como injustiças, sendo relegadas ao segundo plano no que concerne às formas de violência.

Todas essas questões colocam, portanto, uma série de problematizações acerca do modo como os sujeitos deslocados ou em deslocamento são representados e da relação de tais representações com os imaginários sociais, para não falar do peso dessas representações nas políticas internacionais e nacionais. Em todo caso, no cenário contemporâneo marcado pela multimodalidade de fluxos migratórios, os termos ligados à família lexical “migr-” ganham um novo sentido, realçando a condição de deslocamento em si como o motor de todos esses fenômenos.

Nos anos recentes, migração e migrantes [...] tornam-se novamente quase dominantes no espaço público, para designar as populações que fogem das guerras do Oriente Médio e da Ásia, das ditaduras, das violências e dos conflitos dos países africanos. [...] Não são mais os pontos de partida, nem os de chegada que são tematizados, mas os movimentos, descritos, ao mesmo tempo, como impostos, necessários, inacabados, barrados, ameaçados, miseráveis, mortais, mas também inquietantes, portadores de valores ameaçadores para a ordem estabelecida, de violências, de riscos terroristas. Esse termo polissêmico e consensual de migrante toma assim espaço no campo lexical da globalização, no qual o movimento é colocado como um valor com seus benefícios, suas esperanças e seus riscos, suas ameaças. (FIALA, 2018, p.150).³³

1.2. Do cenário global ao nacional: diálogos e entrecruzamentos

Como apontam Lopez e Diniz (s/d), o Brasil se destaca como signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos, tendo aderido tanto à Convenção de 1951 e ao Protocolo de 1967, em 1972, quanto à Declaração de Cartagena (SANTOS, 2014, p.10) e às declarações subsequentes. A partir da década de 1980, também foram estabelecidos, pelo Estado

33 Tradução livre de: « Dans les années récentes, migration et migrants [...] redeviennent quasi dominants dans l'espace public, pour désigner les populations fuyant les guerres du Moyen-Orient et de l'Asie, les dictatures, les violences et les conflits des pays africains. [...] Ce ne sont plus les points de départ, ni ceux d'arrivée qui sont thématés, mais les mouvements, décrits en même temps comme imposés, nécessaires, inaboutis, entravés, menacés, misérables, mortels, mais aussi inquiétants, porteurs de valeurs menaçantes pour l'ordre établi, de violences, de risques terroristes. Ce terme polysémique et consensuel de migrant prend ainsi place dans le champ lexical de la mondialisation, où le mouvement est posé comme une valeur avec ses bienfaits, ses espoirs et ses risques, ses menaces. ».

brasileiro, diferentes dispositivos jurídicos nacionais que orientaram e/ou orientam a dinâmica de ações empreendidas pelo país no contexto das migrações contemporâneas.

FIGURA 3 – Principais organizações e instrumentos nacionais contemporâneos para a proteção de imigrantes e refugiados



Fonte: Compilação da autora

A fim de melhor compreender a relação entre esses dispositivos e as diretrizes da política migratória nacional, partimos do principal instrumento que define os critérios de cidadania no Brasil: a Constituição Federal de 1988. Assim, ao tratar de direitos e deveres individuais e coletivos, em seu artigo 5º, o documento define, de maneira ampla, que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Por outro lado, ao abordar, em seu artigo 14, os direitos políticos, que garantem a soberania popular “pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos”, destaca que os estrangeiros não podem se alistar como eleitores, estabelecendo a nacionalidade brasileira como condição de elegibilidade.

Tais considerações são destacadas nas páginas iniciais de uma publicação do Senado Federal (2013) relativa à regulamentação do Estatuto do Estrangeiro, que vigorou no país de 1980 a 2017, e à sua legislação correlata, como parte de um conjunto de “dispositivos constitucionais pertinentes”. Ao tratar da questão da cidadania, elas suscitam uma reflexão acerca da oposição – tradicional, mas não propriamente consciente – entre a categoria genérica de estrangeiro e a de cidadão. Logo, como aponta Boudou (2018, p.93), “a estabilização semântica do estrangeiro, definida negativamente (não nacional, que não pertence), deve assim ser correlacionada à construção da comunidade política”³⁴.

34 Tradução livre de: « La stabilisation sémantique de l'étranger, défini négativement (non-national, qui n'appartient pas), doit ainsi être corrélée à la construction de la communauté politique. ».

O Estatuto do Estrangeiro, instituído pela Lei n.º 6.815/80³⁵, foi, durante quase quatro décadas, o principal instrumento legal brasileiro voltado para a população imigrante em geral. Esse documento, além de definir a situação jurídica dos estrangeiros no Brasil em vigor até o ano de 2017, promoveu a criação do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), um órgão colegiado do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) responsável por formular a política migratória no Brasil. Sancionada na época da Ditadura Militar brasileira, a lei que estabeleceu o Estatuto definia, em seu artigo 1º: “em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os interesses nacionais”. Contudo, sua aplicação, conforme ressaltado já no artigo 2º, tinha como prerrogativa a segurança nacional, a organização institucional e os interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, além da defesa do trabalhador nacional, condicionando a concessão de vistos a esses fatores (SENADO, 2013, p.13).

Nessa perspectiva, a concessão de visto permanente, conforme o artigo 16 do Estatuto, podia ser feita ao estrangeiro que pretendesse se fixar definitivamente no Brasil desde que a imigração objetivasse “primordialmente, propiciar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional, visando à Política Nacional de Desenvolvimento em todos os aspectos” (SENADO, 2013, p.14). Com relação ao indivíduo natural de país limítrofe (artigo 21), era permitida a entrada nos municípios fronteiriços a seu respectivo país, desde que habitasse em cidade que fizesse divisa com o território nacional, apresentasse prova de identidade e respeitasse os interesses da segurança nacional (*Ibid.*, p.15). Vale ressaltar também que o asilo, nos termos do Estatuto, se restringia à condição de asilado político (artigo 28), ao qual podia ser concedido passaporte no Brasil, bem como ao apátrida, ao indivíduo de nacionalidade indefinida e ao refugiado (artigo 55). Por outro lado, conforme o artigo 38, “é [era] vedada a legalização da estada de *clandestino* e de *irregular*” (grifo nosso), sendo tal condição passível de deportação.

Essa última consideração nos mostra que, embora o Estatuto apresentasse as categorias de *apátrida* e *refugiado* dentro de seu quadro de políticas migratórias, tais noções não eram trabalhadas com muita especificidade e, como as demais, viam-se sujeitadas a medidas orientadas pelo imaginário de soberania em torno da segurança nacional. Já o uso dos termos *clandestino* e *ilegal* reforça o viés adotado pelo documento em questão e, portanto, as diretrizes que, por anos, conduziram as políticas voltadas para os grupos migratórios. Ao situá-las em um cenário global, encontramos uma representação discursiva negativizada que, não raro, perpassa os imaginários das sociedades ocidentais contemporâneas. A esse respeito, Clochard (2007, p.6-7) destaca que “os dispositivos materiais e legislativos que visam reforçar a luta contra a imigração clandestina

35 Promulgada em 19/08/1980 e publicada no DOU de 21/08/1980; retificada no DOU de 22/08/1980; e republicada no DOU de 10/12/1981. (SENADO, 2013, p.30).

impedem um grande número de estrangeiros de se beneficiarem de seus direitos humanos e lhes impõem um estatuto de delinquentes”³⁶, contradizendo o direito de asilo previsto pela Convenção de 1951 e o direito de livre circulação defendido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assim,

As expressões “falsos solicitantes de asilo”, “falsos refugiados”, “refugiados econômicos”, “solicitação de asilo manifestadamente infundada”, “clandestinos” são cada vez mais empregadas nas mídias e nos discursos de certos políticos; elas negam o direito – outorgado aos solicitantes de asilo – de entrarem irregularmente no território de um Estado signatário da Convenção de Genebra a fim de ali solicitar uma proteção. (CLOCHARD, 2014, p.6).³⁷

No que se refere aos direitos e deveres dos imigrantes, o Estatuto destacava, no artigo 95, que “o estrangeiro residente no Brasil goza [gozava] de todos os direitos reconhecidos aos brasileiros, nos termos da Constituição e das leis” (SENADO, 2013, p.23), devendo apresentar o documento comprovando sua situação legal no país sempre que uma autoridade o exigisse (artigo 96). Além disso, segundo o artigo 108, “é [era] lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, religiosos, recreativos, beneficentes ou de assistência, [...] bem como participarem de reunião comemorativa de datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica” (*Ibid.*, p.29). No entanto, conforme os artigos 106 e 107, sua liberdade de expressão – logo o exercício de sua cidadania – era limitada em diversos aspectos, visto que não podiam ser proprietários ou responsáveis, intelectual ou administrativamente, por empresas jornalísticas de qualquer espécie, nem participar da administração ou da representação de sindicato ou associação profissional, nem tampouco exercer atividades de natureza política (*Ibid.*, p.24-25).

Todas essas limitações apresentadas pelo Estatuto do Estrangeiro, frente ao debate, cada vez mais amplo, acerca das questões humanitárias suscitadas pelo fenômeno das migrações contemporâneas, acabaram levando à substituição do documento por um novo instrumento legislativo, mais condizente com as novas configurações dos processos migratórios e mais aberto ao acolhimento dos diversos grupos inseridos nesse quadro: a Lei de Migração nº13.445/17. Sancionada em 24 de maio de 2017 e vigente a partir de novembro de 2017, a lei define, já no artigo 1º, as categorias de que trata antes mesmo de dispor sobre os direitos e deveres de cada uma delas. Dentre essas categorias, encontram-se, portanto, algumas que nos parecem caras à abordagem do tema das migrações contemporâneas, a saber:

36 Tradução livre de: « Les dispositifs matériels et législatifs visant à renforcer la lutte contre l’immigration clandestine empêchent un grand nombre d’étrangers de bénéficier de leurs droits humains, et leur imposent le statut de délinquant. ».

37 Tradução livre de: « Les expressions ‘faux demandeurs d’asile’, ‘faux réfugiés’, ‘réfugiés économiques’, ‘demande d’asile manifestement infondée’, ‘clandestins’ sont de plus en plus employées dans les médias et chez certains politiciens ; elles nient le droit – octroyé aux demandeurs d’asile – d’entrer irrégulièrement sur le territoire d’un État signataire de la Convention de Genève afin d’y solliciter une protection. ».

§ 1º Para os fins desta Lei, considera-se:

II - imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil;

III - emigrante: brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior;

IV - residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho;

[...]

VI - apátrida: pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954 [...]. (BRASIL, 2017).

A partir disso, o documento discorre sobre os princípios e as diretrizes que regem a política migratória brasileira (artigo 3º), com destaque para a universalidade dos direitos humanos; o repúdio e a prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; a não criminalização da migração; a promoção da entrada regular e da regularização documental; a acolhida humanitária; a inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas; o acesso igualitário do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, como educação, assistência jurídica, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social; e a promoção e a difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante. Em relação a tais direitos no território nacional, o artigo 4º adota como critério a igualdade entre os grupos acima mencionados e os cidadãos brasileiros, de modo que seja assegurada, primordialmente, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 2017).

Por outro lado, vale ressaltar que o documento também contempla, na série de diretrizes apresentadas (artigo 3º), um conjunto de elementos voltados para a integridade nacional, em relação com outros países latino-americanos, e o bem-estar da sociedade brasileira, contradizendo o que é apontado como falho (no documento) por muitos discursos de teor xenofóbico, emergentes de setores mais conservadoras da sociedade, em consonância com um movimento mundial de ascensão da extrema direita. Dentre esses elementos, sinalizamos o desenvolvimento econômico, turístico, social, cultural esportivo, científico e tecnológico do Brasil; o fortalecimento da integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, mediante constituição de espaços de cidadania e de livre circulação de pessoas; e a integração e o desenvolvimento das regiões de fronteira, bem como a articulação de políticas públicas regionais capazes de garantir efetividade aos direitos do residente fronteiriço. Nesse último caso, conforme o artigo 23, poderá ser concedida autorização ao residente fronteiriço para realizar atos da vida civil, a fim de facilitar sua livre circulação (BRASIL, 2017).

Outro aspecto importante a ser destacado na Lei de Migração é a possibilidade de autorização de residência a um grupo mais abrangente – e mais detalhado, conforme as categorias

apresentadas no artigo 1º do documento – de indivíduos (artigo 30). Assim, para além das pessoas que sejam beneficiárias de tratado de residência e livre circulação e que sejam detentoras de oferta de trabalho, também podem receber tal autorização, mediante registro, pessoas que já tenham possuído a nacionalidade brasileira, que sejam beneficiárias de refúgio, de asilo ou de proteção ao apátrida, que sejam menores desacompanhados ou abandonados, vindos de outro país ou apátridas, e que tenham sido vítimas de tráfico de pessoas, de trabalho escravo ou de violação de direitos, agravada por sua condição migratória. Com relação aos indivíduos que se encontrem na condição de apátridas, a Lei prevê ainda um regulamento sobre seu “instituto protetivo legal”, consolidado em seu processo de naturalização (artigo 26). Por outro lado, a deportação continua sendo medida aplicada a pessoas que se encontrem em situação migratória irregular em território nacional (artigo 50).

No que diz respeito especificamente à recepção e ao acolhimento de refugiados e outros deslocados forçados no âmbito nacional, outro instrumento legal importante, instituído em 1997, é a Lei de Refúgio nº 9.474/97 (LOPEZ; DINIZ, s/d, p.34). Um dos grandes marcos dessa lei foi a criação e a regulamentação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão de deliberação coletiva no âmbito do Ministério da Justiça, composto por cinco representantes do Poder Executivo, por um representante do Departamento de Polícia Federal e por um representante de Organização Não-Governamental ligada à assistência e à proteção de refugiados, além de contar com representação do ACNUR como membro convidado. Dentre as suas principais funções, conforme o artigo 12 da Lei de Refúgio, destacam-se a análise de pedidos e a declaração do reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado, bem como a orientação e a coordenação de “ações necessárias à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados” por meio de um conjunto de Resoluções Normativas (RNs) (ACNUR, 2013, p.10-11).

Em relação aos direitos e deveres dos refugiados no Brasil, a Lei de Refúgio destaca, no artigo 43, que “a condição atípica dos refugiados deverá ser considerada quando da necessidade da apresentação de documentos emitidos por seus países de origem” (ACNUR, 2013, p.18), o que gera um longo debate, por exemplo, acerca da validação de certificados e diplomas apresentados por indivíduos desse grupo. Para a solicitação do reconhecimento da condição de refugiado, conforme o artigo 19, são necessários “identificação completa, qualificação profissional, grau de escolaridade do solicitante e membros do seu grupo familiar, bem como relato das circunstâncias e fatos que fundamentem o pedido de refúgio” (*Ibid.*, p.12). Para isso, a Lei reafirma o conceito de *refugiado*³⁸

38 Artigo 1º - Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

apresentado nos principais instrumentos internacionais de proteção a esse grupo, mas também define sua condição jurídica no Brasil, a partir da qual:

Artigo 5º - O refugiado gozará de direitos e estará sujeito aos deveres dos estrangeiros no Brasil, ao disposto nesta Lei, na Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e no Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, cabendo-lhe a obrigação de acatar as leis, regulamentos e providências destinados à manutenção da ordem pública.

Artigo 6º - O refugiado terá direito, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, a cédula de identidade comprobatória de sua condição jurídica, carteira de trabalho e documento de viagem. (ACNUR, 2013, p.8).

Embora o Brasil já demonstrasse um certo engajamento com o cenário político internacional, mesmo com o Estatuto do Estrangeiro de 1980, e principalmente com a Lei de Refúgio de 1997, tendo em vista o diálogo desses dispositivos legais e jurídicos com os instrumentos prévios, as políticas migratórias brasileiras anteriores à Lei de Migração se mostravam, em alguns aspectos, desatualizadas por não contemplarem com mais especificidade, por exemplo, as vítimas de processos de deslocamento forçado que começaram a se estabelecer no país, principalmente a partir de 2010 (LOPEZ; DINIZ, s/d, p.34). Assim, a aprovação da Lei de Migração, ao revogar a lei que estabelecia o Estatuto do Estrangeiro, eliminando os resquícios da Ditadura Militar que submetiam as políticas migratórias à garantia da segurança nacional, e sublinhar a observância da Lei de Refúgio nas situações que envolvam refugiados e solicitantes de refúgio, representa um avanço no sentido de tratar o imigrante e o refugiado sob a perspectiva dos direitos humanos contemplada na legislação e nos acordos internacionais.

Todos esses instrumentos nacionais nos permitem, em uma primeira análise, situar o Brasil como um país atento às novas realidades migratórias apresentadas pelo cenário das migrações Sul-Sul. No entanto, há que se considerar algumas questões que contradizem essa relativa abertura aos grupos deslocados, o que reflete também uma mudança de paradigmas na condução do poder político nacional. Nesse sentido, vale ressaltar uma quantidade significativa de vetos na Lei de Migração, com destaque para o veto ao conceito de *migrante* e à definição que considera como grupos vulneráveis os solicitantes de refúgio, os requerentes de visto humanitário, as vítimas de tráfico de pessoas, as vítimas de trabalho escravo, os migrantes em cumprimento de pena e os menores desacompanhados³⁹.

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (ACNUR, 2013, p.7).

39 Notícia completa sobre os vetos na Lei de Migração disponível em: <https://migramundo.com/nova-lei-de-migracao-e-sancionada-mas-vetos-derrubam-anistia-e-mais-19-pontos/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

Assim, a não contemplação desses grupos como categorias dignas de atenção especial, a partir das quais e para as quais seriam traçadas políticas públicas específicas, aponta não só para o prejuízo com relação à adoção de medidas adequadas de proteção, contornadas desse modo pelas instituições políticas, mas também para uma hierarquização dos próprios grupos humanos. Nessa perspectiva, sem perder de vista que o debate acerca da linguagem faz parte do engajamento político e se fundamenta tanto em elementos linguísticos quanto em usos discursivos, originários de relações sociais de poder inscritas no discurso jurídico e na história, Fiala (2018, p.145) sinaliza que a utilização fluida desses conceitos, marcada por expressões recorrentes nas mídias e nas redes sociais, parece “apelar mais para respostas sociais ou políticas que para reflexões linguísticas”⁴⁰. Em consonância com esse pensamento, Calabrese (2018, p.158; grifos do original) também destaca que

[...] a midiatização do problema lexical põe em evidência para o público geral a existência de um léxico dedicado à mobilidade das pessoas, que é ora de origem jurídica (*solicitante de asilo, refugiado, estrangeiro*), ora de uso corrente (*migrante, apátrida*), ora os dois (*estrangeiro, refugiado*), como o testemunha a assimilação entre *imigrante* e *estrangeiro* ou o uso de *refugiado* para as pessoas que não solicitaram ou obtiveram asilo. Qualquer que seja esse léxico, ele repousa sobre uma hierarquia entre os grupos humanos, que é amplamente denunciada por vários atores. Esse léxico define implicitamente uma mobilidade legítima (os refugiados que provaram que sua vida está em perigo) e uma outra contra a qual os Estados deveriam se precaver (os migrantes, cuja vida não seria ameaçada – sem levar em conta ameaças que não sejam políticas).⁴¹

Logo, podemos perceber que, também no Brasil, uma multiplicidade de conceitos reflete a multimodalidade de fluxos de imigrantes para o país, notadamente a partir da última década, com a chegada expressiva de grupos oriundos do Haiti, da Síria e da Venezuela. Por um lado, as configurações dessas categorias não cessam de evoluir devido à sucessão de guerras e de violências no mundo, de modo que a importância numérica desses grupos é constantemente modificada pelas organizações internacionais e pelos Estados (CLOCHARD, 2007, p.4). Por outro, a não ampliação de categorias jurídicas como a de *refugiado* – mesmo diante dos alarmantes cenários de crise política e socioeconômica que impulsionaram grandes números de deslocados forçados, como haitianos e venezuelanos, a solicitarem refúgio ao Brasil – é tema de uma série de

40 Tradução livre de: « [...] semblent davantage appeler des réponses sociales ou politiques que des réflexions linguistiques. ».

41 Tradução livre de: « [...] le médiatisation du problème lexical met en évidence pour le public général l'existence d'un lexique dédié à la mobilité des personnes, qui est tantôt d'origine juridique (*demandeur d'asile, réfugié, étranger*), tantôt d'usage courant (*migrant, expatrié*), tantôt les deux (*étranger, réfugié*), comme en témoigne l'assimilation entre *immigré* et *étranger* ou l'usage de *réfugié* pour des personnes qui n'ont pas demandé ou obtenu l'asile. Quoi qu'il en soit, ce lexique repose sur une hiérarchie entre les groupes humains qui est largement dénoncée par plusieurs acteurs. Ce lexique définit implicitement une mobilité légitime (les réfugiés ayant prouvé que leur vie est en danger) et une autre contre laquelle les États devraient se prémunir (les migrants, dont la vie ne serait pas menacée – sans prise en compte des menaces autres que politiques). ».

problematizações acerca da eficácia das políticas migratórias e, por que não dizer, dos imaginários discriminatórios que embasam os marcadores sociais de diferença⁴².

Como relembra Santos (2014, p.33), “em 2010, a questão dos solicitantes de refúgio tornou-se um problema no Brasil, quando 592 haitianos buscaram asilo no país, devido ao terremoto que assolou o Haiti. No ano seguinte, 3.872 requerimentos foram realizados por haitianos”. No entanto, as motivações que levaram – e ainda levam – os haitianos a se deslocarem forçadamente do país não correspondem ao estatuto jurídico apresentado nos principais instrumentos nacionais e internacionais de proteção a refugiados, devido ao fato de serem atribuídas, de forma simplificada, ao desastre ambiental. Contrariamente a essa visão, Civil (2018) aponta que os problemas estruturais e sociais vivenciados no Haiti têm origens diversas. Segundo o autor, “a imigração massiva dos haitianos começou durante o período da ditadura. O país passou vinte e nove anos em uma ditadura, a dos Duvalier. Durante esse período ocorreram duas ondas de imigração: a primeira ocorreu nos anos 1960 a 1970 e a segunda nos 1980” (CIVIL, 2018, p.27). Com relação à imigração haitiana para o Brasil, o autor destaca que, embora se tenha como marco o terremoto de 12 de janeiro de 2010, já havia, antes disso, imigrantes com visto de estudante pelos Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG), estabelecidos entre os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores do Brasil e o Haiti. Além disso,

Antes do terremoto, a relação diplomática entre o Haiti e o Brasil já existia. Esse relacionamento começou a crescer no ano de 2004, após o golpe de estado do ex-presidente Jean Bertrand Aristide. Com o objetivo de resolver a crise política daquela época, o conselho das Nações Unidas enviou a missão de paz Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, conhecida pela sigla MINUSTAH, para ocupar o Haiti com a justificativa de restabelecer a segurança e normalidade institucional.

O Brasil comandou o componente militar da missão, chamado de capacetes azuis, durante 13 anos, com a participação de tropas de outros 15 países. A partir deste trabalho, os haitianos começaram a ter mais contato com os brasileiros, em especial através de projetos humanitários desenvolvidos pelos soldados nas favelas da capital, como Cité Soleil, Belair e outras. (CIVIL, 2018, p.27).

De todo modo, sob a justificativa de que as motivações apresentadas não enquadravam os haitianos no estatuto de refugiados, em 2012, passaram a ser concedidos vistos de caráter humanitário a esse grupo, instituídos pela Resolução Normativa nº 97/12 do CNIg, definida por Lopez e Diniz (s/d, p.32) como o primeiro instrumento de regulamentação da imigração haitiana no país. Assim, nos termos da RN nº 97/12:

Artigo 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo

42 Também essa questão foi fortemente debatida nas sessões sobre políticas migratórias do *II Seminário do Observatório da Migração Internacional do Estado de Minas Gerais* (OBMINAS), realizado pelo OBMINAS em parceria com a PUC Minas, nos dias 10 e 11 de junho de 2019.

de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010. (ACNUR, 2013, p.168).

De acordo com Assis (2018, s/p), é também a partir de 2010 que “se distinguem, em termos estatísticos, como os apresentados pelo Conare, a emergência e a consolidação de rotas, cada vez mais intensas, que inserem o Brasil e as regiões do sul do território como destinos de acolhimento de migrantes de diversos países africanos”, evidenciando-se um crescimento no número de pedidos de refúgio, como fruto de uma política migratória menos restritiva aos solicitantes de refúgio. Nesse cenário, a autora sinaliza que, para além das correntes migratórias de haitianos, entraram no país, como solicitantes de refúgio, senegaleses, ganeses e outros imigrantes de países da África e do Oriente Médio (ASSIS, 2018, s/p). Apesar do alto índice de solicitações de refúgio por senegaleses e ganeses, cujo fluxo migratório aumentou consideravelmente por volta de 2013 e de 2014, poucos imigrantes de países africanos recebem, de fato, o estatuto de refugiados, mas “a maioria deles se utiliza de pedidos de refúgio como estratégia para obter permissão temporária para permanecer e trabalhar no Brasil regularmente, de modo a, posteriormente, tentar obter um visto permanente por meio de outros procedimentos” (ASSIS, 2018, s/p). Por outro lado, em 2013, o Brasil recebeu os primeiros grupos de deslocados sírios na condição de refugiados. Como destaca Santos (2014, p.33), diante do quadro de perseguições políticas e religiosas vivenciadas pelos sírios, “a embaixada brasileira em países próximos à Síria se ofereceu para orientar e fornecer vistos para os indivíduos que desejassem buscar asilo no Brasil”, concedendo o estatuto de refugiado a todos os requerentes e sendo o primeiro país do continente americano a adotar tal medida.

Ademais, conforme dados anunciados pelo ACNUR e pela OIM, do final de 2015 ao primeiro semestre de 2019, quatro milhões de venezuelanos migraram para países vizinhos e distantes, diante da situação política e socioeconômica complexa da Venezuela⁴³. Direcionando-se primeiramente para Brasil, Colômbia, Costa Rica, México, Peru, Espanha e Estados Unidos, as solicitações de refúgio por parte dos venezuelanos triplicaram no ano de 2017 em relação aos anos anteriores (ACNUR, 2017, p.46). Para além dos números alarmantes, destacamos a situação ainda incerta de muitos venezuelanos, devido ao fato de sua condição não se identificar propriamente com o estatuto de *refugiado* definido nos instrumentos legais, vulnerabilizando-os na medida em que

43 Notícia completa disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-ultrapassa-4-milhoes-segundo-acnur-e-oim/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

eles não dispõem, muitas vezes, de respaldo jurídico adequado para migrarem e se instalarem em outros países. Assim, conforme o Relatório do ACNUR:

No começo de 2018, mais de 500.000 venezuelanos acessaram formas legais como alternativa para ficarem sob estruturas nacionais ou regionais, incluindo a Argentina, o Brasil, o Chile, a Colômbia, o Equador, o Peru e o Uruguai. No entanto, a maioria se encontra em situações irregulares. Sem acesso a um status legal, eles estão sob o risco maior de violência, exploração, abuso sexual, tráfico e discriminação. (ACNUR, 2017, p.46).⁴⁴

Diante desse quadro e do agravamento dos fluxos migratórios de venezuelanos a partir de 2018, o ACNUR, que se comprometeu a trabalhar com representantes de países da América Latina e do Caribe no sentido de buscar uma resposta coordenada e compreensiva para a situação, lançou uma Nota de Orientação sobre Considerações de Proteção Internacional para Venezuelanos⁴⁵. O texto, divulgado em maio de 2019, atualiza e substitui a Nota de Orientação sobre o Fluxo de Venezuelanos⁴⁶, publicada em março de 2018. A nova nota considera que a segurança e a situação humanitária na Venezuela se agravaram, fazendo com que o fluxo de saída para países vizinhos, outros países da região e países mais longínquos alcançasse 3,7 milhões de pessoas, e reitera “a importância fundamental de garantir o acesso aos procedimentos de asilo ou às medidas de proteção coletiva com as salvaguardas adequadas” (ACNUR, 2019, p.1).

Assim, o ACNUR passa a considerar a existência de vários perfis que se enquadram nas considerações de proteção internacional relacionadas à Convenção de 1951 e ao Protocolo de 1967 sobre o Estatuto dos Refugiados, dependendo das circunstâncias de cada caso. Além disso, destaca que “a maioria das pessoas com nacionalidade venezuelana, ou pessoas apátridas que eram residentes habituais na Venezuela, possuem necessidade de proteção internacional conforme os critérios contidos na Declaração de Cartagena”, diante de ameaças à sua vida, à sua liberdade e/ou à sua segurança. Por outro lado, tendo em vista os desafios complexos que podem sobrecarregar os sistemas de asilo, dada a magnitude dos fluxos atuais, o Alto Comissariado sugere aos Estados receptores o reconhecimento da condição de refugiado por meio de determinações coletivas com base em instrumentos regionais, dispondo-se a auxiliar esses Estados em termos de assistência técnica e apoio operacional (ACNUR, 2019, p.1-2).

44 Tradução livre de: “By early 2018, over 500,000 Venezuelans had accessed alternative legal forms of stay under national or regional frameworks, including in Argentina, Brazil, Chile, Colombia, Ecuador, Peru, and Uruguay. However, the majority find themselves in irregular situations. Without access to a legal status, they are at a higher risk of violence, exploitation, sexual abuse, trafficking, and discrimination.”

45 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Atualizac%CC%A7a%CC%83o-Guidance-Note.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

46 Disponível em: <https://www.refworld.org/es/cgi-bin/texis/vtx/rwmain/opendocpdf.pdf?reldoc=y&docid=5aa161014>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

De acordo com informações publicadas na quarta edição do relatório *Refúgio em Números*, “em 14 de junho de 2018, o Conare decidiu reconhecer a situação de ‘grave e generalizada violação de direitos humanos’” referente ao povo venezuelano (CONARE, 2019, p.35), com base nos fundamentos da Lei de Refúgio de 1997. Essa decisão prevê, portanto, a simplificação de procedimentos para a tramitação, no Brasil, dos processos de venezuelanos, o que não significa que a extinção e o arquivamento de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado não ocorram, mediante a desistência por parte dos próprios solicitantes e a obtenção de residência temporária, no primeiro caso, e a saída do país sem comunicar ao CONARE ou por período superior a 90 dias, no segundo caso (*Ibid.*, p.34).

Logo, as medidas humanitárias brasileiras, adotadas frente aos deslocamentos humanos provenientes, sobretudo, do Haiti, da Síria e da Venezuela, projetaram uma imagem mundial que o representa como um país receptivo e engajado com os direitos humanos. No entanto, a saída do Brasil do Pacto Global para Migração em janeiro de 2019, menos de um mês após sua ratificação pela ONU em dezembro de 2018⁴⁷, revela uma atitude de recusa quanto à busca por respostas em rede para os fluxos internacionais e indica um posicionamento, em certa medida, conservador diante dos debates acerca dos direitos humanos universais. Apoiado por 151 países, o Pacto Global tem em vista uma série de objetivos para uma migração segura, ordenada e regular, norteadas pela dimensão humana dos sujeitos que migram, o que condiz com os paradigmas da Lei de Migração de 2017. Nesse sentido, a saída do Brasil demonstra instabilidade no que tange às políticas migratórias nacionais e preocupa instituições brasileiras engajadas com a questão⁴⁸. Segundo Baeninger (2018, p.21),

A governança das migrações internacionais implica que o Sul, na arena global das migrações, seja reconhecido como um ator social na construção do Pacto Global. A presença do Sul no processo do Pacto Global implica a não hierarquia na conceitualização das migrações seguras/ordenadas/regulares. O Sul não é só emissor de emigrantes, visão calcada na perspectiva do Norte; é preciso enfatizar que sua posição geopolítica traz novos contornos aos fluxos de migrantes e refugiados nesses países. Nesse contexto, é decisiva a posição dos países da região latino-americana, bem como a posição brasileira no Pacto Global. A promoção do Sul como ator fundamental do Pacto desloca a gramática do debate promovido pelos países do Norte, reforçando um outro olhar para o fenômeno.

Desenvolvidas todas essas problematizações de ordem social, política e não menos discursiva, concluímos, à luz de Moulin (2012), que tanto o construto internacional da mobilidade quanto a “gramática” que a estrutura exercem uma forte influência no modo como são concebidas, pelas sociedades contemporâneas, as migrações internacionais. Ainda que o conjunto de conceitos

47 Notícia completa disponível em: <https://migramundo.com/ainda-com-brasil-pacto-global-para-migracao-e-ratificado-pela-onu/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

48 Notícia completa em: <https://migramundo.com/entidades-manifestam-preocupacao-com-saida-do-brasil-do-pacto-global-para-a-migracao/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

aqui elencados e os sentidos que engendram pela representação dos sujeitos enunciados se elaborem nos/pelos discursos que atravessam esse construto internacional, “isso não quer dizer que apropriações dessas categorias, suas ressignificações e traduções não tomem forma nos encontros cotidianos e, nesse processo, outros imaginários sejam possíveis”, de modo que “essas transformações são evidenciadas por um caleidoscópio de mobilizações e iniciativas que tentam criticar, subverter e responder às marginalizações que essas classificações tendem a produzir” (MOULIN, 2012, p.14).

Diante disso, partiremos agora para uma reflexão acerca do impacto das representações sociodiscursivas nos modos de problematização da imigração e do refúgio pelos diversos atores de nossa sociedade, tendo em vista os imaginários sociais que perpassam o discurso institucional e midiático, refletindo e influenciando a opinião pública, bem como os imaginários de si que caracterizam a (auto)representação de imigrantes e refugiados em suas narrativas de vida. Para tanto, assumimos com Moscovici (2016, p.41) que

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu. Não é suficiente começar diretamente de tal ou tal aspecto, seja do comportamento, seja da estrutura social. Longe de refletir, seja o comportamento ou a estrutura social, uma representação muitas vezes condiciona ou até mesmo responde a elas. Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social *sui generis*. (MOSCOVICI, 2016, p.41).

Tendo evocado, portanto, a origem dos conceitos abordados, considerando suas bases lexicais e jurídicas, poderemos analisar, de forma mais consistente, como essas categorias se inscrevem nos diversos usos sociais, a partir do sistema de representações que as mobiliza.

CAPÍTULO 2

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS: UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR ORIENTADO PELA ADF

Ao partir de uma contextualização das migrações contemporâneas, buscamos não apenas traçar uma linha do tempo com base nas principais políticas migratórias definidoras das condições jurídicas dos sujeitos migrantes, mas também refletir sobre os sentidos que as representações desses sujeitos engendram. Retomando, pois, os documentos que fundamentam, em termos legais, a atribuição de determinados estatutos a esses grupos, conforme as motivações que os levaram a deixar seus países de origem, bem como as políticas de acolhimento voltadas para eles, procuramos compreender melhor as designações mobilizadas com o intuito de distingui-las e problematizá-las, inclusive com relação ao seu uso pouco criterioso nas representações que circulam na sociedade. Pouco criterioso, não propriamente no sentido de irresponsável, tendo em vista que, em se tratando de representação, “quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna” (MOSCOVICI, 2015, p.41; grifo do original).

Assim, para desenvolver uma análise detalhada dos modos como a questão das migrações contemporâneas – e dos sujeitos que a encenam – é concebida na/pela sociedade, recorreremos tanto à Análise do Discurso de orientação francesa (ADF) quanto a teorias que com ela dialogam, dado o caráter interdisciplinar da ADF. É nessa perspectiva que faremos aqui uma revisão teórica cujos principais referenciais tratam das *representações sociais*, conforme a abordagem da Psicologia Social instaurada por Moscovici (2015), e dos *imaginários sociodiscursivos*, à luz das ideias de Charaudeau (2006), por sua vez, inspirado no trabalho de Castoriadis (1982) sobre as *instituições imaginárias da sociedade*. Para tanto, passaremos por noções como *memória coletiva*, a exemplo das reflexões de Halbwachs (2006), *saberes de conhecimento e de crença*, de acordo com Charaudeau (2006 e 2007), e *construção identitária*, também trabalhada por Charaudeau (2015). Apresentaremos ainda algumas considerações a respeito dos discursos institucionais, enfatizando os *discursos das mídias* (Charaudeau, 2007), e das *narrativas de vida*, a partir das abordagens de Machado (2011; 2013; 2016) e de Bertaux (2006).

Dessa maneira, teremos maior embasamento para empreender uma análise discursiva tanto dos textos jornalísticos coletados na imprensa de referência mineira quanto das narrativas obtidas por meio de entrevistas com imigrantes e refugiados. Por fim, trataremos dos principais suportes teórico-metodológicos que utilizaremos para realizar a análise do *corpus*: os *planos da semântica global* de Maingueneau (2008b), em relação com a perspectiva de uma *subjetividade na*

linguagem, representada pelo *aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1988 e 1989); com a *distinção entre locutor e enunciador* (DUCROT, 1987) e a *gestão dos pontos de vista* operada por essas instâncias (RABATEL, 2013), associadas às noções de *heterogeneidades enunciativas* (AUTHIER-REVUZ, 1990) e de *discurso relatado* (CHARAUDEAU, 2009); com os *indutores linguístico-discursivos* apontados por Turpin (2016) e ainda com as definições de *éthos* (re)apresentadas por Maingueneau (2008a e 2016) e por Kerbrat-Orecchioni (2010). Vale ressaltar que todas essas referências constituem apenas suportes para a construção do nosso próprio dispositivo individualizado de análise, como sinaliza Orlandi (1999) ao tratar do trabalho do analista de discurso.

2.1. O papel das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos nos processos de significação e de construção identitária

Na perspectiva do fluxo migratório contemporâneo para o Brasil, podemos constatar que a recepção de imigrantes, especialmente dos que vêm para o país em condição de deslocamento forçado, torna-se, não raro, orientada por uma espécie de ordem social pré-estabelecida. Ela se dá conforme os valores e os sistemas de pensamento e significação que as comunidades de brasileiros já detêm e compartilham como elemento de identificação social, seja para si mesmas, seja para os “outros” – no caso, imigrantes e refugiados. É nessa conjuntura que se situam as representações sociais, definidas por Moscovici (2015, p.21) como

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Há, portanto, uma série de parâmetros classificatórios dos aspectos históricos e culturais que constituem determinada sociedade e que são responsáveis não só por instaurar certos imaginários que se perpetuam na memória coletiva, como também por sustentar a elaboração de estereótipos, de modo que qualquer manifestação de caráter social e/ou cultural que destoe dos parâmetros de identificação estabelecidos por uma dada comunidade corre o risco de ser, se não rejeitada, ao menos silenciada. As representações estão, pois, condicionadas à influência desses imaginários, que, veiculados no/pelo discurso – daí a serem também denominados sociodiscursivos –, conferem significação à realidade a partir das próprias vivências humanas, marcadas pela relação dos indivíduos com o mundo e com os demais que integram seu grupo social. Nas palavras de Charaudeau (2006, p.203), na medida em que as representações sociais

[...] constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos”.

Dado esse quadro de relações, para melhor compreender em que bases se sustentam esses conceitos, voltamos nosso olhar para a noção primeira de imaginário social, introduzida por Castoriadis entre os anos 1960 e 1970 (CHARAUDEAU, 2006) e fundadora das reflexões subsequentes acerca de tal fenômeno. Assim, segundo Castoriadis (1982, p.175),

Este elemento, que dá à funcionalidade de cada sistema institucional sua orientação específica, que sobredetermina a escolha e as conexões das redes simbólicas, criação de cada época histórica, sua singular maneira de viver, de ver e de fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações com ele, esse estruturante originário, esse significado-significante central, fonte do que se dá cada vez como sentido indiscutível e indiscutido, suporte das articulações e das distinções do que importa e do que não importa, origem do aumento da existência dos objetos de investimento prático, afetivo e intelectual, individuais ou coletivos – este elemento nada mais é do que o *imaginário* da sociedade ou da época considerada.

A partir dessa definição, podemos atribuir justamente a esse caráter de sobreterminação dos sistemas de significação, próprio aos imaginários, o estabelecimento de uma ordem social pré-estabelecida que funda e significa o conjunto de representações difundidas em uma dada sociedade. A fim de estabelecer, pois, uma relação mais clara entre os imaginários e as representações sociais, Charaudeau (2006, p.190) direciona tal abordagem para o quadro de relações que inscrevem os sujeitos em seus respectivos grupos e realidades sociais, tendo em vista que “o homem tem tanta necessidade da realidade para significá-la quanto a realidade tem necessidade do homem para ser significada”. A esse respeito, o autor aponta que

O imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações. Ao descrever o mecanismo das representações sociais, aventamos com outros a hipótese de que a realidade não pode ser aprendida enquanto tal, por ela própria: a realidade nela mesma existe, mas não significa. A significação da realidade procede de uma dupla relação: a relação que o homem mantém com a realidade por meio de sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar o consenso de significação. A realidade tem, portanto, necessidade de ser percebida pelo homem para significar, e é essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, os quais em contrapartida dão sentido a essa realidade. (CHARAUDEAU, 2006, p.203).

Tendo em vista essa relação a partir da qual os sujeitos e os sentidos se inscrevem e se determinam mutuamente no âmbito das significações imaginárias sociais, poderíamos não só reforçar que a perpetuação de tais imaginários ocorre, de fato, veiculada por representações sociais que passam a memória coletiva, mas também considerar que as significações, sendo

constituintes da dimensão social dos sujeitos, poderiam lhes garantir, pela via das representações, sua plena participação na sociedade/comunidade em que se inserem. Nas palavras de Castoriadis (1982, p.411),

As significações não são, evidentemente, o que os indivíduos se representam consciente ou inconscientemente, ou aquilo que eles pensam. Elas são aquilo, mediante e a partir do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais, podendo participar do fazer e do representar/dizer social, podendo representar, agir e pensar de maneira compatível, coerente, convergente mesmo se ela é conflitual....

Entretanto, o que observamos, com frequência, é que determinadas significações ganham maior visibilidade nas representações sociais assumidas por discursos de maior representatividade em uma sociedade/comunidade, refletindo os imaginários compartilhados no interior de grupos hegemônicos. Isso faz com que seja estabelecida (e, por que não, fortalecida) uma hierarquia segundo a qual determinados grupos são marginalizados, o que limita seus espaços de fala e de participação social. Na medida em que são privados de transmitir representações de si e da coletividade em que se inserem, esses grupos minoritarizados são, por um lado, privados de seu direito de livre expressão e, por outro, representados sob um olhar externo, que os qualifica segundo uma esfera de valores e de sistemas de pensamento próprios.

Isso se deve ao fato de que “cada sociedade determina seus objetos de conhecimento, classifica-os de certa maneira em domínios de experiência, atribui-lhes valores”, tendo como suporte a atividade de linguagem, “que *tematiza* esses objetos e esses domínios, *problematiza* a maneira como se deve considerá-los, precisa o *posicionamento* daquele que fala” (CHARAUDEAU, 2006, p.188, grifos do original). Com efeito, os processos de significação, a partir dos quais os imaginários e as representações sociais se consolidam, fundamentam-se em um duplo movimento em que os indivíduos, primeiramente, assimilam e internalizam aspectos da realidade circundante para, então, interpretá-los e classificá-los, atribuindo sentido e formas de representação a esses aspectos. Esse movimento é identificado por Moscovici (2015) segundo dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória: a *ancoragem* e a *objetivação*. Assim,

O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. [...] O objetivo do segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico. [...] Esses dois mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar. Sendo que as representações são criadas por esses dois mecanismos, é essencial que nós compreendamos como funcionam. (MOSCOVICI, 2015, p.60-61).

As articulações estabelecidas entre os dois mecanismos possibilitam, pois, um deslocamento no sentido de incorporar o que é da ordem do real (os seres e objetos do mundo, da realidade circundante) ao que é da ordem do representável dentro do universo de familiaridades de uma determinada comunidade. Afinal, como relembra Moscovici (2015, p.78), “é dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não familiar, com suas conseqüentes ansiedades”. Nesse sentido, assumimos com Halbwachs (2016, p.106) que “toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” e que “ela apresenta ao grupo um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele sempre se reconheça nessas imagens sucessivas” (*Ibid.*, p.109).

Tal reconhecimento tem por base a identificação de semelhanças que revelam tanto a permanência do grupo ao longo do tempo quanto a tomada de consciência de sua própria identidade. Por outro lado, a partir do momento em que esse traço identitário é percebido e tomado como um valor pelos sujeitos que dele compartilham, ele adquire, muitas vezes, um caráter seletivo, em que o direito de outrem à participação do grupo demanda o domínio dos mesmos sistemas de pensamento e significação compartilhados no interior dessa memória coletiva, de modo que, “se as circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um elemento novo, incompatível com seu passado, surgiria um outro grupo, dotado de memória própria” (HALBWACHS, 2016, p.108).

Vale ressaltar, em relação a esse último ponto, a exterioridade colocada como fator que gera a exposição de um grupo consolidado, em termos identitários, a um elemento novo. Transpondo tal reflexão para o cenário que aqui analisamos, ousamos dizer que não há nada mais representativo desse contato entre valores e sistemas de pensamento diferentes que os fluxos migratórios contemporâneos, a partir dos quais imigrantes/refugiados transpõem não apenas as fronteiras físicas, mas também os limites de uma memória coletiva consolidada no interior de grupos nacionais que se estruturam em torno dessa memória e das representações que por ela circulam. Desse modo, destacamos, à luz de Charaudeau (2006, p.205), que os imaginários

[...] podem ascender à consciência quando uma situação parece questioná-los e, sobretudo, quando se trata de defini-los em relação ao outro estrangeiro: a confrontação com a alteridade provoca sempre uma tomada de consciência. Outros imaginários estão ainda submersos no que se chama inconsciente coletivo, pois todas essas implicações complexas são tecidas ao longo da história, constituindo uma memória coletiva de longo termo....

Logo, na medida em que o olhar social sobre esses grupos minoritarizados tende a se fechar em imaginários legitimados pelo discurso de categorias que ocupam uma relativa posição de autoridade na sociedade, ou que assumem um papel de influenciadoras de opinião, acaba por

instituir-se uma série de estigmas sociais que limitam uma inserção efetivamente democrática desses grupos na sociedade. Ainda conforme Halbwachs (2006, p.61),

[...] existe uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior: lógica geográfica, topográfica, física, que não é outra senão a ordem introduzida por nosso grupo em sua representação das coisas do espaço (é isso: é esta lógica social e as relações que ela determina). Cada vez que percebemos, nós nos conformamos a esta lógica; ou seja, lemos os objetos segundo essas leis que a sociedade nos ensina e nos impõe.

Essa lógica de percepção, por sua vez, dialoga com uma dupla função das representações sociais, por meio da qual elas orientam uma série de saberes, estando subjacentes a eles. A primeira dessas funções é a de convencionalizar os objetos, as pessoas e os acontecimentos sob seu alcance, de modo que “lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas” (MOSCOVICI, 2015, p.36). Já a segunda é a de prescrever modelos conforme “uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado” (*Ibid.*, p.36). Dessa maneira, identificamos

[...] uma necessidade contínua de re-construir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. (MOSCOVICI, 2015, p.48).

Situando, pois, essa “forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos” na perspectiva de um universo de significações, no qual os imaginários e as representações se sustentam, Castoriadis (1982, p.177) destaca que “é só relativamente a essas significações que podemos compreender tanto a ‘escolha’ que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a ‘funcionalidade’”. Nesse sentido, consideramos que a relação estabelecida entre a sociedade e as suas instituições também se inscreve na ordem do imaginário, na medida em que o *status* atribuído a cada um dos atores sociais, individual e/ou coletivamente, é fundamentado nesse sistema de significações e orientado por suas representações. É também com base nesse sistema que se justificam a representatividade dos grupos sociais e as relações de força que estabelecem entre si, o que coloca novamente um problema na medida em que seus espaços de manifestação, muitas vezes, são desiguais. Assim,

Poderíamos retomar esta análise a propósito de todas as significações imaginárias sociais centrais – quer se tratasse da família, da lei, do Estado; porque, antes de apressar-se em

qualificar esses termos como referindo-se a “instituição” no sentido secundário e corrente do termo, seria preciso perguntar-se como, mediante o que, a partir de que tal grupo de fatos, de atos, etc., podem ser estabelecidos por uma sociedade como “jurídicos” por exemplo. (CASTORIADIS, 1982, p.409)

Mais uma vez, essa reflexão acerca das significações imaginárias se relaciona fortemente à dinâmica das representações sociais. Isso porque a ação de qualificar um sujeito, um grupo ou, mesmo, uma instituição, em termos jurídicos e/ou recorrentes na sociedade, reflete um processo de categorização que, sem desconsiderar idiosincrasias na relação dos indivíduos com o seu entorno e vice-versa, também se vale do caráter convencional e prescritivo das representações. Nas palavras de Moscovici (2015, p.63), “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”, de modo que “dar nome não é uma operação puramente intelectual, com o objetivo de conseguir uma clareza ou coerência lógica. É uma operação relacionada com uma atitude social” (*Ibid.*, p.68). A esse respeito, Charaudeau (2006, p.195) também destaca que não só as práticas e as trocas sociais são uma parte operante essencial à atividade humana, como também a conceituação, que “tem por finalidade tornar o mundo inteligível ao atribuir-lhe valores”, revelando uma tripla dimensão das representações sociais: “cognitiva (organização mental da percepção), simbólica (interpretação do real) e ideológica (atribuição de valores que desempenham o papel de normas societárias)”.

Em consonância com essas reflexões, recorreremos ainda a algumas indicações que Castoriadis (1982) aponta como preliminares em relação ao papel das significações sociais imaginárias. A primeira delas diz respeito ao fato de que *ser* (no sentido de *pertencer*) de um grupo ou de uma coletividade implica que cada sujeito “se define, e é definido pelos outros, em relação a um ‘nós’. Mas esse ‘nós’ [...] é primeiro um símbolo, as insígnias de existência que se deram sempre cada tribo, cada cidade, cada povo. Antes de tudo, é certamente um nome.” (CASTORIADIS, 1982, p.178). Nesse sentido, o ato de nomear revela-se social por essência, uma vez que é intrínseco aos processos de identificação de si e do outro que estão na base de toda e qualquer construção identitária. Paralelamente, considerando que todo sujeito individual ou sujeito coletivo “é sobredeterminado – ao menos em parte – pelas representações do grupo ao qual ele pertence ou deseja pertencer”, Charaudeau (2006, p.195) sinaliza que “todo ato de comunicação, sendo um ato de troca entre dois ou mais parceiros, cria um elo social que parte de normas de comportamentos e estabelece representações necessariamente partilhadas”.

Estendendo essa constatação ao âmbito da nação, alcançamos uma segunda indicação de Castoriadis (1982, p.179), segundo a qual a nação “preenche esta função de identificação por esta referência [...] imaginária a uma ‘história comum’. Esse imaginário da nação se revela no entanto

mais sólido do que todas as realidades, como o mostram duas guerras mundiais e a sobrevivência dos nacionalismos”. Situar o conceito de nação na perspectiva de um “imaginário de nação” é um movimento que nos interessa particularmente, visto que nossa problematização acerca das migrações contemporâneas perpassa as noções de fronteiras nacionais que, a nosso ver, são da ordem do simbólico e materializam barreiras simbólicas, amparadas em discursos nacionalistas, de diversas naturezas – sociais, étnicas, culturais, religiosas, dentre outras.

Tendo em vista esse quadro, assumimos, ainda com Castoriadis (1982, p.180), uma terceira indicação, mais abrangente, de que “imagem do mundo e imagem de si mesmo estão evidentemente sempre ligadas”, conforme “a definição que cada sociedade dá de suas necessidades, tal como ela se inscreve na atividade, o fazer social efetivo [...], onde se encarna o que para ela tem sentido e valor”. E, para validar seus sistemas próprios de significações e valores, cada grupo social recorre aos imaginários sobre si e sobre os outros que circulam em sua memória coletiva, bem como a uma série de representações sociais que também sustentam discursos de cunho identitário. Transpondo tais elementos para o âmbito do discurso, identificamos, finalmente, os imaginários sociodiscursivos, considerando que

Efetivamente, para desempenhar plenamente seu papel de espelho identitário, esses imaginários fragmentados, instáveis e essencializados têm necessidade de ser materializados. [...] Mas essa mesma materialização tem necessidade de ser sustentada por uma racionalização discursiva, sem que se saiba de fato quem precede quem, nem se a segunda desempenha um papel de promoção ou de justificação da primeira. Os grupos sociais produzem discursos de configuração diversa que dão sentido a essas materializações. (CHARAUDEAU, 2006, p.206).

Com base nessas questões, Charaudeau (2015) propõe uma ampla reflexão sobre os processos de construção identitária. Segundo ele, “para que haja tomada de consciência identitária, é necessário que se perceba uma *diferença* e que se estabeleça uma certa relação face ao outro.” (CHARAUDEAU, 2015, p.18; grifo do original). Partindo desse pressuposto, isto é, do reconhecimento inicial da diferença, são formuladas ou identificadas não apenas representações exclusivas desse “outro”, em relação a uma coletividade/comunidade tida como referência no âmbito social, mas também a identidade dessa própria coletividade/comunidade por um *princípio de alteridade* (CHARAUDEAU, 2015, p.18). Logo, o que percebemos, especialmente em comunidades nas quais os espaços de fala tendem a ser muito desiguais e as problematizações de aspectos sociais, muito influenciadas pelos valores de determinados grupos hegemônicos, é que

[...] a percepção da diferença é acompanhada, geralmente, de um julgamento negativo. Trata-se da sobrevivência do sujeito. É como se não fosse suportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos – senão os próprios – fossem melhores ou que simplesmente existissem.

Quando esse julgamento se consolida e se generaliza, ele se torna o que chamamos tradicionalmente de estereótipo, clichê, preconceito. Convém não desprezar os estereótipos; eles são uma necessidade. Eles constituem, em primeiro lugar, uma proteção, uma arma de defesa contra a ameaça representada pelo outro na sua diferença e, além disso, eles nos são úteis para estudar os imaginários dos grupos sociais. Evidentemente, esses julgamentos negativos apresentam um inconveniente: ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, mas também caricaturamos a do outro e, por conseguinte, a nossa própria, persuadindo-nos de que temos razão face ao outro. (CHARAUDEAU, 2015, p.19).

A esse respeito, Van Dijk (2015), no âmbito da Análise Crítica do Discurso (ACD), direciona seu olhar para a perpetuação do racismo nos discursos populares a partir da influência de imaginários e representações discriminatórios veiculados pelos discursos de grupos que ele denomina “elites simbólicas”. O autor assume que tais elites se mostram essencialmente discursivas, na medida em que detêm espaços de fala institucionalizados e exercem seu poder por meio desses espaços, não raro difundindo uma série de preconceitos fundados em crenças racistas subjacentes a práticas institucionais (VAN DIJK, 2015, p.35). Essa perspectiva dialoga bem de perto com a noção de significações imaginárias sociais centrais, das quais as instituições também fazem parte. Nesses termos,

Encontramos primeiro o simbólico, é claro, na linguagem. Mas o encontramos igualmente nas instituições. As instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica. Uma organização dada da economia, um sistema de direito, um poder instituído, uma religião existem socialmente como sistemas simbólicos sancionados.⁴⁹ (CASTORIADIS, 1982, p.142).

No caso que nos interessa mais de perto, o das mídias ditas referenciais, embora assumam um suposto lugar de imparcialidade e de objetividade, muitas vezes, elas fazem com que verdades de crença, orientadas pelos valores assumidos pelas “elites simbólicas”, se passem por verdades de conhecimento (CHARAUDEAU, 2006, p.199), a partir das representações difundidas por elas nos meios tidos como oficiais. Para analisarmos melhor como se dá esse processo, é preciso que compreendamos, de um lado, a noção de verdade na perspectiva de um “imaginário de verdade” e, de outro, a dinâmica dos sistemas de pensamento. Assim, de acordo com Charaudeau (*Ibid.*, p.190), consideramos que “a verdade relaciona-se com o discurso. Não se pode dizer que ela é apenas discurso, mas não se pode representá-la senão por meio da linguagem, pois é a linguagem que ao mesmo tempo funda e configura os sistemas de valor”. Tal ponderação mostra-se muito

49 A esse respeito, Althusser (1980) elabora a noção de *Aparelhos Ideológicos de Estado*, com base na definição de *Aparelho de Estado* apresentada pela teoria marxista. De acordo com o autor, “Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1980, p.43). Nessa perspectiva, ele reconhece um conjunto de oito instituições como Aparelhos Ideológicos de Estado (o AIE religioso, o AIE escolar, o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político, o AIE sindical, o AIE da informação – do qual a imprensa faz parte – e o AIE cultural), que citamos aqui apenas com o intuito de demonstrar outras possibilidades de investigação teórica, uma vez que o conceito de ideologia não é propriamente explorado em nosso trabalho.

pertinente no que se refere ao tratamento midiático da informação e embasa uma distinção muito necessária entre valor de verdade e efeito de verdade, de que trataremos mais adiante ao falarmos do discurso das mídias.

Esses sistemas de valor que perpassam a linguagem, por sua vez, ancoram-se em sistemas de pensamento que “resultam de determinado ordenamento de saberes em sistemas de conhecimento e de crença, com o objetivo de tentar fornecer uma explicação global sobre o mundo e o ser humano” (CHARAUDEAU, 2006, p.199). Nesse sentido, enquanto os saberes de conhecimento constroem representações classificatórias da realidade circundante, buscando estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo, fundada na razão científica e não na subjetividade, os saberes de crença tratam das relações dos sujeitos com o mundo conforme juízos de valores partilhados no interior de um dado grupo, tendo, portanto, uma dimensão identitária (*Ibid.*, p.197-199). De todo modo, os saberes de conhecimento que circulam em uma sociedade estão inscritos em um quadro sócio-histórico que condiciona, em certa medida, tais saberes aos paradigmas de uma tradição científica (em detrimento de outras), de modo que julgamos necessário relativizar um pouco sua aparente objetividade, seja por essa influência no âmbito de sua produção, seja pelas possíveis influências no âmbito de sua representação, inclusive no/pelo discurso⁵⁰.

Assim, temos visto o crescimento expressivo de uma rejeição a imigrantes e refugiados tanto nos discursos de autoridade de representantes institucionais quanto nos discursos que atravessam a opinião pública no Brasil. Os efeitos dessa rejeição refletem, por sua vez, uma relação dupla de práticas sociais e cognitivas diárias que Van Dijk (2015, p.33) apresenta como fundadoras do sistema de dominação e de desigualdade social que caracteriza o racismo (e, por extensão, a xenofobia): “de um lado, por várias formas de discriminação, marginalização, exclusão e problematização; do outro, por crenças, atitudes e ideologias preconceituosas e estereotipadas”. E essa relação de poder reforça um modelo de organização social e espacial diante da chegada de novos fluxos migratórios: o isolamento de indivíduos migrantes no interior de suas próprias comunidades, ocupando lugares e funções sociais muitas vezes preteridos pela sociedade em geral, porque são tidos como “menores”. Nota-se, portanto, que os grupos hegemônicos que excluem os grupos em situação minoritária, com base em discursos carregados de preconceitos de caráter racista e xenófobo, não o fazem fundamentando-se na convivência e na interação cotidianas, mas

50 O próprio Charaudeau (2015) afirma que é difícil determinar a fronteira entre os saberes de conhecimento e os de crença. Ela pode ser tênue, variável e se deslocar. Isso significa que um enunciado como “os imigrantes são trabalhadores” depende, para sua interpretação, de entrecruzamentos dos discursos reproduzidos, em uma determinada sociedade, sobre os imigrantes e o trabalho, tendo em vista os imaginários que os embasam.

em representações e imaginários sociodiscursivos, também de cunho racista, veiculados pelas instituições, entre elas, as mídias⁵¹. Ainda segundo Van Dijk (2015, p.47):

Quando manifestados e reproduzidos em discursos das elites dominantes, que vão desde política e mídias até educação e pesquisa, esses muitos tipos de racismo afetam seriamente o bem-estar e os direitos civis dos imigrantes, das minorias e dos refugiados. Focalizando a imigração ilegal, os problemas de integração, crime, violência, terrorismo e atraso, bem como as características negativas atribuídas aos *outros* em geral, os discursos das elites são, assim, capazes de produzir, disseminar e confirmar ideologias e preconceitos generalizados que, por sua vez, originam e legitimam a discriminação diária no âmbito da imigração, no mercado de trabalho, na habitação, na política, na educação, na segurança, na cultura, entre outras esferas (grifo do original).

No cenário das migrações contemporâneas, sem uma abertura para que os próprios migrantes expressem, no espaço público e social, as representações que eles próprios formulam de si e dos outros, o olhar da sociedade como um todo tende a ser direcionado por imaginários cristalizados e compartilhados segundo a palavra de ordem da rejeição como principal movimento para a construção – e a reiteração – identitária do “outro”, do diferente. Com efeito, o silenciamento de vozes heterogêneas do/no tecido social por grupos considerados hegemônicos revela-se um mecanismo de poder a partir do qual a legitimidade da democracia pode ser questionada no âmbito das práticas sociodiscursivas.

Esse silenciamento pode ser compreendido conforme a noção de uma “política do silêncio”, na qual “o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).” (ORLANDI, 2007, p.29). Não devemos perder de vista também, dentro do quadro de reflexões teóricas propostas por Orlandi (2007, p.85), a perspectiva de que o silêncio significa em si, de modo que a “retórica da resistência” promova novas formas de significação para o silêncio em resposta ao silenciamento de certos sentidos imposto pela “retórica da opressão”. Em consonância com essa reflexão, a autora acrescenta que, “quando consideramos o discurso social como consenso posto em funcionamento em um estado da formação social, podemos ver que ele recobre apenas um dos aspectos dos processos de significação” (ORLANDI, 2007, p.110).

51 A esse respeito, é válido ressaltar que não compreendemos a atitude dos grupos que reproduzem preconceitos de cunho racista e xenófobo como uma postura meramente passiva e acrítica, fruto de uma manipulação midiática unilateral; ao contrário, assumimos com Charaudeau (2007, p.253) que, “se olharmos para o público que se informa, reconhecemos que ele é co-responsável do processo de espetacularização do mundo que as mídias nos propõem. [...] É claro que as mídias nos impõem suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornem visível aquele visível que decidiram nos exibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas.”. Em todo caso, reconhecemos que os mecanismos midiáticos de manipulação se mostram cada vez mais incidentes com a emergência de *fake news* e de perfis “robôs”, cada vez mais expressivos nas diversas modalidades de mídia que ganham espaço no cenário contemporâneo.

Nesse sentido, o silenciamento de imigrantes e refugiados consiste, principalmente, na privação de espaços de fala que garantam o protagonismo desses sujeitos, bem como uma abordagem heterogênea/polifônica dos imaginários que embasam as representações sociodiscursivas que eles têm de si e da sociedade que os acolhe. Desse modo, ao se inibir a (auto)identificação de certos sujeitos – em sua dimensão individual e coletiva – na comunidade/sociedade em que se inserem, pela seleção de representações sociodiscursivas que circulam hegemonicamente nesses espaços, também se dificulta sua integração como membro dessa comunidade/sociedade, o que sinaliza, por fim, uma fragilidade nas estruturas democráticas dessa comunidade/sociedade.

2.2. As representações sociais e os imaginários sociodiscursivos subjacentes aos discursos das mídias e da opinião pública

Ao voltarmos nosso olhar para as representações sociodiscursivas que circulam nas mídias ditas referenciais, partimos do pressuposto de que elas se configuram como “elites simbólicas”, ao dominarem espaços de fala institucionalizados e mobilizarem, por seu poder de influência, discursos hegemônicos acerca das migrações contemporâneas e do *status* social de imigrantes e refugiados. Isso se explica tanto pelas estratégias enunciativas a que a imprensa de referência recorre ao veicular informações quanto pelo fato de ela ocupar uma posição privilegiada na sociedade neoliberal, a partir do monopólio dos meios de informação por algumas empresas, o que revela uma relação desigual de forças frente a setores midiáticos menos sobressalentes economicamente (as ditas mídias alternativas). Com efeito, como nos lembra Emediato (2013, p.70), devemos considerar

[...] um fenômeno importante que se situa na emergência de um conceito dentro do domínio jornalístico: o de imprensa de referência. Esse conceito de imprensa evoluiu nas últimas décadas com o alargamento dos fenômenos de audiência e de difusão, que vai de par com o crescimento espetacular das corporações midiáticas que disputam uma área de difusão heterogênea demais para permitir, justamente, tratamentos homogêneos e direcionados da notícia. Diante da zona de concorrência acirrada pela expansão e captação das audiências, do leitorado, a tendenciosidade explícita que permitia ao jornalismo se mostrar e reivindicar uma identidade, cede lugar a uma planificação sobre a heterogeneidade de opiniões, de vozes, de um lado, e uma estratégia de apagamento enunciativo da voz do jornal, de outro, que passa a caracterizar o jornalismo de referência. Portanto, o que caracteriza a imprensa de referência atual não é, de fato, a ausência ou a presença de opinião, mas a forma como é realizada a gestão das vozes e dos pontos de vista na perspectivização dos fatos, ou seja, para adotar uma expressão utilizada por Alain Rabatel, [...] como é realizada a “gestão do dialogismo interno” no tratamento da informação jornalística.

Tal reflexão sobre o estatuto da imprensa de referência, ao considerar sua dimensão sócio-histórica, parece-nos muito relevante para situar a representatividade desse modelo de mídia

na esfera social e, mais que isso, para ressignificar o imaginário de *imprensa de referência* fortemente disseminado no senso comum, isto é, o de uma imprensa neutra e objetiva, comprometida com o propósito informativo. Ao focalizar as estratégias discursivas que promovem a perspectivização dos fatos, a partir de uma “gestão do dialogismo interno”, Emediato (2013), dialogando com Rabatel (2013), retoma a noção bakhtiniana que contribui, a nosso ver, para identificar o discurso midiático no bojo de um interdiscurso, atravessado por saberes oriundos dos diferentes sistemas de pensamento. Logo,

Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão interna bem perceptível. A resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição. As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 1992, p.317).

Transpondo essa noção para o âmbito do discurso midiático, assumimos com Charaudeau (2007, p.44) que, embora os saberes de conhecimento, tradicionalmente associados à mídia dita referencial, beneficiem-se, por oposição às crenças, “de um preconceito favorável de ‘objetividade’ e de ‘realismo’, o que constitui uma espécie de garantia quanto à estabilidade da visão estruturada do mundo”, é importante ressaltar que “eles passam pelo filtro da experiência social, cultural, civilizacional, o que os relativiza”. Nessa perspectiva, o autor destaca que, para além da maneira como se orienta o olhar dos sujeitos, a estruturação do saber (em categorias de conhecimento e/ou de crença) ocorre segundo a escolha da atividade discursiva que eles mobilizam para dar conta do mundo – enquanto os saberes de conhecimento pretendem uma inteligibilidade do mundo, os de crença se voltam para a tentativa “de *avaliação* quanto à sua legitimidade, e de *apreciação* quanto ao seu efeito sobre o homem e suas regras de vida.” (*Ibid.*, p.45; grifos do original). Inscritas na enunciação informativa, as crenças atuam “como interpelação do outro, pois o obriga[m] a tomar posição com relação à avaliação que lhe é proposta, colocando-o em posição reativa” (*Ibid.*, p.46). Esse processo se dá de forma implícita pela veiculação de imaginários sociais, que surgem em resposta a algo já-dito e compartilhado na memória coletiva, configurando um processo de dialogismo interno e suscitando uma nova resposta por parte do coenunciador. Assim,

As crenças dão conta do mundo quanto à maneira de proceder à regulação das práticas sociais, ao se criarem *normas efetivas* de comportamento, e também quanto aos discursos de representação produzidos no âmbito do grupo social, para avaliar esses comportamentos, criando-se, assim, *normas ideais*. Estas apontam não apenas para os imaginários de referência dos comportamentos (o que se deveria fazer ou não fazer), mas também para os imaginários de justificativa desses comportamentos (se é do bem ou do mal). (CHARAUDEAU, 2007, p.46).

Nesse sentido, materializado no discurso midiático, o conjunto de normas efetivas e ideais que regulam as práticas sociais aparecem nos enunciados sob a forma de imaginários sociodiscursivos, desvelados em uma série de mecanismos linguísticos e enunciativos, a exemplo das marcas de heterogeneidade e dos indutores normativos, que serão abordados na última seção deste capítulo. Por ora, cabe a nós discorrer sobre os efeitos de sentido que a mobilização desses imaginários pode gerar. A esse respeito, Charaudeau (2007, p.47-48) sinaliza, por exemplo, “os efeitos interpretativos produzidos por algumas manchetes de jornais (ou mesmo sobre determinada maneira de comentar a atualidade) quando estas [...] põem em cena saberes de crença que apelam para a reação avaliativa do leitor”. De fato, como aponta Emediato (2013, p.71-72), ao se situarem em relação aos textos e, simultaneamente, reivindicarem certa autonomia, “pois se apresentam ao leitor como uma representação fiel, sintética e macroestrutural, dos fatos”, os títulos apresentam uma dupla dimensão argumentativa: “persuadir o leitor a continuar a ler o artigo; persuadir o leitor a ver os fatos e os ditos relatados de certa maneira e através de uma perspectiva, ou de um tipo de enquadramento”.

Ainda que as estratégias linguístico-enunciativas viabilizem tal processo conforme a intenção persuasiva da instância midiática, a efetividade desses efeitos interpretativos só se concretiza na medida em que a instância de recepção atribui credibilidade à primeira. Isso ocorre pelo fato de que, segundo Charaudeau (2007, p.125), há uma relação de ressonância na base do contrato de comunicação midiática, a partir da qual “cada um dos parceiros só pode sintonizar provisoriamente com o outro pelo viés de representações supostamente compartilhadas, as quais, levadas pelos discursos, circulam por entre os membros de uma determinada comunidade cultural”. Tendo por base essa relação, bem como as ideias do autor a respeito do discurso das mídias, identificamos que, por um lado, a instância midiática precisa provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos nos/pelos próprios meios discursivos empregados, sendo que “as provas da verdade, ou, melhor dizendo, da veracidade de uma informação são, igualmente, da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito” (*Ibid.*, p.55). Por outro lado, a regulação das trocas em um contrato comunicativo, analogamente ao que ocorre em um grupo social, em sentido mais amplo, pauta-se em regras de classificação dos objetos, das ações e das normas de julgamento, demandando que a instância de recepção, tal como o grupo, “aja, mas também que julgue seus próprios comportamentos, que produza discursos de avaliação e que, fazendo circular estes últimos, faça compartilhar tais representações” (*Ibid.*, p.116). Assim,

A credibilidade que o alvo pode atribuir à instância midiática baseia-se na hipótese de que esse alvo dispõe de critérios de avaliação que lhe permitem julgar e separar o que é

verdadeiro, confiável e autêntico. À instância midiática, nesse caso, resta apoiar-se em alguns imaginários que circulam na sociedade, como o do desempenho (saber ser o primeiro a transmitir a informação, ter o espírito do *furo*), o da confiabilidade (saber verificar a informação, ter o espírito dos *arquivos*), o da revelação (saber descobrir o que está oculto ou em segredo, ter o espírito da *investigação*). (CHARAUDEAU, 2007, p.81; grifos do original).

Nesse sentido, partindo do princípio de que a relação de credibilidade entre a instância midiática e a instância de recepção se ancora em imaginários compartilhados socialmente, há que se considerar o modo como eles são mobilizados nos discursos das mídias referenciais e os valores atribuídos a eles. Dessa maneira, é possível identificar em que medida esses imaginários – e suas respectivas representações – ganham o estatuto de *verdade* no espaço público e, assim, constituem elementos de identificação dentro desse espaço. Nas palavras de Charaudeau (2007, p.120), o espaço público “resulta da conjunção das práticas sociais e das representações. As práticas sociais constituem o motor das representações, e estas são a razão de ser daquelas, atribuindo-lhes valores que tendem a confirmá-las ou a modificá-las”. E é com base nessa perspectiva que julgamos fundamental distinguir, ainda à luz do autor, duas noções que perpassam o discurso midiático: *valor de verdade* e *efeito de verdade*. Enquanto a primeira “se realiza através de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica que se quer exterior ao homem (mesmo que seja ele quem a tenha construído), objetivante e objetivada”, a segunda “surge da objetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo” (*Ibid.*, p.49).

Podemos notar, portanto, uma imbricação dessas noções na medida em que se sustentam justamente na mobilização de saberes – de conhecimento e de crença – que estão na base dos sistemas de pensamento, dos quais a instância midiática se vale para orientar seu discurso. Assim, o recurso a saberes de conhecimento, tidos como *evidência*, visa à obtenção de um *valor de verdade*, uma vez que dados e pesquisas, por exemplo, são adotados como argumentos de autoridade para justificar a importância do que é dito. Isso ocorre, não raro, nas abordagens midiáticas acerca das migrações contemporâneas, que se valem de dados relativos ao aumento dos fluxos migratórios para embasar discursos sobre uma suposta crise migratória. A esse respeito, vale ressaltar, porém, que a designação “crise migratória”, embora associada a números que revelem o crescimento significativo da imigração para o Brasil nos últimos anos, parte de um construto social que evoca tanto o imaginário da crise quanto o da imigração, associando-os, de modo que sua representação discursiva provoque um *efeito de verdade* que é da ordem da *convicção*.

Feitas essas ponderações, vale ressaltar que, assim como é difícil distinguir a fronteira entre saberes de conhecimento e de crença, reconhecer saberes reificados e consensuais no discurso

mediático se mostra uma tarefa desafiadora, tendo em vista que, com o intuito de promover um efeito de verdade, muitas vezes, o que é da ordem da convicção (consensual) é apresentado sob um caráter de evidência (reificação). Como nos lembra Emediato (2013, p.71), em se tratando do discurso jornalístico, “o ponto de vista expresso ou implícito supõe sempre uma ética ou uma simbólica cultural para interpretá-lo, pois a asserção nesse domínio discursivo só tem valor em relação às implicações que ela produz no contexto social”. Em outras palavras, é na “simbólica cultural”, constituinte do sistema de significações imaginárias sociais, que se estabelecem os elementos de identificação entre instância midiática e instância de recepção e que se garante a credibilidade da informação pelo contrato de comunicação estabelecido. No entanto, como aponta Charaudeau (2007, p.72-73),

Na realidade, as coisas são mais complexas. Por um lado, porque não se trata somente de transmitir saber, mas de se confrontar com os acontecimentos que se produzem no mundo ou inteirar-se de sua existência, e de construir, a esse respeito, um certo saber – e isso, num tratamento que depende da maneira pela qual se constroem representações sobre o público; por outro lado, porque o público não coincide totalmente com tais representações, não se deixando atrair nem seduzir com facilidade, seguindo seus próprios movimentos de ideias, não sendo apreendido facilmente. Assim, a instância de produção deve ser considerada de modo diferente, ora como organizadora do conjunto do sistema de produção, num lugar externo, ora como organizadora da enunciação discursiva da informação. A instância de recepção também deve ser desdobrada: de um ponto de vista interno à instância midiática, é designada como destinatário – a “instância-alvo”; de um ponto de vista externo, como instância de recepção propriamente dita, como uma atividade própria de consumo, é designada como “instância-público”.

Tendo em vista o papel da instância de produção (ou midiática, como a designamos até aqui), interessam-nos particularmente os modos como ela organiza a enunciação discursiva da informação, a partir da mobilização não só de uma série de saberes, mas também de um conjunto de pontos de vista que ela veicula. De todo modo, concordamos com Charaudeau (2007, p.52; grifos do original) que o crédito conferido a uma informação depende “tanto da *posição social* do informador, do *papel* que ele desempenha na situação de troca, de sua *representatividade* para com o grupo de que é porta-voz, quanto do *grau de engajamento* que manifesta com relação à informação transmitida”. A partir desses critérios, podemos apontar quatro tipos diferentes de informador, segundo a sua natureza, os quais tomaremos como referência para tratar posteriormente da noção de *estatuto do enunciador* (MAINGUENEAU, 2008b), elaborada na última seção deste capítulo.

Assim, segundo Charaudeau (2007, p.52-53), o primeiro tipo é o *informador que tem notoriedade*, ou seja, é uma pessoa pública, cujas informações – de utilidade pública – atribuem-lhe autoridade e tornam-lhe digno de fé, embora possa ser associado a intenções manipuladoras. Já o segundo tipo, o *informador que é testemunha*, “desempenha o papel de ‘portador da verdade’ na

medida em que sua fala não tem outro objetivo a não ser de dizer o que viu e ouviu”, sendo muito solicitado pelas mídias e desvinculado de intenções manipuladoras. O terceiro tipo, por sua vez, corresponde a um *informador que é plural*: trata-se de uma pluralidade de informações que provêm de várias fontes e podem convergir ou divergir em seu valor de testemunho ou de opinião, desempenhando um papel de reforço no primeiro caso e demandando ao sujeito que se informa, no segundo caso, a elaboração de sua própria verdade consensual. O quarto tipo, finalmente, consiste no *informador que é um organismo especializado*, o qual abrange “todos os centros institucionais encarregados de recolher e estocar informações”, cuja finalidade, em princípio, é “instaurar-se como lugar patrimonial, isto é, como lugar-espelho das produções da sociedade para a própria sociedade (museus, arquivos, serviços de referência e informações diversos)”, o que o coloca como o grupo menos suspeito de intenções manipuladoras. Dada a natureza de cada um desses informadores, poderemos identificar melhor, nas análises realizadas, a relevância de sua manifestação para a produção dos efeitos interpretativos pretendidos pela instância midiática ao elaborar seu discurso.

No que se refere à instância de recepção, o desdobramento proposto por Charaudeau (2007) contribui também para uma melhor compreensão da noção de destinatário, que nos interessa particularmente por se tratar de uma “instância-alvo”, interna à cena enunciativa. Ainda assim, não pretendemos ignorar a noção de “instância-público”, a qual nos parece útil para tratar do *estatuto do destinatário* (MAINGUENEAU, 2008b), na medida em que a instância de produção cria projeções da instância-alvo, uma espécie de enunciador prototípico, com base em determinados perfis de público que recorrem à imprensa de referência. Nesse sentido, salientamos com Charaudeau (2007, p.81-82) que “a instância midiática constrói hipóteses sobre o que é mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito alvo”, valendo-se, por exemplo, de estratégias discursivas de dramatização no tocante ao tratamento da informação. Para tanto, a instância midiática se baseia, por um lado, em hipóteses (visadas) sobre o que afetaria a instância-alvo e, por outro, na identificação das opiniões do público tendo em vista seu(s) comportamento(s) como consumidor de um produto comercial, que o autor define como sendo as próprias mídias.

Nesse duplo movimento, não há como ignorar, portanto, a inter-relação entre a *opinião* e a *apreciação*, “duas formas de ‘julgamentos reflexivos’ que correspondem, cada uma, a um tipo diferente de atividade linguageira, e procedem de dois movimentos inversos: a opinião sobre o fato como avaliação intelectual, a apreciação a partir do fato como reação afetiva” (CHARAUDEAU, 2007, p.123). No entanto, há que se considerar também que elas têm duas características em comum:

[...] uma é que o sistema de avaliação sobre o qual se baseiam não é universal – este se refere a um modelo de comportamento social pelo viés de um sistema de normas, o qual é sempre relativo a um contexto sociocultural; a outra, correlata da precedente, é que o sujeito pode ter quatro atitudes diante do modelo de comportamento: ele compartilha os traços do modelo com o grupo ao qual pertence (figura do “nós somos”); ele endossa os traços do modelo que se referiria ao universal, do qual um terceiro constitui o exemplar que vale por todos (figura de “as pessoas são”); ele reconhece mas não endossa os traços do modelo reconhecidos como característicos de um outro grupo (figura do “eles são”); enfim, ele endossa os traços do modelo de comportamento como indivíduo, reivindicando sua singularidade para com os outros (figura do “eu sou”). (CHARAUDEAU, 2007, p.123).

Nessa perspectiva, tanto as apreciações quanto as opiniões, explícitas ou desveladas nos discursos midiáticos, suscitam também na instância de recepção uma série de apreciações, que respondem positiva ou negativamente a esses discursos, e de opiniões, individuais ou coletivas, que validam ou não os efeitos interpretativos pretendidos pela instância midiática em seus discursos. Logo, esse processo também opera segundo a lógica dos imaginários sociais, e a mobilização dessas duas formas de julgamento – enquanto modalizadoras do discurso – culmina na adesão (ou na não adesão) da instância-alvo ao conjunto de representações presentes nos discursos midiáticos, tendo por base os valores identitários que os destinatários compartilham. De fato, como aponta Moscovici (2015, p.62), “a neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema [de representações], onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica”.

Paralelamente, ponderamos com Emediato (2013, p.76) que “é preciso [...] continuar a persuadir o outro daquilo de que ele já está persuadido para reforçar a *doxa*”, uma vez que, “se a persuasão age naturalmente sobre as representações do outro, ela não o faz apenas para mudá-las, pois é preciso igualmente reforçá-las visando à manutenção da coesão social em torno dos valores comunitários”. Assim, na medida em que a defesa de uma opinião tem por finalidade sua partilha com uma coletividade, isso faz com que ela “se expresse sob o modo de um enunciado ‘verdadeiro’, portador de um ponto de vista geral, de uma *doxa* anônima, de uma crença supostamente comum” (CHARAUDEAU, 2016, p.35; grifo do original). Ampliando tal reflexão para o espaço público, destacamos com Charaudeau (2007, p.123) que definir a opinião pública do ponto de vista das mídias é desafiador justamente pelo fato de ela quase sempre ser tratada “como uma entidade mais ou menos homogênea, quando resulta de um entrecruzamento entre conhecimentos e crenças de um lado, opiniões e apreciações de outro”. Em direção contrária a esse tratamento, como aponta o autor em seus estudos sobre a opinião pública,

É por meio da opinião pública que se constrói um saber coletivo de crença a respeito dos interesses da vida em sociedade e de seu ordenamento político. [...] Diante da diversidade dos grupos sociais, só pode haver opiniões diversas, mas as instâncias do mundo político e midiático dedicam-se a homogeneizá-las através de pesquisas estatísticas, de comentários,

de declarações peremptórias (“o povo está cansado dessa situação”), para melhor apropriar-se delas. (CHARAUDEAU, 2016, p.37-38).

Diante disso, reconhecemos com Ducard (2015) a necessidade de um “discurso outro”, que seja divergente dos discursos institucionalizados socialmente e que apresente não só uma dimensão coletiva, mas também uma vocação pública, tendo em vista que a opinião pública existe não apenas pelos discursos produzidos sobre ela, mas também pelos discursos que produz sobre si mesma ou sobre os outros (CHARAUDEAU, 2016, p.47). Para isso, é preciso que “a palavra coletiva circule na sociedade, que ela se confronte com outras palavras e que tome consistência, que “se essencialize” sob diferentes formas, de modo que as pessoas possam reconhecer-se nessa palavra” (CHARAUDEAU, 2016, p.47). Em consonância com tal perspectiva, também Rabatel (2013) discorre sobre os perigos de um discurso, em certa medida, único, proferido recorrentemente pela grande mídia:

Há aqui um risco de certas derivas idealistas, pois, dando ao locutor o estatuto de um diretor, distribuindo a palavra entre diferentes personagens (enunciadores), isso faz do locutor uma instância vazia [...] O risco é de alimentar as representações de “sua majestade” o “sujeito” que perduram atrás da máscara da polifonia ou da heterogeneidade. (RABATEL, 2013, p.41).

Vale ressaltar o risco de que esse discurso, amparado por uma suposta impessoalidade, ao limitar uma polifonia e uma heterogeneidade legítimas, tende a suprimir esses dois suportes fundamentais para o cumprimento da democracia. E, assim, por meio das representações (socio)discursivas, pode-se perpetuar, em consonância com o que propõem Lara e Limberti (2015), uma série de desigualdades.

2.3. Os imaginários e as (auto)representações que permeiam as narrativas de vida

Diante do que foi discutido até aqui, julgamos, no mínimo, necessária a viabilização de meios para que representantes de grupos aos quais as mídias de referência – e, paralelamente, a opinião pública, em geral – atribuem, frequentemente, o *status* de minorias sociais possam falar de si e de sua relação com a sociedade em que se encontram. E é nessa perspectiva que a realização de entrevistas com imigrantes e refugiados, bem como seu tratamento discursivo no âmbito do gênero “narrativa de vida”⁵², mostra-se uma prática coerente com nosso propósito de restituir-lhes, como

52 Embora autores como Charaudeau (2016) se perguntem se a narrativa de vida seria um gênero discursivo autônomo ou apenas (mais) uma etiqueta que recobre a posição de um sujeito-falante “abstrato” (isto é, que se encontra fora do enquadramento situacional, ao contar sua vida), não pretendemos entrar no mérito dessa discussão aqui, pois ela transcende nossos objetivos.

um direito, o seu lugar de fala⁵³. Para tanto, partimos da concepção de narrativa de vida apresentada por Machado (2011), que a identifica como um gênero no qual um sujeito relata a outro, por livre e espontânea vontade, sua vida e suas relações com a sociedade e com o mundo que o rodeiam. Tal gênero coloca em cena ainda “um novo sujeito, que funciona como uma terceira personagem ou como um ‘mediador’ entre o que é dito ou narrado e o que será escrito” (MACHADO, 2011, p.60), papel que aqui assumimos como analistas do discurso.

Segundo Machado (2016, p.84), a terminologia *narrativa de vida* procede de uma tradução, feita pela própria autora, da expressão francesa *récit de vie*, empregada em um livro homônimo lançado pelo sociólogo francês Daniel Bertaux em 1997. Na segunda edição de seu livro, Bertaux (2006) sinaliza que tal expressão foi introduzida por ele, na França, em 1976, destacando que “até então, o termo consagrado nas ciências sociais era o de ‘história de vida’, tradução literal do [inglês] americano *life story*; mas esse termo apresentava o inconveniente de não distinguir entre a *história* vivida por uma pessoa e a narrativa que ela podia fazer dessa história”⁵⁴ (BERTAUX, 2006, p.11, grifos do original). Assim, segundo o autor,

A concepção que nós propomos consiste em considerar que há *uma* narrativa de vida desde que um sujeito conte a uma outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida. O verbo “contar” (fazer a narrativa de) é aqui essencial: ele significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma *narrativa*.⁵⁵ (BERTAUX, 2006, p.36; grifos do original).

Nesse sentido, ao tratarmos de narrativas de vida enquanto gênero discursivo, julgamos necessário definir, de antemão, o quadro teórico e epistemológico em que essa noção se inscreve. Desse modo, sinalizamos primeiramente que o estudo das narrativas de vida que pretendemos empreender aqui se enquadra em uma “concepção minimalista”, proposta por Bertaux (2006, p.37). Tal concepção, conforme o sociólogo, libera o pesquisador de obter uma “concepção completa”, o que, para Machado (2016, p.85), “só teria razão de ser se tomássemos como objeto de estudo documentos estritamente genealógicos, tais como: biografias, autobiografias e memórias”. Logo, ao apreendermos, pelos depoimentos de imigrantes e refugiados, as narrativas de trechos de seu passado e de sua vida referentes à sua história como migrantes, voltamos nosso olhar para uma esfera de situações circunscritas no tempo e no espaço, sem desconsiderar, é claro, outras

53 Cabe lembrar aqui o sentido atribuído à expressão por Ducard (2015, p 111), segundo o qual “dar a palavra é, então, restituir uma fala perdida ou alterada; é também traduzir e expressar, o mais próximo possível do original; é, ainda, devolvê-la a seu dono, como uma dívida...”.

54 Tradução livre de: « Jusque-là le terme consacré en sciences sociales était celui d’‘histoire de vie’, traduction littérale de l’américain *life story* ; mais ce terme présentait l’inconvénient de ne pas distinguer entre l’*histoire* vécue par une personne et le récit qu’elle pouvait en faire. ».

55 Tradução livre de: « La conception que nous proposons consiste à considérer qu’il y a *du* récit de vie dès lors qu’on sujet raconte à une autre personne, chercheur ou pas, un épisode quelconque de son expérience vécue. Le verbe ‘raconter’ (faire le récit de) est ici essentiel : il signifie que la production discursive du sujet a pris la forme *narrative* ».

lembranças que possam porventura surgir para além dessa esfera. É nesse aspecto que a concepção minimalista mostra-se também fundamental para situar o recurso aos testemunhos vividos em uma abordagem etnossociológica (BERTAUX, 2006, p.37). Isso se deve ao fato de que

[...] a perspectiva etnossociológica conduz a orientar as narrativas de vida para a forma de *práticas em situação*, sendo a ideia central a de que, através das práticas, nós podemos começar a compreender os *contextos sociais* no seio dos quais elas são inscritas e que elas contribuem para reproduzir ou transformar.⁵⁶ (BERTAUX, 2006, p.13; grifos do original).

Partindo desse pressuposto, consideramos que a identificação dos imaginários sociais que definem a identidade, individual e coletiva, dos sujeitos que (se) contam e que orientam as representações sociais que fazem de si e dos outros, inclusive da sociedade em que vivem, torna-se muito mais autêntica e legítima se imbricada nas narrativas das práticas sociais desses sujeitos, inseridas aqui no contexto das migrações contemporâneas. Nessa perspectiva, concordamos com Bertaux (2006, p.23) que a narrativa de vida detém o mérito de lidar com saberes práticos, que, ao serem narrados, passam por uma espécie de filtro (*Ibid.*, p.39), tendo em vista uma série de fatores que evidenciam a concepção minimalista, como o objetivo de pesquisa e a própria condução da conversa estabelecida no momento da entrevista. Longe de pretender direcionar as narrativas conforme uma visão pré-estabelecida do cenário das migrações contemporâneas, tomamos a narrativa de vida, na acepção de Bertaux (2006, p.38-39), como uma forma oral e mais espontânea e, sobretudo, como uma forma dialógica. Com efeito,

[...] a abordagem etnossociológica consiste em investigar sobre um fragmento de realidade social-histórica do qual não sabemos grande coisa a priori. O que o pesquisador crê saber a princípio revela-se, mais frequentemente, como surgindo da ordem dos estereótipos, preconceitos e outras representações coletivas carregadas de julgamentos morais circulando no senso comum; e é precisamente uma das virtudes desse tipo de enquete identificar e depois trazer, no espaço público, elementos de conhecimento objetivo e crítico fundados na observação concreta.⁵⁷ (BERTAUX, 2006, p.22).

Ao tratarmos, pois, de “elementos de conhecimento objetivo e crítico”, fazemos referência, para além dos critérios e parâmetros de análise, aos objetos de estudo da investigação etnossociológica. Vale ressaltar que eles se aplicam também à nossa pesquisa no âmbito da Análise do Discurso, ainda que não façamos uso propriamente dos mesmos dispositivos de análise que são utilizados no domínio da Sociologia. Considerando, como já foi dito, o caráter interdisciplinar da

56 Tradução livre de: « [...] la perspective ethnosociologique conduit à orienter les récits de vie vers la forme de récits de *pratiques en situation*, l'idée centrale étant qu'à travers les pratiques, on peut commencer à comprendre les *contextes sociaux* au sein desquels elles se sont inscrites et qu'elles contribuent à reproduire ou à transformer. »

57 Tradução livre de: « [...] la démarche ethnosociologique consiste à enquêter sur un fragment de réalité sociale-historique dont on ne sait pas grand-chose à priori. Ce que le chercheur croit en savoir à l'avance s'avère le plus souvent relever de l'ordre des stéréotypes, préjugés et autres représentations collectives chargées de jugements moraux circulant dans le sens commun ; et c'est précisément l'une de vertus de ce type d'enquête que de dégager puis d'apporter dans l'espace public des éléments de connaissance objective et critique fondés sur l'observation concrète. ».

ADF, buscamos antes estabelecer um diálogo com a etnossociologia, a exemplo do que faz Machado (2011; 2013; 2016), o que, a nosso ver, complementa e enriquece a abordagem das narrativas de vida. Assim, destacamos com Bertaux (2006, p.19-22) três objetos possíveis: os mundos sociais, que se constroem em torno de um tipo de atividade específica; as categorias de situação, que, na perspectiva da administração e/ou do senso comum, constituem várias categorias que apresentam características específicas; e as trajetórias sociais, cujo estudo deve se ater a uma certa limitação, sob o risco de abranger narrativas muito variadas e pouco analisáveis.

Uma vez que o nosso estudo se volta para as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no cenário das migrações contemporâneas, lidamos com uma diversidade considerável de trajetórias individuais e coletivas. Diante de tal diversidade, que demanda uma certa limitação, para efeitos de registro e análise⁵⁸, e que abrange sujeitos inseridos em diversos perfis de atividades (mundos sociais), reconhecemos como elemento comum a esse grupo a mesma categoria de situação, entendida, num sentido mais amplo, como a condição migratória que experimentam. Vale ressaltar que “essa situação é social na medida em que ela engendra coerções e lógicas de ação que apresentam pontos comuns, ou é percebida através de esquemas coletivos, ou é eventualmente tratada por uma mesma instituição”⁵⁹ (BERTAUX, 2006, p.21). Nessa perspectiva, “a recorrência às narrativas de vida [...] permite apreender por quais mecanismos e processos os sujeitos chegaram a se encontrar em uma dada situação, e como eles se esforçam para gerir essa situação e até mesmo para sair dela”⁶⁰ (*Ibid.*, p.21). Por outro lado, o autor destaca que a linha de uma vida

[...] não é assimilável a uma reta ou a uma curva harmoniosa, como parece indicar o termo frequentemente utilizado de “trajetória”. A maior parte das existências são, ao contrário, dispersadas conforme forças coletivas que reorientam seus percursos de modo imprevisto e geralmente incontrolável. Uma guerra, uma revolução, um golpe de Estado, uma crise econômica grave, uma epidemia tocam simultaneamente e desviam o curso de milhões de existências individuais.⁶¹ (BERTAUX, 2006, p.38).

Nessa perspectiva, tendo em vista o amplo espectro de motivações que podem impulsionar diversos sujeitos a migrarem, bem como os diversos impactos físicos, materiais,

58 Lembramos também que o fato de este trabalho ser de natureza qualitativa implica que o número de depoimentos seja reduzido para que possamos nos debruçar sobre as nuances dos textos como suportes materiais dos discursos.

59 Tradução de: « Cette situation est sociale dans la mesure où elle engendre des contraintes et des logiques d'action qui présentent bien des points communs, où elle est perçue à travers des schèmes collectifs, où elle est éventuellement traitée par une même institution. ».

60 Tradução livre de: « Le recours aux récits de vie [...] permet de saisir par quels mécanismes et processus des sujets en sont venus à se retrouver dans une situation donnée, et comment ils s'efforcent de gérer cette situation, voire d'en sortir. ».

61 Tradução livre de: « [Cette ligne] n'est pas assimilable à une droite ou à une courbe harmonieuse, comme semble l'indiquer le terme souvent utilisé de « trajectoire ». La plupart des existences sont au contraire ballottées au gré de forces collectives qui réorientent leurs parcours de façon imprévue et généralement incontrôlable. Une guerre, une révolution, un coup d'État, une crise économique grave, une épidémie touchent simultanément et dévient le cours de millions d'existences individuelles. ».

psicológicos, morais e, até mesmo, simbólicos, que a experiência da migração pode gerar, podemos supor que os imaginários compartilhados no interior de cada grupo social e as representações que os sujeitos fazem de si e de sua história em suas narrativas de vida são também diversos. Com isso,

Uma pressão se exerce sobre cada membro de um pequeno grupo humano para que ele/ela adeque suas condutas às expectativas partilhadas pelos outros membros. Nós não saberíamos então compreender nem as ações de um sujeito nem a “produção” mesma dos sujeitos se ignorássemos tudo dos grupos dos quais ele/ela fez parte em tal ou tal momento de sua existência. O próprio projeto de vida, inserido em um certo momento da existência, não é elaborado *in abstracto* no seio de uma consciência isolada, mas foi falado, dialogado, construído, influenciado, negociado no curso da vida em grupo.⁶² (BERTAUX, 2006, p.42; grifo do original).

No entanto, não pretendemos ignorar a dimensão subjetiva que orienta não apenas as narrativas em si, mas também o conjunto de saberes práticos que os sujeitos que narram detêm ao longo de (e também devido à) sua própria história. Nesse sentido, compreendemos a subjetividade como “a capacidade do locutor de se colocar como sujeito”, isto é, “como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência” (BENVENISTE, 1988, p.284-285). A esse respeito, Bertaux (2006, p. 40; grifos do original) destaca que

[...] entre uma situação social ou um evento e o modo como eles são “vividos” no momento pelo sujeito se interpõem seus *esquemas de percepção e de avaliação*. Entre a memorização das situações, eventos e ações e sua evocação posterior se interpõe a mediação das *significações* que o sujeito lhes atribui retrospectivamente através da *totalização* mais ou menos reflexiva que ele fez de suas experiências.⁶³

Logo, na medida em que as narrativas de vida estão sujeitas aos esquemas de percepção e de avaliação dos sujeitos que (se) contam, podemos identificar os sistemas de significações e de valores que estão na base das representações sociodiscursivas como elementos operantes na construção desses relatos. Nas palavras de Machado (2016, p.80, grifo do original), “a narrativa surge pois de um equilíbrio feito pelo *sujeito-narrador* entre seu testemunho do factual incrementado por fatores ficcionais. Estes últimos tentam preencher as lacunas da própria fala ou da escrita”. Esse fenômeno, que leva a múltiplas percepções de uma mesma realidade, mostra-se essencial. Isso porque a percepção que um indivíduo elabora de uma determinada situação é, para

62 Tradução livre de: «Une pression s'exerce sur chaque membre d'un petit groupe humain pour qu'il/elle conforme ses conduites aux attentes partagées par les autres membres. On ne saurait donc comprendre ni les actions d'un sujet ni la « production » même des sujets si l'on ignore tout des groupes dont il/elle a fait partie à tel ou tel moment de son existence. Le projet de vie lui-même, saisi à un certain moment de l'existence, ne s'est pas élaboré *in abstracto* au sein d'une conscience isolée, mais a été parlé, dialogué, construit, influencé, négocié au cours de la vie en groupe.».

63 Tradução livre de : «[...] entre une situation sociale ou un événement et la façon dont ils sont « vécus » sur le moment par le sujet s'interposent ses *schèmes de perception et d'évaluation*. Entre la mémorisation des situations, événements et actions et leur évocation ultérieure s'interpose la médiation des *significations* que le sujet leur attribue rétrospectivement à travers la *totalisation* plus ou moins réflexive qu'il a fait de ses expériences.».

ele, a própria realidade dessa situação (BERTAUX, 2006, p.28). Disso resulta um grande distanciamento entre as narrativas feitas sobre o outro e as narrativas de si, a exemplo das representações de imigrantes e refugiados veiculadas pelas mídias e as que eles próprios fazem de si.

Tendo em vista essas considerações, assumimos com Machado (2016) que os sujeitos narradores coordenam, em seu próprio “fazer narrativo”, uma tripla dimensão que remete, por um lado, à sua própria subjetividade e, por outro, à sua coletividade, inscrevendo-os em sua rede de relações sociais dentro de uma perspectiva espaço-temporal. Assim,

[...] o sujeito ou “eu” narrador deixa pistas de seus sentimentos, de sua ideologia política e de vida em seus textos [...]. Tais pistas nos remetem ao autor, à sua singularidade e estilo. Ao mesmo tempo, para conseguir seus objetivos, este sujeito ordena suas palavras, segue uma retórica emocional. E, finalmente, ele reorganiza no tempo presente de sua escrita as memórias buscadas no passado. Enfim, ele as vê do ponto de vista do seu social, mas, ao revelá-las ao leitor ou ouvinte, ele desvela também um social de tempos já vividos, por ele recuperados. (MACHADO, 2016, p.147).

Ao lidarmos, portanto, com as dimensões que perpassam a singularidade e a retórica emocional, estamos diante de uma questão, também apontada por Machado (2016, p.114), que diz respeito à identidade de um ser-falante, “adaptável às circunstâncias em que tal ser se encontra”. Segundo a autora, “ela compreenderia, pois, os ‘papéis’ ou ‘máscaras’ que este ser usa/troca/reinventado ao longo de sua vida. Isso reforça a ideia de que a identidade é sempre algo em constante negociação ou construção”. Simultaneamente, a terceira dimensão destacada pela autora, que trata da memória, sinaliza seu aspecto social, o que nos leva a considerar, ainda à luz de Machado (2016), as ideias de Halbwachs (2006, p.61) em relação às memórias individual e coletiva, segundo as quais “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas”. É dentro desse quadro de reflexões que Machado (2016, p.116; grifo do original) destaca que

Em um determinado ponto elas [a memória individual e a memória coletiva] se imbricam. Não podemos negar, entretanto, que há *sujeitos-narradores* que, mais que outros, deixam marcas enunciativas em seus ditos ou escritos: tais marcas serão verdadeiras pistas para se chegar ao íntimo desses sujeitos, às suas convicções pessoais e mesmo às suas ideologias que não precisam ser idênticas, forçosamente, às de seu povo ou cultura.

Assim, focalizando propriamente o aspecto discursivo das narrativas de vida coletadas, sem perder de vista a relação desse gênero com outros afins, que sirvam de “espaço para a prática narrativa de alguém que-se-conta”, a exemplo das memórias e das entrevistas, assumimos com Machado (2013, p.5; grifos do original) que

[...] interessa-nos conhecer as manhas e as artimanhas da narrativa de si: sua construção, suas estratégias, a percepção (por parte do *sujeito-interpretante*) de certas influências na maneira de se expor e, dentro dessa construção, a frequente onipresença de uma fala que nos remete ao trabalho ou às funções exercidas na vida em sociedade do narrador; não são todos mas vários seres de palavra ao se narrar, *amarram* de certo modo sua vida profissional à sua vida íntima, em uma tentativa de melhor explicar seu lugar no mundo.

Para tanto, ao reunirmos conceitos e categorias provenientes tanto da Análise do Discurso de orientação francesa (ADF) quanto de disciplinas/teorias com as quais dialogam, visamos a uma análise linguístico-enunciativa por meio da aplicação de tais conceitos/categorias “em diferentes narrativas, em um trabalho de *vai-e-vem* entre hipóteses e materiais concretos, para, enfim, poder analisar aspectos psicossociais e linguageiros no âmbito desses *corpora*” (MACHADO, 2016, p.88, grifo do original). Partindo, finalmente, do pressuposto de que as narrativas de vida não são todas iguais, nem uniformes, acreditamos, contudo, que “no domínio de uma análise do discurso que leva em conta os movimentos da sociedade, há que se convir que as narrativas de vida têm em comum o fato de refletirem a sociedade onde tais histórias se passaram, ou em enfatizar, pelo menos, alguns aspectos dessa sociedade” (*Ibid.*, p.115-116).

2.4. A materialidade linguística das representações sociodiscursivas e os planos nos quais se desvelam

Com o intuito de identificar as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados nos discursos que tematizam as migrações contemporâneas, buscaremos apreender e analisar os mecanismos linguístico-enunciativos presentes nos textos que servem de suporte a esses discursos, como forma de também desvelar os imaginários sociais subjacentes à materialidade desses textos. Desse modo, poderemos investigar em que medida as estratégias discursivas empregadas no discurso midiático produzem um efeito de verdade que suscita a adesão da opinião pública, a partir da difusão de representações consensuais sob a aparência de saberes reificados. Paralelamente, poderemos nos debruçar sobre as nuances discursivas presentes nas narrativas de vida dos próprios imigrantes e refugiados, de modo a acessar os imaginários a partir dos quais eles concebem sua história de vida como migrantes e se (auto)representam.

Para tanto, a fim de conduzir nosso percurso teórico-metodológico, construiremos aqui um dispositivo “individualizado” de análise (ORLANDI, 1999) com base em um conjunto de categorias (planos) elencadas(os) por Maingueneau (2008b) no quadro da sua *Semântica Global*. Segundo o autor, “um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p.75).

Tal conjunto de planos, que não pretende ser um modelo da textualidade, nem se organizar segundo uma ordem hierárquica na qual o enunciador e o analista do discurso se pautariam, implica, pois, as seguintes categorias: *intertextualidade*, *vocabulário*, *temas*, *dêixis enunciativa*, *estatuto do enunciador e do enunciatário*, *modo de enunciação* e *modo de coesão*. Tendo em vista o *corpus* desta pesquisa, julgamos mais pertinente ater nosso olhar a apenas alguns desses planos, que consideramos mais produtivos para a análise que pretendemos desenvolver: o *estatuto do enunciador e do enunciatário*, a *dêixis enunciativa*, o *vocabulário*, os *temas* e o *modo de enunciação*, seguindo, nesse sentido, a proposta de Lara (2018, p.149):

Cabe esclarecer que [...] [não] nos comprometemos a analisar exatamente os mesmos fenômenos numa e noutra narrativa, pois isso depende das estratégias mobilizadas por cada um dos “narradores” para “textualizar” o discurso. Antes, privilegiaremos aquelas categorias que, numa primeira leitura, se mostraram mais promissoras para a análise de cada um dos depoimentos selecionados. Com isso, ressaltamos que não estamos fazendo “a” leitura, mas “uma” leitura, entre outras possíveis, ficando o objeto de análise sempre aberto para novas investigações.

A esses planos, associaremos outros conceitos/categorias que com eles dialogam, a fim de empreender a análise linguístico-enunciativa que nos propomos fazer em nível textual e discursivo. Buscaremos, assim, ampliar a noção de *dêixis enunciativa* com base na ideia de *subjetividade na linguagem*, representada pelo *aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1988 e 1989), e na *distinção entre locutor e enunciador* (DUCROT, 1987), tendo em vista a *gestão dos pontos de vista* operada por essas instâncias (RABATEL, 2013), além de abordarmos as formas, sobretudo marcadas, da *heterogeneidade enunciativa* (AUTHIER-REVUZ, 1990), entre elas, o *discurso relatado* (CHARAUDEAU, 2009). Trataremos ainda do *vocabulário* e dos *temas*, a partir dos *indutores linguístico-discursivos* apontados por Turpin (2016) e dos *temas instituídos* apresentados por Sayad (1998), e estenderemos a ideia de *modo de enunciação* às definições de *éthos* apresentadas por Maingueneau (2008a e 2016) e por Kerbrat-Orecchioni (2010).

Partindo, pois, do plano da Semântica Global referente ao *estatuto do enunciador e do destinatário*, sinalizamos com Maingueneau (2008b, p.87) que “os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Nessa perspectiva, ao tratar do discurso midiático na esfera da informação, podemos, sem grandes dificuldades, associar o estatuto do enunciador midiático aos diferentes tipos de informadores⁶⁴ que esse discurso convoca, como forma de legitimar o que é dito e de se (auto)legitimar no que é dito. Vale ponderar que o enunciador midiático não coincide

⁶⁴ Retomamos aqui a noção de tipos de informadores apresentada por Charaudeau (2007): informador que tem notoriedade, informador que é testemunha, informador que é plural e informador que é um organismo especializado.

necessariamente, como na maioria dos casos, com a(s) fonte(s) da informação, representada(s) pela(s) figura(s) do(s) informador(es), que correspondem a enunciadores secundários no discurso midiático.

Em todo caso, ao convocá-los, o enunciador midiático sugere um domínio da “verdade da informação” sem propriamente se implicar nela, o que condiz com o estatuto do enunciador no âmbito da imprensa de referência, supostamente neutro e objetivo e conivente com as expectativas de um destinatário que esse mesmo enunciador projeta. O estatuto do destinatário, por sua vez, corresponde ao perfil de um leitor típico da mídia de referência, que não apenas busca nos textos informativos os saberes de conhecimento associados aos acontecimentos do mundo, mas também adere ou não a eles, mobilizando saberes de crença compartilhados pela opinião pública. Nesse sentido, pretendemos analisar de que modo certas representações sociodiscursivas veiculadas na imprensa de referência, com seus enunciadores e destinatários típicos, influenciam o *status* atribuído aos grupos representados, no caso, aos imigrantes e refugiados.

Por outro lado, ao voltarmos nosso olhar para as narrativas de vida de representantes desses grupos, identificamos neles, de antemão, o estatuto de testemunha-experienciador, uma vez que o propósito mesmo de seus discursos é recuperar suas respectivas trajetórias de vida como migrantes à medida que (se) contam. Desse modo, o próprio “fazer narrativo” e todas as (auto)representações que cada indivíduo elabora conferem legitimidade ao discurso e atribuem ainda ao destinatário o estatuto de leitor interessado na temática das migrações contemporâneas. Ademais, considerando que o próprio discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir, também a menção, nas narrativas de vida, a outras categorias de situação em que os enunciadores se enquadram permite identificá-los segundo outros estatutos, associados ao seu lugar de fala.

Assim, consideramos fundamental contemplar também uma análise voltada para o plano da *dêixis enunciativa*, tendo em vista que “o ato de enunciação supõe a instauração de uma ‘dêixis’ espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo (MAINGUENEAU, 2008b, p.88) e que “essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, define de fato uma instância de enunciação legítima, delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação” (*Ibid.*, p.89; grifo do original). Nesse sentido, do ponto de vista discursivo, os imigrantes e refugiados falam a partir do espaço-tempo das migrações contemporâneas. Porém, considerando que, ao (se) contarem, eles mobilizam um *eu-aqui-agora* (que retoma um ele-lá-então), dirigindo-se a um outro (a um *tu/você*), não poderíamos deixar de convocar a noção de subjetividade na linguagem, a partir do *aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1989). A enunciação é, pois, descrita tanto como uma realização individual, enquanto processo de apropriação da língua pelo locutor, quanto como uma alocação, uma vez que

o locutor instaura um alocutório (ou interlocutor, ou ainda destinatário) em seu ato de enunciação. Ainda segundo Benveniste (1988, p.286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Em outras palavras:

A que, então, se refere o eu? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (BENVENISTE, 1988, p.288).

Assim, na medida em que o sujeito que diz “eu” (se) instaura (em) seu próprio discurso, ele se torna um ponto de referência em torno do qual se criam relações espaciais e temporais, orientadas por um *aqui* e um *agora* que correspondem ao próprio momento da enunciação. Paralelamente, ele instaura também um *tu* ao qual seu ato de enunciação remete, visto que, conforme Benveniste (1988, p.286), “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva na pessoa, pois implica em reciprocidade”. Desse modo, a condição fundamental da linguagem consiste na polaridade das pessoas, o que não ocorre propriamente de forma igual e simétrica: “ego tem sempre uma posição de transcendência quanto a tu; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição ‘interior/exterior’, e ao mesmo tempo são reversíveis” (*Ibid.*, p.286).

Todas essas posições enunciativas (*eu-tu-aqui-agora*), instauradas pelo aparelho formal da enunciação, materializam-se no discurso por meio de indicadores que remetem a classes gramaticais, como os pronomes e os advérbios. Além disso, é preciso ter em vista que a própria “instalação da ‘subjetividade’ na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria da pessoa” (BENVENISTE, 1988, p.290), sendo a “primeira” e a “segunda” pessoas implicadas no discurso e a “terceira” pessoa “a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa eu do locutor que, enunciando-a, a situa como ‘não-pessoa’” (*Ibid.*, p.292). Transpondo a noção de “terceira pessoa” para a instância midiática, tentaremos analisar de que forma o recurso ao apagamento enunciativo promove a ilusão de objetividade e neutralidade por parte do enunciador.

Ademais, como nos lembra Dahlet (2016, p.85-86; grifo do original), além do polo recorrente do *eu*, o enunciador pode emergir em “lugares enunciativos alternativamente integrados pelo enunciador”, tendo em vista que “o que caracteriza aqui sua subjetividade [...] é a aptidão ou a

obrigação de transitar sem parar de uma forma (im)pessoal a outra, para alcançar-se a *si mesmo como sendo um de outros*". Nesse sentido, buscaremos identificar, nas narrativas de vida, os diversos valores referenciais associados ao uso de determinados marcadores dêiticos, como a noção de identidade coletiva subjacente ao emprego de *nós* e *a gente* – enquanto noção ampliada do *eu* – e a de deslocamento promovida pela inclusão do *eu* em um *você genérico*, a partir do qual o sujeito não se (auto)representa mais como enunciador, mas como “toda uma classe de enunciadores e de eventos enunciativos” (*Ibid.*, p.86). Observaremos, com isso, que “mesmo que tal apagamento corresponda a uma estratégia de argumentação, ao fazer aparecer a autonarrativa como um discurso fora de si, ele não deixa de demonstrar a fragilidade da inscrição de um excluído no humano” (*Ibid.*, p.88).

Nessa perspectiva, assumimos com Ducrot (1987) e com Rabatel (2013) a importância de se diferenciar a noção de locutor da de enunciador, “na medida em que nossa abordagem interessa-se pelos textos e discursos, e pelas interações que se juntam em torno da interpretação dos pontos de vista que as estruturam” (RABATEL, 2013, p.19), especialmente ao tratarmos do discurso das mídias⁶⁵. Tendo em vista uma “concepção polifônica” que pretende “mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes”, Ducrot (1987, p.172-173) parte do princípio de que “interpretar uma produção linguística consiste, entre outras coisas, em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido, que é um conjunto de indicações sobre a enunciação”. Assim, por mais que, empiricamente, a enunciação seja a ação de um único sujeito falante, reconhecemos que “a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas” (DUCROT, 1987, p.187), o que requer uma definição mais clara da própria noção de locutor, por meio da distinção entre duas instâncias – o “locutor enquanto tal” (L) e o “locutor enquanto ser do mundo” (λ). Nas palavras do autor,

L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. λ é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado – o que não impede que L e λ sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado.... (DUCROT, 1987, p.188).

Outro reconhecimento importante é o de que “o sentido do enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são a de um locutor”, mas sim de enunciadores, cujos pontos de vista, posições e/ou atitudes emergem da enunciação, sem que lhes sejam atribuídas (aos enunciadores) palavras precisas” (DUCROT, 1987, p.192). Nesse sentido,

⁶⁵ Tendo em vista o propósito deste trabalho, que não se volta propriamente para um estudo aprofundado no âmbito da enunciação, mas reconhece as contribuições das teorias enunciativas para uma melhor compreensão das representações sociodiscursivas veiculadas no/pelo discurso, limitaremos nossa abordagem da relação entre locutor e enunciador a algumas reflexões apresentadas por Ducrot (1987) e, sobretudo, por Rabatel (2013), que nos interessa particularmente por tratar da gestão dos pontos de vista no discurso midiático.

sustentamos com o autor que o locutor é, de forma mais ampla, o sujeito (discursivo) responsável pelo enunciado, sendo que, por meio do próprio enunciado, ele “dá existência a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (*Ibid.*, p.193). Cabe ressaltar ainda que a(s) própria(s) posição(ões) do locutor pode(m) se manifestar no/pelo discurso, “seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante (o enunciador é então atualizado), seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer, e que sua aparição mantém-se significativa, mesmo que ele não se assimile a eles” (*Ibid.*, p.193).

Em consonância com esse pensamento, Rabatel (2013) propõe que, enquanto o(s) enunciator(es) – ou a(s) fonte(s) enunciativa(s) – está(ão) na origem das escolhas de referenciação – ou de representação – dos conteúdos, a partir de uma visada argumentativa, o locutor é a instância que os coloca em cena e gere seus pontos de vista (PDV) “para determinar quem assume o quê” (RABATEL, 2013, p.20). Desse modo, torna-se necessário compreender as relações entre esses enunciadores, subjacentes a pontos de vista – em torno de imaginários sociodiscursivos – que transparecem no discurso, de modo que a noção de enunciator seja “antes de tudo, útil para dar conta do dialogismo interno dos enunciados, quando os pontos de vista não remetem a locutores encadeados no discurso do locutor primeiro ou dos interlocutores” (*Ibid.*, p.33). Tendo em vista, pois, a concepção polifônica de Ducrot (1987) e a própria noção de dialogismo proposta por Bakhtin (1992),

A separação locutor/enunciador é fundamental: se um enunciador monológico (contanto que o enunciado não seja um artifício) comporta um locutor e um enunciador em sincretismo, ao contrário, os enunciados dialógicos, que são a norma, comportam mais enunciadores que locutores, sobretudo no caso do dialogismo interno, ou seja, no caso em que os PDV são expressos em “frases sem palavra”.... (RABATEL, 2013, p.30).

Essas noções nos parecem caras, portanto, à análise discursiva tanto das notícias quanto das narrativas de vida, uma vez que o enunciator, nessa perspectiva teórica, “comporta igualmente uma dimensão pragmática forte, na medida em que os pontos de vista, em função dos modos de apresentação dos referentes discursivos, orientam fortemente as interpretações a partir de instruções codificadas na língua” (RABATEL, 2013, p.33) – codificadas, a nosso ver, segundo o sistema de convenções que funda os imaginários e as representações sociodiscursivas. Partindo do princípio de que o ponto de vista principal corresponde à simbiose do locutor e do enunciator,

A ideia de identificar um [ponto de vista] principal é muito útil, pois ela fornece um ponto de apoio à necessária hierarquização dos enunciadores que estão em cena. [...] Ele se define pelo fato de que [...] corresponde ao PDV do locutor enquanto tal e do locutor ser do mundo, e além dele, ao sujeito falante. Em outros termos, é em relação a esse principal que o locutor engaja seu PDV, e é em relação a esse PDV que poderíamos exigir explicações. (RABATEL, 2013, p.42).

No caso do discurso das mídias, é possível observar que o recurso ao apagamento enunciativo “convém particularmente bem à exposição dos julgamentos de autoridade, da doxa, que se dão a aparência de enunciados objetivantes para evitar que o seu conteúdo seja contestado por seus destinatários” (RABATEL, 2013, p.42). Logo, buscaremos analisar em que medida o locutor/enunciador midiático, apagado no enunciado, orienta os efeitos interpretativos visados e/ou efetivados em seu discurso. Em todo caso, essa dinâmica projeta marcas no discurso, o que remete à noção de heterogeneidade enunciativa. Segundo Authier-Revuz (1990), há dois tipos de heterogeneidade enunciativa: a constitutiva, que está na base mesma do discurso, e a mostrada, que pode ser marcada ou não marcada. Assim,

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32),

No que diz respeito aos processos de representação, os quais nos permitem acessar os imaginários sociodiscursivos subjacentes à constituição dos discursos, as formas da heterogeneidade mostrada não só promovem a alteração da unicidade aparente da cadeia discursiva, mas inscrevem o outro no próprio discurso, “segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29). Com isso, pelas formas da heterogeneidade mostrada, é operada uma dupla designação, de um fragmento outro e da alteridade a que remete, constituindo, por diferença, uma dupla afirmação do um (*Ibid.*, p.31). É com base nessas ideias que poderemos investigar, tanto nas notícias quanto nas narrativas de vida, de que modo as estratégias enunciativas empregadas apontam para a (re)afirmação da identidade, individual ou coletiva, que orienta, no discurso, as representações de si e do outro. Essas estratégias se materializam, por sua vez, nos indicadores da heterogeneidade marcada – “uma outra língua, um outro registro discursivo, um outro discurso, uma outra modalidade de consideração de sentido, uma outra palavra, um outro (o interlocutor)” (*Ibid.*, p.30-31) – e da heterogeneidade não marcada – discurso indireto livre, metáforas e jogos de palavras (*Ibid.*, p.34), além de outras explorações do vocabulário.

Nesse quadro, o emprego do discurso relatado, estratégia discursiva privilegiada em boa parte das notícias e das narrativas de vida que constituem o *corpus* desta pesquisa, evoca uma alteridade que remete à heterogeneidade mostrada marcada. Com efeito, ao tratar dos modos de organização do discurso – *enunciativo*, *descritivo*, *narrativo* e *argumentativo* – Charaudeau (2009) insere o discurso relatado no modo enunciativo, que corresponde, segundo ele, a “uma *categoria de discurso* que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na *encenação* do ato de

comunicação” (CHARAUDEAU, 2009, p.81). Nessa perspectiva, o autor sinaliza a existência de quatro tipos de discurso relatado, conforme as “maneiras de relatar”: a) *citado*, mais ou menos integralmente, “numa construção que o reproduz tal como foi enunciado, de maneira autônoma em relação ao *dizer enunciativo* que ele retoma” (*Ibid.*, p.104); b) *integrado*, em que “o discurso de origem é retomado numa construção que o *integra parcialmente* ao dizer daquele que o relata, o que provoca a transformação do enunciado: o discurso é relatado em terceira pessoa” (*Ibid.*, p.104); c) *narrativizado*, a partir do qual “o discurso de origem é relatado de tal maneira que se *integra totalmente*, ou mesmo desaparece, no dizer daquele que relata” (*Ibid.*, p.105); d) *evocado* (alusão), no qual “o discurso de origem aparece apenas como um *dado evocador* do que o Locutor de origem disse, ou tem o hábito de dizer” (*Ibid.*, p.105).

Diante disso, reconhecemos com Authier-Revuz (1990, p.31-32) que “as distinções operadas pelas formas marcadas de heterogeneidade mostrada revelam de uma relação de um ao outro, inscrita no comparável, no comensurável, na pluralidade”. No caso dos discursos narrativizados e evocados – normalmente designados sob a terminologia “discurso indireto livre” – e de outros recursos linguístico-enunciativos que remetem à heterogeneidade não marcada, a referência implícita ao outro constitui, nas palavras da autora, uma “outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva” (*Ibid.*, p.34), diferente da relação estabelecida entre heterogeneidade marcada e constitutiva, que se pauta na (auto)afirmação do sujeito em seu discurso ao apontar para a sua exterioridade. Tendo isso em vista, compreendemos que

[...] essa representação da enunciação é igualmente ‘constitutiva’, em um outro sentido: além do ‘eu’ que se coloca como sujeito de seu discurso, ‘por esse ato individual de apropriação que introduz aquele que fala em sua fala’, as formas marcadas da heterogeneidade marcada reforçam, confirmam, asseguram esse ‘eu’ por uma especificação de identidade, dando corpo ao discurso – pela forma, pelo contorno, pelas bordas, pelos limites que elas traçam – e dando forma ao sujeito enunciativo – pela posição e atividade metalinguística que encenam.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.33).

Nessa perspectiva, Turpin (2016, p.120-121; grifo do original) destaca que “o ‘eu’ se diz em referência ao ‘ele’ do discurso social, esse ‘ele’ sendo, em um contexto democrático, uma pluralidade de vozes que se cristalizam em normas quando emergem e se consolidam as hegemonias. A norma pode ser a língua comum, mas também o *lugar comum*”. Assim, reconhecemos com a autora que o sistema de representações sociais é constituído de múltiplas normas sociais interiorizadas, que, a nosso ver, fundamentam-se nos próprios imaginários sociais. Transpondo essa ideia para o âmbito discursivo/enunciativo, podemos identificar essas normas na materialidade do texto, por meio de “termos indutores, seja de maneira explícita a partir de um léxico particular, seja de maneira mais difusa no nível da própria retoricidade do discurso e do valor que aí adquirem as palavras da língua” (*Ibid.*, p.121).

Partindo desse pressuposto, abordaremos o plano discursivo do *vocabulário*, tendo em vista os *indutores jurídicos e avaliativos* e os *indutores retóricos* apresentados por Turpin (2016). Os primeiros, “que remetem às leis de uma sociedade, isto é, às suas normas jurídicas” (*Ibid.*, p.121), serão designados, por vezes, de forma mais ampla como *indutores de normas sociais*, uma vez que, na perspectiva dos imaginários sociais, nem sempre determinam normas jurídicas, mas traduzem “normas morais, normas comportamentais, e até mesmo normas étnicas, postas ou, na maioria das vezes, pressupostas a partir da enunciação de seus contrários”, representadas por “nomes ou sintagmas nominais, adjetivos ou advérbios desvalorizantes ou com valor de diferenciação” (*Ibid.*, p.122). No caso dos segundos, “que remetem à norma de maneira implícita” (*Ibid.*, p.122), trataremos tanto dos indutores elencados pela autora – a negação, o amálgama, a metáfora e a oposição – quanto dos atos de nomeação empregados para tratar de imigrantes e refugiados, do fenômeno das migrações e de outras representações que julgarmos relevantes em cada texto. Em todo caso, interessa-nos compreender em que medida esses indutores “remetem a micronarrativas que criam ou fabricam as representações” (*Ibid.*, p.25).

Assim, buscaremos demonstrar, à luz de Turpin (2016), como a *negação*, presente lexical e sintaticamente nos enunciados, pode adquirir diferentes valores no discurso – ora como indicadora de uma “norma na negativa”, por associações induzidas entre indutores jurídicos e termos de valor negativo, ora como operadora de um contradiscurso, a partir da negação de certos imaginários e representações evocados no discurso. Também levaremos em consideração os indutores retóricos de *amálgama*, tendo em vista que a aproximação entre dois termos semanticamente disjuntos consolida certos modelos de representação fundados (sobredeterminados) justamente nos imaginários acerca da imigração e do refúgio, por exemplo. A esse grupo de indutores, associaremos ainda a *metáfora*⁶⁶, considerada pela autora um amálgama implícito, de modo a contribuir para influenciar as formas de pensar e, muitas vezes, reforçar os estereótipos. Finalmente, enfatizaremos os indutores de *oposição*, na medida em que imigrantes e refugiados são frequentemente representados, nos discursos institucionalizados, sob o *status* de um “outro-estranho-estrangeiro”, por meio de mecanismos linguístico-enunciativos empregados para (re)afirmar a identidade coletiva, fundamentada no imaginário de nação, que exclui esses grupos minoritarizados. Como aponta Guadanini (2013, p.148), “o estigma criado por uma designação pode ser catastrófico para o sujeito-alvo, pois também se categorizam indivíduos, realçando-lhes a diferença em relação aos outros ou a ele próprio, dependendo do caso”.

66 Reconhecemos que a *metáfora*, enquanto processo de natureza sociocognitiva, apresenta um nível de complexidade e possibilita análises bem mais aprofundadas do que os que enfocamos aqui para lidar com esse fenômeno no quadro das representações sociodiscursivas. Nesse sentido, o tratamento da *metáfora* como indutor retórico (TURPIN, 2016) atende a um propósito analítico limitado ao formato de nosso dispositivo de análise e poderia (poderá) ser ampliado em futuros trabalhos no âmbito da Linguística Cognitiva.

Nesse sentido, atribuímos uma grande importância aos atos de nomeação por considerarmos que “a designação, além de favorecer a formação de opinião [...] também (re)cria identidades” (GUADANINI, 2013, p.148). A consolidação de tais identidades, por sua vez, envolve tanto os processos de categorização quanto a sua validação no âmbito da coletividade em que se insere, sendo, portanto, da ordem do consensual. Logo, essa validação pressupõe “o que de positivo ou de negativo – não só em termos de valores e de posicionamento, mas também de julgamento – é tornado visível na encenação discursiva”, estando relacionada “à imagem do ser designado, mas, principalmente, ao que o nome manifesta em termos de conformidade com o modelo público de realidade” (*Ibid.*, p.141). Desse modo, as escolhas designativas nos discursos midiáticos sinalizam um viés subjetivo, contrário à ilusão de objetividade e de neutralidade que a sua cena enunciativa sugere, uma vez que, “ao fazer opção pela designação, o sujeito designador midiático propõe um projeto de leitura que viabiliza expor sua opinião, diríamos, sub-repticiamente” (*Ibid.*, p.148).

Como aponta Turpin (2016, p.127), “o discurso de estigmatização se forma, assim, tanto temática quanto formalmente, suscitado por esses indutores normativos que saturam sua superfície”, de forma que

[...] o que a sociedade espera de um indivíduo é um comportamento compatível com a imagem dele construída e, se isso não acontece, cria-se até mesmo uma reação de confronto advinda pela tomada de consciência das exigências ou demandas feitas em relação ao outro e que, até o momento, não se tinha conhecimento delas. (GUADANINI, 2013, p.146).

Assim, ao abordar o *vocabulário*, pretendemos contemplar suas explorações semânticas nos diferentes textos do *corpus*, procurando verificar em que medida os atos de nomeação empregados para representar imigrantes e refugiados correspondem, de fato, ao seu estatuto jurídico e de que maneira consolidam – ou desconstruem – determinados imaginários sociais em torno desses sujeitos e de sua própria condição migratória. Para tanto, buscaremos alcançar essas explorações semânticas relacionando-as com os *temas* que atravessam os discursos analisados, tendo em vista que “praticamente nenhum desses temas é realmente original, dado que ele se reencontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários” (MAINGUENEAU, 2008b, p.81-82). Partindo, pois, da noção abrangente de tema como “aquilo de que um discurso trata” (*Ibid.*, p.81), voltaremos nosso olhar para o tratamento semântico dado aos temas que compõem fundamentalmente esses discursos, segundo o sistema de restrições que se impõe a eles. Em outras palavras, esse sistema de restrições, determinado pelo campo discursivo do qual os discursos analisados fazem parte, atribui diferentes estatutos aos temas que emergem desses discursos, de modo que, no espaço discursivo,

(1) Um discurso dado *integra semanticamente todos os seus temas*; ou seja, eles estão todos de acordo com seu sistema de restrições.

(2) Esses temas se dividem em dois subconjuntos: os *temas impostos* e os *temas específicos*.

(2') Esses próprios temas impostos se dividem em *temas compatíveis* e em *temas incompatíveis*. Os primeiros convergem semanticamente com o sistema de restrições; os segundos, não, mas mesmo assim estão integrados em virtude da proposição (1).

(2'') Os temas específicos são próprios a um discurso. Sua presença se explica por sua relação semântica privilegiada com o sistema de restrições. (MAINGUENEAU, 2008b, p.83-84; grifos do original).

Tendo em vista que os textos que analisaremos integram, todos, o campo discursivo das migrações, podemos enquadrá-los em um mesmo sistema de restrições. Com isso, reconhecemos como temas impostos por esse campo discursivo os dois grandes temas destacados por Sayad (1998) ao tratar dos estudos científicos no âmbito das migrações. Segundo o pesquisador, “a primeira e maior oposição de natureza temática é precisamente aquela que separa a emigração (e a qualidade de emigrante), [...] da imigração (e a condição de imigrante)” (*Ibid.*, p.13), da qual trataremos, em nossa análise, em termos de *oposição (ou relação) emigração-emigrante / imigração-imigrante*. O outro grande tema, por sua vez, diz respeito às “condições de existência na imigração (condições de vida e condições de trabalho principalmente), ou seja, *grosso modo*, o estudo dos diferentes problemas sociais que foram constituídos como ‘os problemas da imigração’” (*Ibid.*, p.14; grifo do original). Buscaremos, para esse segundo tema, não apenas descrever o que é tematizado como “problemas da imigração”, mas problematizar, à luz de Sayad (1998), a relação que se estabelece entre as *condições de existência na imigração* e o imaginário de problema. Também os temas específicos que identificaremos serão analisados em relação a esses temas impostos, visto que muitos deles estão subjacentes aos grandes temas.

Finalmente, com base na maneira como todos esses planos discursivos são operados em cada discurso, analisaremos seu modo de enunciação, o qual instaura uma “maneira de dizer” que remete a uma “maneira de ser”. De acordo com Maingueneau (2008b, p.91), é o modo de enunciação que circunscreve as particularidades da voz que a sua semântica impõe. Em outras palavras,

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não apenas o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda a parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que presidem sua enunciação. (MAINGUENEAU, 2008b, p.93).

Nessa perspectiva, a “maneira de ser” do enunciador pode ser apreendida pelo destinatário a partir do “tom” que caracteriza sua “maneira de dizer”. Assim, segundo Maingueneau (2016, p.70), a instância subjetiva que se manifesta no discurso transcende as noções de estatuto do enunciador e “se manifesta também como ‘voz’ e, além disso, como ‘corpo enunciante’,

historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente”. Ainda de acordo com o autor,

Essa determinação da vocalidade implica uma determinação do corpo do enunciador [...]. Assim a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador. [...] O “fiador”, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. (MAINGUENEAU, 2016, p.72).

Cabe esclarecer que essa “voz”, na perspectiva da Semântica Global (MAINGUENEAU, 2008b), é assimilada ao “tom” do discurso, podendo ser apreendida por elementos como o ritmo, a entonação, a escolha das palavras, e é articulada, em trabalhos posteriores do autor (ver, por exemplo, MAINGUENEAU, 2008c; 2010), à noção aristotélica de *éthos*⁶⁷. Voltando à retórica antiga, o autor explica que por *éthe* devem-se entender as propriedades que os oradores se conferiam, de forma implícita, por meio de sua maneira de dizer, isto é, pelo modo de se expressarem. Assim, quando se trata do *éthos*, a questão não é apenas o que é dito, mas o tom utilizado para dizer o que é dito.

Além disso, assumimos com Maingueneau (2008a, p.66; grifo do autor) que “não se pode considerar o *ethos* da mesma forma em qualquer texto”. Isso se deve ao fato de que a maneira pela qual o destinatário se apropria desse *éthos*, por meio de um processo de *incorporação*, varia em função dos tipos e dos gêneros de discurso. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que, “por meio do *ethos*, o destinatário está, de fato, convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica” (MAINGUENEAU, 2008a, p.70; grifo do original). Essa *cena de enunciação*, por sua vez, é desdobrada em três cenas: a *cena englobante*, que “atribui ao discurso um estatuto pragmático”, integrando-o a um tipo, a um domínio, como o jornalístico e o narrativo; a *cena genérica*, que corresponde ao “contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso”, como a notícia e a narrativa de vida; e a *cenografia*, que “não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto”, constituindo-se como “aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala”, ou seja, como “a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação”. Logo,

A cenografia, com o *ethos* da qual ele participa, implica um processo de enlaçamento: desde sua emergência, a fala é carregada de certo *ethos*, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a

67 Utilizaremos, ao longo do texto, a grafia *éthos*, como manda o *Dicionário Houaiss*, mas manteremos a grafia *ethos* quando se tratar de citações literais em que o termo aparece sem acento.

palavra é precisamente a cena requerida para enunciar essa circunstância. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o *ethos*, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem. (MAINGUENEAU, 2008a, p.71; grifo do original).

Lembramos ainda que, se, inicialmente, para Maingueneau (1993; 2001; 2008b), a eficácia do *éthos* estava relacionada ao fato de ele envolver a enunciação, sem estar explícito no enunciado, o autor revê essa posição (ver, por exemplo, MAINGUENEAU, 2008a; 2008c; 2010), passando a admitir, ao lado de um *éthos* prévio (ou pré-discursivo), a existência de um *éthos* discursivo, dividido em *éthos* dito (nível do enunciado) e *éthos* mostrado (nível da enunciação). Tanto um quanto o outro apontam para “estereótipos ligados a mundos éticos” (MAINGUENEAU, 2008a, p.71), conforme os imaginários que fundamentam as normas sociais.

É nesse quadro, portanto, que Maingueneau (2008a, p.65; 2016, p.73; grifos do original) formula o processo de *incorporação*, que se consolida em três etapas:

- a enunciação do texto confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
- o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

É interessante observar que a dinâmica que embasa o processo de *incorporação* descrito por Maingueneau (2008a; 2016) se configura conforme os mecanismos que articulam as próprias representações sociais: à medida que o destinatário assimila o conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo, consolida-se o mecanismo de ancoragem; e à medida que se constitui um corpo, a partir das duas primeiras incorporações, tem-se o mecanismo de objetivação. Isso ilustra, no próprio “fazer enunciativo”, o fato de que o destinatário identifica o *éthos* do enunciador “apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2008a, p.65).

Tendo isso em vista, Kerbrat-Orecchioni (2010, p.118-119; grifo do original) destaca ainda que a noção de *éthos* pode caracterizar tanto “um indivíduo que vai ser levado a interagir com outros indivíduos”, o qual ela denomina *ethos-1*, quanto “uma coleção de indivíduos (uma *speech community*) que partilha as mesmas normas comunicativas. Tal comunidade se identifica [...] a uma ‘cultura’ dada” e é designada pela autora como *ethos-2*. Ao tratarmos do *ethos-2* (*ethos* “coletivo” ou “cultural”), especialmente nas narrativas de vida, buscaremos reconhecer alguns traços que apontam para a identidade coletiva dos sujeitos que (se) contam, sem, contudo, “pretender reconstituir o ethos de uma dada cultura sob a forma de um sistema global e coerente, monolítico e homogêneo”, e sim, depreender “tendências gerais e sempre relativas” (*Ibid.*, p.127). Em todo caso,

como aponta a autora, tanto o *ethos-1* quanto o *ethos-2* estão suscetíveis a problemas de generalização e de interpretação, sendo que, no caso do segundo, alguns problemas de interpretação – ou, antes, de apreciação – “baseiam-se em normas coletivas advindas de *lógicas culturais* diferentes, que o analista tem precisamente como tarefa tentar reconstituir” (*Ibid.*, p.130; grifo do original).

Portanto, considerando nosso papel na análise dos discursos e dispondo de um dispositivo teórico e metodológico fundamentado em conceitos da ADF, em sentido amplo, passaremos à análise propriamente dita das representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados nos discursos midiáticos e nas próprias narrativas de vida desses sujeitos.

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES DO OUTRO E REPRESENTAÇÕES DE SI: ENTRE O(S) DISCURSO(S) MIDIÁTICO(S) E AS NARRATIVAS DE VIDA DE IMIGRANTES E REFUGIADOS

3.1. As representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados na imprensa de referência mineira

Neste primeiro momento de análise, voltaremos nosso olhar para textos midiáticos atuais que abordem a temática das migrações contemporâneas, a fim de identificar quais representações sociodiscursivas perpassam o discurso midiático e a opinião pública, como refletores e influenciadores do senso comum (*doxa*). No que diz respeito à coleta dessa parte do *corpus*, optamos pelas versões *online* de dois veículos representativos da imprensa de referência mineira: o *Estado de Minas* e *O Tempo*. Esses dois critérios de seleção – a opção pelas versões *online* e pelos dois jornais especificamente – resultaram de uma ampla pesquisa das modalidades de mídia mais procuradas na atualidade e dos representantes da imprensa de referência mais tradicionais e mais acionados nos *rankings* nacionais.

Assim, a busca pelas versões *online* dos jornais responde a uma tendência, cada vez maior, à utilização de veículos virtuais pelo público brasileiro, visando a uma acessibilidade maior e a uma dinamicidade na obtenção de informações variadas. Conforme estatísticas do Atlas da Notícia⁶⁸, mesmo que fora dos grandes centros urbanos ainda haja uma dependência da rádio e dos jornais impressos, há um fechamento cada vez maior de veículos jornalísticos brasileiros e a existência de “desertos de notícias” no Brasil, isto é, regiões sem cobertura significativa de imprensa, o que reforça a importância do acesso à internet nessas localidades. Tal escolha se justificou (e se justifica) também pela possibilidade de um acesso mais dinâmico por nós durante o período da constituição do *corpus*, sem que houvesse, por exemplo, impedimentos físicos como para a obtenção de jornais impressos.

Em relação à seleção dos veículos mencionados, seu direcionamento ocorreu conforme nosso interesse em coletar informações provenientes de nomes representativos do jornalismo de Minas Gerais – e, mais especificamente, de Belo Horizonte e adjacências – seguindo, nesse sentido, o mesmo recorte geográfico apresentado nos objetivos. Quanto à seleção desses jornais, dentre tantos outros que circulam no meio virtual e no cenário mineiro, adotamos como parâmetros o

68 Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/estatisticas/#desertos-de-not%C3%ADcias>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

tradicionalismo, no caso do *Estado de Minas*, e a abrangência do público alcançado, no caso do jornal *O Tempo*. Segundo Santiago (2018, p.95-96; grifos do original):

O jornal mineiro *O Tempo* tem a maior circulação do Estado. Domina o mercado da Grande BH, tendo ultrapassado o tradicional jornal *Estado de Minas*, editado pelos *Diários Associados* desde 1928. Foi criado em 1996, fundado por Vittorio Medioli. [...] Com 54 colonistas, possui “uma média diária de 2,5 milhões de leitores” (Grande BH) e pouco mais de 490 mil seguidores na *fanpage* do Facebook⁶⁹. Segundo o Portal do Jornal, em relação às assinaturas digitais, *O Tempo* está em segundo lugar no estado, com mais de 102 mil assinaturas, atrás do *Super Notícia* (jornal popular do mesmo grupo, que tem 274 mil), e à frente do *Estado de Minas*, que conta com cerca de 92.000 assinantes da versão *online*.

Diante desses dados, optamos por coletar as notícias publicadas diretamente nas páginas de cada jornal no *Facebook*. Primeiramente, porque consistem em notícias veiculadas para o público em geral, ou seja, sem restrições para assinantes, uma vez que são compartilhadas das seções abertas dos jornais *online* para a plataforma *Facebook*. Por isso mesmo, o acesso aos textos pela plataforma digital nos permite transitar pelos diferentes domínios de informação (política, economia, cultura etc.) sem a necessidade de buscar as notícias em cada seção de cada jornal *online*, tendo em vista que o compartilhamento dos principais textos jornalísticos de cada seção – não apenas do gênero “notícia” – é orientado pelas projeções de interesse do público, enquanto consumidor, feitas pelas próprias mídias digitais. Além disso, pelo *Facebook*, é possível acompanhar o número atualizado de seguidores das páginas dos dois jornais, bem como o número de leitores que se manifestam, no meio virtual, em resposta a cada notícia postada, fazendo uso de ferramentas que permitem reagir, comentar e compartilhar cada *post*. Isso nos permite inferir, em uma lógica bem simplista e intuitiva, que, quanto maior a representatividade e maior o público atingido, maiores e mais diversos seriam os perfis de leitores que têm contato com as matérias publicadas por esses meios.⁷⁰ Logo, também seria maior a probabilidade de compartilharem as representações e os imaginários sociodiscursivos veiculados por eles.

Em relação à metodologia, propriamente dita, adotamos como procedimento o monitoramento dos textos jornalísticos publicados diariamente nas páginas do *Facebook* durante o recorte temporal, de janeiro a abril de 2019, estabelecido no cronograma do projeto definitivo que

69 Atualmente, a página do jornal *O Tempo* conta com 563 329 seguidores, e a do jornal *Estado de Minas*, com 217 675. Último acesso em: 8 de novembro de 2019.

70 A esse respeito, destacamos que os estudos de Recuero, Bastos e Zago (2018), considerados referências no Brasil acerca da análise de redes para mídias sociais, propõem a Análise de Redes Sociais segundo “uma abordagem de cunho estruturalista das relações entre os atores e sua função na constituição da sociedade”, a partir de “um conjunto teórico e epistemológico focado na compreensão dessas estruturas sociais e seus papéis” (RECUERO, BASTOS e ZAGO, 2018, p.39). Nessa perspectiva, “a ARS foca os estudos das conexões e dos atributos que essas conexões promovem. Um exemplo desses atributos é a capacidade que as conexões entre atores têm de servir como ‘vias’ de informação” (*Ibid.*, p.40). Assim, embora reconheçamos a relevância desses estudos para “compreender como as conexões entre os diversos atores nas redes sociais on-line podem influenciar os processos de difusão de informações” (*Ibid.*, p.40), não nos aprofundaremos nessa abordagem, contentando-nos apenas em constatá-la.

orientou este trabalho. Cabe ressaltar que não foi possível manter uma frequência diária de monitoramento, devido a outras demandas da pesquisa, mas a facilidade de retomar textos anteriores, viabilizada pelo *Facebook* por meio de um sistema de organização cronológica dos *posts*, garantiu o alcance de todos os textos – reportagens e notícias – veiculados no período em questão. Para tanto, registramos, em ordem também cronológica, todos os *links* relativos às publicações originais desses textos nos *sites* dos jornais, a partir de sua busca pelo *Facebook*, bem como todas as datas dos *posts* na plataforma digital, seguidas dos números de reações, comentários e compartilhamentos dos seguidores das páginas e, finalmente, das datas em que acessamos esses posts. A listagem desses dados foi feita separadamente para cada jornal e pode ser verificada nos anexos 1 (referente ao *Estado de Minas*) e 2 (relativo ao jornal *O Tempo*).

Partimos, então, para nossa metodologia de análise, que se organizou conforme algumas etapas. A primeira delas consistiu em uma leitura classificatória dos textos coletados segundo seis rubricas que estabelecemos para categorizá-los, independentemente da categorização dos textos em seções, feita pelas mídias digitais. Assim, dentre os 46 textos, referentes às migrações contemporâneas, coletados no *Estado de Minas*, no período de 1º de janeiro de 2019 (data da primeira publicação) a 24 de abril de 2019 (data da última publicação), apenas 2 se enquadraram na rubrica *imigração na grande BH*, 8 se classificaram como *imigração no Brasil*, 6 abordaram a *migração no mundo*, 5 trataram de *migração extraordinária ou turismo*, 22 destacaram *relações e/ou conflitos internacionais* e 3 foram categorizados na rubrica *outros*. Já no caso do jornal *O Tempo*, dos 47 textos identificados no mesmo período, apenas 3 notícias se enquadraram na rubrica *imigração na grande BH*, 7 se classificaram como *imigração no Brasil*, 6 abordaram a *migração no mundo*, 8 trataram de *migração extraordinária ou turismo*, 16 destacaram *relações e/ou conflitos internacionais* e 7 foram categorizados na rubrica *outros*.

Diante disso, vale ressaltar que o enquadramento em determinada rubrica não significa que os textos tratem das migrações exclusivamente de acordo com tal rubrica, mas que as enfoquem a partir de uma dada perspectiva, ainda que transitem pelas outras. Além disso, destacamos que o equilíbrio no número de textos jornalísticos relacionados às migrações contemporâneas, veiculados pelos dois jornais, bem como o equilíbrio na distribuição dos textos através das diferentes rubricas não eram previstos por nós no momento em que nos dispusemos a aplicar tal dispositivo metodológico. No entanto, como todo e qualquer dado em pesquisa está apto, em princípio, a ter relevância para a análise, esse equilíbrio sinaliza um fenômeno apontado por Emediato (2018) como “sincronização das mídias”, que se configura como um princípio do jornalismo de referência a partir do qual a mediação midiática garante uma sincronia entre os jornais dessa natureza com relação às abordagens trazidas por eles. Logo, em consonância com as ideias de Emediato (2018),

apontamos para a influência dessa sincronização não apenas para o estabelecimento de um efeito de verdade em torno dos discursos veiculados pelos textos midiáticos, como também para a perpetuação de perspectivas hegemônicas, o que ficará mais claro com a análise linguística e enunciativa dos textos selecionados para tal fim.

Assim, seguimos para a segunda etapa metodológica, que consistiu na seleção dos textos midiáticos que comporiam o *corpus*, com base em dois critérios. Primeiramente, estabelecemos um recorte com base no gênero jornalístico, adotando a *notícia* como gênero privilegiado em nosso estudo, uma vez que sua recorrência nos jornais foi maior, em relação aos demais gêneros, e que seu propósito é tratar justamente de acontecimentos situados na dupla dimensão espaço-temporal, o que suscita uma frequente atualização dos imaginários sociais que atravessam os discursos midiáticos e a opinião pública e também possibilita um paralelo com o outro gênero de que iremos tratar mais adiante – a *narrativa de vida*. Como segundo critério, consideramos apenas os textos classificados conforme as rubricas *imigração na grande BH* e *imigração no Brasil*, com o intuito de manter o recorte geográfico que também orientou a escolha dos jornais analisados e a busca pelos imigrantes que seriam entrevistados. As 20 notícias provenientes dessas duas rubricas também foram listadas, separadamente, em ordem cronológica (anexo 3), a partir dos *links* que dão acesso a elas e das informações adicionais extraídas do *Facebook* – número de reações, comentários e compartilhamentos e data de acesso.

Em seguida, como terceira etapa, selecionamos 11 das 20 notícias listadas com o objetivo de analisá-las discursivamente. Essa seleção levou em conta uma nova classificação das notícias acerca da imigração na Grande BH e no Brasil, tendo em vista alguns eixos temáticos que identificamos como preponderantes na abordagem das migrações contemporâneas pelos dois jornais. Nessa perspectiva, apresentaremos 2 notícias enquadradas no eixo temático das *políticas migratórias*; 2 notícias ligadas ao eixo temático da *ajuda humanitária*; 4 notícias relativas à *imigração venezuelana*; 2 notícias, dentre 8, que identificamos segundo o eixo temático *olhares cotidianos sobre o imigrante*; e 1 notícia, para fazer um contraponto às anteriores, que tratamos como *olhares sobre o emigrante*.

Dado o nosso propósito de analisar o discurso midiático sem desconectá-lo das instâncias de produção e de recepção, organizamos cada notícia a ser apresentada em um quadro (Quadro 1) com informações que contextualizam, justamente, esses textos no âmbito de sua circulação. E, para empreender a análise linguístico-enunciativa⁷¹, estabelecemos uma legenda de

71 Diante do nosso propósito de empreender uma análise linguístico-enunciativa de elementos textuais verbais das notícias em questão, e tendo em vista as limitações relativas ao tempo e à própria extensão da pesquisa de mestrado, optamos por selecionar e analisar, neste trabalho, apenas a manchete, a chamada e o corpo textual de cada notícia, apesar de reconhecermos a riqueza de informações que outros elementos textuais, como as imagens, as legendas e a própria diagramação, podem oferecer às análises discursivas, sobretudo as de natureza semiótica.









cores (Quadro 2) para identificar, em cada texto, as categorias discursivas que elencamos ao construirmos nosso dispositivo de análise.⁷²

QUADRO 1 – Apresentação das notícias

Título				
Chamada				
Link				
Jornal				
	Seção:	Data:	Autor(a)/Fonte:	
Publicação no FB	Data:	Reações:	Comentários:	Compartilhamentos:
	Horário:			
Texto				

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 2 – Categorias discursivas analisadas nas notícias

Legenda	
 dêiticos	 outras designações
 informador	 indutores de normas sociais
 discurso relatado	 indutores retóricos
 designação das migrações e dos sujeitos migrantes	 índices de avaliação

Fonte: Compilação da autora

Como última etapa, desenvolvemos a análise linguístico-enunciativa propriamente dita dos textos midiáticos do *corpus*⁷³, lembrando, porém, que nem todos os planos da *Semântica Global* se encontram materializados em cada texto, de modo que devem ser alcançados pela (inter-)relação com outros indícios, o que requer nosso trabalho como analistas do discurso.

Tendo em vista que todos os textos, identificados segundo o gênero “notícia”, situam-se em veículos midiáticos da imprensa de referência, o *estatuto do enunciador* se constitui sob o

72 Optamos por não reproduzir a aplicação da legenda de cores na apresentação das notícias, como forma de otimizar o trabalho e facilitar a leitura.

73 Ao reproduzirmos alguns trechos das notícias ao longo das análises, destacaremos, em itálico, alguns termos e expressões que julgarmos importantes para ilustrar nossos comentários.

pretexto de um informador supostamente neutro e objetivo, em sintonia com as expectativas de um destinatário que esse mesmo enunciador projeta. Nesse sentido, o *estatuto do destinatário* corresponde ao perfil de um leitor que busca acessar, por meio das mídias, saberes de conhecimento ligados aos acontecimentos do mundo e, em contrapartida, reflete (e refrata) a opinião pública com base em uma série de saberes de crença. Ainda que julgemos necessário diferenciar o enunciador midiático – que reconhecemos como sendo o enunciador principal dos textos jornalísticos analisados – dos enunciadores-fonte das informações, vale ressaltar que, para a instância-público, essa distinção, na maioria das vezes, é pouco perceptível, justamente pelas estratégias linguístico-enunciativas adotadas nos/pelos discursos midiáticos. Assim, analisaremos como o *estatuto do enunciador* (e seu par, o *estatuto do destinatário*) se reforça (ou se desfaz) a partir de estratégias como o apagamento discursivo, o uso do discurso relatado e a gestão dos pontos de vista.

Por um lado, buscaremos demonstrar como o recurso ao discurso relatado viabiliza não só a explicitação de pontos de vista, por meio de uma heterogeneidade mostrada, mas também o estabelecimento de um efeito de verdade na medida em que esses discursos são associados a determinados tipos de informadores considerados dignos de credibilidade. Por outro lado, buscaremos reconhecer como esses pontos de vista, atribuídos a enunciadores diversos e geridos pelo enunciador midiático, encontram-se subjacentes ao discurso, podendo ser identificados, por exemplo, nos atos de nomeação empregados para representar discursivamente os processos migratórios, os sujeitos migrantes, as políticas migratórias, os países envolvidos nesse quadro, dentre outras instâncias. Localizaremos esses atos de nomeação tanto na escolha lexical quanto nos sintagmas nominais e verbais adotados na elaboração dos enunciados.

Finalmente, tentaremos identificar como os atos de nomeação, materializados na forma de designações e de indutores das normas sociais, mobilizam uma série de imaginários sociais acerca das instâncias representadas, tendo por base temas impostos – o duplo emigração-emigrante / imigração-imigrante, as condições de existência na imigração e “os problemas da imigração” – e temas específicos ligados a cada abordagem. Dessa maneira, poderemos refletir sobre os modos de enunciação dos discursos midiáticos, que permitem formular representações dos *éthe* dos locutores presentes nos textos analisados, e sobre os modos de problematização das migrações contemporâneas e de seus sujeitos nas mídias, refletindo e, simultaneamente, perpetuando esses imaginários nos/pelos discursos institucionais. Passemos, portanto, à análise das notícias que compõem o *corpus*, a partir dos eixos temáticos que identificamos.

3.1.1. Políticas migratórias

O primeiro eixo temático diz respeito a notícias que tratam das políticas migratórias defendidas pelo Brasil no cenário internacional contemporâneo. A primeira delas, intitulada “Brasil deixa Pacto Global pela Imigração da ONU”, foi publicada na seção *Internacional* do jornal *Estado de Minas* e reproduzida da página do jornal no *Facebook* no dia 8 de janeiro de 2019. Já a segunda delas, cujo título é “Governo quer fim do visto para brasileiros nos Estados Unidos”, foi publicada na seção *Mundo* do jornal *O Tempo* no dia 16 de março de 2019 e compartilhada na página do jornal no *Facebook* no dia seguinte à publicação. Como podemos notar nos quadros apresentados abaixo, o número de reações, comentários e compartilhamentos, feitos pelo público no *Facebook*, é consideravelmente maior em relação à segunda notícia, o que reforça o nosso interesse em analisar se as estratégias linguístico-enunciativas adotadas em cada um dos textos, bem como os efeitos de sentido produzidos por eles e sua relação com os imaginários sociodiscursivos compartilhados entre as instâncias de produção e de recepção, desempenham algum papel na captação do interesse do público. Para tanto, partiremos da apresentação dos textos, seguida de sua análise.

QUADRO 3 – Notícia 1

Título	Brasil deixa Pacto Global pela Imigração da ONU			
Chamada	Pacto era uma resposta internacional à crise que havia atingido diversos países por conta de um fluxo sem precedentes de migrantes e refugiados			
Link	https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/08/interna_internacional,1019805/brasil-deixa-pacto-global-pela-imigracao-da-onu.shtml			
Jornal	Estado de Minas			
	Seção: Internacional	Data: 08/01/2019	Autor(a)/Fonte: não identificado(a)	
Publicação no FB	Data: 08/01/2019	Reações: 80	Comentários: 9	Compartilhamentos: 2
	Horário: 21h40			
Texto				
<p>O governo brasileiro informou nesta terça-feira oficialmente à ONU em Nova Iorque e em Genebra que o país está se retirando do Pacto Mundial de Migração, assinado em dezembro ainda pelo governo de Michel Temer.</p> <p>Diplomatas brasileiros confirmaram ao Estado que a ONU já foi notificada da decisão do governo de Jair Bolsonaro de se retirar do acordo. A notícia foi recebida nas Nações Unidas com muita preocupação, diante do que o gesto poderia significar em termos da posição do Brasil em assuntos como migração, cooperação internacional e mesmo direitos humanos.</p>				

Negociado por quase dois anos, o Pacto era uma resposta internacional à crise que havia atingido diversos países por conta de um fluxo sem precedentes de migrantes e refugiados. O texto do acordo, porém, não suspendia a soberania de qualquer país e nem exigia o recebimento de um certo volume de estrangeiros.

O anúncio do afastamento do novo governo foi feito pelo Twitter pelo chanceler Ernesto Araújo, no mesmo dia em que o Itamaraty aprovava o acordo, em uma reunião da ONU no Marrocos. "A imigração não deve ser tratada como questão global, mas sim de acordo com a realidade e a soberania de cada país", disse Araújo, chamando o marco de "ferramenta inadequada para lidar com o problema".

"O Brasil buscará um marco regulatório compatível com a realidade nacional e com o bem-estar de brasileiros e estrangeiros. No caso dos venezuelanos que fogem do regime Maduro, continuaremos a acolhê-los", afirmou. O pacto foi aprovado por mais de 150 países na conferência intergovernamental da ONU, em Marrakesh.

Naquele momento, a ONU comentou a intenção brasileira. "É sempre lamentável quando um Estado se dissocia de um processo multilateral, em especial um (país) tão respeitável de especificidades nacionais", declarou Joel Millman, porta-voz da Organização Internacional de Migrações, ao ser questionado sobre a informação relativa ao Brasil. Segundo ele, apesar da saída de alguns países, 164 governos assinaram o documento. "Esse é um quadro para cooperação", alertou.

Para entidades, porém, a decisão do Brasil em se afastar do mecanismo terá um impacto para emigrantes nacionais espalhados pelo mundo. "Hoje há muito mais brasileiros vivendo no exterior do que migrantes aqui no Brasil", alertou Camila Asano, coordenadora de programas da ONG Conectas.

"São compatriotas que muitas vezes passam por dificuldades seja na Europa, EUA, Japão ou outras partes do mundo. O Pacto Global de Migração consolida e reforça direitos das pessoas, inclusive os mais de 3 milhões de brasileiros vivendo fora, de não serem discriminadas por serem migrantes", completou Camila Asano.

Paal Nesse, do Conselho Norueguês de Refugiados, também lamenta a decisão de governos de deixar o esforço e indicou que não existem indicações de que o Pacto mine a soberania de um país. "O Pacto prevê um espaço suficiente para que cada governo possa ter sua política", indicou o representante de uma das maiores entidades que lidam com refugiados e migrantes. "Não há nada que indique que a soberania seria abandonada ou perdida", insistiu.

Para ele, a decisão de governos de se distanciar do Pacto "enfraquece o momento político e mina os esforços internacionais para ter a migração organizada de forma mais ordenada". Como exemplo, ele cita os termos do Pacto que incentivam a cooperação regional. "Vimos na América do Sul, com a crise na Venezuela, como tal medida é necessária", indicou.

Ele ainda lembra que, no caso brasileiro, o interesse em fazer parte do Pacto seria a defesa dos interesses de seus próprios migrantes, espalhados pelo mundo. "O Brasil é um exemplo de um país que recebe migrantes. Mas que é também fonte de emigração", comentou. "Cada governo quer que o seu cidadão seja tratado sem discriminação no exterior e isso exige cooperação", completou.

O futuro chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, havia dito no mês passado que o Brasil iria se desassociar do Pacto Global pela Imigração da ONU, firmado hoje em Marrakesh por 160 países. "(O acordo) é um instrumento inadequado para lidar com o problema. A imigração não deve ser tratada como questão global, mas sim de acordo com a realidade e a soberania de cada país", disse Araújo no Twitter. Segundo ele, a imigração "é bem-vinda, mas não pode ser indiscriminada" e deve estar "a serviço dos interesses nacionais e da coesão de cada sociedade".

Tags #saída #onu/imigração/pacto/brasil

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 4 – Notícia 2

Título	Governo quer fim do visto para brasileiros nos Estados Unidos
Chamada	A medida seria uma contrapartida à liberação da entrada de norte-americanos no país
Link	https://www.otempo.com.br/capa/mundo/governo-quer-fim-do-visto-para-brasileiros-nos-estados-unidos-1.2150188?fbclid=IwAR17-wwUPkCJeXcBFkzQ5RivISC2Lvub1BR_W9zd1Wa5Z_YsqdUxoiFMFwU

Jornal	O Tempo			
	Seção: Mundo	Data: 16/03/2019	Autor(a)/Fonte: não identificado(a)	
Publicação no FB	Data: 17/03/2019	Reações: 1400	Comentários: 219	Compartilhamentos: 255
	Horário: 11h			
Texto				
<p>Brasília. O governo brasileiro negociará com os Estados Unidos o fim da exigência de vistos para brasileiros que visitam o país norte-americano. Foi o que informou nesta sexta-feira (15) o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em entrevista à Rádio Gaúcha.</p> <p>A medida seria uma contrapartida à decisão unilateral, ou seja, sem a exigência de reciprocidade, que será anunciada pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL), em sua visita a Washington, de liberar o ingresso de americanos, canadenses, australianos e japoneses no Brasil.</p> <p>“No momento, queremos fazer esse caminho de lá para cá, em benefício de nosso mercado de turismo. A isenção de visto para esses quatro países pode gerar uma receita adicional de vários bilhões de reais”, afirmou Ernesto Araújo.</p> <p>Além da isenção de visto, o objetivo, segundo o ministro, é conversar com autoridades norte-americanas sobre o tratamento dado a brasileiros que entram nos Estados Unidos. Existem casos em que, mesmo com a documentação regular, o cidadão é obrigado a voltar ao Brasil.</p> <p>“Vamos manter um diálogo consular, para que não haja discriminação e desrespeito. Os turistas brasileiros estão entre os que mais gastam nos EUA. Tenho certeza que o atual clima político (de aproximação entre Bolsonaro e Donald Trump) vai facilitar esse tipo de ação”, ressaltou o ministro.</p> <p>Atrativo</p> <p>O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL), filho do presidente brasileiro, defendeu a retirada de vistos para americanos. Segundo ele, o Brasil não é tão atrativo para o turismo por problemas de segurança pública, e o visto é mais uma burocracia que dificulta a vinda de americanos.</p> <p>“O Brasil só tem a ganhar com essa medida. A gente está, na verdade, se aproveitando e pegando os dólares dos americanos para gerar emprego no turismo”, disse Eduardo Bolsonaro durante a posse de deputados estaduais na Assembleia Legislativa de São Paulo.</p>				

Fonte: Compilação da autora

A leitura de ambos os textos nos permite identificar claramente uma cena enunciativa que remete à imprensa de referência: a cena englobante atribui aos discursos dos dois veículos midiáticos o estatuto de jornalísticos; a cena genérica é reconhecida já pela presença dos elementos prototípicos de uma notícia (manchete, chamada e *lead*); e a cenografia se constrói com base em uma enunciação aparentemente neutra e objetiva, que também diz muito sobre o estatuto do enunciador (e o do seu par, o destinatário), conforme sinalizamos anteriormente. Essa aparente neutralidade/objetividade se vale de recursos linguístico-enunciativos ligados, primeiramente, à própria *dêixis*, uma vez que a enunciação na chamada terceira pessoa do discurso – ou seja, a ausência do marcador dêitico *eu* como instância que instaura o discurso – promove um suposto apagamento enunciativo que dissocia o enunciado de um locutor reconhecível enquanto sujeito. Por

outro lado, o emprego de marcadores dêiticos que situam os fatos noticiados em relação ao presente enunciativo não apenas desvela a presença desse enunciador midiático, mas também cria um laço de identificação entre ele e seu destinatário, que coexistem no mesmo tempo e no mesmo lugar. Como exemplo disso, vemos os marcadores temporais *nesta terça-feira* e *hoje*, em contraposição à *naquele momento* e *no mês passado* (notícia 1), bem como os marcadores espaciais *voltar ao Brasil* e *vinda* (notícia 2), além da introdução do termo *Brasília*, que, anterior ao texto (2) propriamente dito, remete à enunciação, caracterizada por um lugar de fala onde há concentração de poder, já que se trata da sede do governo brasileiro.

Somado a essas estratégias linguístico-enunciativas, notamos uma forte presença do discurso relatado em ambos os textos. O uso desse recurso da heterogeneidade mostrada/marcada contribui para reforçar o apagamento enunciativo, o que gera dois desdobramentos a serem considerados: por um lado, ao atribuir o discurso a locutores outros identificados no enunciado, o locutor/enunciador midiático não se coloca como fonte das informações e destitui-se da responsabilidade sobre o que é dito, como forma de afirmar sua suposta neutralidade; por outro lado, na medida em que tais locutores são associados aos seus devidos papéis sociais, ou mesmo às instituições que representam, eles ganham um estatuto de informador – seja qual for a sua natureza – com base nos imaginários de verdade que, não raro, são associados aos discursos de autoridades e de instituições políticas e sociais.

Na notícia 1, destacamos, pois, o discurso citado do chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, cujo estatuto é o de um *informador que tem notoriedade*, uma vez que é uma figura não apenas pública, como também política. A mesma fala do chanceler é citada duas vezes para justificar a retirada do Brasil do Pacto Global para Migração da ONU, apoiando-se no imaginário de soberania nacional, o qual transparece no discurso do chanceler pelo uso dos indutores jurídicos que colocam como norma a *soberania de cada país*, os *interesses nacionais* e a *coesão de cada sociedade*. Esse imaginário, por sua vez, é introduzido em seu discurso pelo indutor retórico de negação *não*, que atua como operador de contradiscurso, visto que se opõe ao ponto de vista de um outro enunciador, coletivo e subjacente à sua fala, que defenderia a imigração como *questão global*: “‘A imigração *não* deve ser tratada como *questão global*, mas sim de acordo com a realidade e a *soberania de cada país*’, disse Araújo”.

Em contrapartida, uma série de outras ocorrências do discurso relatado evoca o imaginário de internacionalização que sustenta o ponto de vista da imigração como questão legal, ao qual o chanceler se opõe. A própria noção de pacto global pressupõe o estabelecimento de uma norma social que se reforça pelo uso de indutores jurídicos como *acordo*, *processo multilateral*, *quadro para cooperação*, *esforços internacionais*, *termos do Pacto* e *cooperação regional*. A esses

indutores, usados para designar o Pacto, associam-se ainda outros indutores avaliativos: alguns focalizam o princípio de coerência e coesão dos países que a ela aderem e o caráter positivo da medida (*assinado, negociado, resposta internacional, necessária*); outros avaliam o posicionamento oficial do Brasil como um contrassenso à norma da internacionalização (*se retirar, afastamento, saída, se afastar, distanciar, enfraquece, mina, se desassociar*).

Essa norma se evidencia, portanto, em todas as outras ocorrências do discurso relatado presentes na notícia, atribuídas a *informadores que representam organismos especializados*, ou seja, serviços de referência pró-migrações (*porta-voz da Organização Internacional de Migrações, coordenadora de programas da ONG Conectas* e [representante] *do Conselho Norueguês de Refugiados/ de uma das maiores entidades que lidam com refugiados e migrantes*). A citação dessas falas cumpre, portanto, o papel não só de esclarecer o propósito do Pacto, mas principalmente de sustentar o ponto de vista contrário à retirada do Brasil do acordo, uma vez que elas também se valem de indutores retóricos de negação para contradizer a interpretação de que o Pacto fere a soberania nacional, apresentada na justificativa brasileira (“É sempre lamentável quando um Estado *se dissocia* de um processo multilateral [...]”, declarou Joel Millman, porta-voz da Organização Internacional de Migrações, ao ser questionado sobre a informação relativa ao Brasil” e “*Não há nada* que indique que a soberania seria abandonada ou perdida”, insistiu [Paul Nesse, do Conselho Norueguês de refugiados]). Vale ressaltar, inclusive, que a negação ao discurso do chanceler já é introduzida no texto principal⁷⁴: (“O texto do acordo, *porém, não* suspendia a soberania de qualquer país e *nem* exigia o recebimento de um certo volume de estrangeiros”), de modo que todas as ocorrências subsequentes do discurso relatado, que não o do chanceler, sirvam para validar o ponto de vista favorável às políticas de internacionalização, que é também compartilhado pelo próprio enunciador midiático – e pelo seu destinatário, que possivelmente toma tal discurso midiático como fundamentado e verídico.

Na notícia 2, o discurso relatado desempenha uma função central para orientar a perspectivização dos fatos. Novamente, o discurso de Ernesto Araújo, agora identificado como *ministro das Relações Exteriores*, é citado duas vezes para tratar do acordo com os Estados Unidos que legaliza a entrada no Brasil de turistas estadunidenses – bem como canadenses, australianos e japoneses – sem a necessidade do visto, até então, obrigatório para tal fim. Assim, identificamos, nas falas do ministro, a defesa de um ponto de vista ancorado no imaginário de diplomacia, reforçado pelos indutores jurídicos *isenção de visto*, adotado como nova norma e associado à noção de *benefício*, e *diálogo consular*, tido como princípio do que Araújo designa como “*atual clima político* (de *aproximação* entre Bolsonaro e Donald Trump)”. Tal ponto de vista é reforçado por

74 Identificamos como “texto principal” os enunciados atribuídos ao locutor/enunciador midiático.

falas do *deputado federal Eduardo Bolsonaro* (PSL), *filho do presidente brasileiro*, que também é apresentado, por sua representatividade política, como um informador que tem notoriedade. Há, porém, no discurso integrado do deputado, um elemento novo: a defesa do que Turpin (2016) denomina “norma na negativa”, isto é, a nova norma definida a partir da negação (pelo indutor retórico de negação) da anterior (a exigência do visto), designada por ele como *burocracia*: “Segundo ele, o Brasil *não* é tão atrativo para o turismo por problemas de segurança pública, e o *visto* é mais uma *burocracia* que dificulta a vinda de americanos”.

Cabe destacar, no entanto, que, embora a única decisão política até então efetivada fosse a da liberação da entrada de turistas das nacionalidades mencionadas, o que se comprova pelos marcadores dêiticos – de tempo, pessoa e espaço – empregados no discurso citado de Ernesto Araújo (“*No momento, queremos fazer esse caminho de lá para cá [...]*”), a notícia é anunciada – pela manchete e pela chamada – e introduzida em uma perspectiva contrária, ou seja, pela justificativa da medida política com base na intenção, ainda não discutida propriamente com o governo dos Estados Unidos, de liberar a entrada de turistas brasileiros no país norte-americano. Isso se dá pelo destaque, na manchete, do indutor jurídico *fim do visto para brasileiros*, apresentado como possível nova norma intencionada pelo governo, a qual, por sua vez, é designada, na chamada, como *contrapartida* à liberação de vistos brasileiros. O modo como essas informações são organizadas, tanto na manchete quanto na chamada, enfatizam, portanto, as políticas migratórias em prol dos brasileiros, ainda que sejam as mais incertas no encaminhamento das negociações, visto que, como é esclarecido apenas no segundo parágrafo do texto, “a *medida* seria uma *contrapartida* à *decisão unilateral*, ou seja, *sem a exigência de reciprocidade*”, com destaque para o verbo no futuro do pretérito: *seria*. Logo, a gestão de pontos de vista favoráveis à medida, por meio de indutores – presentes no discurso relatado, no título e no texto principal – que associam a nova norma ao suposto benefício dos brasileiros, desvela a perspectiva do enunciador midiático e também orienta a adesão do destinatário, o que possivelmente explica o grande número de reações do público na página do *Facebook*.

Voltando nosso olhar para os temas instituídos, percebemos que a relação emigração-emigrante / imigração-imigrante aparece em ambos os textos sob enfoques diferentes. O primeiro texto trata de processos migratórios contemporâneos que correspondem mais ao quadro migratório que analisamos nesta pesquisa, enquanto o segundo estabelece, a partir das relações voltadas para o turismo, um bom parâmetro de comparação acerca do tratamento dado às motivações de cada modalidade migratória e aos sujeitos que se deslocam. Isso porque, como veremos mais adiante nas narrativas de vida, muitos imigrantes que se estabelecem no Brasil chegam aqui com vistos de turista, de modo que a distinção entre as diferentes modalidades de deslocamento não significa

propriamente que elas estejam dissociadas em suas motivações. O tema das condições de existência na imigração está intrinsecamente ligado ao dos “problemas de imigração”, sendo focalizado, em ambos os textos, justamente sob a perspectiva das políticas migratórias que orientam tais condições de existência e as problematizam, como pudemos observar pelo emprego de indutores normativos que desvelam a gestão dos pontos de vista.

Assim, na notícia 1, as migrações contemporâneas são designadas, já na chamada, sob a perspectiva da *crise*, como um *fluxo sem precedentes de migrantes e refugiados*, o que se reforça no discurso de Ernesto Araújo pelo emprego do termo *problema*. Os sujeitos migrantes, por sua vez, são nomeados de forma arbitrária como *migrantes aqui no Brasil e estrangeiros (e certo volume de estrangeiros)*, de modo que a noção de “estrangeiro” opere como indutor retórico de oposição, contrastando com as designações *emigrantes nacionais, emigrantes vivendo no exterior/fora, compatriotas, seus próprios migrantes, seu cidadão*, que representam esses sujeitos (brasileiros) com base em um imaginário nacionalista. Esse imaginário, compartilhado pelos sistemas de restrições dos discursos protecionistas e internacionalistas, embasa temas mais compatíveis com os primeiros, sendo, por isso, usado pelos segundos como forma de convencer as autoridades brasileiras de que a adesão ao Pacto também traz benefícios nacionais.

Já na notícia 2, os deslocamentos são tratados sob a perspectiva do *mercado de turismo* (tema específico) e os sujeitos que se deslocam são designados pelas suas próprias nacionalidades, o que os particulariza e os coloca como grupos privilegiados que desfrutam da abertura brasileira, mesmo que muitos acabem por se estabelecer no Brasil como imigrantes, uma vez que o critério adotado para embasar a decisão unilateral do governo brasileiro é econômico. De todo modo, a possibilidade de a retirada dos vistos de turista potencializar novos fluxos migratórios não é problematizada, sendo os próprios brasileiros que partem para os Estados Unidos designados não como emigrantes, mas como *brasileiros que visitam o país norte-americano, brasileiros que entram nos Estados Unidos, cidadão [brasileiro] e turistas brasileiros*. Por fim, não é problematizada também a hierarquia econômica entre Brasil e Estados Unidos, que coloca o primeiro muito mais predisposto a abrir suas fronteiras para o segundo, de modo que a *maneira de dizer* do locutor/enunciador midiático suscite – ou pretenda suscitar – a adesão do destinatário às vantagens da medida política. Entretanto, tal *maneira de dizer* revela, aos nossos olhos, como analistas do discurso, um *étos* frágil, até certo ponto ingênuo, em sua tentativa de perspectivizar os fatos para captar o interesse do público, diferentemente do *étos* do locutor/enunciador midiático do texto anterior, o qual se constrói, a nosso ver, de forma mais consistente e crítica, ao se apoiar em fontes enunciativas diversificadas, que denotam certa autoridade para tratar do assunto tematizado na notícia.

3.1.2. Ajuda humanitária

O segundo eixo temático que destacamos no *corpus* trata da questão migratória sob o enfoque da ajuda humanitária. Para tanto, reproduzimos aqui dois textos que, noticiando acontecimentos bem diferentes, propõem o debate da questão. O primeiro deles, publicado no *site* do jornal *O Tempo* e compartilhado em sua página do *Facebook* no dia 9 de janeiro de 2019, tem como título “Bolsonaro diz que Brasil jamais se recusará a ajudar imigrantes” e está relacionado ao contexto da retirada do Brasil do Pacto Global pela Migração, abordado também na primeira notícia analisada acerca das políticas migratórias. O segundo texto, por sua vez, publicado no dia 12 de abril de 2019 no *site* e no *Facebook* do *Estado de Minas*, é intitulado “BH recebe encontro solidário no Mineirão neste fim de semana”. No momento de registrar as informações que contextualizam os textos no âmbito de sua circulação (reações, comentários e compartilhamentos), a notícia 3 já havia sido retirada da plataforma *Facebook*, impossibilitando uma análise comparativa do comportamento e da receptividade do público, nas redes sociais, em relação às duas notícias.

QUADRO 5 – Notícia 3

Título	Bolsonaro diz que Brasil jamais se recusará a ajudar imigrantes			
Chamada	Apesar de ter revogado adesão ao Pacto Migratório da ONU, presidente disse que país não fechará portas para 'os que precisam'			
Link	https://www.otempo.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-brasil-jamais-se-recusara-a-ajudar-imigrantes-1.2088638			
Jornal	O Tempo			
	Seção: Política	Data: 09/01/2019	Autor(a)/Fonte: Agência Brasil	
Publicação no FB	Data: 09/01/2019	Reações: -	Comentários: -	Compartilhamentos: -
	Horário: -			
Texto				
<p>Após confirmar hoje (9) a revogação da adesão do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, o presidente Jair Bolsonaro disse que o país não fechará as portas para “os que precisam”. Em duas postagens na sua conta no Twitter, ele afirmou que o processo de imigração precisa ser submetido a critérios e regramento.</p> <p>“Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada. É necessário [ter] critérios, buscando a melhor solução de acordo com a realidade de cada país. Se controlamos quem deixamos entrar em nossas casas, por que faríamos diferente com o nosso Brasil?”, disse.</p> <p>Na rede social, o presidente ainda reiterou o discurso de campanha quando defendeu por mais de uma vez a soberania do país. Segundo Bolsonaro, assegurar a autoridade e liberdade de decisão do Brasil, sem pressões</p>				

externas, garantirá mais segurança a todos.

“A defesa da soberania nacional foi uma das bandeiras de nossa campanha e será uma prioridade do nosso governo. Os brasileiros e os imigrantes que aqui vivem estarão mais seguros com as regras que definiremos por conta própria, sem pressão do exterior”.

Acordado em 2017 e chancelado no ano passado, o pacto estabeleceu orientações específicas para o recebimento de imigrantes, preservando o respeito aos direitos humanos sem associar nacionalidades. Dos representantes dos 193 países, 181 aderiram ao acordo. Estados Unidos e Hungria estão entre os que foram contrários. República Dominicana, Eritreia e Líbia se abstiveram.

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 6 – Notícia 4

Título	BH recebe encontro solidário no Mineirão neste fim de semana			
Chamada	Capital mineira vai sediar o 'III Encontro Fraternidade Sem Fronteiras - Conectando Corações', organização humanitária presente na África Subsaariana			
Link	https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/04/12/interna_gerais.1045793/bh-recebe-encontro-solidario-no-mineirao-neste-fim-de-semana.shtml?fbclid=IwAR0QiCQPapG41IDBSRKnZnRw4EvtWJgbmGd2pzJ2S45eONAL4ZKmsu5issI			
Jornal	Estado de Minas			
	Seção: Gerais	Data: 12/04/2019	Autor(a)/Fonte: Déborah Lima	
Publicação no FB	Data: 12/04/2019	Reações: 12	Comentários: 0	Compartilhamentos: 1
	Horário: 19h40			
Texto				
<p>Nenhum de nós é tão importante quanto todos nós juntos. Foi seguindo essa filosofia que nasceu a Fraternidade Sem Fronteiras, uma organização humanitária com presença em seis países. A partir desta sexta-feira, solidários poderão participar de um encontro que promete conectar corações. De hoje a domingo, o Estádio Mineirão recebe o III Encontro Fraternidade sem Fronteiras, com expectativa de reunir mais de três mil participantes de todo o Brasil e de outros países.</p> <p>Todo o evento é preparado por 800 voluntários. O valor das inscrições será revertido para os projetos da fraternidade, que atualmente possui três frentes de ações prioritárias no continente africano. Uma aldeia em Dondo, cidade da província de Sofala, foi atingida com o ciclone que devastou Moçambique; a ilha de Madagascar, onde a população enfrenta desnutrição em massa; e o pequeno Malawi que abriga mais de 30 mil refugiados e, de 23 mil crianças, apenas 2 mil estão nas escolas.</p> <p>Para receber o público, a estrutura do evento foi pensada para transmitir a missão de “vivenciar e incentivar a prática da fraternidade, sem restrições étnicas, geográficas ou religiosas, amparando prioritariamente crianças e jovens em situação de vulnerabilidade ou risco social”.</p> <p>O palco e os stands dão um novo significado ao lixo e utilizam apenas materiais recicláveis e reutilizáveis. São 14 espaços de experiências preparados para que o público conheça cada projeto apoiado pela FSF. No Stand de Madagascar, por exemplo, são 40m² que sensibilizam sobre a desnutrição e as ações do que é feito no país africano. Em outros espaços, os visitantes observam as cenografias com a cultura, educação, água, filosofia Ubuntu, microcefalia, moradia e saúde.</p> <p>A primeira universitária acolhida pela fraternidade viajou de Moçambique para o Brasil e comemora a conquista. “Está sendo muito legal, estou amando. O Brasil é um país muito maravilhoso e abençoado”, conta Espesiosa Marge. A estudante de 20 anos foi acolhida ainda em 2009, quando nasceu o projeto, em Moçambique. Segundo ela, o projeto a ajudou no transporte para a escola, que na época era longe. Quando se</p>				

formou, escolheu fazer **biologia** e não perdeu o apoio. “A Fraternidade paga tudo e, de tudo que já fizeram por mim, me ensinaram ainda o espírito de **amor ao próximo**. Isso nos faz acreditar que ainda existem pessoas com coração bom no mundo”, conta Marge.

O presidente e fundador da organização, Wagner Moura, idealizou a organização ainda com um grupo pequeno no Mato Grosso do Sul e hoje se dedica ao trabalho na África Subsaariana “Já fazíamos trabalhos sociais em Campo Grande (MS), mas recebi um chamado no coração de poder servir a África nas regiões mais pobres do mundo”, contou.

Os padrinhos que se preocupam com o destino do dinheiro reforçam o compromisso da instituição com a **transparência**. “Hoje, 100% do dinheiro do padrinho vai para o projeto”, afirma o presidente. Segundo Wagner, para manter a estrutura administrativa é comercializado produtos, como livros e camisetas que estarão disponíveis no evento.

Após 10 anos de trabalhos, a organização, com **voluntários** e doações de padrinhos de todo o país, conseguiu acolher mais de 15 mil pessoas entre crianças, idosos e famílias, já construiu 144 casas e 10 poços artesianos e oferece 428 mil refeições por mês. Os apadrinhados dos 36 centros de acolhimento da fraternidade visitam Belo Horizonte e esperam para receber o abraço mineiro-fraterno.

Minas Gerais foi escolhido para sediar o evento por ser o estado com maior número de padrinhos. “É um encontro muito lindo, a gente forma uma corrente de irmãos pelo Brasil e pelo mundo. É olhar pro outro como irmão sem fronteira, seja ela religião, território ou condição financeira. Vamos nos unir em prol de uma causa pelo simples e puro prazer de ser útil”, convida o idealizador.

Clique aqui para se inscrever e acompanhar toda programação. O acesso ao III Encontro ocorre pela esplanada Norte, na entrada F do setor laranja do **Mineirão**, que fica na Avenida Antônio Abrahão Caram, nº 1001, Bairro São José, Região da Pampulha.

Tags [#fraternidade](#) [#refugiado](#) [#fronteiras](#) [#humanitária](#) [#solidariedade](#) [#mineirão](#) [#ajuda](#) [#voluntário](#) [#projeto](#)

Fonte: Compilação da autora

Partindo de uma análise da cena enunciativa de cada texto, notamos que a da notícia 3 se configura em conformidade com todos os elementos típicos da imprensa de referência, isto é, o de uma cena englobante que remete ao tipo jornalístico, o de uma cena genérica que caracteriza a notícia e o de uma cenografia que preserva o estatuto do enunciador midiático prototípico desse modelo de imprensa, bem como o estatuto do seu destinatário. Assim, notamos a tentativa de apagamento do locutor, a não ser pela presença de marcadores dêiticos de tempo (*hoje e no ano passado*), que promovem o mesmo efeito de identificação entre instância de produção e instância-alvo pretendido nas notícias 1 e 2.

Já na notícia 4, por mais que a cena englobante e a cena genérica permitam o reconhecimento de um texto jornalístico do gênero “notícia”, a cenografia apresentada destoava um pouco dos padrões da imprensa de referência, na medida em que o enunciado é instaurado em torno do marcador dêitico de primeira pessoa *nós* (“Nenhum de *nós* é tão importante quanto todos *nós* juntos”), cujo valor referencial, em uma primeira análise, é de *eu* [locutor/enunciador midiático] + *vocês* [demais enunciadores e destinatários]. Contudo, em uma análise mais aprofundada, apoiada na continuidade do texto (“Foi seguindo essa filosofia que nasceu a **Fraternidade Sem Fronteiras** [...]”), percebemos que se trata, na verdade, de um discurso evocado sem uma referência explícita à sua fonte, mas embasado por um imaginário de união e coletividade, que é compartilhado pelo

enunciador midiático. Desse modo, o locutor, que se coloca, à primeira vista, como responsável pelo que é dito, logo em seguida “apaga-se” por trás da 3ª pessoa. No final texto, a instauração do destinatário no enunciado, pela forma verbal que remete ao marcador dêitico *tu* (“*Clique aqui* para se inscrever e acompanhar toda programação”), rompe novamente o aparente apagamento enunciativo predominante ao longo do texto e reconfigura a cena enunciativa, de modo que a cena englobante possa remeter também ao domínio virtual (*clique aqui*), em designação bem abrangente, e a cena genérica possa apontar também para o gênero publicitário (*para se inscrever e acompanhar toda a programação*), já que o que se busca é divulgar o evento (o *III Encontro Fraternidade Sem Fronteiras*).

Voltando nosso olhar para a notícia 3, que trata propriamente da questão migratória contemporânea, retomamos o contexto de retirada do Brasil do Pacto Global para Migração, focalizado no texto 1, agora apresentado sob a perspectiva de *revogação da adesão do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular*. Ao designar o pacto retomando sua denominação oficial, com base nos parâmetros que prevê para a migração em seu documento, a notícia viabiliza o estabelecimento do acordo como norma, ancorada em indutores avaliativos que a sustentam (*segura, ordenada e regular*), bem como em indutores jurídicos que, ao final do texto, recorrem ao imaginário de valores humanitários que a embasam (*preservando o respeito aos direitos humanos*). Nesse sentido, a ação do Brasil é enfocada a partir de um indutor retórico de negação (*revogação*) que aponta para uma contradição em relação à atitude oficial tomada inicialmente pelo país (*adesão*), o que sugere uma mudança nas orientações que regem a política nacional e, mais especificamente, que situam o Brasil no debate internacional acerca das migrações contemporâneas.

O novo posicionamento do governo brasileiro, por sua vez, é sustentado por uma série de indutores jurídicos representativos do imaginário de soberania nacional, como apontamos anteriormente: *precisa ser submetido a critérios e regramento, controlamos, assegurar a autoridade e liberdade de decisão do Brasil e regras que definiremos por conta própria*. Dentre esses indutores, podemos identificar marcadores dêiticos de primeira pessoa (*controlamos e definiremos*) empregados na fala do presidente Jair Bolsonaro, que é inscrita no texto na forma de discurso citado. Com efeito, toda a problematização em torno da ação do governo brasileiro é construída pela contraposição entre os imaginários de soberania nacional e de valores humanitários, tendo como base o discurso relatado do presidente do Brasil, cujo estatuto como locutor é o de um *informador que tem notoriedade*, mas cuja credibilidade é questionada justamente pela oposição entre a retirada do acordo internacional e a necessidade de ajuda humanitária a imigrantes. Cabe destacar que praticamente toda a notícia é desenvolvida com o emprego do discurso relatado

(integrado e citado), o que aparentemente destitui o locutor/enunciador midiático da responsabilidade pelo que é dito, mas a gestão dos pontos de vista contribui muito para a perspectivização dos fatos. Desse modo, lembramos que citar é ocultar-se por trás de um terceiro, uma maneira hábil, porque indireta, de sugerir o que se pensa sem necessitar responsabilizar-se por isso (MAINGUENEAU, 1993, citando KERBRAT-ORECCHIONI). Assim, o locutor citado é um não-eu em relação ao qual o locutor midiático se delimita e, ao mesmo tempo, a autoridade que protege a asserção.

A partir do momento em que a soberania nacional é instaurada como nova norma, pressupõe-se que as medidas políticas voltadas para os imigrantes tenham como direcionamento a “norma na negativa”, representada sob o signo da *recusa* ao acolhimento desses sujeitos – designado no texto, como *ajuda*, termo em sintonia com o imaginário de valores humanitários. Essa pressuposição, firmada em um princípio de coerência em torno do imaginário de soberania nacional é, contudo, combatida, explicitamente, pelo presidente em seu discurso, como já sinalizam a manchete e a chamada da notícia, valendo-se de indutores retóricos de negação que atuam como operadores de um contradiscurso: “Bolsonaro diz que Brasil *jamais se recusará* a ajudar imigrantes” e “Apesar de ter *revogado* adesão ao Pacto Migratório da ONU, presidente disse que país *não* fechará portas para 'os que precisam'”. Nesse último caso, a chamada, que antecipa um trecho da notícia, recorre a uma fala do presidente que mobiliza noções relacionadas aos dois imaginários – a metáfora *fechará as portas*, como indutor retórico que representa o fechamento de fronteiras amparado pelo imaginário de soberania nacional, e a designação *os que precisam*, atribuída a um certo grupo de imigrantes que, por razões não esclarecidas (*precisam* de que?), seria digno da “não recusa”.

Logo, esses recursos linguístico-enunciativos geram efeitos interpretativos que não podemos ignorar: por um lado, o presidente assume discursivamente o compromisso com valores humanitários como estratégia política, tendo em vista o imaginário que os embasa e que a opinião pública compartilha; por outro, a construção linguístico-enunciativa, que se põe a contradizer as bases do próprio discurso difundido como plataforma política (“o presidente ainda *reiterou* o discurso de campanha quando *defendeu* por mais de uma vez a *soberania do país*”), institui um contradiscurso do próprio discurso, suscitando questionamentos acerca da credibilidade do que é dito. Em outras palavras, ao tratar de suas ações como liderança política, o presidente acaba se (auto)representando como um locutor/sujeito incoerente, o que remete inclusive ao *éthos* prévio de Bolsonaro, por mais que ele vise construir um *éthos* de líder protetor (do país e do povo) – o qual, no entanto, pode ser incorporado por destinatários mais tocados pela afetividade.

Em relação ao modo como são problematizados os temas instituídos, a imigração é apresentada, no discurso do presidente, como um *processo* e, segundo a norma da soberania nacional, *não pode ser indiscriminada*. Assim, se o pacto estabelece a não-discriminação como “norma na negativa” (*sem associar nacionalidades*), o indutor retórico de negação *não*, adotado na fala de Bolsonaro, engendra um contradiscurso que instaura a discriminação como princípio da norma defendida por ele. Logo, as designações empregadas para tratar dos imigrantes também se orientam por esse princípio, de modo que *os que precisam* seriam aqueles migrantes considerados dignos de ajuda conforme a legitimação dos critérios estabelecidos em vista da soberania nacional. Nesse sentido, o presidente ainda defende que, “se controlamos *quem* deixamos entrar em *nossas casas*, por que faríamos diferente com o *nosso Brasil*?”. Na medida em que o pronome indefinido *quem* é usado aqui para designar o “outro-estranho-estrangeiro” desconhecido, em contraposição aos marcadores dêiticos *nossas* e *nosso*, cujo valor referencial é o de *eu* [locutor/enunciador] + *vocês* [brasileiros], temos também um indutor retórico de oposição que se reforça pela metáfora que associa o Brasil à casa do brasileiros, evocando um imaginário de identidade que não compreende a aceitação indiscriminada do outro. Desse modo, por mais que, em sua justificativa, Bolsonaro aponte que a “decisão do Brasil, sem pressões externas, garantirá mais segurança a *todos*”, fazendo referência aos *brasileiros e imigrantes que aqui vivem*, parece-nos mais coerente que o valor referencial de *todos* seja apenas *os brasileiros*, dada a construção de seu argumento em torno do imaginário de discriminação. Isso faz com que as próprias condições de existência na imigração estejam condicionadas aos “problemas da imigração”, conforme a perspectiva dos atores políticos.

Como a notícia 4 não tematiza propriamente as migrações contemporâneas, e sim as ações de uma organização não governamental na África subsaariana, não empreenderemos uma análise muito extensa a seu respeito. De todo modo, o conteúdo da notícia é construído em torno do imaginário de fronteira, central nas problematizações dos fluxos migratórios atuais. O próprio nome da organização não governamental que está à frente da ação noticiada parte do princípio de negação da fronteira como norma instituída. Assim, designada (e avaliada) como *organização humanitária* no texto, a ONG nomeada *Fraternidade sem Fronteiras* propõe uma “norma na negativa”, que se reforça pelo uso dos indutores jurídicos *sem restrições étnicas, geográficas ou religiosas* e *compromisso da instituição com a transparência*. Para sustentar tais princípios como norma social, o enunciador se vale de imaginários que evocam valores humanitários, a partir de vocábulos como *solidários, voluntários* e *acolhida*, todos presentes também no sistema de restrições semânticas que caracteriza discursos voltados para as migrações contemporâneas. A mobilização dessas estratégias revela a perspectiva assumida – explícita e implicitamente – pelo enunciador midiático e, finalmente, ajuda a construir um *éthos* benevolente desse enunciador.

Ademais, no caso da notícia 4, embora mencione que o evento tem “expectativa de reunir mais de três mil *participantes de todo o Brasil e de outros países*”, não fica claro se os participantes de outros países são imigrantes ou não. No entanto, ainda que a notícia mencione, apenas pontualmente, a ajuda humanitária a refugiados no Malawi, é associada à *tag #refugiado*, que aparece ao final do texto – como é usual nas publicações *online* do jornal –, recurso que enquadra, de maneira arbitrária, a notícia no mesmo grupo de outras que tratem, efetivamente, de refugiados. Tal associação se mostra problemática na medida em que qualifica erroneamente sujeitos da África subsaariana, que talvez nunca saíram de seus países de origem, com base em um critério socioeconômico, incompatível com a definição oficial de refugiado. Além disso, essa associação entre sujeitos em situação socioeconômica desfavorável na África e refugiados, promovida por um indutor retórico de amálgama implícito, veicula uma representação de refugiado como parâmetro para legitimar a ajuda humanitária, valendo-se de um imaginário de vulnerabilidade, não raro, compartilhado no senso comum (*doxa*) e difundido nos discursos das mídias, aplicado à figura do refugiado.

3.1.3. Imigração venezuelana

O terceiro eixo temático segundo o qual organizamos as notícias do *corpus* trata da imigração venezuelana para o Brasil. No momento da coleta do *corpus*, notamos uma contínua atualização de notícias ligadas à questão sociopolítica da Venezuela, bem como aos fluxos migratórios de venezuelanos, uma vez que o recorte temporal adotado por nós compreendeu justamente os primeiros desdobramentos da autoproclamação de Juan Guaidó como presidente interino da Venezuela e da articulação de diversos países, especialmente da América Latina, sob a justificativa de oferecerem ajuda humanitária aos venezuelanos. Portanto, as notícias coletadas sobre os acontecimentos em torno desse contexto foram enquadradas não só nas rubricas *imigração em Minas Gerais* e *imigração no Brasil*, mas também nas rubricas *imigração no mundo* e *relações/conflitos internacionais*, conforme a perspectiva que focalizassem. Em todo caso, apresentaremos aqui apenas os textos classificados conforme as duas primeiras rubricas, sem perder de vista que elas trazem muitos elementos que projetam a questão em nível mundial, destacando tanto as relações como os conflitos internacionais.

Os textos a seguir serão apresentados na ordem cronológica de suas datas de publicação, sendo três deles do jornal *O Tempo* e um do *Estado de Minas*, embora o último publicado pelo jornal *O Tempo* seja uma reprodução do original, publicado por um terceiro veículo midiático, o *Estadão Conteúdo*. Assim, o primeiro texto deste eixo temático, intitulado “Grupo de 45

venezuelanos será transferido para Minas Gerais”, foi publicado no *site* e no *Facebook* do jornal *O Tempo* no dia 5 de fevereiro de 2019; o segundo, por sua vez, “Venezuelanos que estão em Minas sonham poder voltar para casa”, teve sua publicação nas duas plataformas de *O Tempo* no dia 17 de fevereiro de 2019; já o terceiro, cuja manchete é “Dois militares venezuelanos pedem refúgio no Brasil”, foi publicado no *site* e no *Facebook* do *Estado de Minas* no dia 24 de fevereiro de 2019; e o último, que tem como título “Mais de 170 militares venezuelanos desertaram para Brasil e Colômbia”, foi publicado nas duas plataformas de *O Tempo* em 25 de fevereiro de 2019. Um dado interessante é que o último desse conjunto de textos foi o que mais apresentou reações e compartilhamentos do público na página do *Facebook* (599 e 361, respectivamente), seguido do primeiro (286 e 31), que, em contrapartida, recebeu mais comentários do público (122, contra 34). Inferimos, pois, que o emprego de dados numéricos na manchete das duas notícias – estratégia utilizada pelos dois outros textos apenas na chamada – tem uma dimensão persuasiva eficaz e suficiente para suscitar a opinião pública, uma vez que os seguidores do jornal no *Facebook* reagem às notícias ainda que tenham lido apenas o seu título, como é muito usual para esse perfil de público, que pretende “consumir” as informações de modo prático e dinâmico.

QUADRO 7 – Notícia 5

Título	Grupo de 45 venezuelanos será transferido para Minas Gerais			
Chamada	Ação faz parte do programa 'Acolhe, Minas!' e pretende auxiliar os migrantes em sua nova vida no Brasil			
Link	https://www.otempo.com.br/cidades/grupo-de-45-venezuelanos-ser%C3%A1-transferido-para-minas-gerais-1.2131809			
Jornal	O Tempo			
	Seção: Cidades	Data: 05/02/2019	Autor(a)/Fonte: Lara Alves	
Publicação no FB	Data: 05/02/2019	Reações: 286	Comentários: 122	Compartilhamentos: 31
	Horário: 14h18			
Texto				
A definição dá conta de que refugiado é alguém que deixa seu país natal devido a temores de perseguição por motivos de raça, religião, opiniões políticas ou grave violação de direitos humanos. Diante da crise que se instalou na Venezuela, mais de um milhão de cidadãos daquele país já buscaram proteção em outros lugares do mundo.				
Só no ano passado, o Brasil recebeu quase 60 mil migrantes dessa nacionalidade e, atualmente, o município de Pacaraima que fica na fronteira brasileira com a Venezuela, recebe cerca de 500 migrantes por dia. Afogados pelo fluxo, não raramente moradores de Roraima entram em conflito com os refugiados.				
Com o intuito de ajudar os migrantes a se deslocarem para outros cantos do Brasil, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados				

(Acnur) deu início no ano passado a um programa de interiorização de venezuelanos. O programa já levou essas pessoas para São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

No próximo dia 15, um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) desembarca na capital mineira trazendo a bordo 45 migrantes como beneficiários do programa “Acolhe, Minas!”. A Arquidiocese de Belo Horizonte e os Jesuítas disponibilizaram três imóveis, dois na capital e um terceiro em Montes Claros, para receber as pessoas e oferecer a elas novas possibilidades de vida.

Uma reunião emergencial para recolher doações para as novas residências dos venezuelanos acontece neste sábado (9), às 10h, na sede do SJMR (av. Amazonas, 641, 8º andar). Entre os itens que serão arrecadados estão: artigos de higiene pessoal, alimentos, roupas de cama, banho, panelas, pratos e talheres.

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 8 – Notícia 6

Título	Venezuelanos que estão em Minas sonham poder voltar para casa			
Chamada	Grupo de 37 refugiados que chegou a Belo Horizonte na última sexta-feira participou de missa neste domingo			
Link	https://www.otempo.com.br/cidades/venezuelanos-que-est%C3%A3o-em-minas-sonham-poder-voltar-para-casa-1.2137800?fbclid=IwAR26Xg5tuFj3b6XznW3M_Hy1LGn8mXjaH9DJx7vBzg7N7V_8LjfmqEbyZD0			
Jornal	O Tempo			
	Seção: Cidades	Data: 17/02/2019	Autor(a)/Fonte: Clarisse Souza	
Publicação no FB	Data: 17/02/2019	Reações: 178	Comentários: 9	Compartilhamentos: 5
	Horário: aprox. 22h			
Texto				
<p>Augusto Alejandro Yrady Zamora, 19, não conseguiu segurar as lágrimas ao ouvir canções venezuelanas tocadas neste domingo (17), durante uma missa celebrada em Belo Horizonte, que marcou a chegada dos refugiados à capital. Juntamente com o rapaz, outras 36 pessoas vieram para Minas Gerais buscar uma condição melhor de vida do que a que tinham no país vizinho, que atravessa uma crise política e econômica.</p> <p>Apesar da expectativa de conseguir trabalho no Brasil, o rapaz, assim como outros colegas, não escondeu o desejo de um dia poder voltar para casa. “Sinto falta dos meus amigos, do calor do povo venezuelano, do abraço da minha avó. Enquanto isso não é possível, quero trabalhar e estabelecer-me aqui para que eu possa até trazer minha família que ficou na Venezuela”, revelou o jovem, que deixou para trás pai, mãe e irmã.</p> <p>Os venezuelanos desembarcaram em Belo Horizonte na última sexta-feira, depois de uma passagem por Boa Vista, em Roraima. Eles foram recebidos pela Arquidiocese de Belo Horizonte, que junto com a Congregação dos Padres Jesuítas dará apoio a todos até que eles consigam trabalho. “Tenham confiança, esperança e resistência”, disse aos venezuelanos o bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, dom Otacílio Ferreira de Lacerda, durante a missa celebrada na igreja da Boa Viagem, na região Centro-Sul da capital.</p> <p>É nessa esperança que a funcionária pública Betzaida Reis, 38, se apega para acreditar que a vida no Brasil pode melhorar. “Está muito difícil lá. O que quero é trabalhar, me integrar à sociedade e conhecer aqui”, afirmou.</p> <p>O padre Marcelo Silva, pároco da igreja da Boa Viagem, disse que a chegada dos venezuelanos a BH representa um desafio e que terão todo o apoio. “Eles precisam de ajuda para inserção no mercado de trabalho, para arrumar um lugar para morar e para que possam reconstruir as famílias deles aqui”, lembrou.</p> <p>Ajuda. Os venezuelanos que chegaram a Minas ficarão em residências cedidas pela Congregação dos Padres</p>				

Jesuítas, e pela Arquidiocese de BH, na capital e em Montes Claros, no Norte de Minas.

Ajudar para também ser ajudado

Os venezuelanos chegam a Belo Horizonte com o desafio de conseguir uma oportunidade para trabalhar. Entre os imigrantes, há garçom, professor, açougueiro, engenheiro, artistas, entre outros profissionais. “Quando vi isso, pensei: ‘a Venezuela está perdendo toda a produção de conhecimento e profissão que lá foi construída’”, avaliou o pároco da igreja da Boa Viagem, Marcelo Silva.

Para o religioso, tamanha diversidade é prova de que os refugiados têm muito a oferecer ao Brasil. “Com certeza, com isso nós também enriquecemos. Não pensem que nós só vamos ajudar”, afirmou.

Enquanto não conseguem emprego, os venezuelanos já sentiram um pouco da solidariedade em território mineiro. Após a missa, fiéis fizeram fila em frente às barraquinhas com venda de comidas típicas daquele país, que foram montadas do lado de fora da igreja para arrecadar dinheiro em prol dos imigrantes.

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 9 – Notícia 7

Título	Dois militares venezuelanos pedem refúgio no Brasil			
Chamada	Sargentos das Forças Armadas da Venezuela estavam no posto de controle da fronteira onde ontem houve um confronto com manifestantes, quando decidiram desertar			
Link	https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/24/interna_internacional,1033294/dois-militares-venezuelanos-pedem-refugio-no-brasil.shtml?utm_source=fanpage&utm_medium=twitter&fbclid=IwAR0cucjDbCckOtsPonAkYVKsUe_NZYKO2h1W9Ps7AOBQrwlWGcHr4pi1nlM			
Jornal	Estado de Minas			
	Seção: Internacional	Data: 24/02/2019	Autor(a)/Fonte: não identificado(a)	
Publicação no FB	Data: 24/02/2019	Reações: 116	Comentários: 15	Compartilhamentos: 21
	Horário: 20h45			
Texto				
Dois sargentos venezuelanos pediram refúgio no Brasil no sábado à noite, informou neste domingo à AFP o coronel Georges Feres Kanaan, membro da Operação Acolhida que atende migrantes do país caribenho na fronteira entre os países.				
"Estávamos aqui no posto de triagem da Operação Acolhida (em Pacaraima, Roraima) e ontem à noite dois militares da Guarda Nacional venezuelana se apresentaram como refugiados", disse o militar brasileiro.				
Os sargentos estavam no posto de controle da fronteira venezuelana onde no sábado foi registrado um confronto com manifestantes. Durante o incidente, os dois militares caminharam para o Brasil, explicou o coronel Kanaan.				
Os dois desertores do exército do presidente Nicolás Maduro estão nas instalações da Operação Acolhida em Pacaraima.				
Os militares venezuelanos "vão iniciar os procedimentos normais de solicitação de refúgio ou residência temporária, vacinação e regularização de permanência aqui", disse Kanaan.				
No sábado, pelo menos 60 militares e policiais venezuelanos desertaram e passaram ao lado colombiano, informou o serviço de migração da Colômbia.				

Tags #política #diplomacia #venezuela

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 10 – Notícia 8

Título	Mais de 170 militares venezuelanos desertaram para Brasil e Colômbia			
Chamada	Decisões de renegar governo de Nicolás Maduro foram tomadas após bloqueio de ajuda humanitária e repressão a manifestantes			
Link	https://www.otempo.com.br/capa/mundo/mais-de-170-militares-venezuelanos-desertaram-para-brasil-e-colombia-1.2141257?fbclid=IwAR2OnKx3sXQtZmZ79znTP7uLaRh6njIUT-ZR-Pblwaj7kDjvzMI2evIRPdk			
Jornal	O Tempo			
	Seção: Mundo	Data: 25/02/2019	Autor(a)/Fonte: Estadão Conteúdo	
Publicação no FB	Data: 25/02/2019	Reações: 599	Comentários: 34	Compartilhamentos: 361
	Horário: 17h30			
Texto				
<p>Pelo menos 174 militares venezuelanos abandonaram seus cargos e fugiram para o Brasil e para a Colômbia desde o sábado 23, quando agentes da Guarda Nacional Bolivariana (GNB) fizeram cordões de isolamento na fronteira da Venezuela com os dois países, impedindo a entrada de ajuda humanitária, e reprimiram, em alguns casos com violência, manifestações de apoio ao líder opositor Juan Guaidó, que se declarou presidente interino do país em janeiro.</p> <p>Destes casos, 167 foram registrados nas passagens que ligam regiões venezuelanas aos Estados colombianos de Norte Santander e Arauca, que receberam 157 e 10 desertores, respectivamente. Em Pacaraima, no Brasil, buscaram proteção 7 sargentos das Forças Armadas do país vizinho.</p> <p>Os casos mais recentes foram registrados nesta segunda-feira, 25, quando quatro sargentos da GNB desertaram e fugiram da Venezuela para o Brasil. Eles vieram por trilhas na vegetação rasteira, conhecida na região como "lavrado", e foram encontrados por uma patrulha do Exército que fazia inspeções de rotina na fronteira. Um deles apresentava sinais de desidratação, com enrijecimento muscular.</p> <p>"Vamos a Boa Vista e queremos o apoio do presidente interino Juan Guaidó para chegar a Cúcuta e nos reunir com os companheiros que desertaram (na Colômbia)", disse o sargento José Alexander Sanguino Escalante.</p> <p>"Queremos nos oferecer para lutar pela liberdade do povo." Questionado se estaria disposto a agir militarmente contra o regime de Nicolás Maduro, o desertor respondeu que sim.</p> <p>Com isso, chega a sete o número de desertores na fronteira brasileira desde que a oposição tentou entrar com ajuda humanitária na Venezuela, todos com a patente de sargento. No domingo, três membros da GNB também entraram no país depois de deixarem seus cargos descontentes com a gestão da crise por Caracas e com a situação geral do país.</p> <p>"Nos quartéis militares, não há comida. Não tem colchões. Nós, sargentos da Guarda Nacional (Bolivariana, GNB), estamos dormindo no chão", contou o sargento Carlos Eduardo Zapata, um dos três primeiros a chegar ao Brasil.</p> <p>Ao Estado, a deputada opositora Yuretzi Idrogo disse que a decisão de ir a Cúcuta é uma vontade pessoal dos desertores e não partiu da oposição. Apesar disso, ela reconhece que está em contato com soldados do outro lado da fronteira que querem desertar e que pretende ajudá-los a chegar até a cidade colombiana.</p> <p>Oficialmente, a fronteira venezuelana com o Brasil continua fechada desde a quinta-feira 21 por decreto do</p>				

presidente Nicolás Maduro. A passagem com a Colômbia foi totalmente bloqueada na noite da sexta-feira 22, após a realização do Venezuela Live Aid em Cúcuta, cujo objetivo é arrecadar US\$ 100 milhões em 60 dias para fornecer ajuda aos venezuelanos.

No fim de semana, a divisa entre os países, tradicionalmente tranquila, viveu horas estressantes depois de manifestantes venezuelanos tanto em território brasileiro quanto colombiano jogarem pedras e coquetéis molotov contra integrantes da GNB.

O presidente Jair Bolsonaro se reuniu pela manhã em Brasília com seu ministro da Defesa, Fernando Azevedo, e membros do alto-comando militar. Essa reunião acontece paralelamente ao Grupo Lima em Bogotá, do qual participam os Estados Unidos e o líder da oposição Juan Guaidó, para definir os passos a serem seguidos na crise venezuelana.

Turistas liberados

Segundo fontes do Exército, 25 turistas brasileiros que faziam turismo no Monte Roraima e não conseguiam passagem pela fronteira desde que ela foi fechada no dia 21 retornaram ao território brasileiro nesta segunda.

Eles passaram pela aduana com os veículos que faziam o trajeto vindo do monte e agora estão a caminho da capital de Roraima, Boa Vista. Ainda de acordo, com essas fontes, a tendência é de menos tensão na fronteira, com pelo menos a passagem de estrangeiros sendo liberada.

Um cidadão uruguaio com problemas de saúde também teve a passagem autorizada pelas autoridades venezuelanas.

Fonte: Compilação da autora

Tendo em vista, primeiramente, a cena enunciativa de cada texto apresentado, notamos que todos eles são elaborados segundo uma cena englobante que os enquadra no tipo jornalístico, uma cena genérica que os caracteriza como notícias e uma cenografia que preza pelo aparente apagamento enunciativo, conferindo ao enunciador midiático o estatuto típico de enunciador da imprensa de referência e ao seu par, o destinatário, um estatuto de enunciatário (instância-alvo) condizente com o público desse tipo de imprensa. Para tanto, destacamos a ausência de marcadores dêiticos pessoais em todos os quatro textos, além do recurso ao discurso relatado (heterogeneidade mostrada / marcada), o que funciona como estratégia enunciativa para aparentar neutralidade e objetividade, dois princípios associados às mídias de informação.

Nas notícias apresentadas nesta seção, o discurso relatado retoma as falas de outros atores, nas formas de discurso citado e integrado (CHARAUDEAU, 2009), à exceção de um discurso evocado, que corresponde à retomada da definição de refugiado (notícia 5). Essa definição, de forma análoga aos *informadores que representam organismos especializados (o coronel Georges Feres Kanaan, membro da Operação Acolhida e o serviço de migração da Colômbia (notícia 7))*, parece ser empregada com o intuito de se obter um valor de verdade que seja intrínseco ao próprio argumento de autoridade, mas que acaba por limitar-se a um efeito de verdade, devido à relação – infundada – de ideias, como veremos mais adiante. Já as demais ocorrências do discurso relatado visam conferir credibilidade ao que é noticiado, uma vez que eles são atribuídos a *informadores que são figuras públicas* ou que possuem, ao menos na apresentação da notícia, certa notoriedade (*O padre Marcelo Silva, pároco da igreja da Boa Viagem (notícia 6) e a deputada opositora Yuretzi*

Idrogo (notícia 8)), a *informadores que são testemunhas (o jovem, que deixou para trás pai, mãe e irmã e a funcionária pública Betzaida Reis* (notícia 6)) e a *informadores que desempenham, simultaneamente, os dois papéis (o sargento José Alexander Sanguino Escalante e o sargento Carlos Eduardo Zapata, um dos três primeiros a chegar ao Brasil* (notícia 8)).

Ainda em relação à dêixis enunciativa, como sinalizamos nas análises das notícias anteriores, há que se considerar a presença recorrente de marcadores dêiticos espaciais e temporais nos textos, que situam os acontecimentos noticiados em relação ao momento (agora) e ao lugar (aqui) da enunciação, nos quais os destinatários também se inserem. Considerando a dêixis temporal, sinalizamos as expressões: *no ano passado, atualmente e no próximo dia 15* (notícia 5), *neste domingo* (notícias 6 e 7) e *na última sexta-feira* (notícia 6), *desde o sábado/a quinta-feira, mais recentes, nesta segunda-feira, pela manhã e agora* (notícia 8). Além disso, no que se refere à dêixis espacial, observamos uma série de marcadores, tanto no texto propriamente dito quanto no discurso relatado, que reiteram a condição de deslocamento, na medida em que situam os sujeitos com base em seu estatuto dúbio – de emigrante em relação ao país de origem e de imigrante em relação ao Brasil: *daquele país* (notícias 5 e 6), *chegou a Belo Horizonte, ficou na Venezuela, deixou para trás e lá* (notícia 6), *aqui* (notícias 6 e 7), *do país vizinho, retornaram ao território brasileiro, chegar ao Brasil e vindo do monte* (notícia 8). Em outras palavras, antes mesmo de adentrar o território do vocabulário, já identificamos, na própria construção enunciativa, o primeiro tema imposto pelo campo discursivo que trata das migrações, isto é, a oposição *emigração-emigrante / imigração-imigrante*.

Com efeito, após uma leitura minuciosa dos quatro textos enquadrados no eixo temático *imigração venezuelana*, observamos que eles próprios se orientam conforme essa lógica de oposição temática, sendo que as notícias 5 e 6 focalizam os fluxos migratórios venezuelanos pela perspectiva da imigração – sem deixarem de contrapô-la à emigração – enquanto as notícias 7 e 8 adotam uma perspectiva inversa. Isso se explica pelo fato de as duas primeiras contextualizarem uma mesma ordem de acontecimentos – isto é, o acolhimento de imigrantes venezuelanos, em dois momentos distintos, operacionalizado pela vertente do programa de interiorização de venezuelanos “Acolhe Minas” – diferente da ordem de acontecimentos contextualizada pelas duas últimas – o pedido de refúgio no Brasil e na Colômbia por membros da Guarda Nacional Bolivariana.

Ainda que as motivações para a migração venezuelana, bem como suas condições, não sejam enquadradas oficialmente pelo ACNUR dentro dos parâmetros que configuram o refúgio, a definição oficial de refugiado – inclusive empregada pelo Alto Comissariado – é evocada na notícia 5 para qualificar os imigrantes venezuelanos, que são também representados dessa forma na notícia 6. Diante disso, uma série de problematizações nos parece pertinente, dado o papel das mídias,

notadamente a de referência, como influenciadora da opinião pública. Ainda que a retomada do conceito jurídico de refugiado viabilize, à primeira vista, o acesso do público a essa definição, como forma de instruí-lo e, assim, de deslocá-lo supostamente do senso comum (*doxa*) para o domínio de um saber reificado, a atribuição arbitrária do estatuto de refugiado aos imigrantes venezuelanos não só promove uma veiculação incorreta – juridicamente – dessa definição oficial, como também representa os imigrantes venezuelanos de forma ilegítima. Isso ocorre pelo fato de o enunciador midiático da notícia 5 tratar do contexto sociopolítico da Venezuela, representado sob a perspectiva da *crise*, logo em seguida ao discurso evocado, que apresenta os critérios de perseguição por opiniões políticas e de grave violação de direitos humanos como classificatórios da condição de refugiado.

Contudo, a associação desses dois imaginários (o de crise e o de perseguição/violação dos direitos humanos), sem um estudo pormenorizado do sistema de significações que sustenta a definição oficial de refugiado, faz com que ela seja ancorada em saberes de crença e objetivadas no discurso midiático pela via das representações sociais, ainda que aparentemente embasada em saberes de conhecimento. Dessa maneira, é possível alcançar, simultaneamente, os efeitos visados de verdade e de afetividade, uma vez que o destinatário, possivelmente, passa a considerar os imigrantes venezuelanos dignos de acolhimento, tendo em vista toda a vulnerabilidade social que o imaginário de refugiado, nesses termos, pressupõe.

Assim, nas notícias 5 e 6, além do termo *refugiados*, as denominações adotadas para representar esses imigrantes oscilam entre *venezuelanos*, *migrantes/migrantes dessa nacionalidade*, *cidadãos daquele país*, *imigrantes* e *(essas) pessoas*. Percebemos, pois, que o emprego dessas designações parte dos imaginários de nacionalidade e de cidadania não propriamente para tratar dos sujeitos que se deslocam sob o viés do “outro-estranho-estrangeiro”, mas para atribuir-lhes uma identidade própria, coletiva, cuja condição de existência se dá, provisoriamente, no deslocamento. De todo modo, uma fronteira entre *nós*, brasileiros, e *eles*, venezuelanos, acaba sendo desvelada no discurso, seja pelo emprego dos demonstrativos nos sintagmas acima (*dessa [nacionalidade]*, *daquele [país]* e *essas [pessoas]*), seja pela oposição entre as condições de vida no Brasil e na Venezuela (*novas possibilidades de vida* (notícia 5) e “vieram para Minas Gerais buscar uma *condição melhor de vida* do que a que tinham no país vizinho” (notícia 6)) e pelos respectivos sentimentos que essas condições supostamente despertam nos sujeitos que as vivenciam, (“Apesar da *expectativa* de conseguir trabalho no Brasil, o rapaz, assim como outros colegas, não escondeu o *desejo* de um dia poder voltar para casa” (notícia 6)).

Essa fronteira inscreve novamente as condições de existência na imigração em uma ordem de “problemas da imigração”, representados pelo uso de designações como: *crise/crise*

política e econômica e desafio. Tais problemas podem ser resolvidos, contudo, no âmbito do acolhimento, conforme os pontos de vista articulados pelos enunciadores midiáticos das notícias 5 e 6. Essa perspectiva se revela como um ato político, na medida em que situa a atitude das instituições sociais brasileiras – e, mais especificamente, das instituições religiosas – no âmbito de um imaginário de acolhimento que dialoga com um imaginário de benevolência muito presente em uma formação discursiva cristã⁷⁵, como revelam os seguintes sintagmas: “*ajudar os migrantes*”, “*beneficiários do programa ‘Acolhe, Minas!’*”, “*receber as pessoas e oferecer a elas novas possibilidades de vida*” (notícia 5), “*apoio a todos até que eles consigam trabalho*” e “*Eles precisam de ajuda para inserção no mercado de trabalho, para arrumar um lugar para morar e para que possam reconstruir as famílias deles aqui*” (notícia 6).

Vale destacar ainda que dois outros imaginários embasam a noção de acolhimento defendida nos/pelos discursos midiáticos em questão e contribuem para garantir a adesão da opinião pública ao posicionamento defendido, uma vez que partem dos mesmos princípios que orientam as condições de vida dos próprios brasileiros. O primeiro deles, o de dignidade, está presente nos exemplos acima e em outras passagens retiradas da notícia 6 (*consigam trabalho e inserção no mercado de trabalho / arrumar um lugar para morar / reconstruir as famílias deles aqui*) e é construído com base em outros imaginários – de trabalho e de estrutura familiar, por exemplo – que atravessam diferentes formações discursivas (desde a religiosa até a neoliberal). Já o segundo, o de reciprocidade, associado ao de diversidade, aparece no discurso relatado (integrado e citado) do representante religioso operado por um indutor retórico de negação que contradiz um discurso segundo o qual o acolhimento é uma ação de via única. Dessa maneira, a inscrição desse locutor no texto principal projeta um destinatário não apenas com base no perfil de público da imprensa de referência, mas também no de um público cristão, designado como *fiéis*: “*Para o religioso, tamanha diversidade é prova de que os refugiados têm muito a oferecer ao Brasil. ‘Com certeza, com isso nós também enriquecemos. Não pensem que nós só vamos ajudar’, afirmou*”. Todos esses imaginários traduzem ainda as condições de existência na imigração, segundo a perspectiva do acolhimento.

Em sentido contrário, as notícias 7 e 8 focalizam mais os “problemas de imigração”, partindo de uma análise das motivações que levam os venezuelanos – notadamente, os membros das Forças Armadas venezuelanas – a emigrarem de seu país. Nesse sentido, a notícia 7 é praticamente toda construída com base em uma problematização do imaginário de soberania nacional que orienta

⁷⁵ Nossa intenção aqui não é questionar as motivações, em termos éticos e morais, que levam as instituições religiosas a conduzir projetos de acolhimento a imigrantes e refugiados. Ao contrário, cabe-nos ressaltar que os processos migratórios devem muito a essas organizações religiosas, que estão entre as iniciativas não governamentais mais engajadas com a questão no Brasil e no mundo.

o sistema político da Venezuela. Isso se dá com base em uma série de indutores jurídicos que aponta tanto para a norma política instituída e os seus aparelhos (*Forças Armadas da Venezuela, posto de controle da fronteira, Guarda Nacional venezuelana e exército do presidente Nicolás Maduro*) quanto para a oposição a ela (*confronto, manifestantes, desertar/desertores*). Embora o indutor lexical *manifestantes* seja empregado normalmente para designar membros da sociedade civil que se oponham aos aparelhos de proteção do Estado, na notícia ele é adotado para tratar dos próprios membros da Guarda Nacional Bolivariana, que, representados ora como *militares* e *sargentos*, ora como *desertores*, não são propriamente desqualificados, mas associados ao movimento de oposição ao governo de Maduro, o que lhes confere maior consistência. Cabe ressaltar aqui que a ação de pedir refúgio é tematizada apenas na notícia 7, na forma de indutores jurídicos (*pediram refúgio e procedimentos normais de solicitação de refúgio*) que operam em torno do imaginário de legalidade, o qual legitima, em certa medida, a entrada desse grupo de imigrantes no país e propicia maior aprovação por parte da opinião pública – pelo próprio sistema de representações que esses indutores evocam, sem mencionar o embasamento legal que, como vimos no capítulo 1, autoriza o pedido de asilo a qualquer imigrante que chegue ao Brasil pelas vias do deslocamento forçado.

A notícia 8, por sua vez, perspectiviza os fatos valendo-se de indutores jurídicos (*desertaram, abandonaram seus cargos, fugiram*, dentre outros) embasados no imaginário de ilegalidade, o que provoca dois efeitos de sentido controversos. Por um lado, os indutores jurídicos referentes às ações do governo da Venezuela apontam para uma “norma na negativa” (*bloqueio de ajuda humanitária e reprimiram, em alguns casos com violência, manifestações de apoio ao líder opositor Juan Guaidó*) frente às diretrizes políticas – sustentadas pelos imaginários de democracia e diplomacia – que regem os Estados-Nação no mundo ocidental. Desse modo, o posicionamento do país é questionado, na medida em que os próprios representantes de seu aparelho militar o renegam (como já sinaliza a manchete: *Decisões de renegar governo de Nicolás Maduro*), e as ações dos opositores ao governo (*manifestantes*) são validadas. Ainda assim, por outro lado, a associação do processo emigratório dos militares venezuelanos a indutores jurídicos que representam esses sujeitos migrantes (*desertores*) como dissidentes da norma imposta pelo aparelho de Estado venezuelano (*governo de Nicolas Maduro, Forças Armadas e GNB/Guarda Nacional Bolivariana*) gera um efeito interpretativo de criminalização do seu processo imigratório, apresentado de forma superficial pela expressão “*entraram no Brasil depois de deixarem seus cargos*”, sem sequer abordar a solicitação de asilo – procedimento legal e padrão – como parte desse processo. Podemos notar, portanto, que as escolhas lexicais empreendidas pelo locutor/enunciador midiático não só

instauram pontos de vista subjacentes a uma suposta subjetividade/neutralidade, como também orientam o(s) ponto(s) de vista de seu destinatário a partir de uma perspectivização dos fatos.

3.1.4. Olhares cotidianos sobre os imigrantes

O quarto eixo temático a ser analisado diz respeito ao que denominamos *olhares cotidianos sobre os imigrantes*, tendo em vista as micronarrativas que tendem a sustentar as representações de imigrantes e refugiados, criadas e/ou veiculadas pela imprensa cotidiana e repercutidas na opinião pública. Essas micronarrativas embasam-se, com frequência, nos imaginários de violência e de criminalidade, em que os sujeitos migrantes são colocados, por vezes, na posição de culpados e, por outras, na de vítimas. A própria constituição do *corpus* no recorte temporal estabelecido por nós, que traz 8 das 20 notícias – listadas no anexo 3 – associadas ao presente eixo temático, já sinaliza o predomínio dessas micronarrativas na imprensa de referência e a sua influência sobre os olhares cotidianos da sociedade brasileira acerca dos imigrantes e refugiados, ainda que esse olhar não seja embasado em um contato interpessoal. Logo, dada a recorrência dos textos orientados por esse eixo temático e os limites estruturais da dissertação, limitamo-nos a analisar apenas 2 desses 8 textos – o primeiro intitulado “Acidente de moto com suspeita de embriaguez causa morte de colombiano em BH”, publicado no *site* e no *Facebook* do *Estado de Minas* no dia 7 de janeiro de 2019, e o segundo, “Imigrante colombiano encontra vidro em marmita dada por um homem”, publicado nas páginas do jornal *O Tempo* no dia 8 de abril de 2019.

Como podemos notar, já nas manchetes de ambas as notícias, são focalizados os imaginários de violência e criminalidade, explícita (*acidente de moto com suspeita de embriaguez causa morte*) ou implicitamente (*encontra vidro em marmita dada por um homem*), sendo os sujeitos enunciados como vítimas identificados com base em sua condição migratória (*colombiano e imigrante colombiano*). Em todo caso, ainda que a referência a esses imaginários seja mais explícita no primeiro texto, as manifestações do público na página do Facebook foram significativamente mais expressivas em relação ao segundo texto (2175 reações, contra 10 em relação ao primeiro, além de 259 comentários e 670 compartilhamentos, contra 0 em relação ao primeiro). Isso nos leva a crer que a afetividade da instância-alvo, neste caso, está ligada ao que Charaudeau (2007, p.82) identifica como o inesperado, isto é, uma categoria socialmente codificada de representação das emoções que “rompe com as rotinas, o hábito, o previsível”, o que corresponde mais à segunda que à primeira notícia.

QUADRO 11 – Notícia 9

Título	Acidente de moto com suspeita de embriaguez causa morte de colombiano em BH			
Chamada	Homem que estava na garupa bateu a cabeça em uma placa de sinalização e morreu no local. Condutor da moto apresentava sinais de ter bebido e recusou o bafômetro			
Link	https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/07/interna_gerais,1019345/acidente-com-suspeita-de-embriaguez-causa-morte-de-colombiano-em-bh.shtml			
Jornal	Estado de Minas			
	Seção: Gerais	Data: 07/01/2019	Autor(a)/Fonte: Guilherme Paranaíba	
Publicação no FB	Data: 07/01/2019	Reações: 10	Comentários: 0	Compartilhamentos: 0
	Horário: 12h50			
Texto				
<p>Um colombiano morreu no fim da noite deste domingo depois de sofrer um acidente de moto na Região da Pampulha, em Belo Horizonte. De acordo com o boletim de ocorrência gerado pela Polícia Militar para o caso, Jorge Alexander Munoz Peres, 47 anos, estava na garupa da moto conduzida por outro colombiano quando o veículo bateu em um paralelepípedo do canteiro central da Rua Professor José Vieira de Mendonça e ele foi arremessado.</p> <p>O local fica no Bairro Engenho Nogueira, próximo à esquina com a Avenida Carlos Luz e o condutor da moto, Jose Alexsander Gradilhaes Romam, 24 anos, apresentava sinais de ter ingerido bebida alcoólica. Ele se recusou a fazer o teste do bafômetro e por isso foi preso e encaminhado ao plantão do Departamento Estadual de Trânsito de Minas Gerais (Detran/MG).</p> <p>De acordo com a PM, o garupa bateu a cabeça em uma placa de sinalização, o que pode ter gerado um corte profundo verificado pela perícia no local. Segundo a Polícia Civil, o condutor da moto, que também é colombiano, foi preso em flagrante pela prática de homicídio culposo na direção de veículo automotor, conforme estipula o Código de Trânsito Brasileiro (CTB).</p> <p>Como o caso tem suspeita de ingestão de bebida alcoólica, ele entra na Lei 13.546, de 2017, que prevê pena mais dura para esse tipo de crime, o que elimina a possibilidade de fiança arbitrada pelo delegado de plantão. Por isso, o condutor da moto foi encaminhado ao sistema prisional, onde ficará à disposição da Justiça.</p> <p>A Polícia Civil também informou que entrou em contato com a Polícia Federal para comunicar o caso. Os colombianos entraram legalmente no país, mas a situação atual ainda será verificada durante a investigação do acidente.</p>				

Fonte: Compilação da autora

QUADRO 12 – Notícia 10

Título	Imigrante colombiano encontra vidro em marmitta dada por um homem
Chamada	O imigrante contou que fazia malabares num sinal de trânsito quando foi abordado: 'Se eu te der uma marmitta, você come?'
Link	https://www.otempo.com.br/brasil/imigrante-colombiano-encontra-vidro-em-marmitta-dada-por-um-homem-1.2165002
Jornal	O Tempo

	Seção: Brasil	Data: 08/04/2019	Autor(a)/Fonte: não identificado(a)	
Publicação no FB	Data: 08/04/2019	Reações: 2175	Comentários: 259	Compartilhamentos: 670
	Horário: 9h49			
Texto				
<p>Um imigrante colombiano foi vítima de uma tentativa de homicídio, no último sábado (6), no centro do município de Vilhena, em Rondônia. O homem relatou à Polícia Militar que recebeu uma marmitta de um homem e, ao começar a comer, encontrou pedaços de vidro misturados à comida.</p> <p>Em vídeo divulgado pela Polícia de Vilhena, o homem contou que fazia malabares num sinal de trânsito na avenida Major Amarante, no centro da cidade, quando foi abortado por um homem, que lhe ofereceu a marmitta.</p> <p>"Eu parei no sinal para fazer malabares e trabalhei ali por duas horas. Aí chegou um cara, assim negão como eu, bem vestido", narrou.</p> <p>"Se eu der uma marmitta para você, você come?" Eu falei: 'eu como, tô trabalhando na rua'. O cara foi e voltou e me deu a marmitta. Quando peguei o arroz e a farofa, pequei um vidro moído e uns pedacinhos pequenos na minha boca", acrescentou o imigrante, que foi encaminhado ao pronto-socorro do Hospital Regional para realizar exames.</p> <p>O marmitex foi apreendido e deverá ser periciado pela Polícia Técnico-Científica (POLITEC).</p>				

Fonte: Compilação da autora

As cenas enunciativas de ambas os textos seguem o mesmo padrão representativo da imprensa de referência: tipo jornalístico (cena englobante), gênero “notícia” (cena genérica) e cenografia própria aos estatutos do enunciador midiático e do destinatário típicos desse modelo de imprensa. Desse modo, o apagamento enunciativo também se mostra como uma estratégia adotada por esses locutores/enunciadores para criar efeitos de sentido de objetividade e imparcialidade, embora eles se desvelem por meio da dêixis temporal (*deste domingo* (notícia 9) e *no último sábado* (notícia 10)), que, paralelamente, inscreve os fatos e o destinatário no momento da enunciação. Além disso, também essas duas notícias se valem do discurso relatado, forma marcada da heterogeneidade mostrada, para conferir maior efeito de verdade à perspectivização dos fatos.

Assim, na notícia 9, são apresentados diversos informadores que representam organismos especializados (*de acordo com o boletim de ocorrência gerado pela Polícia Militar para o caso, de acordo com a PM e segundo a Polícia Civil*), além de um discurso integrado que revela a coesão entre dois aparelhos policiais – o Civil e o Federal – para conduzir as investigações do acidente (*A Polícia Civil também informou que entrou em contato com a Polícia Federal para comunicar o caso*). Vale ressaltar que a associação entre essas duas instituições reforça a projeção do acontecimento isolado na esfera das micronarrativas que representam imigrantes e refugiados valendo-se dos imaginários de violência e de criminalidade. Isso ocorre porque, enquanto as polícias Civil e Militar se encarregam de assuntos ligados à criminalidade no Brasil, a Federal é a

responsável pela regularização dos processos imigratórios, de modo que a sua interferência na investigação do caso cumpre justamente o papel de averiguar a regularidade dos imigrantes colombianos – protagonistas da notícia – no país, como um possível elemento a ser considerado na criminalização do causador do acidente.

Notamos, portanto, que a construção da notícia se fundamenta, primeiramente, em uma série de indutores jurídicos que estabelecem normas a serem seguidas na sociedade brasileira e parâmetros legais a serem adotados no caso de descumprimento dessas normas (*fazer o teste do bafômetro, estipula o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), entra na Lei 13.546, à disposição da Justiça e investigação*). Nessa perspectiva, também o descumprimento das normas aparece no texto sob a forma de indutores jurídicos em torno do imaginário de criminalidade (*suspeita de embriaguez/de ingestão de bebida alcoólica, sinais de ter bebido/ingerido bebida alcoólica, homicídio culposo, esse tipo de crime*) e de um indutor retórico de negação (*recusou o bafômetro/se recusou a fazer o teste do bafômetro*), o que justifica as punições – por sua vez, traduzidas por indutores ancorados nas normas – a esse crime (*preso/preso em flagrante, encaminhado ao plantão do Departamento Estadual de Trânsito de Minas Gerais (Detran/MG), pena mais dura para esse tipo de crime, elimina a possibilidade de fiança e encaminhado ao sistema prisional*). Logo, o imaginário de criminalidade se reforça pela evocação de todo um aparato legal e pela associação de vocábulos (palavras e expressões) que tratam do estado de embriaguez do causador do acidente, reiterados ao longo do discurso midiático sob várias formas, à classificação do crime propriamente dito (*homicídio culposo*).

Contudo, o que nos parece mais relevante para a análise é o fato de que, no processo de construção da notícia, não só os atos de nomeação – empregados, no título e no *lead*, para representar os sujeitos enunciados como causador e vítima do acidente – evidenciam seu estatuto de imigrante (*um colombiano e outro colombiano*), como também novos indutores jurídicos são adotados para tratar da sua condição migratória, com base no imaginário de legalidade (*entraram legalmente no país*). É em torno desse imaginário que o locutor/enunciador midiático estrutura a perspectivização dos fatos no sentido de acrescentar à notícia do acontecimento central (o acidente) e da investigação subsequente uma problematização que situa, ainda que pontual e indiretamente, o problema da criminalidade no bojo de um “problema de imigração”, discurso, não raro, difundido pela imprensa de referência. Diante disso, a própria condição de existência na imigração (“a situação atual [dos colombianos] ainda será verificada”) é condicionada a uma série de estigmas acerca dos imigrantes e de seus comportamentos, perpetuados pelas micronarrativas que circulam nos discursos midiáticos e, paralelamente, no senso comum (*doxa*).

Voltando nosso olhar para a notícia 10, destacamos que ela é estruturada com base no uso recorrente do discurso relatado que, embora oscile entre as modalidades citado (duas vezes) e integrado (duas vezes), traz em sua essência o mesmo conteúdo, isto é, o ato de xenofobia contra o imigrante colombiano. Observamos que a reiteração desse mesmo conteúdo aponta, por um lado, para uma má formulação textual, mas viabiliza, por outro, um direcionamento da notícia praticamente com base nas informações apresentadas pela própria vítima do ato xenofóbico, cujo estatuto é o de um informador que é testemunha (*O homem relatou à Polícia Militar que recebeu uma marmita de um homem e, ao começar a comer, encontrou pedaços de vidro misturados à comida e “O cara foi e voltou e me deu a marmita. Quando peguei o arroz e a farofa, pequei um vidro moído e uns pedacinhos pequenos na minha boca”, acrescentou o imigrante*).

Outro elemento importante a ser destacado, pois contribui para a construção dessa micronarrativa em torno dos imaginários de violência e de criminalidade, é o fato de a condição de imigrante ser enfatizada – na manchete, na chamada e no corpo da notícia (*imigrante colombiano/imigrante*) – para se referir ao homem identificado como *vítima*, enquanto o causador do ato de xenofobia é designado apenas como *homem* e *cara*, tanto no corpo do texto quanto nas falas reportadas do colombiano. Desse modo, os atos de nomeação empregados para defini-lo não atribuem, pelas escolhas designativas em nível lexical, nenhuma responsabilidade ao sujeito agente do crime – o que ocorreria, por exemplo, com o emprego de termos como *causador*, *suspeito* ou *culpado*, em contraposição ao termo *vítima*. Pelo contrário, os termos e as demais designações adotados para representar esse sujeito são os mesmos atribuídos, por vezes, ao próprio imigrante (“O *homem* relatou à Polícia Militar que recebeu uma marmita de um *homem*” e ““Aí chegou um *cara*, assim *negão como eu*””), de modo que a identificação de ambos, pelo mesmo sistema de significações, equipara-os na relação estabelecida por eles no momento em que o crime ocorreu.

Essa mobilização do vocabulário orienta, portanto, toda a perspectivização dos fatos, na medida em que, ao focalizar o acontecimento pelo viés das ações do sujeito agente, o discurso midiático não propõe nenhum tipo de problematização em torno do imaginário de xenofobia, que está na base de ações como esta. Em contrapartida, ao focalizá-lo pelo viés da vítima, esse discurso mobiliza tanto um vocabulário que criminaliza tais ações – pelo indutor jurídico *tentativa de homicídio* – quanto designações que remetem à condição de imigrante dessa vítima, o que contribui para situar, novamente, os imaginários de violência e de criminalidade em uma ordem de “problemas de imigração”, e não a problemas da sociedade (que deveria ser) de acolhimento. Isso revela, finalmente, uma gestão dos pontos de vista (RABATEL, 2013) por parte do locutor/enunciador midiático, o que nos leva a questionar a aparente neutralidade/objetividade do(s) discurso(s) veiculado(s) pela notícia.

3.1.5. Olhares sobre os emigrantes

O último eixo temático refere-se aos *olhares sobre os emigrantes*, isto é, sobre os brasileiros que vivem fora do país. Por mais que o objetivo deste trabalho seja refletir sobre as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no Brasil, julgamos pertinente incluir esta última notícia em nossa análise pelo fato de ela abordar, tal como as notícias enquadradas no eixo temático *olhares cotidianos sobre os imigrantes*, um episódio de violência contra sujeitos deslocados de seus países. O que nos chama a atenção propriamente, neste caso, é o tratamento discursivo dado ao acontecimento, visto que, diferentemente dos 8 textos que noticiam a violência praticada por ou contra imigrantes no Brasil, esse único texto que aborda a violência contra brasileiros no exterior é também o único que perspectiviza os fatos com base no imaginário da xenofobia. Partiremos, portanto, da apresentação da notícia, intitulada “Estudantes portugueses oferecem pedras para atirarem em alunos brasileiros” e publicada no *site* e na página do *Facebook* do jornal *O Tempo* em 29 de abril de 2019.

QUADRO 13 – Notícia 11

Título	Estudantes portugueses oferecem pedras para atirarem em alunos brasileiros			
Chamada	Cartazes incitam violência contra estudantes do Brasil; grupo de portugueses faz manifestação contra xenofobia			
Link	https://www.otempo.com.br/mundo/estudantes-portugueses-oferecem-pedras-para-atirarem-em-alunestaos-brasileiros-1.2175034			
Jornal	O Tempo			
	Seção: Mundo	Data: 29/04/2019	Autor(a)/Fonte: Estadão Conteúdo	
Publicação no FB	Data: 29/04/2019	Reações: 432	Comentários: 131	Compartilhamentos: 152
	Horário: 23h59			
Texto				
<p>Cartazes xenófobos contra estudantes brasileiros abriram uma crise nesta segunda-feira, 29, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, a mais tradicional instituição de formação de advogados da capital portuguesa. Um grupo de estudantes portugueses colocou um cartaz oferecendo pedras grátis para atirar em alunos brasileiros.</p> <p>"Grátis se for para atirar a um zuca (que passou à frente no mestrado)", dizia o cartaz. Zuca é uma gíria para se referir a brasileiros. Estudantes estrangeiros prometem uma grande manifestação na porta da faculdade na quinta-feira, 2 de maio, para pedir medidas contra a xenofobia.</p> <p>Na tarde desta segunda-feira, 29, alunos brasileiros denunciaram o cartaz à direção da faculdade. O caso</p>				

chegou até o reitor da universidade, António Cruz Serra, que anunciou a instauração de um processo disciplinar. O processo pode levar até a expulsão dos alunos e os impedir de conseguir entrar para a ordem dos advogados de Portugal. A direção da faculdade de Direito marcou para a manhã de terça-feira uma reunião com os representantes discentes dos brasileiros.

"Este é mais um episódio de xenofobia de portugueses contra alunos estrangeiros. Mas estamos satisfeitos com a resposta da universidade", afirmou Elizabeth Matos Lima, aluna de mestrado da instituição e presidente do Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros (Nelb), que representa os estudantes do Brasil.

Elizabeth explica que a tensão entre portugueses e brasileiros tem sido crescente, sobretudo nos últimos dois anos, por causa de um forte aumento da presença de alunos de mestrado e doutorado vindos do Brasil.

"É comum que nas turmas de mestrado, de 15 alunos, de 10 a 13 sejam brasileiros", conta. Segundo ela, professores da graduação da faculdade local são muito rigorosos nas notas. Na seleção para o mestrado e doutorado, na análise do histórico escolar, os brasileiros em geral têm notas muito superiores e ficam com as vagas. A Universidade de Lisboa é pública, mas cobra mensalidade.

Fonte: Compilação da autora

Como podemos notar, a cena enunciativa a partir da qual o texto é construído segue os mesmos padrões das notícias anteriores, ou seja, apresenta uma cena englobante de tipo jornalístico, uma cena genérica que o caracteriza como notícia e uma cenografia que sugere o apagamento enunciativo, conforme preveem o estatuto do enunciador midiático e as expectativas do destinatário da imprensa de referência. Isso se dá pela ausência de marcadores dêiticos pessoais, a não ser no discurso citado de uma estudante brasileira da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa ("Mas *estamos* satisfeitos com a resposta da universidade", afirmou Elizabeth Matos Lima), em que a forma verbal na chamada primeira pessoa do plural (*nós*) tem como valor referencial *eu + eles* [demais estudantes brasileiros e/ou *alunos estrangeiros* da instituição]. Em todo caso, observamos, também nesse texto, a presença de marcadores dêiticos temporais (*nesta/desta segunda-feira* e *nos últimos dois anos*), o que possibilita um melhor dimensionamento da notícia, enquanto gênero, em termos de sua atualidade.

Ainda em relação ao discurso relatado, consideramos importante ressaltar que, embora seu emprego sirva como uma estratégia para manter o locutor/enunciador midiático em uma aparente posição de neutralidade/objetividade, ele contribui também para a consolidação de um ponto de vista principal, que só pode ser gerido por esse locutor/enunciador midiático. Em outras palavras, tanto o discurso citado da estudante brasileira – cujo estatuto é o de uma informadora que, simultaneamente, é testemunha ("Este é *mais um episódio de xenofobia* de portugueses *contra alunos estrangeiros*") e tem notoriedade (*presidente do Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros (Nelb), que representa os estudantes do Brasil*) – quanto o discurso integrado do reitor da Universidade de Lisboa ("O caso chegou até o reitor da universidade, António Cruz Serra, *que anunciou a instauração de um processo disciplinar*") apontam para uma coesão entre os diversos representantes da comunidade acadêmica e fundamentam a mesma perspectiva, que qualifica as ações praticadas contra estudantes estrangeiros como xenofobia e visa combatê-las. Logo, essa perspectivização dos

fatos desvela também o ponto de vista do locutor/enunciador midiático e, estruturada com base em argumentos de autoridade atribuídos aos locutores/informadores convocados na notícia, possivelmente encontra adesão na opinião pública.

Diante disso, julgamos positiva a problematização da xenofobia, pelo discurso midiático, na abordagem das condições de existência na imigração, tendo em vista agora a condição de imigrantes vivenciada por brasileiros que estudam em Portugal. Para tanto, destacamos a associação do imaginário de xenofobia a indutores jurídicos que apontam para o descumprimento de normas sociais ancoradas no imaginário de respeito ao próximo (*incitam violência*) e para a consequente adoção de procedimentos de combate a ações xenofóbicas, inclusive instaurando novas “normas na negativa” (*medidas contra a xenofobia, denunciaram, processo disciplinar, expulsão dos alunos e impedir de conseguir entrar para a ordem dos advogados de Portugal*). Isso faz com que as condições de existência na imigração, enquanto tema imposto pelo campo discursivo, não sejam tratadas sob o viés dos “problemas de imigração”, mas sim segundo os problemas da sociedade de acolhimento.

Por outro lado, lamentamos o fato de que a mesma problematização não seja feita quando o discurso midiático trata das condições de existência dos imigrantes que vivem no Brasil. Diferentemente de todas as demais notícias do *corpus*, essa última não representa os brasileiros que vivem no exterior valendo-se do enfoque em seu estatuto jurídico (imigrante, refugiado etc.), à exceção do uso do termo *estrangeiros*, mas em seu papel social (*alunos/alunos de mestrado e doutorado, estudantes e representantes discentes*) ou em sua nacionalidade (*brasileiros e vindos do Brasil*), relevante no texto em questão por sustentar a oposição portugueses *vs.* brasileiros em torno da qual o imaginário de xenofobia, a ser combatido, impõe-se.

Logo, enquanto a temática das migrações é aqui abordada pela contraposição de grupos representados por identidades nacionais diferentes, o tema que trata da oposição emigração-emigrante / imigração-imigrante é direcionado, nos outros textos, segundo a lógica de um *nós* (identidade nacional brasileira) *vs.* um *outro-estranho-estrangeiro* que não corresponde a essa identidade coletiva referencial e, por isso, é representado como a fonte de uma série de problemas no momento em que o contato entre esses grupos acontece. Com isso, não só a xenofobia deixa de ser tematizada, mas corre-se o risco da consolidação de imaginários nacionalistas que estão na base de ações e discursos discriminatórios e xenofóbicos.

Ao voltarmos, pois, nosso olhar para esta série de textos midiáticos selecionados da imprensa de referência, analisando de que maneira o campo discursivo das migrações contemporâneas é problematizado segundo diversos eixos temáticos, pudemos identificar quais representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados, e da própria sociedade de acolhimento,

perpassam o discurso midiático e a opinião pública, refletindo e influenciando o senso comum (*doxa*). Feito isso, passaremos agora à análise das representações sociodiscursivas que atravessam as narrativas de vida dos próprios imigrantes e refugiados, buscando compreender os imaginários e as percepções que apresentam sobre si mesmos e suas comunidades de origem e de destino, para então compará-los aos que caracterizam as narrativas predominantes sobre as migrações contemporâneas e os sujeitos que as vivenciam.

3.2. As (auto)representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados em suas narrativas de vida

Neste segundo momento de análise, apresentaremos seis narrativas de vida constituídas a partir de entrevistas a nós concedidas por imigrantes e refugiados, a fim de que as suas próprias representações – de si e de suas condições migratórias – fossem discursivizadas e ouvidas. Consideramos, pois, fundamental o diálogo com os sujeitos que (se) contam, como forma de conhecer as suas narrativas de vida de modo mais autêntico. Como apontam Deslandes, Gomes e Minayo (2012, p.61; grifo do original), “o *trabalho de campo* permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também [...] uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade...”. E é pela entrevista, enquanto técnica privilegiada da comunicação, que são obtidos não apenas dados conseguidos por meio de outras fontes (censos, documentos, dentre outros), mas principalmente aqueles que se referem a “informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” (*Ibid.*, p.65). Ainda segundo os autores,

O que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de coleta de informações para as pessoas é a possibilidade que tem a *fala* de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor. (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2012, p.63-64; grifo do original).

Dados a natureza *qualitativa* e o caráter *discursivo* – sem perder de vista a dimensão etnossociológica – de nosso estudo, não vimos como necessária uma coleta exaustiva de depoimentos; ao contrário, uma investigação aprofundada, com base em elementos linguístico-enunciativos, dessas seis narrativas se mostrou bem mais produtiva para a reflexão sobre as representações sociodiscursivas que os imigrantes e refugiados têm de si. Tendo em vista que o nosso parâmetro de análise, como foi dito anteriormente, é a *categoria de situação* (no caso, a condição migratória) à qual os sujeitos pertencem, há que se considerar, como nos lembra Bertaux

(2006, p.57), que esses sujeitos se encontram dispersos na população. Diante disso, adotamos os seguintes critérios de escolha dos entrevistados: a diversidade de perfis – com relação a estatuto jurídico, nacionalidade, data de chegada no Brasil e em Belo Horizonte, área de atuação, idade e gênero – e a representatividade desses sujeitos no *mundo social* em que se inscrevem.

Considerando o primeiro critério, entramos em contato com pessoas que chegaram ao Brasil e/ou vivem no país identificadas por diferentes estatutos jurídicos, uma vez que as condições de existência na imigração são, muitas vezes, orientadas por aspectos legais. Além disso, para termos contato com uma maior diversidade de experiências migratórias, buscamos conversar com indivíduos provenientes de diferentes países, mas todos enquadrados no contexto das migrações Sul-Sul: dois da Ásia (Síria e Líbano), um da África (Congo), um da América Central e Caribe (Haiti) e dois da América do Sul (Venezuela e Peru). Também procuramos considerar a questão de gênero, não propriamente para tematizá-la, mas para compreender em que medida as narrativas de homens e mulheres trazem especificidades ligadas ao gênero – tanto na formulação dos discursos quanto nos processos migratórios narrados. Nessa perspectiva, entrevistamos três mulheres e três homens, com idades inseridas na faixa etária de 20 a 50 anos, cujo tempo de permanência no Brasil varia de aproximadamente 1 a 19 anos. Finalmente, levamos em consideração as diferentes áreas em que atuam, tendo em vista não só os perfis de atividades que realizam, mas a relevância de seus papéis sociais em seus respectivos domínios de atuação: empresarial, sociopolítico, estudantil e religioso.

Com isso, temos as bases para justificar o nosso segundo critério, isto é, a representatividade dos sujeitos que (se) contam no *mundo social* em que se inscrevem. Logo, o convite realizado a esses sujeitos se pautou, primeiramente, em seus papéis de destaque em algumas áreas de atuação na região metropolitana de Belo Horizonte, como o empreendedorismo, os movimentos sociais e estudantis e as missões religiosas. Associado a isso, chamou-nos também a atenção o fato de que a projeção de suas realizações pessoais e/ou profissionais, nos espaços onde já detêm certa visibilidade, carrega sempre uma narrativa que recupera suas trajetórias como migrantes e evoca uma identidade coletiva, colocando em pauta as questões migratórias contemporâneas, suas condições e seus desafios. Assim, reconhecemos nesses representantes não apenas um exemplo de êxito em suas atividades, mas também um engajamento com iniciativas de caráter social e – por que não – político, seja pela militância em prol da causa migratória, seja pelos esforços em preservar suas próprias comunidades.

Nesse sentido, mesmo partindo do princípio de que “dar a palavra” é restituir um direito a grupos que sistematicamente vêm sendo mantidos à margem dos espaços de fala institucionalizados, a exemplo do próprio ambiente acadêmico, julgamos insensível propor a

realização de entrevistas com pessoas que ainda enfrentam obstáculos de ordem elementar para se instalarem e/ou se regularizarem no país, além de desconhecerem a língua portuguesa ou não a dominarem a ponto de se sentirem confortáveis para apresentarem um relato em português. A nosso ver, como o maior interesse deste trabalho com as narrativas de vida é viabilizar a livre manifestação dos imaginários e das representações identitárias desses sujeitos, a exposição de imigrantes e refugiados em condição de vulnerabilidade social ao contexto de entrevista, ao invés de contribuir para seu empoderamento, estabeleceria uma nova condição de vulnerabilidade, que é justamente o que pretendemos combater. Por isso, estabelecer um diálogo com indivíduos que já tenham, por um lado, uma consciência de mecanismos sociais (e até mesmo discursivos) segregacionistas e, por outro, um desejo de ampliar seu acesso a novas esferas que promovam debates dessa natureza (ainda que de forma desigual) pareceu-nos um passo significativo, embora ainda distante do ideal, para assegurar seu protagonismo e para projetar um discurso outro (DUCARD, 2015, p.106) com potencial para (fazer) questionar os discursos ditos oficiais.

Tendo todos esses critérios em vista, faremos uma breve contextualização do processo de realização das entrevistas antes de partirmos propriamente para suas análises. À luz de Bertaux (2006) e de Deslandes, Gomes e Minayo (2012), buscamos estabelecer um contato inicial com os entrevistados que prezasse tanto pela exposição clara da nossa pesquisa – visto que os participantes são antes sujeitos colaboradores no processo de construção desse estudo, e não meros objetos de estudo – quanto pela valorização das subjetividades ligadas a cada contexto de entrevista e aos depoimento em si, apresentados por cada um à sua maneira. Desse modo, para realizar o convite aos entrevistados, optamos por contactá-los diretamente via *whatsapp*, já que a comunicação por esse canal constitui uma prática legítima na contemporaneidade e que a entrevista, como nos lembra Deslandes, Gomes e Minayo (2012, p.65), “está sujeita à mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade”.

Assim, enviamos uma mensagem por escrito a cada participante, apresentando-nos segundo nossa identidade de pesquisadores e demonstrando nosso interesse em compreender uma situação que nossos interlocutores conhecem, por sua própria experiência, bem melhor que nós mesmos (BERTAUX, 2012, p.60). Ainda nessa mensagem, abordamos brevemente a motivação da pesquisa, fazendo uso de uma linguagem mais coloquial, a fim de estabelecer um contrato de comunicação orientado por trocas languageiras mais acessíveis e de possibilitar um vínculo maior com nossos interlocutores. Vale ressaltar que essa mesma dinâmica de interação também foi adotada, posteriormente, no momento das entrevistas⁷⁶, com base no princípio de que

76 O uso de uma linguagem mais espontânea, mais informal, pode ser observado na transcrição das entrevistas (anexo 7).

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação e da própria objetividade. [...] A inter-relação que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia a dia, as experiências e a linguagem do senso comum no ato da entrevista é condição *sine qua non* do êxito da pesquisa qualitativa. (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2012, p.67-68; grifo do original).

Após a fase de apresentação, justificamos a cada entrevistado a razão de nos interessarmos por sua contribuição, bem como qual aspecto de sua trajetória é caro ao nosso estudo, isto é, a sua experiência enquanto membro de uma *categoria social* (BERTAUX, 2012, p.59) – a de sujeito migrante. Em alguns casos, foi necessário detalhar, um pouco mais, os propósitos da pesquisa – em um deles, por meio de um primeiro encontro presencial –, mas a todos os participantes foi esclarecido o objetivo maior de comparar as representações de imigrantes e refugiados difundidas na mídia com as observadas em suas próprias narrativas de vida. Também foi dito a eles, já nesse contato inicial, que a entrevista somente ocorreria mediante a assinatura, de ambas as partes (entrevistador e entrevistado(a)) do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE*⁷⁷ (anexo 4), como forma de garantir o cuidado com o seu bem-estar e a sua segurança.

Nessa perspectiva, os únicos riscos previstos para os colaboradores consistiriam, como aponta Lara (2017), em: 1) identificação dos participantes, o que se evitou por meio da adoção de nomes fictícios para garantir seu anonimato; 2) um eventual incômodo ou desgaste emocional gerado pela abordagem de determinado(s) assunto(s). Nesse caso, os entrevistados tiveram plena liberdade de não responder a alguma questão que julgaram embaraçosa ou inconveniente; 3) um desinteresse em participar ou em continuar a participar da pesquisa, o que não ocorreu efetivamente, embora tivéssemos deixado claro que eles poderiam se retirar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer que fosse o motivo, com a garantia de que suas entrevistas, se já dadas ou mesmo transcritas, seriam excluídas do *corpus*. Cientes de todas essas questões, elencamos, por antecipação, uma quantidade de pessoas – a serem contactadas inicialmente – superior às seis que deveriam ser (e foram) entrevistadas, tendo em vista uma dificuldade de adesão prevista com base em relatos de outros pesquisadores que já realizaram ou realizam trabalhos da mesma natureza, a saber:

É importante destacar algumas dificuldades durante o processo de pesquisa que acabaram limitando o número de participantes. A primeira delas foi a de encontrar pessoas que aceitassem participar da pesquisa. Mesmo eu sendo pesquisadora, mulher negra haitiana, foi difícil conseguir o apoio, ajuda das mulheres para que o trabalho fosse possível. Para

77 O TCLE utilizado foi formulado em consonância com o projeto maior da Prof.^a Dr.^a Glaucia Muniz Proença Lara (orientadora desta dissertação): *Análise do discurso e (des)igualdade social: representações discursivas dos segregados/excluídos no Brasil e na França*, que foi aprovado pelo parecer 2.381.555 do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, em 14 de novembro de 2017.

preservar a intimidade das imigrantes, não foi possível conseguir a indicação de contatos por parte de associações e organizações que trabalham com esses públicos. (THERRIER, 2018, p.16-17).

Em todo caso, ao conseguirmos uma resposta positiva de seis das sete pessoas contactadas em um primeiro momento, propusemos um encontro pessoal com cada uma delas para realizar, finalmente, a entrevista, mediante a assinatura do TCLE e a gravação em áudio dos depoimentos, conforme havia sido destacado também por mensagem. Para tanto, foi sugerido aos participantes o período de 5 a 15 de agosto de 2019 (diferentemente do previsto no calendário do projeto de pesquisa), dentro do qual eles tiveram a liberdade de escolher a melhor data. Assim, a primeira entrevista foi realizada no dia 05/08, a segunda e a terceira em 08/08, a quarta em 09/08, a quinta em 10/08 e a última no dia 12/08. Também os horários e os locais de realização das entrevistas ficaram a critério dos entrevistados: duas delas foram realizadas em local de trabalho; duas na residência dos participantes; uma em local de estudo; e uma, que destoou um pouco das demais pelas próprias condições de realização do trabalho de campo, ocorreu via ligação por *Skype*, dado que a entrevistada não se encontrava em Belo Horizonte no momento da entrevista e preferiu realizá-la por esse meio.

Uma vez articulados os encontros com os participantes, passamos à preparação da entrevista propriamente dita. Para tanto, elaboramos um documento (anexo 5) que pudesse contemplar – e acrescentar, de forma adaptada à nossa proposta – alguns elementos sinalizados por Bertaux (2006, p.60) como necessários a um caderno de campo (*cahier de terrain*) e a um guia de entrevista (*guide d'entretien*): o nome do(a) entrevistado(a); a data, o horário e o local da entrevista; um campo a ser preenchido com a descrição do contexto de entrevista, com base em observações feitas por nós; a pergunta de pesquisa; o roteiro de entrevista, com perguntas primárias e secundárias; e os dados principais dos entrevistados (nome completo, nome fictício a ser usado, nacionalidade, cidade de nascimento, data de nascimento, principal ocupação, além de informações ligadas à sua condição migratória, ou seja, o tipo de visto e as datas de chegada no Brasil e em Belo Horizonte). Cabe ressaltar que, como asseguramos aos participantes, o objetivo desses registros não é divulgá-los, à exceção das informações mais genéricas acerca de seu perfil, correspondentes ao nosso primeiro critério de seleção (estatuto jurídico, nacionalidade, data de chegada no Brasil e em Belo Horizonte, área de atuação, idade e gênero). As demais informações, relativas à sua identificação pessoal, foram mantidas em sigilo.

No que diz respeito à metodologia de condução da entrevista, nossa intenção inicial, como apresentamos no projeto de pesquisa, era a de promover o diálogo com o(a)s entrevistado(a)s com base em apenas uma pergunta genérica: *Qual é a sua história de vida como migrante?*

Esperávamos assim que, a partir dela, os entrevistados fossem levados a refletir sobre suas histórias de vida e experiências no Brasil, sem qualquer interferência que induzisse as suas respostas e/ou as direcionasse para resultados pré-estabelecidos, partindo do princípio de que “a escuta, supostamente a que o ouvinte modelo adotaria, é feita de uma atenção compreensiva, discreta, análoga àquela que as poucas perguntas do repórter sugerem e nas quais o ruído do ambiente se faz presente” (DUCARD, 2015, p.110). Contudo, há que se considerar que a entrevista, enquanto técnica, funciona justamente com base em um processo dialógico, segundo o qual as interações languageiras entre os sujeitos interlocutores são necessárias não só para o compartilhamento de valores, imaginários e representações, mas também para a co-construção de sentidos.

Diante disso, sem perder de vista as ponderações de Deslandes, Gomes e Minayo (2012, p.64) de que a entrevista “é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador” e de que “ela tem o objetivo construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e a abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”, assumimos com Bertaux (2006, p.60) que a realização de uma entrevista bem-sucedida torna-se possível desde que o(a) entrevistador(a) esteja bem preparado. Nesse sentido, o autor destaca que o modelo de entrevista narrativa (*entretien narratif*) deve se compor de duas partes: a primeira consiste em incitar o sujeito a se contar, como propusemos em nossa pergunta de pesquisa, e a segunda em solicitar a ele, ao longo da conversa, que desenvolva os pontos destacados no *guia de entrevista*.

Com isso, julgamos que a modalidade de entrevista mais condizente com o modelo narrativo é, portanto, a *semiestruturada*, frequentemente adotada em pesquisas sociológicas, uma vez que “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2012, p.64). Com efeito, embora a maioria dos entrevistados tenha contemplado boa parte das perguntas de nosso guia de entrevista já no depoimento dado em resposta à pergunta de pesquisa, o roteiro de perguntas primárias e secundárias foi extremamente importante para orientar os participantes em momentos nos quais eles próprios pediram tal orientação, sendo que uma das pessoas entrevistadas, já de início, sinalizou que preferia responder a um roteiro específico ao invés de narrar toda a sua história de vida como migrante.

Finalmente, devemos destacar também que, dada a natureza evolutiva do guia de entrevista – isto é, a necessidade de se introduzirem questões, não previstas inicialmente no roteiro, baseadas na observação de determinados mecanismos particulares às entrevistas realizadas (BERTAUX, 2006, p.61) –, acrescentamos, desde a primeira entrevista realizada, uma questão de

encerramento que propunha aos sujeitos uma reflexão acerca do que aprenderam e do que podem então ensinar com base em seu processo migratório.

Feita essa contextualização preliminar, resta-nos tratar ainda de algumas etapas metodológicas que foram aplicadas para que chegássemos às narrativas de vida no formato em que serão apresentadas aqui. A primeira delas diz respeito ao registro das entrevistas, que se deu por meio da gravação das falas, simultaneamente, em dois aparelhos celulares. Para tanto, foi utilizado o mesmo aplicativo de gravação de áudio em ambos e, como teste, foi proposto a todos os entrevistados que gravassem a leitura dos dados pessoais que preencheram no documento (“caderno de campo”) entregue a eles. Ao término do teste, iniciamos a gravação oficial, pedindo que contassem sua história de vida como migrantes – conforme a pergunta de pesquisa – durante um período de 30 a 60 minutos. Apesar desse tempo de referência, a duração de cada entrevista foi muito variável: três delas duraram cerca de 15 minutos, e as outras três duraram, em média, de 35 a 45 minutos⁷⁸.

Em todo caso, consideramos de suma importância respeitar o tempo que cada participante julgou necessário para (se) contar. Primeiramente, em respeito à sua subjetividade e à sua própria história, uma vez que – reforçamos – eles não devem jamais ser tratados como meros objetos de pesquisa. Além disso, esclarecidos todos os pontos do guia de entrevista, entendemos que não só o que (ou o quanto) é dito se mostra relevante para a nossa pesquisa, mas também as maneiras de dizer, com suas particularidades e seus estilos. Portanto, essa liberdade para (se) contar tornou as narrativas mais autênticas e naturais, além de revelar aspectos essenciais sobre a identidade (ou, mais precisamente, o *éthos*) – individual e coletiva – de cada sujeito, sendo essas noções caras à Análise do Discurso. Ademais, como nos lembram Deslandes, Gomes e Minayo (2012, p.75), “no campo, assim como durante todas as etapas da pesquisa, tudo merece ser entendido como fenômeno social e historicamente condicionado”, inclusive “todo o conjunto de relações interpessoais e de comunicação simbólica”.

Tendo os registros em mãos, iniciamos a segunda etapa metodológica: o processo de transcrição. Inicialmente, transcrevemos uma primeira versão de cada entrevista, contendo todas as perguntas feitas por nós e as respectivas respostas a elas, com base no sistema de normas elaborado por Castilho e D.Pretti (1986) e apresentado por Koch (2006, p.85-86). Essas normas para transcrição (anexo 6) propõem signos/sinais para a representação de fenômenos tanto linguísticos como extralinguísticos, além de permitir o registro de ocorrências como a incompreensão de palavras ou segmentos durante a transcrição. Nesse sentido, ainda que nossa intermediação ocorra

78 Apresentamos a duração das entrevistas de forma aproximativa com base no tempo de gravação recuperado no aplicativo e no fato de que, na maioria das entrevistas, houve alguma interrupção externa, tendo em vista os lugares onde foram realizadas.

inevitavelmente como parte natural do processo de interação humana, comprometemo-nos a preservar, tanto quanto possível, as falas registradas em áudio e, por isso, julgamos esse sistema de transcrição mais pertinente e produtivo.

De todo modo, como a análise discursiva se apoia na materialidade do texto e como, para nós, interessa sobretudo o plano de conteúdo desses textos, adaptamos as entrevistas às convenções da escrita em língua portuguesa e as transformamos em narrativas de vida, ou seja, não transpusemos para a segunda versão as perguntas feitas por nós. Porém, também nessa segunda versão, foi preciso fazer algumas intervenções, marcadas por termos e sintagmas inseridos entre colchetes, a fim de manter a narrativa como um *todo* coerente e coeso. Em geral, intervenções dessa natureza ocorreram com mais frequência nas narrativas adaptadas de entrevistas que demandaram mais perguntas do roteiro⁷⁹. Além disso, mantivemos algumas convenções do sistema de transcrições adotado na versão 1, a saber, as palavras escritas em maiúsculas para marcar a entoação enfática e os trechos em parênteses para sinalizar as hipóteses do que foi ouvido por nós. Com o intuito, pois, de apresentar cada narrativa de forma clara, associando-a a informações que revelem o perfil de seu respectivo narrador, enquanto sujeito migrante, elaboramos o seguinte quadro (Quadro 14):

QUADRO 14 – Apresentação das narrativas de vida

Nome (fictício):		
Estatuto jurídico:	Nacionalidade:	
Tempo no Brasil:	Tempo em BH:	
Área de atuação:	Idade:	Gênero:
Narrativa de vida		










Fonte: Compilação da autora

Finalmente, para desenvolver a análise discursiva das narrativas de vida, com base no dispositivo individualizado que nos propusemos a adotar, empreendemos uma terceira etapa metodológica, que consistiu na análise dos elementos linguísticos e enunciativos presentes na segunda versão dos textos transcritos. Para tanto, tivemos como referência a mesma legenda de cores que apresentamos no Quadro 2, com o acréscimo de uma nova categoria pertinente ao estudo

⁷⁹ Como pode ser observado no anexo 7, duas entrevistas transcorreram livremente a partir da pergunta de pesquisa; uma se estendeu bastante, contemplando várias outras perguntas primárias e secundárias, a partir da pergunta de pesquisa; duas dependeram de perguntas mais frequentes; e uma se estruturou com base nas perguntas do roteiro, sem desenvolver muito as respostas a cada pergunta.

das narrativas de vida: o *éthos*.⁸⁰ Desse modo, nossa legenda passou a adquirir o aspecto do Quadro 15.⁸¹

QUADRO 15 – Categorias discursivas analisadas nas narrativas de vida

Legenda	
 dêiticos	 outras designações
 informador	 indutores de normas sociais
 discurso relatado	 indutores retóricos
 designação das migrações e dos sujeitos migrantes	 índices de avaliação
	 éthos

Fonte: Compilação da autora

Em respeito à preservação da identidade dos entrevistados, como asseguramos a eles, mantivemos os respectivos nomes fictícios escolhidos por/para eles nos trechos das narrativas em que seus nomes reais foram mencionados, além de substituir os nomes dos lugares ou dos serviços – no caso dos participantes ligados ao empreendedorismo – que os identificam. Também a identidade de outras pessoas mencionadas, por fazerem parte dos círculos de convivência deles, foi preservada pelo uso apenas das iniciais de seus nomes. Optamos ainda por manter, em respeito à variação linguística que remete às maneiras de dizer dos sujeitos, o registro exato das palavras e expressões adotadas por eles para (se) contar, mesmo que apresentassem influências de suas línguas maternas e/ou ocorrências que são consideradas desvios do padrão culto da língua portuguesa. De qualquer forma, antes de iniciar a análise discursiva, enviamos a segunda versão das transcrições aos participantes para que pudessem avaliar os textos de suas respectivas narrativas de vida e fazer ainda qualquer intervenção caso julgassem necessário. Passaremos, assim, à apresentação e à análise das narrativas de vida constituintes do *corpus*, ordenadas de acordo com a data de chegada de cada narrador ao Brasil, da mais antiga para a mais recente – com exceção da última, que será apresentada como um adendo devido às circunstâncias de sua realização.

80 Ao reproduzirmos alguns trechos das narrativas ao longo das análises, também destacaremos, em itálico, alguns termos e expressões que julgarmos importantes para ilustrar nossos comentários.

81 Assim como fizemos com as notícias, e pelas mesmas razões, optamos por não reproduzir a aplicação da legenda de cores na apresentação das narrativas de vida.

3.2.1. Nela de Voz

“*Eu tive a capacidade de insistir naquilo que eu acreditei sempre*”

QUADRO 16 – Narrativa 1

Nome (fictício): Nela de Voz		
Estatuto jurídico: Imigrante (visto permanente)	Nacionalidade: Peruana	
Data de chegada no Brasil: 2000	Data de chegada em BH: 2002	
Área de atuação: Artesã	Idade: 50 anos	Gênero: feminino
Narrativa de vida		
<p>Minha história de vida como migrante... bom, éh, eu tenho 19 anos em Brasil, cheguei no ano 2000. Éh... saí do meu país... éh, a verdade, o motivo, um dos motivos principais da saída de lá, do meu país, foi a vontade de conhecer outras culturas, de viajar. E... eu sempre tive essa vontade, quando <i>yo</i> achei que era o momento, não pensei duas vezes e... como eu sou artesã, desde muito nova, então, éh... a única, éh... o único meio que me permitiria eu sair do meu país e fazer essa viagem [incompreensível] artesanatos. Então, peguei um mochilão enorme - acho que era quase do meu tamanho -, coloquei nas costas, dei “tchau” para a minha família e empreendi a viagem. No início, éh, quando saí de casa, bom, minha família ficou chocada, meus pais... meus irmãos até que me apoiavam, mas meus pais ficaram bem tristes, bem abalados, não entendiam muito, éh... o sentido de... por que eu estava indo embora, e... e, bom, eu fui, fui, criei asas e fui. E aí, fui, aos poucos, de cidade em cidade. Saí de Lima, daí fui para uma cidade próxima, para outra, depois cheguei na Bolívia, fiquei, aos poucos, enquanto vendia, ia viajando, atravessei a Bolívia toda, cheguei em Mato Grosso, atravessei pra o lado do Brasil e... recebi meu visto de turista, entrando no Brasil. Então, quando chego no Brasil, éh... cheguei para Corumbá, daí peguei um ônibus que... estava - e eu não sabia para onde ir realmente -, então cheguei na rodoviária e olhei lá qual o nome que estava mais afim que eu... que eu achava mais bonito [riso]. Aí eu vi “Presidente Prudente”, eu falei:</p> <p>- Gente, que nome engraçado, “PRESIDENTE PRUDENTE”, ah, vou lá para Presidente Prudente [riso].</p> <p>Comprei <i>una</i> passagem, cheguei em Presidente Prudente, fiquei lá, lembro que uma noite, dormi lá, mas... éh... minha ideia não era bem ficar por aí e então, éh... tomei um banho, comi, esse dia, andei um pouquinho pela cidade, bem pouco, e... voltei para a rodoviária e me direcionei a São Paulo. Então... viajei para São Paulo e aí, finalmente, de São Paulo, fui para Campinas. Onde me estabeleci, em Campinas, estive com, éh... uma família de peruanos que já moravam lá, me receberam, que eu já até conhecia. E... e eles, tipo, me acolheram, né? Me adotaram. Eles também ficavam, assim, meio, éh... preocupados pelo fato de eu chegar num lugar que não conhecia, não falava a língua e... eles me ofereceram um espaço na casa deles - era <i>una</i> família com filhos - e então eu... eu aceitei e fiquei. Eu fiquei um tempo, sou muito grata, nóh, a essa fase que eu fiquei, porém, éh... era uma casa de família, eu tinha que <i>cumplir</i> com as regras da casa, né? Então, não era o que eu queria, eu queria minha liberdade, eu queria me sentir livre, sem ninguém que tenha que me falar NADA, e, outra coisa, eu precisava e tinha vontade de eu poder pagar o espaço por onde eu morar. Então, eu precisava muito de isso, queria muito, então... éh... agradei eles - fiquei uns, aproximadamente, cinco meses em casa <i>de eles</i> - e... agradei e me [incompreensível] alugar um quarto dentro de uma república de mulheres. Alugou o quarto e... tinha meu espaço, tranquilamente, trabalhava na rua vendendo meus artesanatos, desde o primeiro dia que cheguei, e... bom.</p> <p>Aí dei continuidade e, logo depois, ao pouco tempo, fiquei sabendo que... teria... o <i>Rock in Rio</i> e eu fiquei - meu sonho sempre foi fazer parte do <i>Rock in Rio</i> -, então... comprei um ingresso e fui para o <i>Rock in Rio</i>, isso foi no ano 2001, em janeiro. Éh... cheguei no Rio de Janeiro, não conhecia NINGUÉM e - eu não lembro por que que eu fui a parar em Niterói [riso] - fui a parar em Niterói e... éh... lembro que atravessei aquela ponte louca, depois <i>una</i> balsa. E lembro que... aluguei, fui lá procurando onde tinha uma hospedagem e me indicaram um que estava ali, bem ali na <i>salida</i> das balsas, e eu não tinha percebido que... essa hospedagem era um motel de... da zona, né? [riso] E aí eu entrei, me hospedei lá, mas achava estranho, porque era tudo, éh, com luz VERMELHA e, quando entrei no quarto, o quarto era redondo, todo VERMELHO, com espelhos no</p>		

TETO, e eu falava “gente”, e eu toda inocente [riso], foi muito engraçado.

Mas então, aí, eu fui pra conhecer, éh... a cidade do Rio de Janeiro, Ipanema. Para ir para a praia, e aí eu atravessei - eu lembro que eu atravessei - e cheguei lá e vi – nóh, foi encantador quando eu cheguei no Rio de Janeiro, realmente. Então, tentei trabalhar, trabalhei lá... éh... eu acho que, no segundo dia, conheci outros artesãos que me falaram que tinha *una*... uma... feira na... nos Arcos da Lapa, onde podia trabalhar na madrugada, porque tinha, tipo, forró... assim, na madrugada toda. E que lá tinha muitos, éh... hispanos expondo e [incompreensível] muito interessante conhecer, éh... outras... outros hispanos, né? Que talvez poderia ter (outros) peruanos também, enfim... aí eu cheguei lá e... realmente, vi um monte de gente, éh... expondo e me emocionei, aí virei amiga de todo mundo. E, por coincidência, encontro com *una* amiga que era amiga de Peru já... ela era *una* amiga que eu tinha conhecido na minha adolescência e ela já tinha feito a mesma coisa que eu, porém uns anos antes. Então ela já estava instalada no Rio, ela morava no centro do Rio. E aí, ela me falou:

- O que você tá fazendo no... no Niterói? Vem pra cá, fica comigo no meu quarto e tal!

E eu falei:

- Não, beleza.

Aí ela me acompanhou no outro dia, fomos lá no... em Niterói e pegamos... peguei minhas coisas e fui... e fui e me instalei no Rio de Janeiro. Éh... ela morava no centro, então me instalei lá. E, bom, e ela, digamos, ela me ensinou, éh... a me mover no Rio de... movimentar no Rio, porque... como era o sistema de trabalho e tudo, né? Tinha os horários que você podia expor, tinha outros horários, porque é tudo info... era dentro da informalidade. Então, éh... ah, muitas histórias aconteceram. Lembro que a gente expunha lá na... no Calçadão - que chama, sim? -, éh, o Calçadão, e lembro que... tinha... o tal do fiscal, que lá são chamados de “rapa”, né? Então, ela me falou:

- Olha, quando você escutar “a rapa”, você pega as quatro pontas do seu pano e sai correndo, porque a “rapa” vem e pega tudo.

Nossa, eu falava:

- Gente, como assim?

Aí, *de pronto*, estava expondo e escuto:

- A “rapa”, a “rapa”!

Quando vejo todo mundo sair correndo, e eu peguei os... as quatro (pontas) e enfiei dentro do mar, e, atrás de mim, vinha um fiscal atrás de mim, e eu entrei no mar, entrei, entrei, e ele também tentou entrar, mas, quando ele viu que se estava molhando, aí ele voltou pra trás, e eu de longe dava tchau, assim. Nossa, foi muito assustador, e pensar que ia perder minhas coisas, foi uma loucura, assim. Não é muito, éh... - tem coisas, tem coisas bonitas que a gente lembra e ri, mas tem coisas também bem pesadas, assim, porque... o fato de ser mulher migrante e viajar sozinha, assim, a gente se expõe a muitos perigos, né? Muitos perigos, éh... realmente, é bem perigoso, assim. Eu... passei por situações, assim, éh... chatas. Mas sempre consegui me defender... nunca... tipo... me dei TÃO mal assim. Mas é... que, em geral, sempre me relacionei com pessoas boas, de boa índole, então... éh, tipo, não me dei essa oportunidade de me envolver em coisas erradas de... com pessoas erradas. Então, eu acho que isso também ajudou muito a... ser a mulher que eu sou hoje. Éh... tive muitas experiências, muitas. E... bom, éh, eu tenho dezenove anos aqui, então vivi muita coisa.

Eu acho que... por exemplo, nessa fase que eu cheguei, eu tinha o visto de turista. Eu tinha... me deram três meses. E depois, eu fui e renovei mais três meses. E, logo depois desses seis meses, eu... fiquei ilegal. Não tinha como renovar, não tinha os acordos que hoje tem do Mercosul, não tinha. Peru não fazia parte do Mercosul, então, éh... você não conseguia. Então, eu fiquei ilegal um bom tempo. E aí, com essa ilegalidade, éh, tudo é complicado, né? Você, sem documentos, você não faz nada, você não consegue alugar um quarto com seu nome, ninguém acredita em um ilegal, né? Quem vai acreditar em um ilegal? NINGUÉM. Então, éh... foi... eu acho que essa foi a fase mais dura que eu passava, porque eu me sentia... anulada. Eu me sentia uma pessoa anulada, que não podia fazer nada, não podia NADA, assim. Eu dependia dos outros para qualquer coisa. Então, isso... eu acho que esse fato de você não ter documentos, isso mexe muito com a autoestima de um migrante. Você se anula, você não consegue desenvolver, você não consegue crescer. Como você vai crescer se não tem nada? Um documento que você possa dizer “oi, eu sou Tal”. Então, eu acho que isso, para mim, foi o mais, assim, pesado, uma situação bem complicada, né?

E... e, bom, isso foi, éh, a primeira fase [incompreensível] da minha vida, da minha chegada no Brasil. E... também passei por uma situação muito triste quando... com meu pai, que foi no ano 2000. Ele se foi embora, e eu não... e eu não consegui voltar lá, eu não consegui ir lá, porque, se eu saía do Brasil, eu

perderia a possibilidade de voltar, porque teria que pagar *una* multa de aproximadamente 800 reais, e eu não teria esse dinheiro para pagar essa multa. Então, aí, eu... saindo do Brasil, eu não poderia voltar, então eu pensei, com muita tristeza, e resolvi ficar por aqui, e isso me dói até hoje, não poder ter me despedido *de ele*. E isso mexeu muito comigo, me deixou numa depressão bem forte, bem... muitos meses, fiquei muito mal, éh... e... bom, e, com toda essa tristeza, eu tinha que continuar trabalhando para me sustentar, né? Então, era a tristeza de ter perdido meu pai, era... o não ter documentos, era... nóh, foi complicado. Essa foi a primeira fase da minha chegada.

Então, éh... lá no Rio de Janeiro, conheci, éh, amigos que moravam aqui em Belo Horizonte e que também eram artesãos, e eles, éh... me convidaram para vir aqui em Belo Horizonte no... éh... quando o verão terminasse. Então, isso foi no ano 2000... no ano 2000 [interrupção externa]. Então, ao término do verão, éh... eu decidi vir com eles, porque... eu me sentia acompanhada. Me sentia identificada também, porque eram pessoas de fala, éh... da minha língua, e a gente acaba sempre buscando pessoas com quem se identificar, né? Então, eu me sentia bem com eles e aí resolvi vir para Belo Horizonte. Cheguei em Belo Horizonte... mentira, eu cheguei no 2000, isso foi 2001, do *Rock in Rio*, quando fiz o... cheguei no Rio de Janeiro e tal, foi no ano 2001. Então vim para Belo Horizonte e... e alugamos - éramos seis pessoas -, alugamos uma casa em Santa Tereza. Éh, na... rua Pouso Alegre. E aí, alugamos e nos instalamos, mas, éh, foi engraçado, porque a gente chegou, não tínhamos NADA. Aí, a primeira coisa que a gente foi comprar foram seis colchões [riso]. Cada um com seu colchão num canto da casa. E aí, éh... beleza, iniciamos *una* vida em comunidade. Compramos um fogãozinho e, assim, algumas coisas básicas. Após alguns meses de convivência, decidi viajar. Meu desejo por continuar viajando e *vivir* minha liberdade falava mais alto, então decidi ir para um festival de inverno no Araguaia, arrumei minha mochila e parti. Então... fui com *una* amiga. E aí, quando a gente estava viajando, estávamos... o caminho é muito longe, né? De Belo Horizonte para lá. Eu lembro que a gente viajava, viajava e nunca chegava [riso]. Quando estava chegando ao meu destino, eu comecei a passar mal no ônibus, eu falei:

- Meu Deus, que que está acontecendo?

Chegando na cidade, éh... fui no médico, porque eu não parava de vomitar, vomitava, vomitava. Quando fui no médico, fizeram exames, eu tava era grávida. GRÁVIDA.

Não, eu falei - porque eu já estava aí com o que? Com trinta e um anos -, eu falei:

- Gente, chegou, chegou, e eu vou assumir.

Só que aí eu voltei pra Belo Horizonte - eu fiquei lá os dias do festival - e voltei para buscar a pessoa. Aí eu busquei, e ele ficou superfeliz e me falou que... a gente encararia e tal. E, bom, eu falei:

- Não, tudo bem, então vamos, encaramos, encaramos.

Aí... começamos a construir nossa vida, né? Aí eu fiquei grávida, minha barriga crescendo, e eu continuava trabalhando. E aí... éh... trabalhei até nos nove meses de gravidez, eu trabalhei. Trabalhei. E, bom, aí eu... comprando as coisas para o meu bebê... éh... montei um quarto lindo pra ele. E aí a gente... tínhamos um vizinho que era esquizofrênico e me... e xingava o tempo todo e falava que éramos uns gringos de merda, que éramos cachorros, que éramos... nossa, e era muito pesado, e eu não queria ter meu filho aí. Porque ele já tinha me ameaçado que faria alguma coisa com meu filho quando ele nascesse. Então, eu trabalhava, na época, no UNI-BH, na faculdade, e... como eu sou bem sociável, já rápido comecei a conhecer as pessoas que circulavam pela porta da faculdade, os vizinhos, né? Do bairro da Lagoinha. Então, aí, eu falava “ei, bom dia!” com um, “bom dia!” com outro, e aí tinha um senhor que todo dia passava, e ele era apaixonado comigo, e... eu sabia que ele tinha casas lá no final da rua, então, aí um dia, perguntei:

- Ai, por acaso, você não tem uma casa para me alugar?

Ele falou:

- Tenho, tem uma que desocupou esses dias, você quer?

Eu falei:

- Uai, eu quero, mas como que é? O senhor vai... vai me cobrar por adiantado?

Ele falou:

- Olha, se você quiser mudar amanhã, você muda amanhã.

Eu falei:

- Mentira, Seu P.

- Pode.

E aí, eu continuava ilegal, então, imagina, quem que vai te oferecer uma casa assim, sem nome, assim, tipo, sem documentos. Então, eu falei:

- Nossa, éh, então é lá que a gente vai. É nessa casa que a gente vai.

E aí, no outro dia, eu fui no médico, e *ya* me internaram, porque eu tinha dificuldades de... [interrupção externa] eu tinha dificuldade de fazer trabalho de parto, então aí eu... [interrupção externa] eu fui internada e... bom, aí, éh... lembro que meu irmão me acompanhou e... bom, éh... aí meu irmão avisou para o pai de meu filho, e aí eles fizeram a mudança enquanto eu estava ganhando o neném. Mudaram, mas a gente não tinha muita coisa mesmo, então, em um táxi, coube tudo [riso]. Então, eles... éh, bom, aí, quando eu saí do hospital, e eu cheguei na casa nova. Então, bom, essa fase da minha vida foi... lá na Lagoinha, tentando construir minha vida e... com... em família, mas... infelizmente não deu certo com ele. E não deu certo, então - mesmo assim, insisti, tentei, mas enfim - ao cabo de quatro anos, eu me separei e aí eu pensei: "agora eu vou ter que ser mãe e pai". Eu falei:

- Nossa, eu tenho que começar agora a criar uma estrutura para eu poder trabalhar e cuidar do meu filho.

Então, foi aí que eu... éh... esquematizei e mudei todo o meu estilo de vida, TODO, mudei amizades, porque, até então, as amizades que eu tinha eram amigos dele... éh... então mudei, éh, TUDO. A proposta de trabalho, tudo. Então, aí, eu decidi formalizar meu trabalho, e aí foi onde eu criei a minha marca, a [referência à marca]. Então, aí, eu montei uma loja, abri uma loja no centro da cidade, em frente do Palácio das Artes, e... meu filho estudava a três quarteirões daí, então me facilitava, né? Eu busquei as condições para eu poder, éh... [incompreensível] da minha vida, tipo, foi... bem louco, foi bem, bem desgastante, porque... era uma... realmente era uma loucura, mas encarei isso a infância, praticamente toda a adolescência de meu filho, até hoje. Então, eu passei por muitos perrengues.

Bom, com a chegada de meu filho, eu consegui me legalizar, né? Consegui me legalizar por prole. Então, aí, eu tive visto de permanência. Então, graças a esse visto, eu também consegui dar vários passos. Aí, foi... com isso foi que eu consegui abrir uma loja. Foi isso. Então, éh... bom, aí eu estive com... abri essa loja, depois abri uma outra... e, assim, em geral, tive três lojas, fazia feiras, participava de feiras, éh, no Expominas, enfim, me movimentava por... trabalhava, assim, pra caramba [interrupção externa]. Então, éh, me fui expandindo. Aí, tinha funcionárias. Fiz, abri um CNPJ, aí eu contratava, éh, pessoas que (vinham) trabalhar - trabalhar na Feira Hippie, na Feira do Mineirinho - tinha então as lojas... virei uma EMPRESÁRIA, assim, dum dia para outro, assim. Não, não foi de um dia para outro, foi, assim, um processo, né? Fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo... só que, éh... as coisas começaram a... o comércio, éh... começou a cair bastante. E o tipo de material com que eu trabalhava, ele... éh, comecei a ter muita concorrência e... lembro que, do lado da loja que eu tinha, veio uma pessoa e montou três vezes maior que minha loja, com mais capital, e me derrubou, então, aí, eu fui fechando aqui, fui fechando lá... enfim, tive *una* fase, assim, bem complicada. Enfim, até que eu fiquei só em um ponto, em uma feira fixa que era duas vezes por semana, e fiquei lá vários anos trabalhando, mas o público começou a mudar, e também eu vi que *mis* produtos já num... não eram aceitos. E... e, bom, aí eu decidi entregar. Quando eu entreguei, fiquei sem nenhuma referência. Não tinha... era como se estivesse *volvendo* a zero... tipo, *volver* a começar.

Então, eu comecei a... assim, entrei... - isso foi no ano 2012 - lembro que eu entrei em *una* depressão, assim, horrível, horrível. E eu não sabia o que fazer, porque, *de pronto*, minha vida era tão agitada, tão agitada, assim, *de pronto*, não fazia nada, assim, e não tinha dinheiro que entrava. Assim, tipo, tinha dias que - meu filho estudava na Escola Afonso Pena, e eu morava na Lagoinha -, e eu levava ele a pé e buscava ele a pé. A gente fazia esse... (percorria) tudo a pé, porque eu não tinha dinheiro pra passagem. Então, assim, o pouco que eu conseguia ganhar era pra comer e pagar o aluguel de casa. Então, foi *una* fase bem... bem difícil. Foi *una* fase bem difícil.

Mas, aí, eu, éh, comecei a inventar o que fazer e... construí *una*..., um *delivery* de... comida peruana. E... comprei uma caixa de isopor, com uma... esses com um suporte para carregar nas costas, e eu era... e eu cozinhava e eu entregava, aí eu fazia tudo, eu era o *delivery* [riso]. E... comecei a vender comida para artesãos que trabalhavam na rua ou em lojas e, éh, estrangeiros e amigos, também, que tinham empresas que eu conhecia, e tinha um monte de pessoas já conhecido então, éh... eu lembro que anunciava pelo *facebook*, pelo *Messenger*, falava o cardápio do dia, e... todo mundo, né? Então, fazia um itinerário de entrega e eu atendia regiões de Santa Efigênia, éh, o Centro e... Funcionários. Para não para não ter que me deslocar muito. E, então, nessa época, não tinha Uber, né? Então, fazia tudo de ônibus. Então, eu acordava 4h30 da manhã, 4 horas da manhã, para cozinhar, picar, cortar e tudo. E meu filho já estava um pouquinho mais grande, aí eu colocava no ônibus, falava pro motorista:

- Por favor, cuida do meu filho! [riso].

Colocava ele no ônibus, voltava para casa correndo, para cozinhar, entregar, tinha que sair de casa 10h30 da manhã para chegar onze horas, porque, né? O horário do almoço nas empresas é 11 horas. Aí, nossa, mas, éh, foi... e eu comecei a crescer, comecei a ganhar dinheiro, comecei a ganhar dinheiro, só que, éh... nossa, eu praticamente não dormia, era uma loucura eu sozinha. E... não tinha ninguém que me ajudasse, assim, ninguém me ajudava em nada, eu que fazia as compras, TUDO. Então, aí, contratei *una* moça que me ajudava a cortar... pelo menos, uma assistente. De cozinha. Mas, aí, ao pouco tempo, eu não desistia de trabalhar no artesanato, e tudo estava parado, eu tinha mercadoria, mas tava tudo parado, porque, né? Eu me dediquei pra a vender comida.

Então, éh... aí eu comecei a descobrir que existia, que estava acontecendo *una*... um comércio alternativo a... ao comércio, às propostas suaves de... lojas de shopping. De comércio. E... que estava, éh... estava muito na prática o uso de feiras com produtores locais. Então, aí, eu comecei a pesquisar, comecei a... me informar e vi que... que eu poderia participar, então comecei a participar dessas feiras e... e aí fui conhecendo outras pessoas, fui conhecendo gente. Parei com a comida e fui conhecendo pessoas envolvidas em esse tipo de eventos, que organizavam expositores, e criei toda uma rede de feiras, onde eu... comecei a participar. Então, aí, fui crescendo, fui crescendo, éh... senti que, nesse tipo de espaços, meus trabalhos eram maior valorizados. As pessoas que visitam esse tipo de feiras são pessoas que vão à procura específica de trabalhos diferentes, que era com o que eu trabalhava. Então... eu senti que, aí, até que enfim eu tinha achado o meu público. Sabe? E então... comecei muito a participar em eventos, a procurar espaços em faculdades também e então, aí, fui criando esse círculo de trabalho e... só crescendo cada vez mais, e foi... é o que eu desenvolvo, desenvolvo até hoje.

Porque... *en esos espacios*, éh... vá outro tipo de pessoas, outro tipo de público. E... e eu, muitas vezes, eu desistia de alguns *espacios*, algumas feiras que eu participava antes, éh, de ter até a loja, porque o público que ia lá, eles não reconheciam meu trabalho. Não queriam, não se interessavam por saber da onde que vinha e por que que eu falava com sotaque. Então, aí, já vinha a intolerância, vinha o preconceito, o racismo, a xenofobia. “Por que você está aqui? Por que você não volta para *su país*?” esse tipo de coisas. E, então, eu me senti incomodada com essas questões e, quando eu vejo que, em outros espaços, de repente, eu posso me sentir melhor, eu posso dialogar com as pessoas, as pessoas - mesmo que elas tenham curiosidade por saber da onde que eu vim, por que que eu estou aqui e tal -, éh, são mais delicadas para te perguntar, né? Elas agradam e elas, éh, batem palmas pro trabalho que a gente oferece. Então, é diferente, então, eu encontrei, encontrei o lugar onde eu posso vender minhas coisas numa forma tranquila, onde eu sou valorizada. E, em geral, até hoje é o que eu faço. Esse tipo de trabalho. E me sinto muito orgulhosa de poder... porque eu tive a capacidade de insistir naquilo que eu acreditei sempre - desde que eu tenho, acho, que uso de razão -, sempre, sempre acreditei no trabalho autônomo, sempre falava com minha mãe “mãe, eu quero fazer isso”, minha mãe me apoiava. E então... eu sempre acreditei e hoje, com cinquenta anos, eu posso dizer que nunca desisti [entonação de choro], acredito no meu trabalho e hoje sou até inspiradora para outras mulheres. Se inspiram e se identificam comigo, com meu trabalho. E isso é uma coisa muito bonita, realmente, eu sinto orgulho do que eu faço.

Fonte: Compilação da autora

A narrativa de Nela de Voz traz um testemunho muito profundo não apenas das experiências vivenciadas por ela na condição de imigrante no Brasil, mas também e, principalmente, das experiências que perpassam a própria condição humana – como as relações familiares e sociais, o trabalho e a maternidade – sem perder de vista toda a dimensão afetiva implicada nessas vivências. Assim, à medida que Nela (se) conta, ela recupera episódios marcantes de sua própria história de vida como migrante, construindo uma representação de si com base em traços de sua identidade individual. Paralelamente, ele tece uma narrativa repleta de significações do que é *ser mulher migrante*, evocando identidades coletivas representadas pelas diversas categorias de situação em que ela se enquadra – mulher, imigrante, trabalhadora autônoma, mãe,

dentre outras. Nesse sentido, seu estatuto de enunciadora é, a princípio, o de *testemunha-experenciadora* dos processos migratórios contemporâneos, de modo que seu discurso se torna legítimo tanto para o propósito de nossa pesquisa quanto para um destinatário cujo estatuto seja o de analista do discurso (como nós) e/ou simplesmente o de leitor interessado no estudo das migrações contemporâneas. No entanto, também as diversas categorias de situação que a identificam, ao longo de seu relato, atribuem a ela outros estatutos de enunciadora, que lhe conferem legitimidade para falar como *mulher-imigrante-trabalhadora autônoma-mãe*.

A narrativa de vida já se inicia, portanto, com a manifestação explícita de Nela como locutora que (se) conta, uma vez que a expressão metaenunciativa “*Minha história* de vida como migrante...” revela uma (auto)reflexão sobre o seu próprio discurso, o que aparece também em outros trechos (*eu lembro que eu atravessei e digamos*, por exemplo). Além do recurso à metaenunciação, a própria dêixis enunciativa revela uma forte projeção da locutora que diz “eu” em seu discurso, que orienta todos os fatos narrados – e as ações, relações e emoções ligadas a eles – em torno da 1ª pessoa e das dimensões espacial (aqui) e temporal (agora) instauradas no ato de enunciação. A construção narrativa de Nela se baseia em uma retomada cronológica (no âmbito do *lá/então*) – recurso característico do gênero narrativo em sentido mais amplo – de uma série acontecimentos ocorridos em sua trajetória como migrante, mas é imbuída de um forte caráter subjetivo, explicitado pelo uso recorrente de marcadores dêiticos pessoais (como pronomes pessoais/possessivos e desinências verbais de pessoa), espaciais (como advérbios de lugar e valores semânticos de determinados verbos) e temporais (como advérbios e desinências verbais de tempo): “*eu tenho 19 anos em Brasil*”, *meu país, minha família, meus artesanatos, minha língua, meu filho, me estabeleci, me instalei, lá, aqui, saí de casa, cheguei em Belo Horizonte, esse dia e até hoje*.

Nessa perspectiva, podemos identificar, em seu próprio “fazer narrativo”, vários elementos que remetem à sua subjetividade, tendo em vista tanto as pistas dos sentimentos e dos imaginários que Nela carrega consigo quanto a própria retórica emocional adotada por ela ao (se) contar. Assim, em diversos pontos da narrativa, os acontecimentos relatados em seu discurso são apresentados sob o viés da relação emocional-afetiva que a locutora, enquanto sujeito, estabelece com eles. Isso se dá por meio de vários recursos linguístico-enunciativos, notadamente pelo uso de verbos que, semanticamente, já traduzem essa relação – seja em seu sentido literal (“*me emocionei*” e “a gente *lembra e ri*”), seja com valor metafórico (“isso me *dói* até hoje” e “isso *mexeu* muito comigo”). Cabe destacar também, como elemento fundamental para a construção dessa retórica emocional, o emprego recorrente do verbo *sentir*, que não só explicita a relação subjetiva de Nela com as experiências que vivenciou e/ou vivencia, como também revela a própria trajetória emocional paralela – ou, antes, imbricada – à sua trajetória física como imigrante: “eu *me sentia*

uma pessoa anulada”, “eu *me sentia* acompanhada”, “*me sentia* identificada”, “eu *me sentia* bem com eles”, “eu *me senti* incomodada”, “eu posso *me sentir* melhor”, e “eu *me sinto* muito orgulhosa”.

Além disso, de modo mais implícito, uma série de atos de nomeação, empregados nas escolhas lexicais para tratar de ações e estados diversos ao longo da narrativa, projeta ainda seu discurso no âmbito das emoções e dos afetos, a exemplo de: “*me acolheram*”, “*me adotaram*”, “*me deixou numa depressão* bem forte”/ “*lembro que eu entrei em uma depressão*”, “*era a tristeza* de ter *perdido* meu pai”, “*onde eu sou valorizada*” e “*minha mãe me apoiava*”. Não podemos deixar de observar ainda o recurso a numerosos índices de avaliação (KOCH, 2006, p.50), que revelam uma “*valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente*”. Trata-se nesse caso, sobretudo, das expressões adjetivas e das formas intensificadoras, que deixam marcas da subjetividade de Nela, enquanto enunciadora, em seu enunciado: “*foi encantador* quando eu cheguei no Rio de Janeiro”, “*muito interessante* conhecer [...] outros hispanos”, “*foi muito assustador*”, “*tem coisas bonitas* [...], mas tem coisas também *bem pesadas*”, “*tudo é complicado*”, “*essa foi a fase mais dura* que eu passava”, “*também passei por uma situação muito triste*”, “eu pensei, com *muita tristeza*”, “*foi bem louco*, [...] *bem desgastante*”, “*tive uma fase, assim, bem complicada*”/“*foi uma fase bem difícil*”, “eu posso vender minhas coisas *duma forma tranquila*” e “*isso é uma coisa muito bonita*”.

Todas essas representações que atravessam a esfera das emoções e da afetividade – materializadas tanto por atos de nomeação quanto por índices de avaliação – remontam ao plano da enunciação – ou seja, são marcas da enunciação no enunciado –, pois é nesse plano que Nela se inscreve como sujeito e volta seu olhar para a sua própria história como migrante, transcendendo a totalidade das experiências contadas, recuperando-as em sua memória e reelaborando-as em seu “fazer narrativo” no presente da enunciação. Vale ressaltar, contudo, que sua identidade como sujeito – do mundo, da enunciação e, em última instância, do enunciado – não se singulariza em uma dimensão individual; ao contrário, as representações de si e do mundo em que se insere são atravessadas por imaginários compartilhados no interior dos grupos – ou das categorias de situação – pelos quais transita, na medida em que a própria memória individual se encontra imbricada na memória coletiva. Assim, a coletividade também é constantemente evocada em sua narrativa, trazendo uma dimensão social que se faz presente, de forma explícita, nas relações interpessoais que menciona ao longo da narrativa e, de forma implícita, na construção de uma identidade coletiva que possibilita a ela reconhecer-se (e afirmar-se) em sua (auto)representação como mulher imigrante.

Por um lado, ao tratar do primeiro tema imposto pelo campo discursivo das migrações, ou seja, da relação emigração-emigrante / imigração-imigrante, ela o faz focalizando as suas

experiências individuais, visto que seu processo de deslocamento é revivido, em sua narrativa, sob a perspectiva dos conflitos pessoais gerados por sua ausência do seio familiar frente a uma necessidade certa de buscar, por caminhos incertos, novas experiências de vida. Por outro lado, podemos destacar uma série de reflexões, na narrativa de Nela de Voz, a partir das quais o seu discurso ecoa várias outras vozes de sujeitos que se identificam com ela, uma vez que se enquadram nas mesmas condições circunscritas por determinadas categorias de situação. Nesse sentido, ao contemplar o segundo tema imposto por esse campo discursivo, o das condições de existência na imigração, Nela desloca, muitas vezes, o olhar de sua experiência individual e projeta-o sobre essa condição maior, que é *ser migrante*, vivenciada – coletivamente – por todos os sujeitos migrantes no contexto migratório que aqui analisamos. Desse modo, ela passa a se representar também como integrante dessa coletividade e a atribuir, até mesmo, um sentido novo à sua busca, que passa justamente pelo reconhecimento de uma identidade coletiva: “*a gente acaba sempre buscando pessoas com quem se identificar*”.

Podemos remarcar, portanto, alguns trechos em que a condição de existência de Nela é transposta para o âmbito coletivo não apenas por meio da abordagem de acontecimentos nos quais ela já se encontrava integrada a determinados grupos (categorias de situação), mas também, e principalmente, pela mobilização de estratégias linguístico-enunciativas que a identificam como sujeito integrante dessa coletividade e/ou representado por ela. Logo, ao se identificar como mulher migrante (“o fato de ser mulher migrante e viajar sozinha, assim, *a gente* se expõe a muitos perigos”) e como membro de uma comunidade (“*éramos* seis pessoas [...] *nos instalamos*, mas, éh, foi engraçado, porque *a gente* chegou, não *tínhamos* NADA. [...] E aí, éh... beleza, *iniciamos* uma vida em comunidade”), a locutora se inscreve em seu discurso sob a forma de novos marcadores dêiticos de pessoa – *a gente* e *nós* – cujo valor referencial corresponde a uma ampliação de *eu*: no primeiro exemplo, temos então *a gente* como *eu + todas as mulheres migrantes*, e, no segundo exemplo, temos *nós/a gente* como *eu + os demais membros da comunidade*. Com isso, a noção de identidade coletiva é afirmada tanto no âmbito das ideias quanto no da própria materialidade do discurso.

Outro ponto que nos chamou particularmente a atenção é o modo como ela apresenta um aspecto muito sensível a todos os imigrantes no que tange à sua condição de existência, como podemos notar nas demais narrativas de vida: a questão do estatuto jurídico e da documentação. Além de atravessar a maior parte dos depoimentos, como tema específico dificilmente dissociável dos “problemas de imigração”, tal questão é abordada na narrativa de Nela a partir de um deslocamento constante entre a sua experiência individual (“*eu* fiquei ilegal um bom tempo” e “*eu* me sentia... anulada”) e a experiência da ilegalidade como condição própria do *ser migrante*,

independentemente dos sujeitos que a vivenciem – novamente, no contexto migratório de que estamos tratando. Para tanto, há também um “deslocamento” enunciativo, na medida em que, ao projetar a ilegalidade como condição maior de existência na imigração, Nela recorre a um aparente apagamento enunciativo pelo emprego de um *você genérico*, que passa a representar toda essa categoria de imigrantes da qual o sujeito faz parte: “*você*, sem documentos, *você* não faz nada, *você* não consegue alugar um quarto com *seu* nome, ninguém acredita em um ilegal, né?”, “*você* não ter documentos, isso mexe muito com a autoestima de um migrante”, “*você* se anula, *você* não consegue desenvolver, *você* não consegue crescer” e “um documento que *você* possa dizer: ‘oi, eu sou Tal’”. Toda essa discussão, por sua vez, é enquadrada e representada na narrativa por um conjunto de normas sociais em torno do imaginário de legalidade, com base em acordos diplomáticos (*fazia parte do Mercosul*) e procedimentos jurídicos (*ter documentos*) adotados como parâmetro para a emancipação dos sujeitos como cidadãos ou não, caso sejam destituídos do acesso a esses meios legais.

Além disso, cabe observar como a referência às redes de relações e às categorias de situação das quais Nela participa contribuem para a construção de seu *éthos* discursivo. Mesmo que a presença do discurso relatado em sua narrativa seja rara e que o seu propósito, ao recuperá-lo, não seja uma caracterização de si pelo olhar do(s) outro(s), há diversos trechos da narrativa em que podemos identificar um *éthos* dito⁸² que se constrói a partir da descrição de suas interações sociais: “*ai virei amiga de todo mundo*”, “*sempre me relacionei com pessoas boas, de boa índole*”, “*como eu sou bem sociável, já rápido comecei a conhecer as pessoas que circulavam pela porta da faculdade, os vizinhos*”, “*eu falava ‘ei, bom dia!’ com um, ‘bom dia!’ com outro*”, “*ele era apaixonado comigo*”, “*e ai fui conhecendo outras pessoas, fui conhecendo gente*”, “*se inspiram e se identificam comigo, com meu trabalho*”.

Por mais que esses trechos desvelem a construção de um *éthos* individual, em todos eles são veiculadas representações que se ancoram no imaginário coletivo de sociabilidade, como princípio e pré-requisito para a aceitação social. Desse modo, como fica evidente no discurso de Nela, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por ela devido à sua condição de imigrante (“*outra-estranha-estrangeira*”), o fato de apresentar um perfil extrovertido e comunicativo favoreceu a sua inclusão em determinados grupos e/ou espaços pelo fato de esse perfil ter um valor positivo – e quase universal – nos diversos modelos de relações humanas. Em todo caso, na medida em que o *éthos* traduz estereótipos ligados a mundos éticos, podemos reconhecer essa caracterização na representação que se faz normalmente dos povos latinos, ao menos, no imaginário coletivo das

82 Aliás, a presença de um *éthos* dito proeminente parece ser uma das características mais marcantes da narrativa de vida, como é o caso de gêneros que giram em torno de uma apresentação de si.

sociedades americanas, o que nos permite pensar em um *éthos* coletivo identificado na representação que Nela faz de si e na própria maneira de (se) contar.

Não podemos, portanto, deixar de considerar a relevância do *éthos* dito na narrativa de Nela de Voz, uma vez que as diversas (auto)reflexões a partir das quais ela se representa, do começo ao fim de seu relato, embora visem construir uma imagem de si que a caracterize em sua essência, contribuem também para apresentar todo o seu processo de construção enquanto sujeito, que se deu (e ainda se dá) mediante o reconhecimento de si e de seu papel social como mulher, imigrante, trabalhadora autônoma e mãe. Isso se torna mais visível ao retomarmos as representações que ela faz de si quando de sua chegada ao Brasil e as compararmos com o modo como ela se representa em momentos posteriores. Assim, no primeiro parágrafo, evidenciamos uma série de expressões que configuram o *éthos* dito e que a caracterizam com base nos imaginários de desprendimento e de coragem, visto que a sua motivação para migrar era a “vontade de conhecer outras culturas, de viajar”: “*eu sempre tive essa vontade*”, “*não pensei duas vezes*”, “*dei ‘tchau’ para a minha família e empreendi a viagem*”, “*eu fui, fui, criei asas e fui*” e “*eu não sabia para onde ir realmente*”. Esse *éthos* é logo incorporado pelo destinatário e se consolida à medida que a narrativa avança e apresenta, nos acontecimentos relatados e nas próprias escolhas lexicais que Nela mobiliza para tratar de suas ações e relações, vários elementos que evocam o imaginário de deslocamento, condizente com a sua natureza aventureira (*cheguei, saí, atravessei, me direcionei, dentre outros*).

No entanto, as mudanças ocorridas – e empreendidas – em sua trajetória como migrante levam a uma ressignificação desse imaginário de desprendimento, que passa a ser reinterpretado sob a perspectiva de um imaginário de resiliência, uma vez que, diante das adversidades, ela se mostrou várias vezes disposta a retrair os seus caminhos para sobreviver e cuidar, posteriormente, de seu filho. E é novamente por meio do *éthos* dito que ela representa esse processo de amadurecimento (“*agora vou ter que ser pai e mãe*” e “*encarei isso a infância, praticamente toda a adolescência de meu filho, até hoje*”), o qual reforça o imaginário de coragem que remonta ao início de sua narrativa e constitui um elemento importante de sua identidade. Esse aspecto de sua identidade transparece, por fim, na conclusão de sua narrativa, quando ela reflete sobre a sua atitude perseverante ao longo de toda a sua história de vida, como mulher e como migrante: “*eu tive a capacidade de insistir naquilo que eu acreditei sempre*” e “*sempre acreditei no trabalho autônomo*”. Com isso, essa narrativa não apenas constrói uma história individual, mas reconstrói um discurso predominante no senso comum (*doxa*), segundo o qual o *status* social dos imigrantes é representado frequentemente sob os imaginários da vulnerabilidade e da ilegalidade. Nesse sentido, apesar de certas atitudes discriminatórias – como o racismo, a xenofobia e o preconceito – normalizadas e normatizadas na

sociedade brasileira, Nela conseguiu assumir um lugar de representatividade, que ela defende, sobretudo nos momentos finais de sua narrativa, valendo-se de um tom (*éthos* mostrado) de orgulho. E é a partir desse lugar de representatividade que, hoje, ela se (auto)reconhece como “inspiradora para outras mulheres”.

3.2.2. Jean Marc

“Eu quero trazer essa experiência de que a gente tem direito pra viver”

QUADRO 17 – Narrativa 2

Nome (fictício): Jean Marc		
Estatuto jurídico: Imigrante (visto de estudante)	Nacionalidade: Haitiana	
Data de chegada no Brasil: fevereiro de 2014	Data de chegada em BH: fevereiro de 2014	
Área de atuação: Estudante	Idade: 29 anos	Gênero: Masculino
Narrativa de vida		
<p>Então, éh... minha vida como migrante tem um aspecto mais... pra o lado estudante, porque... eu venho pra cá pra estudar, então... basicamente, eu frequento mais o [referência à instituição]. E aí, partindo dessa trajetória, eu começo a descobrir alguns mais aspectos importante, éh... na minha trajetória acadêmica. Exemplo, eu sei que eu sou imigrante, mas, de uma forma, pensa que eu sou, éh, homem estrangeiro negro, e isso começa a partir da vivência, da experiência no curso, também vivência fora, éh, do [referência à instituição], isso me começa a levar em cabeça, então... eu... nasci num país que toda a maioria da população é negra. Mas o contexto “ser negro” aqui no Brasil, me leva a pensar um pouco, porque eu nunca pensei nesse aspecto sobre a questão social, político, direito. Então... ser imigrante, pra mim, não é só uma questão de deixar seu país pra... buscar uma forma que a mídia apresenta, buscar vida melhor ou em outros pontos, porque cada, éh, imigrante que vierem pra cá, seja estudante, quem que vem pra trabalho, tem um objetivo diferente. Então, meu objetivo é bem diferente com alguém que vem pra trabalhar, porque eu venho pra buscar conhecimento, ao mesmo tempo de buscar esse conhecimento, tem essa, éh... essa noção, essa novidade que é pra mim, que eu sou homem negro estrangeiro. Eu sei que eu sou homem mesmo, que eu sou negro, mas eu tô falando negro no contexto brasileiro. Que, éh... tem que lutar, tem que... você vai encontrar dificuldade, na sua cidade, pelos seus direitos. Então, à noite, se você é negro, tem alguns lugares, às vezes, a polícia vai te parar, então esse contexto negro, eu nunca viveu no meu... na minha terra. Então, isso me começa a fazer refletir um pouco, o que é ser estrangeiro negro no Brasil. Então, basicamente, minha vida como imigrante é passar pra esse processo de entender eu como estudante negro estrangeiro aqui no Brasil.</p> <p>Então, éh... desde... criança, eu sempre sonhei em estudar fora. E eu sempre conversa com meus pais, depois o ensino médio, quero fazer um estudo fora, então, éh... o estudo, o fato de estudar fora me leva a sair do Haiti. Então, eu sempre sonhei estudar no Canadá, mas eu... infelizmente, as burocracia que tem lá no Haiti pra estudar no Canadá não deu... não deu certo pra mim, aí eu lutei pra... tentar no Brasil. Na verdade, eu fiz vários processos, tentei na França, tentei no Brasil e eu tentei em outros países também. E o resultado saiu mais... o resultado que saiu mais rápido foi o Brasil, eu (optei) vim pra cá. O objetivo é sair pra estudar.</p> <p>Então, éh... no início, o fato que você chegou como estudante, você chegou sem conhecimento da cultura, da forma de vivência das pessoas. Eu senti que eu tava... bem acolhido, éh... porque tava fazendo curso de português, quando vou precisar conversar com alguém, as pessoas tava... quer conversar comigo, tal. Eu tava, nesse sentido, que tava tudo tranquilo. Mas... com o tempo, você vai sentir, tem uma... certa dificuldade, você vai encontrar, porque, óbvio, quando você tá no [referência à instituição], alunos, professores olha pra você como intercambista, como estrange... éh, aluno estrangeiro. Mas, uma vez que eu sair do [referência à instituição], eu não sou mais o aluno da [referência à instituição], eu sou qualquer negro no Brasil, então não, e... e isso não aparece no meu rosto, que eu sou estrangeiro. Então, esse acolhimento tem um lado positivo e mesmo um lado negativo: o lado positivo, pra quem convive mais, me conhece, conhece</p>		

que eu sou aluno estrangeiro, me recebe bem; mas, quando eu sair do [referência à instituição] e eu tô andando, vou numa lanchonete, a interação com outras pessoas que não me conhecem, você sente uma certa dificuldade, a interação não é igual aqui no [referência à instituição] e fora do [referência à instituição]. Então, de forma, tem esse lado que é o acolhimento DENTRO do [referência à instituição], que você é BEM-VINDO à [referência à instituição], mas, dentro da sociedade, você é estranho. O estranho que... faz que você não é bem-vindo aqui. Mas... éh, quando você vai começar falar, as pessoas vão descobrir que você é estrangeiro, diminui um pouco esse estranho, porque ele percebe “não, esse cara não é... não vai fazer mal”. E eu senti isso aqui, eu senti que o fato que você é um NEGRO aqui, homem negro, se você não aponta pra falar, não abre sua boca pra falar, a sociedade vê você estranho. Então... o fato de ser estrangeiro ajuda também nesse processo de diminuir a questão de medo que a sociedade tem sobre os negros. Mas... de forma... geral, eu posso dizer [que] tem dois momento nesse processo de acolhimento: um acolhimento que é das pessoas que é próximo, que entendem que eu sou estrangeiro, e um acolhimento de sair daqui, e, dentro da sociedade, eu tenho que falar pra que as pessoas me dão uma resposta, me acolhe bem. Se eu não falei, eu tô excluindo, entendeu?

Éh... como eu falei [riso], a maioria do tempo que eu passo é aqui no [referência à instituição]. Mas... fora disso, eu tenho uma convivência mais com os alunos estrangeiros também, que vêm do mesmo programa comigo, que é PEC-G. Éh, parece que a gente é uma comunidade, eu vou falar “parece”, porque não é todo dia [que] a gente tá juntos, mas... quando nós precisamos fazer algumas coisas entre nós e/ou fazer uma festa, então a gente se junta pra conversar, pra discutir, ao mesmo tempo, eu conversei com os alunos colegas da universidade, a gente sai juntos, vai numa festa, então... éh, minha... meus laços mesmo é basicamente com alunos estrangeiros e estudante da [referência à instituição]. Minha família, óbvio que a gente conversa todo dia e... meus pais, meus amigos bem próximo, a gente conversa, mas... éh... o mais importante, eu posso falar, é que eu sempre quer saber o que tá acontecendo no Haiti, tipo, eu sempre acompanho as notícias pra ter... um conhecimento, tipo, eu não quer[o], um pouco, fugir um pouco, éh... do Haiti, tipo “ah, eu tô aqui no Brasil e não quer[o] saber o que tá acontecendo”. Eu sempre quer[o]... as novidades, seja na cultura, econômica, política. Eu sempre tá ouvindo o que tá acontecendo, aí, nesse caso, eu praticamente, às vezes, meu corpo tá aqui, mas minha mente tá lá no Haiti. Mas, fora disso, eu acho que, basicamente, eu sempre conversei com estrangeiros e... alunos do [referência à instituição].

Éh... é o que eu sempre tô nessa *vibe*, pensar, é uma pergunta: “por quê?”. “Por que eu tô aqui?”. “Por que eu tô fazendo pesquisa sobre a imigração haitiana?”. Éh... “qual o meu destino aqui?”. Às vezes, a gente, cada um tem um objetivo bem determinado, bem específico nessa terra. Éh... por enquanto, eu quero estudar. É a verdade, eu quero estudar, éh, ter mais conhecimento sobre a questão da imigração, o que é ser estrangeiro num país como o Brasil, pode ser fora. Mas, ao mesmo tempo, tem esse lado, éh, que tá me, éh, falando comigo “tem que fazer algo pra minha terra”, eu tenho que voltar... pra fazer uma MUDANÇA. Mas eu não sei ainda como vai ser, eu não, a gente não sabe o futuro, porque tem esse lado pessoal também, porque, às vezes, a gente quer mudar, mas a gente não é Messias [riso], a gente, a gente não vai conseguir resolver tudo, e tem a questão da família, às vezes, a família tá esperando algo, algo de você, porque, quando você sai, os pais, éh... gastam uma fortuna, e pra você sair da sua terra pra estudar, ao mesmo tempo, eles tão esperando que “ah, meu filho vai fazer algo diferente, vai trazer um presente, tal”. Então, tem esses dois lados, o lado pessoal e a convicção, o objetivo que eu tenho de... como... de TENTAR fazer algo pra melhorar minha terra, ao mesmo tempo, eu quero estudar, então eu não... eu tô nesse processo, não posso dar uma resposta exata que eu vou, “ah, eu vou voltar pro Haiti”. Ah... eu não tô, eu não tenho... meu plano é estudar, ao mesmo tempo, tentar fazer algo que pode *amelhorar* a condição do povo haitiano. E são esses meus planos, meu objetivos.

Então, éh, eu aprendi muito aqui no Brasil. Sinceramente, eu aprendi muito sobre, éh... como lidar, como lidar aqui sobre a questão racial (que tem). Porque... ao mesmo tempo, eu aprendi muito sobre MEU país. Como o primeiro país que saiu da escravidão, tudo isso. Entender um pouco esse peso de ser um haitiano. Pra mim, éh... eu falei “peso” no sentido de... no CONTEXTO que a gente tá vivendo hoje, no contexto de apresentam o Haiti como, éh... um dos países mais pobres e... negam um pouco a história desse país, entendeu? Éh... eu, nesse sentido, eu acho que a gente, éh, tá num mundo bem complicado, porque, óbvio, a gente... eu não tô querendo dizer que a mídia tem que falar sobre a história do país, todo mundo tem que saber que o Haiti foi o primeiro país que saiu da escravidão, mas o sistema não vai permitir isso, entendeu? O sistema não tem interesse de falar, éh, sobre o Haiti nesse sentido. Então, quando eu falei “sistema”, tô dizendo que, éh... a classe dominante mundial, porque a gente sabe que o Haiti foi o primeiro país que, NEGRA, que conseguiu a independência, que permite que a gente pode pensar sobre direitos humanos, entendeu? Então, um país que sai nesse processo, ninguém vai ter interesse pra falar sobre isso, e, se você tá olhando sobre as lei da ONU sobre direitos humanos, direitos sobre a questão racial, isso... o Haiti já falou sobre tudo isso, a Revolução Haitiana permite que a gente reflete sobre isso, mas, ao mesmo tempo, esse sistema que a gente tem hoje... por fato do terremoto, a gente saiu desse lado histórico, e o terremoto que

passou lá no Haiti, a questão social, e nega essa história, a gente tá vivendo num Haiti que é... que tá [a] sobreviver pra... tipo, todos os haitianos tão [a] sobreviver. Então, isso, a mídia apresenta isso, então eu acho que eu aprendi isso muito, éh... aqui no Brasil, a forma que a mídia apresenta, éh... minha terra.

Então... o que eu quer[o] passar é mostrar que o Haiti não é só isso. Então, mostrar que ANTES, éh, do terremoto, ANTES de tudo que é a questão da pobreza, então da questão política, o Haiti sempre vai ficar, éh, uma nação forte, éh, um país forte, que traz a experiência pra qualquer cidadão, éh... que tá sofrendo de sistema colonial, que tá sofrendo de sistema racial, que o Haiti leva essa experiência, esse futuro de que você pode viver, você tem direitos de viver em qualquer país. Então, eu acho que a Revolução Haitiana traz essa luz de viver digno como ser humano, como a pele não pode ser um fato de um pesado pra qualquer cidadão que tem pele negra, então o fato que você nasceu nessa terra, você tem direito de viver, então isso é uma questão, é uma das coisas que eu aprendi muito aqui no Brasil e eu acho que eu quero trazer essa experiência também de... essa experiência que a gente tem direito pra viver, seja negro, brancos, éh, diminui um pouco essa, éh, essa questão racial que a gente tá vivendo no mundo hoje.

Fonte: Compilação da autora

A narrativa de vida de Jean Marc se mostra um tanto peculiar, frente às demais, uma vez que o seu processo migratório se deu por motivos acadêmicos, diferentemente do imaginário acerca das migrações haitianas que circula normalmente no senso comum (*doxa*) e que as atribui exclusivamente aos problemas socioeconômicos do país decorrentes do terremoto de 2010, ainda que já tenham se passado quase dez anos do desastre ambiental ocorrido no país. Assim, diferentemente dos demais relatos, o de Jean Marc não contextualiza a imigração experienciada por ele no âmbito de um deslocamento forçado, tendo em vista que, como ele próprio reconhece, os fluxos migratórios são motivados por fatores heterogêneos – e não menos subjetivos – que os diversificam e os complexificam bem mais do que o modo como são representados pelos discursos institucionalizados, especialmente se considerarmos a projeção do Haiti, e de outros países associados a um imaginário de crise, nas migrações internacionais. Diante disso, essa narrativa foi extremamente cara ao nosso estudo, visto que, por um lado, ele detém um profundo conhecimento da construção histórica e social de seu país – inclusive de seus reflexos sobre as migrações haitianas – e, por outro, apresenta um relato de sua condição migratória que contradiz, em muitos aspectos, uma narrativa tida como oficial, que tende a representar os haitianos segundo o imaginário de vulnerabilidade. Logo, além de seu estatuto de *testemunha-experienciador*, também pode ser atribuído a ele o estatuto de *intelectual*, o que confere ainda mais legitimidade ao seu discurso.

Nesse sentido, Jean Marc já inicia seu testemunho com base em uma reflexão acerca das motivações que podem levar um sujeito a se tornar imigrante, como forma de (fazer) compreender em que bases a condição de existência na imigração pode se sustentar e em que bases a sua própria condição de existência na imigração se sustenta. Essa ideia é construída em seu discurso contrapondo-se, por sua vez, a um outro discurso, perpetuado pela mídia, de que a imigração é motivada unicamente pela busca de uma vida melhor, o que, segundo ele, singulariza a diversidade de processos migratórios e, pessoalmente, não o representa. Para tanto, ele se vale, enquanto

enunciador, de uma série de escolhas designativas para tratar dos sujeitos imigrantes (“*ser imigrante*”, “*imigrante que vierem pra cá, seja estudante, quem que vem pra trabalho*” e “*alguém que vem pra trabalhar*”), dos próprios processos migratórios (“*questão de deixar seu país*”) e de determinados objetivos que levam às migrações, sendo o sintagma “*buscar vida melhor*” apresentado como um objetivo único pelos discursos institucionalizados e as designações “*outros pontos*”/“*objetivo diferente*” empregadas por ele para desconstruir essa ideia. Além disso, ele esclarece seu ponto de vista recorrendo a um indutor retórico de negação, que funciona justamente como operador de contradiscurso: “*ser imigrante, pra mim, não é só uma questão de deixar seu país pra... buscar uma forma que a mídia apresenta, buscar vida melhor*”.

Se, por um lado, essa reflexão visa particularizar a história de vida como migrante do locutor que (se) conta, rompendo com os estereótipos que generalizam os imigrantes haitianos dentro de um mesmo quadro migratório, por outro, a construção de sua identidade – não só como imigrante, mas como sujeito em sentido mais amplo – revela-se intrinsecamente ligada ao reconhecimento de outras formas de pertencimento identitário, a partir das quais a sociedade o representa. Assim, ao introduzir sua narrativa a partir do enunciado “*minha vida como migrante tem um aspecto mais... pra o lado estudante*”, notamos, já de início, essa tentativa de particularização, na medida em que o locutor se inscreve no próprio discurso por meio da metaenunciação – visto que formula esse discurso em termos de uma autorreflexão – e da dêixis enunciativa, que se materializa nesse enunciado sob a forma do marcador dêitico pessoal (“*minha vida*”). Por outro lado, ao representar sua condição migratória pelo viés da vida estudantil, em conformidade com o seu objetivo de migrar (“*eu venho pra cá pra estudar*”), ele já se insere em uma nova categoria de situação, a de estudante. No entanto, a sua integração não se dá pelas vias de uma identificação plena com esse grupo, mas pela consciência adquirida de que ele é (representado como) estudante estrangeiro negro, com todos os imaginários sociais subjacentes a essa representação.

Nessa perspectiva, a narrativa de Jean Marc ilustra o fato de a experiência migratória, mesmo quando reconhecida como um projeto de vida, extrapolar uma série de expectativas traçadas no momento de sua projeção. Se, anteriormente à sua saída do Haiti, Jean Marc via na migração uma possibilidade de consolidar sua formação intelectual (“*eu sempre sonhei em estudar fora*”), a maior vivência experimentada por ele, nesse sentido, foi a compreensão dos imaginários segundo os quais sua identidade passa a ser ressignificada no Brasil: “*eu sei que eu sou imigrante, mas, de uma forma, pensa que eu sou, éh, homem estrangeiro negro, e isso começa a partir da vivência, da experiência no curso*”. Esse aspecto comum à condição migratória de muitos homens e mulheres negros, mas singular na narrativa de Jean Marc, é apresentado por ele em termos de uma *noção*, de

uma *novidade*, tamanho o deslocamento simbólico que os imaginários sociais sobre o negro adquirem à medida que ele próprio se desloca fisicamente do Haiti ao Brasil. Enquanto, no Haiti, *ser negro* corresponde a uma identidade coletiva, sustentada por um imaginário de povo que compreende essa dimensão étnica (“*eu... nasci num país que toda a maioria da população é negra*”), no Brasil, a representação do negro é condicionada por um imaginário de normalidade, hereditário de um sistema (de pensamento) eugenista e escravocrata, baseado em traços identitários que colocam o negro como o outro-excluído das normas sociais (“*a sociedade vê você estranho*” e “*a questão de medo que a sociedade tem sobre os negros*”).

Tendo isso em vista, a narrativa de Jean Marc se desdobra sobre uma reflexão profunda sobre o que é *ser negro no contexto brasileiro* (“*o contexto ‘ser negro’ aqui no Brasil*” e “*esse contexto negro*”), sendo que a sua condição de existência na imigração é representada, especificamente, pelo indutor retórico de amálgama *estudante estrangeiro negro* (“basicamente, *minha vida como imigrante é passar pra esse processo de entender eu como estudante negro estrangeiro aqui no Brasil*”). Vale ressaltar que a sua (auto)representação como integrante dessas três categorias de situação – *estudante, estrangeiro, negro* – diz muito de seu processo de (auto)conhecimento como indivíduo, mas também em relação à(s) coletividade(s) em que se insere, visto que passa pelo crivo das normas sociais (“*o contexto ‘ser negro’ aqui no Brasil, me leva a pensar um pouco, porque eu nunca pensei nesse aspecto sobre a questão social, político, direito*”). É importante observar, em seu discurso, como essas normas se distinguem à medida que seus espaços de circulação mudam.

Nesse sentido, Jean Marc situa suas interações sociais em dois espaços de coletividade: o acadêmico e o social em sentido mais amplo. E é com base na apresentação desses espaços – de suas normas e dos imaginários que as embasam – que ele reflete sobre o seu processo de estabelecimento em Belo Horizonte e problematiza os modos como é representado (e integrado) pela sociedade. Assim, ele aponta que esse processo de estabelecimento se dá de forma positiva no meio acadêmico (“*dentro do [referência à instituição], que você é bem-vindo*”), mas negativa nos demais ambientes sociais (“*dentro da sociedade, você é estranho*”), sendo que cada um desses espaços pressupõe normas sociais específicas e distintas, que regem as relações segundo o princípio do acolhimento, por um lado, e da exclusão, por outro. Logo, enquanto a receptividade na academia – em tese, um ambiente privilegiado de reflexão e desconstrução de paradigmas – pauta-se na abertura para o contato com o outro mediante o conhecimento de sua condição imigratória (“*quem convive mais, me conhece, conhece que eu sou aluno estrangeiro, me recebe bem*”), a receptividade na sociedade, em sentido mais amplo, parte de uma resistência não diante do “outro-estranho-estrangeiro”, mas do “outro-negro”, conforme um imaginário de racismo que ainda é normalizado

(“eu senti que o fato que você é um *negro* aqui, *homem negro*, se você não aponta pra falar, não abre sua boca pra falar, *a sociedade vê você estranho*”) e normatizado (“à noite, se você é *negro*, tem alguns lugares, às vezes, *a polícia vai te parar*, então esse *contexto negro*, eu nunca viveu [...] na minha terra”).

Com isso, o (re)conhecimento da “identidade de imigrante” pela sociedade do entorno aparece como um elemento novo, na medida em que provoca uma aparente mudança de atitude por parte dessa sociedade (“o fato de *ser estrangeiro* ajuda também nesse *processo de diminuir a questão de medo que a sociedade tem sobre os negros*”), mas também suscita um questionamento que se estende ao ambiente acadêmico, uma vez que o tratamento humanitário é apresentado como resposta ao conhecimento prévio dessa identidade, e não a um esforço contínuo de desconstrução de estereótipos. Essa reflexão surge, portanto, da tentativa de Jean Marc de entender a sua identidade e o seu papel social como imigrante (“Por que *eu tô aqui?*” e “qual o *meu destino aqui?*”) e ainda de compreender a condição de existência na imigração que perpassa as experiências vivenciadas por todos os imigrantes haitianos como ele (“Por que eu tô fazendo pesquisa sobre a *imigração haitiana?*”). Isso transparece em seu discurso tanto no plano do conteúdo – das ideias veiculadas – quanto no das estratégias enunciativas mobilizadas para representar a si como membro de uma coletividade definida pelo amálgama *estrangeiro negro*, o que ocorre por meio do uso de um *você* genérico, referindo-se a essa categoria de situação: “tem que lutar, tem que... *você* vai encontrar dificuldade, na *sua* cidade, pelos *seus* direitos”.

Ainda em relação aos elementos linguístico-enunciativos, tanto a metaenunciação quanto a dêixis enunciativa, estratégias presentes ao longo de toda a narrativa de Jean Marc, não só apontam para a sua dimensão subjetiva, como também conferem a ela um tom altamente reflexivo, que corresponde bem ao *éthos* que Jean Marc constrói de si. Em outras palavras, na medida em que o seu propósito narrativo se presta, mais que à representação de si, à elaboração do pensamento em torno do qual a sua experiência migratória é – ela própria – representada como um processo de compreensão de si enquanto sujeito migrante e social, essa construção transparece também no “fazer narrativo”, pelo emprego de verbos que evocam semanticamente essa atitude reflexiva (“eu começo a *descobrir*”, “eu *sei*” e “eu nunca *pensei*”) e de expressões que, no nível da enunciação, retomam o canal de comunicação ao interpelarem o destinatário (“*entendeu?*”). Isso se reforça por meio da recorrência de trechos metaenunciativos (“*eu posso dizer*”, “*como eu falei*”, “*eu vou falar ‘parece’*”, “*não posso dar uma resposta exata*”, “*eu falei ‘peso’ no sentido de*”, “*eu não tô querendo dizer que*”, “*quando eu falei ‘sistema’, tô dizendo que*”, “*o que eu quero passar*”), em que o locutor emerge no enunciado para (re)conduzir seu próprio fio narrativo, que tem a característica

de se estruturar de maneira cíclica – com a introdução e o fechamento de cada parágrafo sinalizando o mesmo ponto (a ser) destacado no respectivo parágrafo de sua narrativa.

Essa construção de seu *éthos* ocorre tanto de forma explícita (*éthos* dito) quanto implícita (*éthos* mostrado), o qual se assimila a uma maneira de dizer, ao “tom” do discurso. Ao expressar-se sob a forma de um *éthos* dito, Jean Marc recorre, na realidade, a um *ethos* pré-discursivo – em sentido mais amplo, já que relacionado a uma dada coletividade – (“*eu sou homem negro estrangeiro*” e “*eu como estudante negro estrangeiro*”), apresentando, pois, raras descrições e nenhuma apreciação de si mesmo. Isso contribui para que o destinatário apreenda um *éthos* de sujeito humilde, conforme o imaginário de humildade que também embasa seu *éthos* mostrado, ao tratar da vontade de aprender que não só impulsionou seu processo migratório, mas continua orientando sua busca por (auto)conhecimento: “*eu venho pra buscar conhecimento*”, “*desde... criança, eu sempre sonhei em estudar fora*”, “*é a verdade, eu quero estudar, éh, ter mais conhecimento sobre a questão da imigração, o que é ser estrangeiro num país como o Brasil*” e “*eu aprendi muito aqui no Brasil*”. Por outro lado, não podemos deixar de observar também um “tom” de ressentimento, que perpassa a narrativa e que se revela mais forte nos momentos em que Jean Marc fala de sua condição de *negro/imigrante* no Brasil, desconstruindo a representação (estereotipada) do povo brasileiro, em geral, como um povo cordial, que aceita as diferenças e recebe todos de braços abertos.

Associada a essa (auto)representação, há também uma imagem de si que se ancora no imaginário de perseverança, assim como na narrativa de Nela de Voz, e que é construída a partir dos relatos que Jean Marc faz do investimento em seu projeto pessoal de formação intelectual e em seu projeto de contribuição para a sua nação de origem: “*eu fiz vários processos, tentei na França, tentei no Brasil e eu tentei em outros países também*”, “*eu tenho que voltar... pra fazer uma mudança*”, “*tem esses dois lados, o lado pessoal e a convicção, o objetivo que eu tenho de... como... de TENTAR fazer algo pra melhorar minha terra, ao mesmo tempo, eu quero estudar*” e “*meu plano é estudar, ao mesmo tempo, tentar fazer algo que pode melhorar a condição do povo haitiano. E são esses meus planos, meu objetivos*”. Esse último aspecto aponta ainda para uma dimensão coletiva muito sensível ao longo da narrativa de Jean Marc, atravessada pelo imaginário de pertencimento.

Por mais que a oposição emigração-emigrante / imigração-imigrante seja tematizada em todo o seu discurso por meio de uma oposição dêitica (aqui vs. lá e agora vs. antes) que caracteriza seu processo migratório e seu conseqüente distanciamento físico do Haiti, essa fronteira é desfeita, no âmbito emocional-afetivo e simbólico, por uma profunda conexão que Jean Marc estabelece com seu país de origem. Assim, por mais que, fisicamente, ele reconheça integrar hoje uma nova

comunidade, inclusive de imigrantes (“parece que *a gente* é uma comunidade, eu vou falar ‘parece’, porque não é todo dia [que] *a gente* tá juntos, mas... quando *nós* precisamos fazer algumas coisas entre *nós* e/ou fazer uma festa, então *a gente* se junta”), ele ainda se identifica, emocional e afetivamente com a sua comunidade de origem, que se encontra no Haiti (“*a gente tá vivendo num Haiti* [...] que tá [a] *sobreviver* [...], *todos os haitianos* tão [a] *sobreviver*”). Esse duplo pertencimento é materializado em seu discurso pelos marcadores dêiticos *a gente* e *nós*, que ampliam o *eu* representado pelo locutor e adquirem diferentes valores referenciais de acordo com o aspecto identitário que ele assume, respectivamente, *eu + os demais estrangeiros negros no Brasil* e *eu + os demais haitianos no Haiti*.

Desse modo, ainda que reconheça que as condições de vida dos haitianos em seu país de origem, atualmente, estejam fortemente limitadas por uma série de problemas estruturais, Jean Marc busca recuperar justamente os imaginários de luta e resiliência a partir dos quais o país – e o povo haitiano – pode ser representado não só como “*o primeiro país que saiu da escravidão*”, mas principalmente como “*o primeiro país que, negra, que conseguiu a independência, que permite que a gente pode pensar sobre direitos humanos*”. Ao evocar, portanto, o imaginário de direitos humanos como representativo da construção social dos haitianos, ele busca combater um discurso institucionalizado propagado no pensamento ocidental, que relega a noção de direitos humanos à ONU e associa o Haiti apenas ao imaginário de vulnerabilidade. Com isso, recorrendo a uma série de indutores que apontam, por um lado, para normas (“na negativa”) instituídas por sistemas hegemônicos (*sistema colonial* e *sistema racial*) e, por outro, para normas sociais apresentadas pela Revolução Haitiana com base nos imaginários de cidadania e de dignidade, Jean Marc constrói, finalmente, um *éthos* coletivo do qual ele participa (“o Haiti sempre vai ficar, éh, uma *nação* forte, éh, um país forte”). E é desse lugar de fala, representado por uma voz coletiva, que ele compreende e busca enfrentar os problemas impostos sobre a sua condição migratória: “eu acho que eu quero trazer essa experiência também de... essa experiência que a gente tem direito pra viver, seja negro, brancos”.

3.2.3. Fadi

“Quero conseguir pegar a cidadania e quero ficar brasileiro. Pra sempre.”

QUADRO 18 – Narrativa 3

Nome (fictício): Fadi		
Estatuto jurídico: Refugiado	Nacionalidade: Síria	
Data de chegada no Brasil: março de 2014	Data de chegada em BH: não informada	
Área de atuação: Chefe de cozinha	Idade: 25 anos	Gênero: Masculino
Narrativa de vida		
<p>Na verdade, eu cheguei ao Brasil em 2014, então cheguei sem um real no bolso. Só tinha o dinheiro de o... avião mesmo. Quando cheguei aqui, comecei procurar trabalho e tal... porque não tem dinheiro pra viver. Aí comecei a trabalhar num lanchonete, doze horas por dia. Era o salário 760, em 2014, e comecei a trabalhar doze horas por dia pra ganhar mais dinheiro e... o hora extra, né? E, quando comecei a trabalhar, assim, comecei a achar mais dinheiro, tá rendendo no meu bolso, porque eu não tô gastando nada, eu almoço lá, janto lá e volto, só tomo banho e... dormir. Era de segunda a segunda, sem folga. Fiquei assim dois anos e vendi dois férias. Pra conseguir juntar dinheiro, porque quero fazer uma coisa diferente, quero crescer, quero... aí, eu e meu amigo, mesma coisa, quando chegou, meu amigo falou desse jeito comigo:</p> <p>- Quero trabalhar doze horas por dia.</p> <p>Ele também começou... dois anos e vendeu dois férias. A gente começou... ficou... com dinheiro, mais ou menos 60, 69 mil. Depois de dois anos, então 2016. Final de 2016. Falei:</p> <p>- Ou, vamos procurar uma loja ou um negócio pra abrir... fazer esfirra, fazer quibe, e a gente... apresentar comida nossa pra o povo brasileiro. E vão ver se vai dar certo.</p> <p>Falou:</p> <p>- Vamos procurar.</p> <p>E achou primeiro dificuldade, porque não tem fiador pra gente. Então a gente pagou um dinheiro pra o fiador [interrupção externa]. Então... a gente juntou esse dinheiro e começou procurar uma loja, a gente achou aqui uma loja na [região de BH], aí o aluguel do loja era 4 mil reais, então precisa fiador pra conseguir pegar a loja, e nós não temos fiador. A gente procurou uma empresa pra... pagar em dinheiro, pra pagar pra eles confiar a gente, né? E a gente conseguiu fazer isso. Foi bem fácil com eles. E depois, éh... era... uma fritadeira só e uma estufa bem pequena e um forno. Só isso no loja. Eu falei:</p> <p>- Ou, vamos começar então, fazer esfirra e fazer quibe e fritar o salgado.</p> <p>- Ah, Fadi, precisa isso...</p> <p>Falei:</p> <p>- Não. Vamos começar agora e depois vamos ver o que que vai vir, mas se não der certo, então a gente não gastou muita coisa.</p> <p>Tem que sempre ficar agindo com dinheiro na mão, né? Uma (ferramenta) pra você... se quebrou alguma... algum mês, você tem que conseguir pagar, né? E começou desse jeito, a gente acordava 6 horas da manhã, começa subir pra cima, fazer os produtos, desce 11 horas, abrir loja, 11 até meia noite. E depois, meia noite, a gente fecha loja e entra pra fazer o faxina pra a casa e sai pra dormir. Todo dia assim, ficamos três meses. Sem um funcionário. Nós dois mesmos, fazer comida, cobrar cliente, ir pra mercado, faz compras, contador, contabilidade, coisas de banco... mesma coisa, depois começou dar certo, (consegui) sobrar dinheiro com a gente, falei:</p> <p>- Vamos colocar funcionário. Um funcionário ensina a gente, e ele ajuda [um] pouquinho.</p>		

Sim, começou, começou... e deu certo. Agora... já tô com... cinquenta funcionário e abri mais duas casas. Era nós dois e ainda até... até esse ano. Nós dois. Os sócios. Depois chegou o irmão do meu sócio, entrou com os dois unidades novas, então [incompreensível]. E tá dando certo. A vida aqui, difícil... não foi fácil pra gente, mas, pra quem quer crescer, tem trabalho, pra quem... não em Austrália, não em Canadá, não em Estados Unidos, não tem isso. Mas eu prefiro aqui, porque eu consegui fazer uma coisa de nada. Mas ralei pra dar certo. Eu vendi duas férias e... ganhei décimo terceiro pra conseguir ganhar, juntar dinheiro. Quase não saía, só casa, dormir, casa, trabalho, trabalho, casa, casa, trabalho, dois anos. Foi [pesado]. Mas depende, pra quem quer crescer, quer fazer uma coisa... eu posso trabalhar só oito horas, posso tem folga, posso tem tudo, pode ficar férias, ficar em casa. Mas aí eu não preferi, porque quero crescer, quero fazer uma coisa diferente. E deu certo.

O imigração aqui... o brasileiro gosta de ajudar. Gosta muito de ajudar, ainda o mineiro - Minas Gerais - ele é muito receptivo. Então, de qualquer forma, ele quer te apresentar... quer te ajudar... quer ficar do lado de você... você sente uma família aqui, não [em] qualquer cidade você sente isso, ou não [em] qualquer país. Então, o ponto de imigração aqui - pelo... eu conheço migra... imigrantes, eles são trabalhadores e todos que eu conheço, eu conheço umas seis... -, todas [incompreensível] pra serviço, pra ganhar dinheiro. Então, eles não são moleques.

[A motivação para sair da Síria] foi por causa do guerra. A gente começou guerra (janeiro) de 2011. Aí... eu fiquei um ano lá, estudei Medicina, eu sou estudante de Medicina. Depois, tranquei faculdade e fui pra Líbano, fiquei dois anos. Então, de 2012 até 2014, eu estava no Líbano. Fiquei trabalhando no cozinha... aprendi fazer comida... pra ganhar dinheiro e ajudar minha família lá, né? E... quando a gente viu, o Brasil tá... recolhendo os... refugiados, quer ajudar os refugiados sem dinheiro no banco, sem alguma coisa, só vai pegar visto de graça. Eles quer ajudar... e a gente começou com... eu e meu amigo, pra ir o Consulado, pra ver que que eles precisam, papéis... tal, que que eles tá pedindo. Eles falaram:

- Não, volta semana que vem, já pegar o visto. Mas lá, o Brasil não te dá dinheiro, não te dá casa, não te dá escola... você vai trabalhar, vai arrumar uma casa pra morar, vai tudo. O Brasil te ajudou pra sair do seu país. Pra não morrer, não acontecer uma coisa.

[Peguei o visto] de passear. Noventa dias. E eles falaram com a gente:

- Quando esses noventa dias, pode ficar. Dentro esses noventa dias, você... pensa. Se você quer ficar, você vai na Polícia Federal, pede refugiado. - (disseram) - Se não quiser, você só há visto de passear, você vai voltar no seu país. Então você tem só noventa dias pra pensar, olhar... como é que vai dar... se deu certo, não deu... conseguir morar... conseguir arrumar serviço... é isso.

A gente... [decidiu ficar] na hora. [O processo de estabelecimento] foi bem tranquilo, e... todos ajudaram a gente aqui, então... a gente não sabe, falava nem português, né? E começou produzir no *Google* aonde faz isso, vamos no... foi no Polícia Federal, aqui no Anchieta, o que que precisa de fazer e tal. Deu tudo certo. Eu peguei o *protocole* em seis meses, primeiro *protocole*, e depois o segundo *protocole*, peguei o carteira de imigração. De imigração, três anos, agora eu tenho carteira de imigração de indeterminado, sem data, sem validade.

Eu já sou mineiro... e quero ficar em BH, ou Brasil, porque o Brasil fez pra mim muito mais que o meu país fez pra mim. Minha família lá... todo dia converso com eles e quero voltar pra lá visitar eles um mês, pelo menos, ficar do lado deles. Eu ajudo eles, mandar dinheiro pra eles daqui também. O que eu consigo fazer, posso fazer, eu tô disponível. Eu conheço só três imigrantes, e só isso, que eu converso com eles. E do meu país, então mesma coisa, mesma cultura e tal. Mas os outros, não tenho contato... porque não tenho tempo pra sair... e ficar... sabe? Eu tenho amigos [brasileiros] mais que do meu país... tenho mais de quatro amigos de verdade, o resto colega, né? Saio com eles, a gente almoça juntos, vai no... fazer churrasco, cachoeira, programas todos.

Eu agradeço muito. E... falei, o Brasil me deu muito mais que eu fiz no meu país, então, uma coisa... eu agradeço muito. Eu vejo isso, então tem que ajudar todo mundo, eu e meus funcionários, sem eles agora, não consigo manter meu andamento, né? Então, eu ajudo eles, eles ajudam [a] mim, e a gente vai crescer junto. A gente foi no... Brumadinho, ajudar lá, e... a gente foi no programa de casa, a gente fez almoço lá, pra apresentação. E... cada um veja a gente como que a gente trabalhadores, trabalha, eles que fez entrevista com a gente, acaba fiquei mais conhecido aqui no Brasil pelo minha qualidade, não por causa que "eu". Pelo meu qualidade, que eu mando. E nós são trabalhadores, a gente acorda sete da manhã, fica até meia noite. Não qualquer um aguenta não. Não.

E eu ainda... você, estrangeiro, quer manter tudo mesmo com lei, com funcionário, tudo certinho e todo mundo tá satisfeito. A gente agora virou mais amigos, mais que funcionário e um patrão, porque eu sou muito novo, dos meus funcionários. Eu tenho 24 anos, então... eu fico, às vezes, com vergonha de chamar

atenção de um, porque ele é mais velho que eu, então, como é que eu vou chamar atenção? Acaba ser mais amizade pra... eu fico mais próximo dele pra ele não se sentir que fica triste ou tal. E é o que importa pra todo mundo, pra quem quer trabalhar comigo, eles falam comigo:

- Fadi, você é um exemplo pra gente, como que você cresceu.

Ceguei sem um real no bolso... sem falar nada de português. Português... agora, meu português, eu não acho que ele é muito bem... [interrupção externa]. Então... o português vai, éh... eu cheguei em 2014 e, até 2019, eu não peguei nem aula, nem estudei, nem faculdade, foi tudo [incompreensível] do dia a dia, com meus funcionários, meus colegas, meu... onde eu trabalho também, eles me ajudaram muito. Eu escrevo pouco, pouca coisa, mas... agora vou começar fazer o, éh... prova do... quero fazer o prova pra pegar o certificado português e pra... conseguir pegar a cidadania e quero ficar brasileiro. Pra sempre [riso].

Fonte: Compilação da autora

A narrativa de vida de Fadi nos apresenta a experiência da imigração sob um olhar diferente daqueles mobilizados nas narrativas anteriores. Isso se deve ao fato de que seu discurso não se orienta nem por um tom emotivo, nem por um tom reflexivo, o que não significa a inexistência desses elementos em sua relação com a própria história. Por mais que seu relato não focalize propriamente os sentimentos experimentados por ele ao longo de seu processo migratório, isso já diz muito de sua subjetividade, na medida em que, em seu próprio “fazer narrativo”, podemos identificar as conotações de seu estilo e o envolvimento que estabelece com os acontecimentos narrados. Assim, ao recuperar os fatos de sua história de vida como migrante, ele o faz segundo uma retórica mais racional, mas os projeta sempre em relação a um *eu* que instaura o *aqui* e o *agora* da enunciação, de modo a inscrever-se, como locutor, em seu próprio discurso, o que legitima seu estatuto de *testemunha-experenciador*.

No momento em que inicia sua narrativa, Fadi já apresenta um elemento que passa a orientar toda a sua condição de existência na imigração – a necessidade de suporte financeiro para sobreviver e construir sua história no Brasil: “então *cheguei sem um real no bolso*. Só tinha o *dinheiro* de o... avião mesmo. *Quando cheguei aqui*, comecei procurar trabalho e tal... porque *não tem dinheiro pra viver*”. Cabe observar como, já na introdução, o fato de a questão financeira ser considerada pré-requisito para a condição de existência – não só na imigração, mas nas sociedades neoliberais de um modo geral – a situa em um conjunto de normas sociais segundo o qual o trabalho é a palavra de ordem para a obtenção de uma vida digna e bem-sucedida, conforme os imaginários de dignidade e de sucesso que estão na base do próprio sistema de pensamento neoliberal. Portanto, na medida em que essas normas sociais, associadas ao universo do trabalho, são descritas por Fadi como um valor, inicialmente na posição de empregado e posteriormente na de patrão, é possível identificá-lo a uma outra categoria de situação que lhe atribui ainda um novo estatuto, o de empresário.

Com efeito, podemos notar que toda a construção narrativa elaborada por Fadi é caracterizada pelo predomínio de indutores que apontam para normas sociais e jurídicas que, por sua vez, configuram todos os domínios pelos quais ele transita em seu discurso e a partir dos quais ele tematiza a relação emigração-emigrante / imigração-imigrante e a própria condição de existência na imigração. Ao tratar, portanto, do primeiro tema imposto pelo campo discursivo das migrações, o seu processo de deslocamento da Síria para o Brasil não é apresentado, propriamente, em ordem cronológica, uma vez que sua narrativa parte de sua chegada ao país de destino (“*eu cheguei ao Brasil em 2014*”), enquanto a motivação para sair de seu país de origem é abordada após ele retrair todo o seu processo de estabelecimento aqui. De todo modo, é possível recuperar, em seu discurso, a sucessão das experiências vivenciadas por ele, com base tanto nas referências quanto nos marcadores dêiticos espaciais e temporais que nos permitem reorganizar mentalmente e compreender, assim, a lógica espaço-temporal dos fatos: “foi por causa do guerra. A gente começou guerra (*janeiro*) de 2011. Aí... eu fiquei um ano lá [...]. Depois, [...] fui pra *Libano*, fiquei *dois anos*. Então, de 2012 até 2014, eu estava no *Libano*. [...] E... quando a gente viu, o *Brasil* tá... recolhendo os... refugiados”.

Esse deslocamento, marcado pela transição da emigração para a imigração, mas ainda pela dupla condição de emigrante e de imigrante a partir do momento em que a migração é empreendida, é também orientado, no caso de Fadi, por uma série de indutores jurídicos que representam os procedimentos relativos ao pedido de asilo e, posteriormente, à obtenção de refúgio no Brasil, regulamentados por organismos oficiais como o *Consulado* e a *Polícia Federal*: “*pegar visto de graça*”, “*que que eles [as autoridades] precisam*”, “*que que eles tá pedindo*”, “*papéis*”, “*visto de passear*”, “*(só) noventa dias*”, “*pode ficar*”, “*pede refugiado*”, “*que que precisa fazer*”, “*(primeiro/segundo) protocole*”, “*carteira de imigração*”, “*três anos*” e “*indeterminado*”, “*sem data*”, “*sem validade*”. Todos esses indutores, sustentados por um imaginário de legalidade compatível com o sistema de normas brasileiro, acabam por conferir legitimidade ao processo migratório de Fadi. Mais que isso, eles representam todo um aparato institucional que consolida a imagem de uma política migratória brasileira, voltada para o refúgio, que é pautada no imaginário de acolhimento (“o Brasil tá... recolhendo os... refugiados, quer *ajudar* os refugiados sem dinheiro no banco, sem alguma coisa”).

Nessa perspectiva, por mais que a categoria de sujeitos migrantes na qual Fadi se inclui seja representada pelo indutor retórico de negação (“refugiados *sem* dinheiro no banco, *sem* alguma coisa”), o qual sinaliza o viés da carência e, portanto, da necessidade, as ações do Brasil relativas ao estabelecimento desses sujeitos no país também são representadas pela mesma estratégia linguístico-enunciativa da negação, contrariamente ao que o imaginário de acolhimento poderia

fazer pensar (“*Mas lá, o Brasil não te dá dinheiro, não te dá casa, não te dá escola*”). Ainda assim, Fadi reconhece como generosa a atitude do Brasil, ao viabilizar o refúgio de pessoas em situação de deslocamento forçado (“O Brasil te *ajudou* pra sair do seu país. Pra não morrer, não acontecer uma coisa”), e entende como normal – em termos de norma socialmente aceita – o princípio de esforço pessoal para se estabelecer no país, com base no imaginário de merecimento segundo o pensamento neoliberal (“você vai *trabalhar*, vai *arrumar uma casa pra morar*, vai *tudo*”). Ao representar, pois, esse perfil, ele também contribui para desconstruir, no/pelo discurso, o imaginário que associa os refugiados à dependência e à vulnerabilidade, evocando, pelo contrário, um imaginário de força pelo seu potencial de ação (“*imigrantes, eles são trabalhadores e todos que eu conheço [...]. Então, eles não são moleques*”). No entanto, é importante observar que as situações de discriminação e xenofobia – presentes no relato de Nela de Voz e, principalmente, no de Jean Marc – estão ausentes do relato de Fadi, sendo aqui um tema silenciado.

Diante de todo esse quadro, ele assume uma relação emocional-afetiva com o país de destino que o leva a se identificar bem mais com o Brasil, na sua condição de imigrante (“o Brasil *fez pra mim* muito mais que o *meu país fez pra mim*” e “o Brasil *me deu* muito mais que *eu fiz* no *meu país*, então, uma coisa... eu agradeço muito”), do que com o seu país de origem, na sua condição emigrante. De fato, ele trata da sua condição de existência na emigração apenas brevemente, mencionando os laços que mantém com sua família e reafirmando o distanciamento de seu país de origem – embora não o negue, visto que o designa como *meu país* – ao situá-lo sempre como *lá* (“*Minha família lá... todo dia converso com eles e quero voltar pra lá* visitar eles um mês, pelo menos, ficar do lado deles”). Em relação à condição de existência na imigração, segundo tema imposto pelo campo discursivo das migrações, Fadi também recupera uma série de normas sociais ao tratar dos domínios do trabalho (ou dos negócios), das relações interpessoais e da competência linguística.

Na esfera do trabalho, as escolhas lexicais que o enunciador mobiliza apontam sempre para indutores jurídicos: em um primeiro momento, esse indutores, que representam um conjunto de “normas na negativa” dentro do contrato de trabalho do qual ele fazia parte quando chegou ao Brasil, sugerem uma transgressão das leis trabalhistas (“*doze horas por dia*”, “*era o salário 760*”, “*hora extra*”, “*de segunda a segunda*”, “*sem folga*” e “*vendi dois férias*”) – de sua parte, como forma de alcançar ascensão econômica e, da parte do empregador, como indício de exploração dos empregados. Já em um segundo momento, que marca sua transição da posição de empregado para a de empreendedor/empregador, esses indutores apontam para uma série de normas ligadas à regulamentação, o que diz muito de sua própria existência, em termos de regularização, na sociedade brasileira e de seu sucesso profissional no mundo dos negócios (“*precisa fiador pra*

conseguir pegar a loja”, “*confiar a gente*”, “*colocar funcionário*”, “*cinquenta funcionário*”, “*abri mais duas casas*”, “*sócios*”, “*manter tudo mesmo com lei*”, “*com funcionário*”, “*tudo certinho*”). Por outro lado, as relações que estabelece no ambiente de trabalho, as quais correspondem à quase totalidade de suas relações interpessoais no Brasil, são representadas por um sistema de normas sociais de outra ordem de valores, pautado nos imaginários de reciprocidade e de amizade: “um funcionário *ensina* a gente, e ele *ajuda* [um] pouquinho”, “eu *ajudo* eles [os funcionários], eles *ajudam* [a] mim, e a gente vai *crescer junto*”, “a gente agora virou mais *amigos*, mais que funcionário e um patrão” e “*acaba ser mais amizade*”.

Todos esses elementos contribuem, finalmente, para a construção discursiva do *éthos* de Fadi, à medida que apresenta e justifica uma série de ações empreendidas por ele, bem como seu(s) ponto(s) de vista acerca de sua própria experiência migratória. Assim, por meio de seu *éthos* dito, podemos ter acesso, ao final da narrativa, a uma informação fundamental e, em certa medida, surpreendente: o fato de ele ter apenas 24 anos (“*eu sou muito novo*”), apesar de todas as realizações e conquistas obtidas por ele desde que iniciou seu processo migratório – apreendidas pelo destinatário, a princípio, segundo um imaginário de maturidade que não condiz, normalmente, com a faixa etária na qual Fadi se enquadra. Com isso, a imagem que ele constrói de si, e que é facilmente apreendida por seu destinatário, inclusive por influência do olhar do outro que ele apresenta sob a forma de discurso relatado (“Fadi, você é um *exemplo* pra gente”), é a de um sujeito persistente e trabalhador, o que é representado, desde o início da narrativa, por um *éthos* dito proeminente (“*comecei a trabalhar [...], comecei a achar mais dinheiro, [...]* porque eu não tô gastando nada, *eu almoço lá, janto lá e volto, só tomo banho e... dormir*”, “*porque quero fazer uma coisa diferente, quero crescer*” e “*acaba fiquei mais conhecido* aqui no Brasil pelo *minha qualidade*, não por causa que ‘eu’”). Esse *éthos* dito é ainda associado a um tom (*éthos* mostrado) de convicção e mesmo, parece-nos, de maior otimismo do que o das narrativas analisadas anteriormente.

Vale destacar também que essa representação de si apresenta, em alguns trechos, uma dimensão coletiva, na medida em que ele atribui as mesmas características a seu amigo e sócio, de mesma nacionalidade e também refugiado no Brasil: “*eu e meu amigo, mesma coisa*” e “*nós são trabalhadores*”. Em todo caso, além do imaginário de persistência, que carrega um valor positivo compartilhado no/pelo senso comum, o de generosidade também embasa o modo como Fadi se representa em seu *éthos* dito: “eu *ajudo* eles, mandar dinheiro pra eles daqui também. O que eu consigo fazer, posso fazer, eu tô *disponível*” e “eu *fico mais próximo* dele pra ele não se sentir que fica triste ou tal”. Uma vez que são adotados como princípios na sociedade brasileira, ambos os imaginários promovem um elo de identificação mútua entre Fadi e essa sociedade – ao menos no que se refere ao seu entorno – que acaba por promover sua integração à comunidade e seu

(auto)reconhecimento como membro dessa comunidade: “*eu já sou mineiro*” e “*quero ficar brasileiro. Pra sempre*”.

3.2.4. Déborah

“Eu falo que, nesse mundo, somos todos imigrantes... somos todos refugiados”

QUADRO 19 – Narrativa 4

Nome (fictício): Déborah		
Estatuto jurídico: Refugiada	Nacionalidade: Congoleza	
Data de chegada no Brasil: dezembro de 2015	Data de chegada em BH: dezembro de 2015	
Área de atuação: Professora de Línguas	Idade: 24 anos	Gênero: Feminino
Narrativa de vida		
<p>Então [riso] não foi fácil não de chegar até aqui, porque a gente passou muitas coisas. Primeiramente eu, até chegar aqui, porque quando eu saí do meu país, eu vem direto pra cá, né? Aí com... fiquei, eu cheguei na casa de um amigo do meu pai e... depois, éh... as culturas são diferente, né? Aí eles, ele me achava tipo - depois que eu fiquei sabendo, né?, disso - achava... éh... achava, tipo, preguiçosa - sabe, essas coisas? Tipo, ah, nossa, eu cheguei aqui com 19 anos, tipo, “ah, ela não tá correndo atrás das coisas”, e eu cheguei, eu não sabia nada de português e... morava longe, aí eu fiquei com aquele coisa, falei - devia ter vontade de voltar para o meu país por causa disso - mas depois falei:</p> <p>- Ah, vou ficar mesmo, porque depois vai dar tudo certo.</p> <p>Aí de lá, eu cheguei foi em dezembro, eu cheguei na casa dele, a gente viajou, foi pra Bahia, Nova Viçosa, ele tem uma... (ele) tem uma casa lá, a gente morou lá, ficou lá uns quase um mês com a família dele e todo mundo, foi bom. Aí, quando voltei, comecei a estudar português na [referência à instituição]. Aí depois, na casa dele, ficou longe da [referência à instituição], aí eu fiquei sabendo da minha prima, né?, que mora aqui. aí eu falei:</p> <p>- Nóh, nossa! - eu falei - Nossa, que foi um livramento encontrar minha prima, eu vou ir morar com ela, porque aqui eu não tô me sentindo bem.</p> <p>Éh, ele falava inglês, a esposa dele tentava também falar inglês, as filhas, só que TENTAVA, então eu, quando ia conversar com ela, ela [incompreensível] tenta a pensar eu não tinha paciência disso, eu saía [incompreensível], entra no quarto, sabe? Aí eles me achavam, tipo, “nossa, ela só fica no quarto”, eu falei:</p> <p>- Uai, gente, eu não entendo NADA [de] português. E quando vocês tão rindo, eu penso “nossa, será que eles tão rindo de mim?”.</p> <p>Aí fico com aquela coisa, eu falo:</p> <p>- Melhor ficar no quarto pra não ficar com esses pensamento.</p> <p>Aí depois minha prima... eu falei:</p> <p>- Eu vou morar com a minha prima.</p> <p>Comecei a morar lá na Pampulha, na casa da P, porque ela morava com a P. Aí eu fiquei lá, comecei a estudar ing... éh, português, depois o português foi... eu não, tipo, não tava entendendo quase nada, porque era 45 minutos, e eu chegava e não tava entendendo nada, estava quase acabando, aí falei:</p> <p>- Não, éh, vou, não vou conseguir não, português, desisto, volto pro meu país e tal...</p> <p>E meu pai falou:</p> <p>- Pra que você vai voltar aqui, minha filha, fica lá, aqui não tem... não tem perspectiva, entendeu? Cê ficar lá vai ser bom pra suas irmãs. Éh... quem sabe se um dia cê consegue alguma coisa pra ajudar ele... elas?</p>		

Eu falei:

- Ah, tá bem.

Meu pai que me dava, que me apoiava sempre de continuar na luta. Mas foi bem difícil... aí, quando comecei a morar com a P, eu parei... eu parei de ir na [instituição] né? Porque tive que renovar matrícula e tal, não tinha como... aí eu parei, e eu não tinha nem acabado, nem nada... e os meus documentos também... nóh, tava dando tudo errado. Falei:

- Vou na Polícia Federal, vou... vou...

Eu tinha... eu... porque a passagem que eu veio era de ida e volta... a minha passagem, aí falei:

- Eu vou voltar, porque... já que tenho minha passagem de ida e volta, vou voltar mesmo, porque, ah, não dá mais.

Aí meu pai falou:

- Não... fica!

Meu pai que me dava sempre apoio, as meninas também falavam:

- Não, Déborah, cê vai voltar pra que no Congo, que você vai fazer lá? Tem NADA!

Aí eu falei:

- Ah, [incompreensível] nossa, será que eu volto, será que não...

Aí... depois a minha amiga, ela me mostrou o Centro Zanmi - antigamente era o Centro Zanmi -, aí foi lá foi que... tipo, eu foi lá... e conversei com a J, eu contei a história dela, tudo o que aconteceu... aí ela me ajudou a pedir refúgio aqui. Aí eu pedi refúgio, foi 2016-17, se não me engano. Aí depois ficou... ficou difícil, porque os documentos... criar um conta bancária, não tinha conta, não tinha como criar uma conta. Éh... tipo. Nossa, foi muito difícil, as coisas, os lugares que eu ia, precisava dos documentos, falava que esse documento não dá... nossa, mas tava dando tanto errado, tanto errado... eu falei:

- Gente, mas que que eu fiz nessa vida?

Depois - porque meu pai já tava aqui, ele é missionário... éh, ele tem uma outra amiga dela... dele - aí a amiga dele falou:

- Nossa, Déborah, a gente ficou sabendo que você veio pro Brasil... onde cê tá?

Eu falei:

- Nossa, eu tô morando aqui na Pampulha com minhas amigas.

Falou:

- Não, vem morar aqui comigo.

Ela tem um salão de beleza, o salão dela chamava [referência ao salão]. Aí eu fui morar com ela. O meu português tava mais ou menos. Eu fui morar com ela, ela começou a me ensinar a trabalhar... eu comecei a trabalhar no salão dela... ela começou a me ensinar como escovar o cabelo, como que lava o cabelo, me ensinou tudo, tipo, até a cultura brasileira. Porque eu não sabia, eu aprendi tudo o que ela... que... porque ela tava em contato com o amigo do meu pai. Outro amigo lá, que eu cheguei na casa dele, ele começou a contar:

- Nossa, a Déborah, ela é preguiçosa... ela não sabe fazer as coisas, num sei o que...

Mas a R falou:

- Mas você mostrou pra ela como que é a cultura brasileira? Ela NÃO SABE! Ensina pra ela como que acontece as coisas no Brasil... ela NÃO SABE!

Aí ele falou:

- Ah não, não sei o que...

Aí a R, aí quando ele ficou sabendo que eu tô morando com a R, a outra amiga, ele ficou tipo:

- Por que ela tá morando lá? Ela saiu da minha casa, ela tá morando lá com ela...

Aí... depois ela começou a me ensinar, ela começou a falar comigo que... na outra família, o que que aconteceu foi tal, tal, tal... eles não quis me falar, mas depois falou pra ela. Aí isso, eu fiquei muito triste com isso, porque... eles poderiam me falar, né? E outra coisa, eu não... eu não sabia a cultura brasileira, até hoje eu

tô aprendendo... eu tô aprendendo como viver com os brasileiros e... depois que eu fiquei sabendo disso, quando a R falou, tal, que as coisas que aconteceram lá na casa dela, ela começou a me ensinar como que é a cultura brasileira, imagina... ela me levava nos lugares [para] mostrar como que é... como que as pessoas, se a pessoa falar isso aqui, tipo, por exemplo, falar [incompreensível] “cê é doida?”, não é porque “cê é DOIDA”, é porque tá... a pessoa tá brincando [riso]... nêh, eu levava muito a sério isso. Porque sabe quando a gente tá aprendendo português, às vezes fica com aquela coisa na cabeça? Aí não sai... aí ficava assim. Aí ela falou:

- Não, quando a pessoa te fala assim...

Ela pegou até uma professora pra me ensinar português, imagina... eu ia na casa dela, ela me ensinava português, eu voltava em casa, no salão... imagina, eu tava morando na casa dela, ela me ensinou a trabalhar no salão, consegui fazer escova, finalizar o cabelo, ela começou a me pagar... eu morava na casa dela, mas me pagando no salão dela. Aí eu falava:

- Não, R, eu vou começar a pagar algumas despesas de casa.

Ela não deixava, sabe? Nossa, ela, a R, ela tem um coração que nunca vi na vida, nunca vi... ela... eu acho que ela foi chamada só pra ajudar as pessoas, sabe? Éh, ela foi chamada só pra ajudar as pessoas. Aí eu morava na casa dela, eu morei UM ANO na casa dela sem comprar nada, nada, nada, ainda ela me pagava. E vou ter que cuidar pelo menos limpar a casa (né?). Tinha uma moça que limpava a casa, ela ia todos os dias, cozinhava... e eu ajudava com a filha dela. Tipo, quando a gente saía, ajudava com a filha dela, a gente ia nos lugares, mas ela não deixava, tipo, eu comprar as coisas não. Aí depois ela falou comigo:

- Nossa, Déborah, o que você acha, éh, de... pensar em morar sozinha?

Ah, depois, quando tava morando na casa dela, ela falou:

- Olha, por que cê não tenta dar aula de inglês?

Falei:

- Uai, R, mas é verdade, hein?

Aí eu mandei o meu currículo na escola, as escola, [referência à escola] e tal... aí depois a [referência à escola] me chamou pra ir dar aula no sábado. Foi aula de francês, porque eu mandei meu currículo falando de francês e inglês. Aí a [referência à escola] me chamou dando aula de inglês... de francês, e todas, todo sábado, de 1h45 até pra 4 horas. E era... eu tinha só uma turma, na uma turma eu recebia, eu acho, que uns 280 reais por mês, que eu recebia. Aí eu falava:

- Nossa, mas tem que aumentar minhas turmas.

A R falou:

- Olha, Déborah, se aumentar suas turmas na [referência à escola], você ver que na [referência à escola] você vai ganhar bem, deixa aqui no salão.

Tipo, eu ficava com aquela coisa: “nossa, se eu vou lá na... trabalhar na... nas aulas, será que não vou magoar a R? Ela me ensinou tantas coisas, e eu vou deixar ela assim, deixar salão pra ir dar as aulas...”. Eu ficava com aquela coisa na minha cabeça. Aí, um dia, ela chegou comigo, ela me falou:

- Olha, Déborah, eu vi que as aulas vão dar muito bom pra você... porque, se você dá sua disponibilidade lá na [referência à escola], eles vão te dar muitas turmas. - aí falou - Vamo tentar? Semestre que vem, fala pra ele que você tem disponibilidade semana inteira.

Aí eu falei:

- Nossa, eu tenho disponibilidade semana inteira.

Aí minhas turmas aumentaram, foi pro cinco turmas, eu acho. É. Aumentou, a R falou:

- Tá vendo?

Aí, no salão, eu ia às vezes, quando tô... eu tenho... éh, horário... éh, livres, aí eu ia no salão, ajudava ela. Aí chegou um dia, ela falou comigo:

- Não, Déborah, agora, o que você acha de morar sozinha?

Eu falei:

- Nossa, morar sozinha... - eu falei - Será que a R tá me mandando embora da casa dela? Que que eu fiz?

EU fiquei me perguntando TANTAS coisas, tantas... aí falou:

- Déborah, eu não tô te mandando embora da minha casa, não. Eu acho [que] está na hora pra você ficar MAIS responsável ainda, cuidar das suas coisas, se organizar mais, sabe? Porque a cultura são diferentes, mas eu vejo [que] você... corre muito atrás das coisas. É claro, a gente, às vezes, a gente coloca a culpa na cultura, mas... colocando do lado, a gente consegue fazer algumas coisas.

Aí eu falei pra ela:

- Nossa, R, eu não vou, vai ser difícil, R, não vou conseguir, não.

Comecei a chorar, liguei pro meu pai, eu falei:

- Pai, eu vou voltar de novo.

Meu pai:

- Que que tem... [riso] você morar sozinha, minha filha?

Meu pai ficou também, primeiro, preocupado, mas ele não queria me mostrar preocupação. Ele falou:

- Nossa, vai ser muito bom pra você, porque, olha, a R vai te acompanhar em tudo, ela já... ela... ela... - porque ela conversa com meu pai sempre, aí eu falei:

- Ô, R, vamo, vou tentar.

Aí depois eu procurei um - aqui em frente onde eu moro mesmo - tinha um... tipo um quitinete, né? Tinha um quarto, sala, banheiro... eu achei lá. Aí eu falei:

- Ô, R, olha, eu achei um quitinete tal, onde eu vou morar...

Aí a R falou:

- Nossa, muito bom!

Aí a gente foi visitar o quitinete, eu e ela, a gente viu que era bom... o preço também tava bom... aí ela mesma fez, tipo, chá de casa nova na casa dela. Convidou as pessoas, amiga... porque, óh, (eu era), tipo, QUERIDA das amigas dela, sabe? Porque eu sou muito, sabe? Humilde... todos lugares que eu vou, eu sou mais... eu deixo muito mais, tipo... sei lá, eu não sei como posso fazer, eu quero... eu... eu gosto de deixar, tipo, uma marca onde eu vou... eu quero que as pessoas fala "nossa, aqui tinha uma pessoa boa... que a gente gostou". Quero mostrar de verdade quem eu sou. Aí todos os lugares onde a gente ia com ela, eu era assim, tipo, chega, eu já começo a fazer as coisas, porque é a cultura nossa, por exemplo... eu chego no algum lugar, eu já começo a ajudar, "você precisa de ajuda?" e tal, tal... isso pra mim era, eu sempre sou assim. Aí as amigas dela gostavam muito de mim. Quando ela falou "olha, a Déborah vai começar a morar sozinha, vamo fazer chá de casa nova", "pode trazer algo?", "toda coisa que você quiser". Então outras pessoas trouxe fogão... geladeira... nossa, eu ganhei MUI, nossa, até as vasilhas que eu tenho aqui em casa, nun... óh, nunca comprei NADA. De todo mundo que... vem, me deu tudo, tudo, tudo, tudo... toalha, nossa, tudo... nossa, foi muito bom, muito bom mesmo.

Aí depois eu mudei. A R fez as compras. Nôh, a R... não sei se é uma pessoa ou é um anjo. Ela fez umas compras, tipo, quando a gente mudou, quando eu mudei, eu fui morar sozinha. Ela fez uma compra... ela tinha a chave da minha casa, né? Aí sempre, eu já... eu já gostava de maquiagem e tal... eu fazia - quando eu tava morando na casa dela - eu fiz um curso de maquiagem. Ela falou:

- Olha, eu tenho uma cadeira que eu vou te dar, me dá a chave da sua casa que o L vai deixar a cadeira lá.

Ela deixou a cadeira lá na minha casa e comprou, fez as compras, tudo... tudo que eu tava precisando... arroz, TUDO. Então, óh, arroz, ela comprou arroz, feijão, carne, tudo, tudo, tudo, material de limpeza, porque lá em casa não tinha nada, né? Eu acabei de colocar as coisas... óh, eu cheguei... quando cheguei no salão, ela falou:

- Óh, sua chave tá aqui. Espera, e a gente vai na sua casa juntas.

Aí a gente foi na minha casa, quando eu abri, nossa, eu encontrei compras, nossa... eu falei:

- R, que que cê quer que eu te faça, o que mesmo? [riso] Nem sei, eu vou te levar pro Congo mesmo.

Ela falou:

- Não, Déborah, é porque... sei lá, você merece... tipo, você se disponibilizou, se colocou disposta,

você me ajudou e... e eu puxava muito sua orelha, você chorava, sabe? Porque as culturas são diferentes... - falava das coisas... - eu falei:

- Nossa, isso, eu não vou conseguir, nóh...

Aí tal... mas eu vi que ela tava me ajudando e... eu acredito se hoje tava... aí depois de lá, eu... tava morando sozinha. Aí continuei a dar aula ali na [referência à escola]. Depois, eu foi dar aula no [referência à instituição] de... [nome do projeto de línguas da instituição], eu participei num encontro lá. Aí depois, eu acho, a gente tinha um evento lá no Centro Zanmi, porque o Centro Zanmi deu... tipo um apoio pra gente comprar as coisas. Óh, aquele lá, eu acredito que, se hoje tem as minhas roupas - porque eu faço roupa do Congo também - [incompreensível], e me ajudou bastante com o dinheiro que eles me deram, a gente comprou tecido, a gente vendeu bastante na... - era uma festa, não lembro, uma festa sim - a gente vendeu bastante, bastante mesmo. E... foi assim que... tava continuando, mas antes de eu começar a costurar, tipo quando tava morando nas meninas, eu... comecei a costurar como? Porque não tinha nada, as meninas falou:

- Olha, a gente vai pre... - a P, né? - vamos fazer uma festa africana. Nessa festa, a gente vai precisar comprar camisa, a gente vai precisar fazer umas camisas do Congo.

Porque antes, no Congo, eu fazia corte e costura, comecei a estudar corte e costura, só que parei, aí elas falaram:

- Olha, nós tá precisando muito muito do... - porque eu tava sem nada, nada, nada, aí... elas falaram - olha, a gente vai fazer umas camisas, mas como? A gente não tem a máquina, nem ninguém pra costurar...

Eu falei:

- Olha, eu vou costurar.

Falaram:

- Não, mas Déborah, O QUE?

Eu falei:

- OLHA, eu vou costurar. Você tem tecidos? Vocês vão comprar as camisas.

Falou:

- Você não tem nem a máquina.

Eu falei:

- Minha filha, preocupa com isso não, vai dar tudo certo.

Nossa, aí depois lá, eu... falei pro meu pai, liguei pra ela, pra ele - porque o amigo do meu pai falou que a filha dela tinha uma máquina, né? Eu usava a máquina dela, da filha dela e tal... ele falou que ele vai comprar, ele vai me dar uma máquina de presente... e tal, só que eu não, tipo, esperava muito nisso - aí depois eu falei pro meu pai:

- Pai, eu tô precisando de uma máquina que vai me ajudar a crescer no Brasil, o senhor compra essa máquina hoje? Eu prometo que eu não vou te pedir mais dinheiro [riso].

(Ele falou):

- Cê tem certeza?

Eu falei:

- Sim, pai, tenho certeza, se cê me compra essa máquina pra mim hoje, eu não vou te pedir mais dinheiro.

Aí meu pai, ele... procurou dinheiro e mandou dinheiro, comprou a máquina e comprei, aí comecei a costurar as camisas, né? Personalizar as camisas, colocar o tecido do Congo... aí as meninas tava me pagando vinte por cada camisa, eu acho, vinte ou quinze, não me lembro. Aí depois eu falei:

- Uai, gente, por que... - antes de morar na casa da R, né? Antes de encontrar até a R, falei - por que eu não posso tentar começar a trabalhar com roupas? - ah... e depois falei - nossa, vai ser uma boa ideia!

Depois comecei a... depois de... da gente costurar - eu costurei mais de cento e cinquenta camisas -, e a gente vendeu todas, todas camisas, quando a gente tinha festa, a gente vendeu todas. Eu falei:

- Essa é uma boa coisa que eu posso começar a fazer.

Aí [incompreensível], decidi de fazer as camisas. A P viu que tava dando certo, ela não sabia costurar. Ela se interessou a costurar, eu mostrei uns passos pra ela de costura... hoje ela tem a máquina dela também, ela costura também, nossa, [incompreensível]. Eu falo assim:

- A gente cresce é porque a gente se ajuda também.

Hoje ela tem a máquina dela, ela costura também, ela faz muitas coisas. E porque a gente vai se dando *mals* mesmo, sabe? Porque a gente pensa que as coisas é difícil, né? Mas e, se a gente não está junto, não vai dar certo, sabe? Falo:

- A gente tem que se colocar juntos. A gente tá aqui no país estrangeiro e, se a gente não se reúne, vai dar sempre errado.

Aí a P, ela começou a aprender a costurar, eu falei:

- Vamo trabalhar junto, vamos fazer as camisas juntas.

Aí a gente começou a fazer as camisas juntas, hoje também ela criou a marca [referência à marca] das camisas, a minha marca é [referência à marca] das camisas, que... a gente criou um site onde a gente tá tentando vender as camisas e... até hoje estamos aí... tentando. É... tentando... e... também... eu gostei muito do que que eu aprendi na R. Eu tenho, eu tô aqui com a minha amiga, que eu moro com ela aqui, a gente mora duas pessoas, eu, ela é do Congo também... ela era igual eu mesmo, né? Aí... eu comecei a mostrar a ela os caminho, como que acontece as coisas, como que acontece as coisas aqui no Brasil, ela tem dificuldade no português também, mas... - ela veio depois - ela tem dificuldade no português também e... agora ela saiu no trabalho dela, sofreu preconceito... ela teve que deixar o trabalho dela, porque ela não tava aguentando mais... e ela tá... assim, ela saiu porque... sempre ela gostava de ser modelo, né? Aí ela ficou mandando o *instagram* pras pessoas que tão procurando. Aí tem uma agência que chamou ela, né? De uma hora pra ela ir, ela queria que eu *isse* pra com ela, eu falei:

- Não, tenho compromisso antes, depois a gente vai.

(Ela falou):

- Não tem problema não.

Aí ela foi lá, conversou até com ela já, chegou, tá conversando com o pessoal lá, sabe? Pra ver se vai dar tudo certo, a gente vai se ajudando. Éh, nossa história é longa, tem outras coisas que eu não falei.

Sempre [que] eu vou no Centro Zanmi, encontro com brasileiros, num sei se eu encontro brasi... num sei se todos imigrantes, mas, no meu caminho, eu posso falar [que] 90% das pessoas que eu encontro são pessoas bons, com coração bom. Por exemplo, quando fazem uma entrevista aqui, eu gosto muito, quando eu compartilho com as pessoas, pra ver que tem pessoas bom nesse mundo... tem pessoa bom nesse mundo, que gosta de ajudar outra pessoa. Ele não vai olhar ali seu lado fraco, seus ponto fraco, mas ele vai olhar primeiro o que tá no coração, isso que eu aprendi muito também com a R. Eu vejo o que tá no coração da pessoa. Eu hoje, meu sonho é ter, poder ajudar todos os migrantes... TODOS os migrantes que viessem, ter um jeito de mostrar como que acontece as coisas no Brasil, é um sonho, porque eu vi que eu encontrei umas pessoas boa, até hoje continuo a encontrar umas pessoas bons, que eu aproveito daquelas pessoas, aproveito da palavra deles, e que eu posso transmitir essa palavra por... com outros imigrantes, principalmente do meu país, porque é um país sem desenvolvimento, sem... - como posso falar - é um país... bem, que não tem... - como posso dizer - é um país... tá pra trás, né? Éh... e quando a gente vem aqui, a gente vem aqui no Brasil pra a gente tenta aproveitar o máximo possível os brasileiros que a gente encontra no país, com corações bons, porque tem outros que a gente encontra que ela até te olha como se você não existe, sabe? A gente sofre preconceitos, sofremos bastante, bastante mesmo, mas eu sempre levo o lado bom das coisas... é muito difícil eu levar lado ruim do... tipo, dos brasileiros que eu já conheci, porque eu falo:

- Olha - se hoje, por exemplo, a pessoa... eu tô sofrendo preconceito e tal, eu falo - olha, pra mim, eu tenho uma missão. E se eu fico me baseando nas coisas ruim que eu vou encontrar, eu não vou conseguir chegar na missão que eu tenho.

Então sempre [que] eu encontro as pessoas, eu pego o lado bom das pessoas. Temos, todo mundo temos lado ruim, todo mundo tem... mas sempre eu tento pegar o lado bom da pessoa, porque, eu vejo [que] o brasileiro é muito avançado, sabe? Pelos pensamento... e eu gosto muito [de] ficar no mundo do brasileiro pra poder aprender mais, sabe? Aproveitar da inteligência deles [riso]... aproveitar da inteligência deles e poder ajudar pelo menos dois ou três congoleses que eu posso conseguir.

Nóh, minha história poderia ser um livro. TANTA coisa, gente. Vou fazer 24 [anos].

A gente [Déborah e a família] conversa pelo *whatsapp* e *facebook* às vezes, porque lá também a internet é difícil, e às vezes fico sem conversar com eles, porque pra conseguir éh... pra comprar créditos, tipo, eles não tem *wifi* igual aqui [a] gente tem acesso. Pra eles não, então tem que... eles têm que comprar crédito às vezes, aí tem (caro)... aí final de semana, assim, hoje conversei até com meu pai quando cheguei aqui, final de semana, assim, quando eu (peço), que todo mundo tá em casa, meu pai, ele compra um crédito, pode ser de um, dois dólares [sotaque inglês], coloca pra gente conversar no *whatsapp*, pelo vídeo, e leva todos os créditos dele [riso].

Olha, eu sempre... eu queria ser, éh... tipo, maquiadora, *estetista*, aí, quando meu pai - porque meu pai trabalha na ONU... aí o amigo dele, né? Ele falou:

- Nossa, se você tem sua filha que quer estudar no Brasil, manda ela no Brasil.

Meu pai falou:

- Ah, vou tentar.

Quando meu pai tava aqui, ele veio aqui falar sobre missionários, sobre Congo mesmo, que que acontece no Congo... aí acabou que criaram um ONG que chama [referência à ONG], até a R, o esposo dele que é o presidente da ONG. A ONG chama [referência à ONG]. E o [referência à ONG], ele... eles colocaram, eles reuniram brasileiros - pessoal da igreja, né? - mandavam dinheiro pro meu pai no Congo pra comprar comida, por exemplo. O... éh... - quando tava lá, né? - o final do ano, assim, as festas, crianças, ou, cê tem que ver a alegria das crianças, porque... elas, eles, sabe?, pouca coisa pra eles é muita, sabe? Às vezes, a gente vê, nossa, "ah, esse arroz e tal", mas pra eles é uma... é uma felicidade. Tem as crianças que, pra eles, comer arroz e feijão é uma festa. Quando se come arroz e carne, tem que ter uma festa, sabe? Aí meu pai, quando o pessoal tava mandando dinheiro pro meu pai, meu pai comprava comida pra eles, aí tava, sabe?, muito, muito feliz, sabe? As crianças gostavam, os pais, e comprava roupas também, sabe? O... a ONG que mandava o dinheiro, comprava roupas também, e depois o amigo do meu pai falou:

- Manda a Déborah pra cá, pra ela... tentar ver como que é no Brasil e tal.

Aí eu veio, aí depois... não, mas é difícil. [entonação triste] Eu... a minha família, né? Que eu penso muito que... ficar longe da minha família, porque a primeira, né? A primeira vez que eu fico longe da minha família e... as coisas que acontecem lá... eu penso... "será que eu volto, será que não?", mas, na maioria das vezes, eu penso na minha família, porque... ah... eles passam umas coisas difíceis, tipo, a minha irmã, ela foi tipo *estrapada*... ela tava saindo da escola... e, sabe? São umas coisas, quando eu penso, eu... num sei mais... é difícil mesmo, "ah, será se eu volto? será não?", mas vamos ver, né?

Eu acho que eu vou escrever um livro. Nossa... nossa, eu vou, porque é tanta coisa... às vezes, eu esqueço das coisas que eu já passei, que é difícil. Éh, o trabalho às vezes, nóh... difícil, você encontra as... outras pessoas me falava que "nossa, vocês vêm, tipo, aproveitar do nosso país". A gente tá aqui sem trabalho, sem nada, sabe? Aqui, primeiro, no prédio, tem uma moça... olha que... ela deixa a gente muito mal mesmo... porque ela às vezes, ela vê a gente e, tipo, ela corre, não sei se... se a gente tem problema, aí eu falei pra minha amiga que... num sei, num sei se ela tem problema mental... não sei... ela tava estudando onde eu dou aula. Ela saiu, tipo, um dia, eu tava conversando com meu pai no celular, ela tava na sala da aula, ela falou que, tipo, eu tava falando dela, e eu tava conversando com meu pai no celular. Quase que foi mandada embora do meu trabalho por causa disso aí. É muito difícil... é difícil mesmo [choro]... mas a gente, a gente não fez nada pra ela, a gente vive bem, sabe? Eu, tipo, não tenho problema com as pessoas, mas o que me deixa muito, tipo, ela vê a gente, às vezes, ela... ela corre mesmo, não é às vezes [choro]... ela começa a orar, aí eu falo:

- Será que a gente, tipo, ela vê um demônio na gente?

Aí... é muito difícil essas coisas. Mas a gente tenta pensar, a gente fala que temos uma coisa que temos que conseguir, temos uma missão mesmo se a gente encontra essas coisas.

Ai, Bárbara, é muita coisa, que a gente pode dormir, acordar, dormir...

Quando eu pedi refúgio, aí eu tinha protocolo. Aí eu mandava mensagem pelo CONARE todos os dias, eu era chata nesse ponto, até [que] CONARE (ele) falou:

- Óh, a gente tem que liberar essa menina [riso].

Óh, eu, quando eu coloco [incompreensível] na minha cabeça, EU SIGO... nossa, eu falo, as pessoas falava:

- Ô, moça, não, mas demora um ano, dois anos.

Eu falei:

- Gente!

Porque pensava tanta coisas... o protocolo não... não... fala: “não, esse documento não vale”, no banco, nos outros lugares, faculdade, até que eu desisti por causa do protocolo. Porque queria estudar na [referência à instituição] né? Aí... não, falou que tem que esperar. Falava:

- Você tem que esperar dois anos.

Falei:

- *What?* Dois anos! – falei – não, eu não vou esperar tudo isso, eu vou ter que mandar pelo CONARE uma mensagem todos os dias, que eles vão cansar de mim e eles vão me liberar.

MANDAVA mensagem, mandava mensagem todos os dias, às vezes, na hora eles respondiam a mesma coisa. Às vezes respondia. E um dia, foi... ano passado - eu pedi refúgio foi em 2017, éh, que eu pedi refúgio -, aí - é, 17 que eu pedi -, aí - não, 16, foi 16, junho, assim -, aí depois um ano e meio, né? As pessoas falavam:

- Nossa, demora uns dois, três anos às vezes.

Porque a minha amiga de (Lima), ela já vai fazer dois anos que não responderam pra ela. Eu falo:

- Manda e-mail, manda e-mail pra eles todos os dias que eles vão te responder.

Aí comecei a mandar e-mail, e-mail, e-mail, e-mail, e-mail, aí um dia mandou mensagem pra mim que marcou a entrevista, aí a entrevista foi feita lá no Centro Zanmi mesmo. Aí, depois da entrevista, falou que demora três meses pra responder. né? Se eles aceitaram ou não... aí depois - não, eu fiz a entrevista foi antes sim, não, foi em dezembro, não, porque em dezembro que eu tive permanente... eu fiz a entrevista, eu acho, foi em junho 2018... então meu processo demorou só um ano, em junho 2018... -, aí - em junho ou agosto, eu acho, foi dia doze de junho ou agosto, se não me engano... - aí depois de... no dia mesmo do entrevista, eu perguntei pra moça:

- Olha, que dia que vai de... quanto, quanto tempo que vai demorar? [riso]

Aí ela falou:

- Olha, não sei, mas depende, três, seis meses... - falou - por quê?

Eu falei:

- Não, porque eu quero muito estudar, eu quero muito fazer outras coisas com meu documento que não consigo...

Aí... eu, a gente tava conversando pelo *Skype*, né? Aí ela falou:

- Nossa, mas você tem PODER na sua palavra.

Eu falei:

- Nunca fiz uma entrevista com uma pessoa assim. - a moça, nem conheço ela, aí eu tô lá, tipo [riso], falei - Por quê?

Falou:

- Não sei, eu só percebi isso, nunca fiz uma entrevista assim... com uma imigrante que se esforça bastante, primeiro precisa de uma outra pessoa pra traduzir, mas você veio falar sozinha e em português e tal.

A moça já começou a falar [incompreensível], da entrevista, foi pelo, por *Skype* [riso]. Aí ela falou:

- Olha, vamo ver, né? Me passa seu e-mail.

Aí passei meu e-mail pra ela. Aí depois ela falou comigo:

- Olha, vamos esperar um pouquinho - porque ela mandou e-mail pra mim que tinha muita gente na fila - mas eu vou te ajudar o mais possível. - mas nem conhecia a mulher, eu vi só no... pelo *Skype*. - Eu vou te ajudar o mais possível.

E aí mandou e-mail. Aí eu respondi pra ela, aí depois foi ela que falou comigo:

- Olha seu documento já saiu, mas você tem que esperar a mensagem do CONARE.

Ela mandou, um mês antes, que o meu documento já saiu e que é pra esperar o CONARE confirmar,

porque ela não pode confirmar, mas ela tava seguindo o processo e já saiu. E... até hoje, eu converso com ela pelo e-mail, mando mensagem pra ela e tal... e, sabe? Até no *Skype* marquei ela [riso] e... é assim. Depois ela falou comigo - depois que eu recebi a mensagem em dezembro, é, dezembro 2018, dezembro ou novembro, é - que fui aceita, que era pra... eu acabei de ter uma residência de nove anos - são onze, onze ou nove, é, uma coisa assim - aí foi, nóh, muito bom. Mudou bastante coisas porque, nóh... faz muita diferença, muita, muita, muita mesmo e... tô tentando ver se eu vou poder viajar esse dezembro pra ver minha família, porque quatro anos. Eu fiquei... passei muito mal os últimos dias, porque eu saí de lá, meu irmão tinha quatro anos, né? Que somos cinco. Eu sou a mais velha da minha família, são... somos quatro meninas e um menino. Éh, aí o meu irmão... eu saí de lá, ele tinha... ele era... tinha... eu dormia com ele, né? Ele era bebezinho. Aí a minha irmã - eu tava conversando com a minha irmã, né? - aí minha irmã falou:

- Ô, G, vem cá, a Déborah quer falar com você.

E ele ficou... levou uns cinco segundos pra ele saber qual Déborah que é, sabe? Aí ele falou:

- Que Déborah?

- A nossa Déborah.

E eu ouvi, porque ela tava gritando. Nossa, eu cortei celular, fui chorar, chorar, chorar, chorar. Aí meu pai tava ligando, eu falei:

- Ô, pai, nossa, até meu irmão tá me esquecendo.

Tipo [riso]... meu pai falou:

- Tá nada!

Falei:

- Sim, pai, porque é uma coisa que tem que ser *tic-tac*, falou do meu nome, ele tem que saber que é eu, sabe? Mas ele levou uns cinco segundos pra saber que é a “NOSSA Déborah” que tá querendo falar com ele, entendeu?

Eu fiquei... sabe? Mas eu falo:

- Vai dar certo.

Olha, eu sempre, que que eu falo é que a gente sempre temos que estar, éh... - como posso falar - disposta a aprender. Sempre temos que estar disposta a aprender, por quê? A gente vai num país que a gente não sabe, sempre a gente vai encontrar dificuldade, então sempre a gente coloca aquilo na nossa cabeça. Não vai ser cem por cento bom. Primeiro, pra nós que vem como refugiados, imigrantes, vamos encontrar muitas coisas, mas sempre seja aberto pra aprender a cultura do outro país e você vai ver que tudo vai se *melhorar*. Só ficar aberto, disposta a ENTENDER, a APRENDER com as pessoas que você conhece, DAR SEU MELHOR pras pessoas. Às vezes, você, às vezes, a gente... você não vai, tipo, você fala:

- Nóh, que que eu vou falar?

Tipo, sai, tipo, aquela pouca coisas que você vai mostrar, o seu atitude, pode ajudar também outra pessoa. Eu falo que, nesse mundo, somos todos imigrantes... somos todos refugiados... a gente é refugiado do trabalho, somos imigrantes do trabalho, das coisas de casa, somos todos refugiados que eu falo. E se você aceita que você é refugiado, que sempre estamos buscando algo... e quem busca algo bom? É uma pessoa que foge... que encontrou umas barreiras e quer achar uma coisa bom. A gente encontra barreiras no trabalho, que quer dizer que a gente é refugiado, porque sempre estamos correndo onde a gente vai achar paz. E é isso que eu pego sempre, eu falo que somos todos refugiados... somos todos imigrante nesse mundo. Se você aceita que você é refugiado, é imigrante, óh... não vai ter nada de discriminação, nada de preconceito, nada.

Fonte: Compilação da autora

A narrativa de Déborah, tal qual a entrevista que a embasou, foi a mais extensa de todos os depoimentos feitos pelos imigrantes e refugiados com os quais conversamos. É importante observar que ela procura recuperar sua história de vida como migrante a partir de uma linha cronológica que parte de sua chegada ao Brasil, mas promove várias interrupções em seu fio

narrativo, ao resgatar, em sua memória, episódios paralelos e relacionados aos acontecimentos narrados em primeiro plano. Isso confere um nível de detalhamento muito sensível à sua narrativa e aponta para o próprio fato de sua trajetória (ou linha) de vida ser constantemente reorientada de forma imprevista, em sua existência tanto empírica quanto discursiva. Além disso, o seu “fazer narrativo” desvela inúmeras marcas de subjetividade, na medida em que a locutora se inscreve em seu próprio discurso – por meio do recurso à metaenunciação e à dêixis enunciativa – e interpõe, em sua própria narrativa, seus esquemas de percepção e de avaliação – com base no vocabulário e nos índices de avaliação. Desse modo, podemos identificar o estatuto de *testemunha-experenciadora* atribuído a Déborah, uma vez que ela se coloca como sujeito que transcende a totalidade de experiências narradas, conferindo maior legitimidade ao seu discurso.

Nessa perspectiva, Déborah já inicia seu relato apresentando uma (auto)reflexão sobre a sua experiência enquanto sujeito migrante: “Então [riso] *não foi fácil não* de chegar até *aqui*, porque *a gente* passou muitas coisas”. Embora ela não se inscreva nesse enunciado como locutora que diz *eu*, a instauração de um *aqui* – que pressupõe também um *agora* referente ao presente da enunciação – representa uma posição (social e discursiva) a partir da qual Déborah lança um olhar distanciado às dificuldades já superadas do passado. Esse *aqui* constitui, portanto, um lugar privilegiado (de superação) em sua trajetória, o que é metaforizado pela expressão “*chegar aqui*”. Observamos, contudo, que o ponto de vista introduzido por ela, acerca da condição de existência na imigração, não se dá com base em seu processo migratório individual, mas a situa no âmbito de uma coletividade com a qual se identifica pela categoria de situação (de imigrante e refugiada) a que pertence, embora tenha vindo sozinha para o Brasil. Assim, ao se inscrever em seu próprio discurso por meio do marcador dêitico de pessoa *a gente*, ela assume uma ampliação do sujeito *eu* para um sujeito coletivo, cujo valor referencial é o de *eu + todos os imigrantes e refugiados no Brasil*. É válido ressaltar também que, ao introduzir a narrativa com uma apreciação sobre sua trajetória como migrante, a locutora/enunciadora se apoia no indutor retórico de negação (“*não foi fácil não*”), que visa desconstruir, pelo contradiscurso, uma série de crenças constituintes do imaginário social sobre a imigração e, principalmente, sobre o refúgio, segundo as quais o processo de estabelecimento no país é fácil e facilitado pelas instituições que acolhem esses grupos.

A partir de então, Déborah passa a (se) contar (em) sua própria história de vida como migrante, por meio dos acontecimentos que recupera em sua memória, bem como do modo como representa esses acontecimentos e as relações pessoais criadas em torno deles. Com efeito, o âmbito das relações pessoais adquire uma dimensão muito profunda em seu processo de construção identitária, como imigrante/refugiada e como sujeito em sentido mais amplo, visto que é através dessas relações que ela se representa e se vê representada. Essa influência das relações se

materializa, inclusive, na própria elaboração da narrativa, dada a natureza essencialmente dialógica de seu discurso, formulado por meio do emprego recorrente de citações tanto de falas outras quanto de falas suas, a partir das quais ela reconstrói suas (auto)representações. E é com base nessas citações que ela problematiza, como elemento fundamental à sua integração à sociedade brasileira, o imaginário de cultura subjacente às representações de si e do outro, que se cristaliza como norma social e adquire um peso determinante em termos de acolhimento.

Nessa perspectiva, podemos identificar quatro fases caracterizadoras de sua experiência migratória no Brasil, tendo em vista as referências de lar que Déborah apresenta: o período em que morou com o amigo de seu pai; o momento em que esteve com sua prima e P; a época em que viveu com a família de R; e, enfim, a fase mais recente de sua história, em que passou a morar sozinha – ou, melhor, de forma autônoma. Já as formas como os sujeitos com os quais conviveu (e convive) são representados em sua narrativa mostram-se carregadas de sentidos no que diz respeito ao caráter de cada relação. Em outras palavras, os atos de nomeação empregados por Déborah para representar esses sujeitos já sinalizam a dimensão emocional-afetiva que ela projeta nas interações com eles. Assim, as relações estabelecidas com os sujeitos designados por seus respectivos nomes (aqui representados por suas iniciais) e pelo laço direto com a locutora que diz “eu” (“*minha* prima”) têm um valor positivo para ela, enquanto o sujeito designado como “amigo do meu pai” é mantido – enunciativamente – distanciado. Vale destacar ainda que o próprio pai de Déborah, ao aparecer diversas vezes em seu relato como um guia psicológico, exerce um papel central na experiência migratória de Déborah e no seu processo de amadurecimento enquanto emigrante/imigrante e sujeito.

Na primeira e na segunda fases descritas por Déborah, a oposição emigração-emigrante / imigração-imigrante aparece várias vezes nos conflitos psicológicos experimentados por ela ao se questionar sobre seu lugar de pertencimento (“*devia ter vontade de voltar para o meu país por causa disso*”, “*vou ficar mesmo, porque depois vai dar tudo certo*” e “*será que eu volto, será que não*”). Esse aspecto psicológico transparece, por exemplo, nas escolhas designativas (“*ter vontade*”) e nos índices de avaliação (“*vai dar tudo certo*”) que apontam para uma atitude (auto)reflexiva frente à sua condição de existência na imigração. Essa (auto)reflexão é construída também na medida em que ela recupera suas falas e/ou seus pensamentos de outrora e os inscreve em seu próprio discurso, por meio do recurso à heterogeneidade mostrada marcada (ou seja, ao discurso relatado, sobretudo o citado). Além disso, a oposição temática subjacente a essas reflexões se dá à medida que a locutora mobiliza um vocabulário ligado ao campo semântico do deslocamento – representado pelos verbos *ficar* e *voltar* (e, em outras partes do texto, pelo seu contrário, *chegar*) – e associado a marcadores dêiticos espaciais (como *aqui* – e seu oposto, *lá*) e

pessoais (como *meu país*). Todos esses recursos traduzem a dimensão emocional-afetiva por trás do deslocamento físico que caracteriza o processo de emigração-imigração de Déborah: não se trata de “se desvestir” da condição de emigrante para “se vestir”, logo em seguida, da de imigrante, segundo uma transição linear. Ao contrário, a existência de Déborah na imigração envolve sempre a possibilidade do retorno, sendo, por isso, marcada por um deslocamento simbólico que traz à tona seu estado duplo – e ambíguo – de emigrante-imigrante.

O conflito psicológico vivenciado nessas fases iniciais é motivado e potencializado, no entanto, por fatores que remetem à exterioridade do sujeito, empírico e enunciativo. Isso ocorre porque, na primeira fase, Déborah relata sua dificuldade para integrar um núcleo familiar que a trata sob o viés do “outro-estranho-estrangeiro”, embora tenha se disponibilizado a recebê-la no Brasil e seja identificado, posteriormente na narrativa dela, como participante de um grupo missionário religioso que dirige ajuda aos congoleses em situação de vulnerabilidade. A relação entre Déborah e essa família, descrita nesses moldes pela locutora, contempla uma série de imaginários sociais que, por um lado, projetam uma série de expectativas acerca dos sujeitos mencionados e de suas ações e, por outro, são desconstruídos pelo modo como esses sujeitos e essas ações são representados. Assim, a associação dessa família à organização missionária religiosa (“Quando meu pai tava aqui, *ele veio aqui falar sobre missionários, sobre Congo mesmo [...] aí acabou que criaram um ONG [...], eles reuniram brasileiros - pessoal da igreja, né?*”) e a designação de um de seus membros como “amigo do meu pai” (“eu cheguei na casa de um *amigo do meu pai*” e “o *amigo do meu pai* falou: ‘Manda a Déborah pra cá, pra ela... tentar ver como que é no Brasil e tal’”) pressupõem o imaginário de solidariedade que norteia normalmente essas relações. Contrariamente a essa expectativa, Déborah relata um contato, de certa forma, traumático com a família em questão, tendo em vista um imaginário de cultura subjacente a princípios de convivência, a partir dos quais essa família esperava determinadas atitudes de Déborah que, porém, poderiam não fazer parte de seu próprio sistema de valores culturais. Nessa perspectiva, ela passa a ser representada conforme certos estigmas desvalorizantes: “ah, ela *não tá correndo atrás das coisas*” e “nossa, a Déborah, ela é *preguiçosa... ela não sabe fazer as coisas*”.

Ainda que ela não designe propriamente as atitudes dessa família em termos de preconceito, essa problemática é tematizada no discurso de Déborah mais de uma vez, quando fala, mais à frente em sua narrativa, da sua experiência individual, da experiência da amiga congolesa com quem mora e, por extensão, da experiência migratória coletiva, pela ampliação de *eu* para *a gente* e *nós* (*eu + demais imigrantes e refugiados*): “se hoje, por exemplo, a pessoa... *eu tô sofrendo preconceito* e tal, eu falo – olha, pra mim, eu tenho uma missão”, “agora ela saiu no trabalho dela, *sofreu preconceito*”, “*a gente sofre preconceitos, sofremos bastante*”, “outras pessoas me falava que

‘nossa, vocês vêm, tipo, aproveitar do nosso país’” e “ela vê a gente, às vezes, ela... ela corre mesmo, não é às vezes [choro]... ela começa a orar, aí eu falo: ‘Será que a gente, tipo, ela vê um demônio na gente?’”. Observamos, assim, que a questão do preconceito – e, mais especificamente, da xenofobia – passa pela veiculação de estereótipos consolidados na representação do imigrante e do refugiado como um “outro-estranho-estrangeiro” negativizado.

Se, por um lado, a atitude discriminatória por parte da sociedade brasileira inibe a presença efetiva de Déborah e de outros imigrantes e refugiados nos meios sociais, por outro, a ausência física em relação ao país de origem também é muito sentida por Déborah, principalmente no que tange à sua família: “na maioria das vezes, eu penso na minha família, porque... ah... eles passam umas coisas difíceis, tipo, a minha irmã, ela foi tipo estrupada... ela tava saindo da escola... e, sabe? São umas coisas, quando eu penso, eu... num sei mais... é difícil mesmo” e “Ô, pai, nossa, até meu irmão tá me esquecendo [...], porque é uma coisa que tem que ser tic-tac, falou do meu nome, ele tem que saber que é eu, sabe? Mas ele levou uns cinco segundos pra saber que é a ‘NOSSA Déborah’ que tá querendo falar com ele, entendeu?”. Ao voltarmos nosso olhar para as nuances de sua narrativa, podemos notar ainda uma recorrência maior de pausas, materializadas pelo uso das reticências, quando Déborah trata dessa dupla ausência – como emigrante e como imigrante – em seu relato, a qual é silenciada nesses pontos de suspensão da fala, mas não menos dotada de significados.

Já na segunda fase, embora Déborah estivesse vivendo com sua prima e sua amiga P e, por isso, ela se sentisse identificada naquele meio, visto que ambas são congolezas e passaram (ou passam) por um processo similar de estabelecimento no Brasil, ela ainda não se sentia propriamente acolhida no país por enfrentar uma série de dificuldades no âmbito das normas sociais e jurídicas próprias à sociedade brasileira e influenciadoras da condição de existência na imigração. Dentre essas normas, destacam-se, em seu discurso, o domínio da língua portuguesa, um dos principais traços identitários nacionais, e a obtenção de documentos, como forma de regularizar não apenas sua situação como imigrante, mas de promover sua integração efetiva nas diversas esferas sociais. Para tratar dessas duas questões (que também aparecem no relato dos demais sujeitos da pesquisa), Déborah recorre a um conjunto de indutores que apontam para a língua e para a documentação conforme o imaginário de legitimidade que as sustenta e que qualifica, portanto, a participação social dos indivíduos – e os próprios sujeitos – como legítima ou ilegítima: “tive que renovar matrícula e tal, não tinha como... aí eu parei, e eu não tinha nem acabado, nem nada... e os meus documentos também... nóh, tava dando tudo errado”, “ficou difícil, porque os documentos... criar um conta bancária, não tinha conta, não tinha como criar uma conta [...], os lugares que eu ia, precisava dos documentos, falava que esse documento não dá” e “eu quero muito estudar, eu quero

muito *fazer outras coisas com meu documento que não consigo*". É possível observar que, apesar do desejo de Déborah de se adaptar a essas normas como forma de conduzir sua vida no país, os entraves do sistema burocrático relegam a ela um lugar de exclusão em diversos setores, marcado pela negação, inclusive no plano enunciativo, e pela dificuldade, sinalizada pelos índices de avaliação em seu discurso.

A esse respeito, vale destacar que o reconhecimento do refúgio, mesmo tendo sido solicitado na época em que Déborah vivia com suas conterrâneas, só foi obtido anos mais tarde, após uma longa insistência por parte dela ("Aí *eu mandava* mensagem pelo CONARE *todos os dias, eu era chata* nesse ponto, até [que] CONARE (ele) falou: 'Óh, a gente tem que *liberar* essa menina"). Com isso, o fato de possuir apenas o protocolo fornecido pelo CONARE aos solicitantes de refúgio acabou privando-a do acesso a muitos direitos que, constitucionalmente, são garantidos por igual a brasileiros e imigrantes. Isso mostra, por um lado, um grave desconhecimento, por parte das instituições públicas e dos vários serviços sociais, quanto às garantias legais de imigrantes e refugiados, fazendo com que a ilegitimidade e toda a ordem de problemas que são comumente atribuídas à própria imigração provenham, de fato, do tratamento dado pela sociedade do entorno a essa questão, uma vez que ela própria não está preparada para lidar com o contato com outros grupos. Por outro lado, toda essa dificuldade apresentada por Déborah – que, ainda assim, conseguiu o estatuto de refugiada com bem menos tempo que outros congolezes ou imigrantes vindos de países africanos ("aí *depois um ano e meio, né?* As pessoas falavam: 'Nossa, *demora uns dois, três anos* às vezes") – distingue bastante seu processo de refúgio do de refugiados sírios (como podemos verificar na narrativa de Fadi), que normalmente têm prioridade nos trâmites jurídicos diante do acordo estabelecido entre Brasil e Síria, para além do que é previsto nos tratados internacionais sobre o refúgio e na Lei de Refúgio de 1997.

Em todo caso, por mais que a obtenção do reconhecimento da condição de refugiada tenha sido um marco na vida de Déborah, como o é na vida de outros refugiados, chama-nos a atenção as hesitações e as interrupções em seu discurso, por meio da metaenunciação, para tentar lembrar as datas precisas em que essa concessão ocorreu: "*não*, eu fiz a entrevista foi antes *sim, não*, foi em dezembro, *não*, porque em dezembro que eu tive permanente", "em junho ou agosto, *eu acho*, foi dia doze de junho ou agosto, *se não me engano*" e "são onze, onze ou nove, *é, uma coisa assim*". Isso revela que os dilemas em torno da condição de existência na imigração – e todas as demais nuances que ela recobre – não se esgotam simplesmente na obtenção de determinado estatuto jurídico, mas estão ainda condicionados ao *status* social atribuído aos indivíduos que se encontram nessa condição. Isso se evidencia novamente nas problematizações que Déborah

desenvolve em torno do imaginário de cultura, o qual ela começou a compreender melhor apenas na terceira fase de sua experiência migratória no Brasil, quando passou a viver junto à família de R.

De fato, o modo como se deu o seu contato com R é o que melhor representa a perspectiva de acolhimento que reconhecemos como fundamental para a integração de imigrantes e refugiados à nossa sociedade. Trata-se de um acolhimento que forneceu não apenas suporte material a Déborah, por meio de moradia e alimentação, mas também garantiu, principalmente, sua emancipação: por um lado, ao viabilizar sua inserção no mercado de trabalho, pelo aprendizado de novas habilidades e pela valorização de suas próprias competências, como o domínio de outros idiomas; por outro, ao promover sua educação formal, para que compreendesse tanto a língua quanto os valores e os sistemas de pensamento e de significação próprios da nossa sociedade (“ela pegou até uma professora pra me *ensinar português*, imagina... [...] eu tava morando na casa dela, ela me *ensinou a trabalhar* no salão, [...] ela começou a me pagar... eu morava na casa dela, mas me pagando no salão dela”). Assim, o entendimento da questão cultural, enquanto influenciadora das normas sociais e das próprias relações, ocorreu justamente em meio a esse processo de educação conduzido por R (“ela começou a me *ensinar como que é a cultura brasileira*”).

Paralelamente, consideramos fundamental o cuidado de R no sentido de também sensibilizar o amigo do pai de Déborah, que a recebeu em um primeiro momento, acerca do imaginário de cultura que impacta, naturalmente, o contato entre indivíduos cujas identidades (individuais e coletivas) são diferentes: “Mas *você mostrou pra ela como que é a cultura brasileira? Ela NÃO SABE! Ensina pra ela como que acontece as coisas no Brasil... ela NÃO SABE!*”. Na perspectiva de acolhimento que aqui consideramos, para além das iniciativas que se voltam para a orientação dos próprios sujeitos deslocados, como Déborah, é imprescindível uma educação da sociedade do entorno (MAHER, 2007), já que a falta de um olhar empático em direção ao outro é um dos maiores motivos do desconhecimento que impõe entraves a esses sujeitos deslocados e do não reconhecimento de toda a bagagem histórica e cultural que os torna sujeitos dignos de viver em nossa sociedade e aptos a contribuir com ela. Diante disso, na ausência de políticas públicas que viabilizem, por esses caminhos, o estabelecimento efetivo de imigrantes e refugiados no país, a acolhida individual oferecida por R a Déborah foi decisiva para que a sua história de vida como migrante se tornasse bem-sucedida, o que é muito positivo ao pensarmos em sua trajetória especificamente, mas preocupante se considerarmos que a ajuda humanitária a esses grupos no Brasil ainda fica, majoritariamente, a cargo de ações voluntárias de membros da sociedade civil e de entidades religiosas.

Nesse último caso, diferentemente do que observamos na relação com a primeira família que recebeu Déborah, o contato com R e sua família, também integrante da organização

missionária religiosa (“até a R, o esposo dele que é o presidente da ONG”), resgata o imaginário de solidariedade subjacente às concepções de ajuda missionária e de amizade, de modo que, ao se referir a R, Déborah a represente metaforicamente como um ser humano espiritualmente superior aos demais (“a R, ela *tem um coração que nunca vi na vida*, [...] eu acho que ela *foi chamada* só pra ajudar as pessoas” e “a R... não sei se *é uma pessoa ou é um anjo*”). Assim, como reflexo das ações promovidas por R, Déborah recebeu todo o incentivo para conquistar sua autonomia e sua emancipação, mesmo diante dos desafios para se enquadrar em uma cultura imposta como norma social, o que a conduziu para a quarta fase de sua experiência migratória: “Porque *a cultura são diferentes*, mas eu vejo [que] *você... corre muito atrás das coisas*. É claro, a gente, às vezes, a gente *coloca a culpa na cultura*, mas... *colocando do lado, a gente consegue fazer algumas coisas*”. Entretanto, é fundamental considerarmos que esse processo de empoderamento, vivenciado por Déborah, compreende não apenas suas conquistas pessoais, mas se sustenta nos imaginários de fraternidade e de sororidade que orientam seu propósito de pensar coletivamente a imigração, representado pelo uso do indicador dêitico *a gente* (*eu + os demais imigrantes e refugiados*), o qual constrói discursivamente uma identidade coletiva que situa, na sua perspectiva, a nação brasileira no lugar do “outro-estranho-estrangeiro”: “*A gente cresce é porque a gente se ajuda também*” e “*A gente tem que se colocar juntos. A gente tá aqui no país estrangeiro e, se a gente não se reúne, vai dar sempre errado*”.

Associado a esses imaginários, destacamos também o imaginário de altruísmo que embasa, segundo o mesmo propósito coletivo, o desejo de Déborah de acolher outros imigrantes, ajudando-os principalmente com relação aos desafios ligados à questão cultural subjacente às relações e às normas sociais: “isso que eu aprendi muito também com a R. Eu vejo o que tá no coração da pessoa. Eu hoje, *meu sonho é ter, poder ajudar todos os migrantes... TODOS os migrantes que viessem*, ter um jeito de mostrar como que acontece as coisas no Brasil [...]”. Nesse aspecto, destaca-se ainda o valor que Déborah dá ao aprendizado e à transmissão de saberes e experiências, os quais ela acessou não apenas pelo contato com R, mas com outras pessoas que ela designa como “boas”, tendo em vista que a representação que ela faz dos brasileiros enfatiza, de um modo geral, suas virtudes intelectuais e morais, apresentadas como um meio possível para ajudar os imigrantes e refugiados: “eu vi que *eu encontrei umas pessoas boa*, até hoje *continuo a encontrar umas pessoas bons*, que *eu aproveito daquelas pessoas, aproveito da palavra deles*, e que *eu posso transmitir essa palavra* por... com outros imigrantes, principalmente do meu país” e “*eu gosto muito [de] ficar no mundo do brasileiro pra poder aprender mais, sabe? Aproveitar da inteligência deles [riso]... aproveitar da inteligência deles e poder ajudar pelo menos dois ou três congoleses que eu posso conseguir*”.

Isso diz muito do próprio *éthos* de Déborah, visto que as representações que ela constrói de si tomam forma à medida que ela fala de seus valores e da influência que têm sobre suas ações. É importante observar, por exemplo, como a sua retórica emocional constrói, discursivamente, uma imagem de si que revela tanto aspectos de seu caráter, marcado por um forte traço de sensibilidade, quanto de seu processo de amadurecimento, do início ao fim da narrativa, como imigrante/refugiada e como sujeito. No começo de seu relato Déborah se representa como uma jovem repleta de medos e inseguranças, o que não é de se estranhar pela sua idade e pela condição de deslocamento a que foi submetida: “*eu cheguei aqui com 19 anos*”, “*eu penso ‘nossa, será que eles tão rindo de mim?’*”, “*eu ficava com aquela coisa na minha cabeça*”, “*EU fiquei me perguntando TANTAS coisas, tantas*” e “*comecei a chorar, liguei pro meu pai*”. A sinceridade com que ela (se) conta, apresentando inclusive uma série de preocupações acerca de sua aceitabilidade no Brasil, rompe já com o estereótipo de jovem desinteressada e preguiçosa – que transparece, por exemplo, no discurso do amigo de seu pai –, além de sinalizar uma resiliência muito maior do que a esperada para uma jovem de sua idade.

A formulação de seu *éthos* dito, em seu próprio discurso (pelos indicadores dêiticos *eu*, *a gente* e *nós*) ou em discursos relatados de pessoas com as quais conviveu e convive (pelo indicador dêitico *você*), aponta também para os imaginários de força e de perseverança, identificados em outras narrativas: “*você... corre muito atrás das coisas*”, “*mas a gente tenta pensar, a gente fala que temos uma coisa que temos que conseguir, temos uma missão mesmo se a gente encontra essas coisas*”, “*óh, eu, quando eu coloco [...] na minha cabeça, EU SIGO*”, “*você tem PODER na sua palavra*” e “*você veio falar sozinha e em português e tal*”. Esses imaginários, representados metaforicamente pelas expressões “*correr atrás das coisas*”, “*colocar na cabeça*” e “*ter poder na palavra*”, além das escolhas designativas empregadas para representar suas ações (como “*missão*” e “*seguir*”), são ainda associados a um imaginário de humildade, a partir do qual ela justifica sua atitude de querer aprender e transmitir saberes e experiências, o que acaba por caracterizar seu processo de amadurecimento: “*eu não sabia a cultura brasileira, até hoje eu tô aprendendo... eu tô aprendendo como viver com os brasileiros*”, “*olha, eu sempre, que que eu falo é que a gente sempre temos que estar [...] disposta a aprender. Sempre temos que estar disposta a aprender*” e “*só ficar aberto, disposta a ENTENDER, a APRENDER com as pessoas que você conhece, DAR SEU MELHOR pras pessoas*”.

Em relação a esse último ponto, vale ressaltar que a integração de Déborah à sociedade brasileira só passou a acontecer, de fato, a partir do momento em que ela compreendeu as diferenças culturais e as normas sociais características dessa sociedade. No entanto, ao invés de anular seus próprios valores e sistemas de pensamento para se adaptar à nova comunidade, Déborah (re)afirma

imaginários partilhados no interior de ambas as culturas – a congolese e a brasileira – para assumir sua adequação a valores e sistemas de pensamento que regem o princípio de convivência humana. Assim, ela se representa como uma pessoa humilde e solícita, o que a qualifica positivamente e a torna digna de aceitação por essa nova comunidade: “(eu era), tipo, *QUERIDA* das amigas dela, sabe? Porque eu sou muito, sabe? *Humilde...* [...] eu gosto de deixar, tipo, uma *marca* onde eu vou... eu quero que as pessoas fala ‘nossa, aqui tinha uma *pessoa boa...* que a gente *gostou*’. Quero mostrar de verdade *quem eu sou*” e “eu, tipo, *não tenho problema* com as pessoas”. Essa representação revela, por sua vez, não apenas traços da identidade individual de Déborah, mas de uma identidade coletiva que remete à sua comunidade de origem e, por extensão, a todos os congolese, convocados pelo indicador dêitico *nossa*: “porque é a *cultura nossa*, por exemplo... eu chego no algum lugar, eu já começo a ajudar”.

Finalmente, como resultado do processo de construção de sua identidade como imigrante/refugiada e, em sentido mais amplo, como sujeito, Déborah traz uma mensagem que, além de legitimar sua condição de existência na imigração, desconstrói o estigma de “outro-estranho-estrangeiro” ao ressignificar o próprio imaginário social acerca de imigrantes e refugiados. Nesse sentido, ela amplia o significado dessas designações – social e juridicamente entendidas pela perspectiva do deslocamento físico – e as atribui a todo e qualquer indivíduo, na medida em que o deslocamento simbólico motivado pela busca de realização pessoal é, segundo ela, intrínseco à condição de existência do próprio ser humano: “a gente encontra *barreiras* no trabalho, que quer dizer que *a gente é refugiado*, porque sempre *estamos* correndo onde *a gente* vai *achar paz*. E é isso que eu pego sempre, eu falo que *somos todos refugiados... somos todos imigrante nesse mundo*”. Logo, ao representar a imigração e o refúgio como um traço identitário universal, sobretudo pelo uso do dêitico *nós* (*somos*), seguido do pronome indefinido *todos*, Déborah rompe com o imaginário de outro/estrangeiro que, não raro, é usado como justificativa para a xenofobia. Desse modo, ela transmite uma mensagem que se configura como a reflexão final de seu discurso e como uma máxima também universal, destinada a um *você* genérico e formulada a partir da *negação* como operador de um contradiscurso da discriminação e do preconceito: “se *você aceita* que *você é refugiado*, é *imigrante*, óh... *não* vai ter *nada* de *discriminação*, *nada* de *preconceito*, *nada*”.

3.2.5. Jker Pazmiño

“*Todos nós, com essa imigração, tamos aprendendo*”

QUADRO 20 – Narrativa 5

Nome (fictício): Jker Pazmiño		
Estatuto jurídico: Imigrante (residência temporária)	Nacionalidade: Venezuelana	
Data de chegada no Brasil: maio de 2018	Data de chegada em BH: maio de 2018	
Área de atuação: Filósofo e Estudante de Teologia	Idade: 21 anos	Gênero: Masculino
Narrativa de vida		
<p>Então eu começo quando tinha dezesseis anos, eu decidi emigrar de meu país pela situação, pela <i>crisis</i> econômica e política que atravessava o país. Ainda atravessa. Aí... eu decidi ir pra Colômbia em condição de refugiado. Só que, pela minha idade, sendo menor de idade, não conseguia... éh... entrar no país numa condição legal. Eu fui roubado e eu decidi continuar minha viagem e entrei pelo aqueles caminhos ilegais que tem em todo país que faz divisão com outro. Passando pelos <i>camino</i> ilegal, teve a experiência de ver pessoas morrer. E isso me levou a tomar mais coragem e continuar minha viagem.</p> <p>Eu fiquei na fronteira da Venezuela com Colômbia, chamada Cúcuta, éh... em torno de sete dias, em condição de morador de rua. E... éh... ajuntando dinheiro, trabalhando, éh, limpando os vidros dos carros, consegui ajuntar um <i>dinero</i> pra continuar minha viagem. Éh... por questão do destino - pra nós que somos <i>creyentes</i>, falamos que por questões de Deus -, eu cheguei numa situação que eu me topei com uma comunidade religiosa que... ela... tinha um trabalho, faz um trabalho muito bonito com os imigrantes, e eu me tornei um Scalabriniano - a comunidade se chama os Missionários de San Carlos Scalabrinianos, fundada por João Batista Scalabrini - e eu entrei nessa comunidade pra fazer um <i>camino</i> formativo religioso. Fiquei na Colômbia três anos e lá estudei filosofia. E eu acabara a filosofia e, por motivos <i>personais</i> e pra poder ajudar a minha família economicamente, decidi sair desse <i>camino</i> de formação pra procurar algum trabalho.</p> <p>Nessa procura de algum trabalho, saiu a oportunidade de eu vir... <i>vier</i> aqui no Brasil e eu éh... tendo outras funções - Itália, Estados Unidos, Peru -, eu decidi vir... <i>vier</i> para o Brasil. Por que Brasil? Por dois situações: éh... as [interrupção externa]... a história, éh... [interrupção externa] éh... a história do país, de como foi construído, é muito linda, porque foi construída por imigrantes também. Isso levou a tomar mais coragem pra vir... <i>vier</i> pra cá, também por... pelas condições políticas migratórias que o Brasil oferece, que não tem <i>em esses</i> ou outros países. Aí eu fiz uma trajetória de voltar pra Venezuela, éh... de ônibus, de ônibus atravessei toda a Venezuela e cheguei a Roraima. Roraima, a gente pede condição de refugiado pra entrar. E... aí peguei um outro ônibus até Manaus e, de Manaus, depois esperei a que fora comprada minha passagem para chegar até Belo Horizonte. Éh... chegando no Brasil, chegando aqui em Belo Horizonte, a gente... tem todo aquele processo de regulamentação - não sei como se fala - pra tirar o CPF, éh, identidade, aí eu, a gente sempre troca o visto de condição de refugiado pra residência temporária. Eu acho assim, ele [o estatuto de refugiado] é mais algo formal pra você poder transitar pelo país, e... eu, como todas as pessoas que estão aqui no Brasil, éh... venezuelanos, muito poucos solicitam condição de refugiado. Talvez em estatística é assim, tá no <i>top</i>. Mas quando a pessoa chega na cidade onde vai residir, troca a condição pra residente temporal, porque o refugiado vai te tirar alguns benefícios, como você não vai poder voltar pra seu país... não vai poder sair pra um outro... então a gente tem medo de... você troca sua condição pra residente temporal.</p> <p>E aí fiz aquele... todo aquele processo de documentação, carteira de trabalho e tudo isso. Comecei a fazer alguns cursos de português... e meu primeiro trabalho foi lá na Guaicurus, como eu te falei, pra me adaptar no país e, aos pouco, aprender o idioma. De fato, é uma dificuldade que todo imigrante venezuelano atravessa. E... eu explico muito pra eles, pra os imigrantes que estão vindo, que... a gente não pode ir <i>de trás</i> de um trabalho MUITO BOM no começo, porque você vai ter as condições de enfrentar esse trabalho, principalmente pelo idioma. E nada. Depois, éh, arrumei uma bolsa de estudo... faço Teologia na [referência à instituição] e fui chamado pelo padre J, do [referência à organização], pra atender essa realidade aqui na [referência à residência] como coordenador.</p>		

Ah, de maneira pessoal, pra mim, tem sido muito positiva [a experiência como imigrante no Brasil]. Eu não tenho nada que reclamar do Brasil, além dos serviços públicos. Éh... mas enquanto o Brasil como comunidade, como pessoas, é muito... um país muito acolhedor. Isso torna que essa migração forçada com a qual a gente vem seja mais calma... seja mais tranquila, no sentido de que o brasileiro, éh, te leva a uma situação de fazer você sentir no seu país. E por isso tem se tornado muito tranquila, né? Éh... a xenofobia faz parte da sociedade em qualquer lugar que a gente se encontre. Éh... mas aqui em Belo Horizonte, especificamente, a gente não encontra isso. Pelo menos, não agora. Porque o venezuelano que tem vindo tem vindo trabalhar, dar o melhor de si e a mostrar que, na Venezuela, éh... era um país que lutava muito por aquelas pessoas que queriam, e o principal que o venezuelano quer, aqui em Belo Horizonte, é manter a sua família bem. Em Roraima, a situação já é diferente, porque é um... é uma cidade menor... é um povo menor... um povo onde a economia não está muito bem e... tem muito venezuelanos, e isso tem levado a... criar uma certa xenofobia, mas também por... pela... pelo comportamento de alguma minoria que vai roubar, vai matar pessoas, tudo isso torna generalizado. *Pero*, de modo geral, o Brasil tem sido um país muito acolhedor no qual não me arrependo de ter vindo.

Éh, eu mantenho *contacto* com a comunidade, mas cabe ressaltar que é uma comunidade muito dividida. Lá... a gente tem oposição e governo, éh, e acho que é um mal que a sociedade enfrenta na atualidade. Porque já não... o que antes era (irmão) já não é mais. Torna que a sociedade seja muito dividida, e isso leva a... se reflete, éh... se reflete, éh... nas imigrações também, pelo menos aqui em Belo Horizonte, a comunidade dos venezuelanos também é bem dividida entre oposição, governo. Porque *fuimos* criados com essa condição de que ou é a favor, ou é contra. Não existe o diálogo, não existe a compreensão, esses valores, éh, infelizmente no meu país se foram perdendo muito, assim, ao longo do tempo. Inclusive eu faço parte disso... éh, a gente [incompreensível] que... pessoas que apoiam o governo de lá estejam aqui no Brasil ou num outro país falando que o governo está bem... então, por que está aqui, não está lá? Mas, éh... manter o contato com as pessoas da Venezuela ainda fica complicado pela questão da *electricidade*. O único meio pela qual a gente se conecta, se comunica, é pela internet. E na Venezuela... éh... agora... a *electricidade* vá a quatro, cinco, seis hora, às vezes até um dia, sem eletricidade, leva a manter essa comunicação muito, muito escassa, assim, é muito pouca. Porque, às vezes, a gente tem um tempo aqui pra enviar mensagem, mas a pessoa lá não tem internet. Normalmente a gente vê, (anota) depois... a pessoa escuta, quando pode, responde... então não é uma... uma comunicação sincrônica.

[A divisão entre os venezuelanos da residência] existe, mas é menor. É menor, porque... de fato... tem pessoas que ainda apoiam, mas se sentem *culpável*. E... aqui... as pessoas *intentam* não colocar, expor a preferência deles pelo partido político, mas a gente, dá pra perceber, né? Quando... se têm entrevistas aqui, o que mais se fala mal é do governo, né? Porque nós acreditamos, pensamos de que o que acontece na Venezuela é causa duma má política que começou em 1998. Então... quando a gente vem aqui, as argumentações, e tudo isso, leva também a criar também algumas divisões enquanto os que falam e, às vezes, o que não falam por medo a ser rechaçado, né? E aqui, em século XXI, com essa situação onde... diariamente morrem *milhas* de pessoas por desnutrição, onde não tem *electricidade*... água potável, éh... a violência, te matam pelos [incompreensível], tudo isso causado, éh... foi causa, por causa duma política malfeita, então não tem pra onde... escapar. Meu pai, pelo *meno*, meu pai era... apoiava o governo até um certo tempo, e ele *mismo*, éh... compreendeu que tava fazendo errado. Porque, no ano 2005, a democracia acabou na Venezuela. Porque os três poderes que constituíam o governo - fala Maquiavel, Montesquieu, eu acho, filósofo Montesquieu fala que, quando os três poderes são constituídos por uma pessoa, não é mais democracia, mas sim ditadura. Então... os três poderes, *pues*, Legislativo, Judicial, Executivo, eram controlado pelo governo do Chávez. Aí não havia democracia. Acabou, acabou o país.

Porque a gente tem que estudar pra... mas, aqui no Brasil, que é um país também dividido e assim, eu, pelo menos, não sou a favor de nenhum dos dois governos, mas, quando me perguntam pelo meu, eu falo o que que eles fizeram, o que que levou à situação que tem atualmente. E eu acho assim, éh... tem que enganar, tem que (ganhar) muito a uma população do Brasil, na qual querem fazer ver que a culpa da Venezuela de estar assim é de Estados Unidos, quando... de fato... os bloqueios internacionais começaram no ano 2015, e, eu te falei, a crise começou no ano 2005, 2008. Então... não tem nada a ver uma coisa com a outra. O bloqueio evita o comércio, talvez evita entrar alimentação pra Venezuela, mas, éh, a alimentação já tinha acabado no ano 2008. Então, éh, são coisas que também (se) tem que estudar.

Eu só penso em ficar aqui, eu, de fato, tenho uma conta bancária, tô movimentando muito pra depois tirar um crédito. Não, mas de fato... como tenho sido também acolhido aqui no Brasil, se a situação continuar assim de aqui a quatro anos, de fato, vou querer morar aqui. Éh... já estou morando, mas vou querer me radicar no Brasil como um todo. Porque de fato... a saudade da Venezuela é mais gastronômica... uma saudade, éh, mais de um que o outro amigo. Além disso, não. Então... já me sinto mineiro também, então não me veria morando num outro, na minha cidade. *Hay alguna* teologia que se falava *éthos*, o *éthos*, a identidade

da pessoa se constrói. E, nesse período de tempo, eu tenho podido construir uma boa... um bom *éthos* de mim, uma boa identidade, e isso tem me levado a, cada vez, quer[er] mais no Brasil, conhecendo agora a sua falência. Porque é um processo que se vai dando à medida que a gente vai vivendo, né? A gente também paga imposto como imigrante, a gente paga imposto, tem deveres, tem direitos e... e isso aí. A gente vai conhecendo e vai *evaluando* cada vez mais.

Eu trouxe meu pai faz seis meses e tenho aqui uma missão de trazer venezuelanos. Éh, não tinha trazido meu pai de primeira, porque havia uma resistência. Por quê? Porque a pessoa já maior, mais de quarenta anos, ele era polícia de alta patente, era advogado... então, deixar tudo isso do lado pra vim construir uma vida nova é bem diferente a mim, que estou chegando, que só tenho 20 anos. Então... *pelo um* lado, a gente *comprende* essa vontade de radicar, apesar de teu pai ficar ruim na Venezuela. Mas, à medida que passaram os tempo, à medida que passou o tempo, ele decidiu *vier*, e aí automaticamente, éh... como *por torno* de um mês demorou o processo, aí eu comprei a passagem, e eles entraram (igual, em condição) de refugiado, *en la* fronteira, e em Boa Vista, Roraima, pegaram um avião até Belo Horizonte. A gente fez todo aquele processo de regularizar os documentos, colocou minhas irmãs estudar em escolas municipais, e meu pai conseguiu trabalhar nessa escola municipal como faxineiro. Então aí vem um outro aspecto, o venezuelano que deixa tudo lá pra vim trabalhar no Brasil, no trabalho que tiver. E sendo grato ainda. *Pelo meno*, meu pai, uma das melhores alegrias que ele experimentou aqui no Brasil, que ele comenta e eu comparto essa alegria com ele, foi que, com o seu primeiro salário, fez um mercado. E aí ele falava que tinha mais de cinco ano que não experimentava *eso* de fazer um mercado e encher a geladeira e tudo isso. Que o salário na Venezuela [incompreensível] às vezes nem isso. Então fazer isso aqui, éh, pra ele, tornou de muita alegria... colocando de lado seu profissão, sua experiência e sua maturidade. Então ele tá *viendo* aqui fazer o trabalho de faxineiro e do melhor jeito possível, pra não ser mandado embora também, né? Um imigrante, às vezes, falam que o imigrante vem roubar o trabalho do outro. Muitas vezes, éh, não é, não é isso que sucede, o que sucede é que o estrangeiro normalmente vem a trabalhar o dobro pra não ser mandado embora, porque depende desse trabalho e, com esse trabalho, vai conseguir sustentar sua família. Isso torna que, às vezes, tem um destaque maior.

De fato... tem uns laço muito bom, né? Os vizinhos, os amigos, os companheiros da escola, a igreja aqui, da [referência à igreja], a gente tem se tornado uns laços de família, onde... quando eles precisam de mim, eu estou aí, quando preciso deles, eles estão aí. Então, de fato, tem se tornado uma irmandade, não teve, não tem havido uma *discriminação*, um... você estrangeiro vai ser tratado diferente. Não. Pelo contrário, tenho sido tratado como qualquer brasileiro e, de fato, a sociedade também. Éh, quando a gente já começa a trabalhar, a gente tem se... tem que colocar muito na mente que faz parte duma sociedade e que, de fato, já você começa a ter um direito de reclamar, mas também de fazer pela sociedade. Então os laços aqui têm sido muito bons.

Ah, de fato, eu converso muito sobre a xenofobia, né? Eu, pelo menos, sou uma pessoa ciumenta como imigrante e como parte do representante aqui dos venezuelanos. Éh... há ciúme pela migração também. Por quê? Porque a gente não quer que imigrantes ruins, éh... assim, imigrantes ruins em que aspectos? Tiveram já antes muitos antecedentes negativos lá na Venezuela, que esses imigrantes chegam até cidades como Belo Horizonte. Por quê? Porque isso queimaria o filme, e já eu não sei [incompreensível] entrada como Jker, senão como aquele venezuelano que vem roubar. Então, de fato, eu converso muito com meus colegas venezuelanos que... às vezes, a imigração, mais que uma patologia, é uma conduta que se forma a partir de experiências. É assim, você me contrata, eu trabalho péssimo pra você, você não vai voltar a contratar uma pessoa da minha nacionalidade pela essa experiência. Então eu *intento* muito de refletir com eles de que... a xenofobia é alimentada só por pessoas ignorantes, mas que também a xenofobia é causada por conduta de nós como país. Então peço pra eles ter muita paciência, mas, cada vez, nós também temos que ficar mais ciumento com quem chega no... em Belo Horizonte, pelo menos. Eu já fiquei sabendo que chegaram outros grupos, e, pra nós, isso é alarmante, que nós temos mais ciúme por que *no* queimem nosso filme. Por outra parte, éh... todos nós somos vulneráveis, né? Então tanto... qualquer... a pessoa tem que saber que todos nós somos vulneráveis e que todos precisamos de todos. Assim, tenhamos as melhores condições ou as piores condições, *siempre* vamos a precisar do outro. Pra década dos 80, dos 90s, Venezuela foi o primeiro país que acolheu imigrante de TODO lugar, inclusive brasileiros, por ter uma economia boa, na qual não teve *discriminação*, não teve, éh, um mau trato a seus imigrantes e que, de fato, hoje é nossa vez de sair, hoje, éh, no... hoje tocou a nós a saída [d]a Venezuela e que... talvez eu pense em ficar, mas que eles estão de *passo*, e eles estão de *passo*, os imigrantes estavam de *passo* pra dar o melhor de nós e que, de fato, pra ajudar a construir o país. Nós estamos ajudando a construir o Brasil com a sua história de *actual*. Éh, talvez no futuro, nós tenha... *tenga*... tenhamos que voltar, e... cada quem vai levar, na sua mente, a história, que é um marco, né? Positivo ou negativamente. Esperemos que seja positivo. Todos nós, com essa imigração, tamos aprendendo... brasileiros quanto venezuelanos. Porque, imagina, uma pessoa que tinha lá uma, duas *profissões*, vem aqui a pegar qualquer serviço, éh, acho que é uma... já uma *ensinança*. Até pra o brasileiro. Tem treze milhões de

desempregados - falam, né? - treze, quatorze, e... quando eu vejo... abro jornais, abro - inclusive com essa mesma situação de os imigrantes conseguir trabalho rápido -, aí eu fico "olha, mas por que que não *conseguem* trabalho?". Talvez porque não é... não é em sua área, né? Assim, você graduou de Linguística. Você quer trabalhar em uma área de *lengua*. Se você não consegue, você não trabalha, você não pega outro trabalho. E é algo que... é natural da pessoa que mora no país, porque talvez você não paga aluguel e tudo isso. Mas o migrante que vem, e essa é uma oportunidade, ele vai saber aproveitar.

De fato... éh... o que é diferente na migração venezuelana de qualquer outra é que ele nunca está pensando em ficar parado [interrupção externa]. Éh... e foi isso que eu falei, que a gente tem que correr muito *de trás*. Aqui tem pessoas que têm trabalho bom e ainda, no domingo, vão vender comida na Feira Hippie. E é isso, a gente aqui não vem brincar. Talvez até eu brinque, né? Eu que já comprei moto e tudo isso, mas o venezuelano como tal não vem pra isso. O venezuelano vem mais pra... trabalhar, juntar *dinero* e enviar pra sua família todo mês. Eu agora parei um pouco, porque já tenho meu pai, minhas irmãs aqui. Mas, assim, 80% dos venezuelanos que estão aqui em Belo Horizonte, no Brasil, éh... *pelo meno* a metade de seu... o dinheiro sempre *vá* pra Venezuela... pra ajudar sua família economicamente, pra arcar com alimentação, éh, saúde, tudo isso. Só isso... sistema público, sistema de saúde não serve, é o mesmo que por Latino-América, éh, *pelo meno* [interrupção]. Lá não é assim, porque eu já tenho Unimed. Mas é triste... éh, outro dia, eu *descuti* com uma pessoa que é do partido de esquerda, porque ele falou assim:

- Vocês, na Venezuela, não têm nada e vêm pra cá exigir.

E eu falei:

- Não, mas eu não estou exigindo por mim, porque eu tenho Unimed... eu tô exigindo talvez pelo seu filho, porque você não tem plano de (farmácia) pra brasileiro, você não tem plano de saúde. Éh... eu tô falando pra seu filho... pra minha namorada... pra minhas irmãs... [incompreensível] e entram em condição de estrangeiras.

Porque a gente levou aqui um menino - aquele que tá doente - e ficamos OITO hora e não foi atendido. E, assim, ninguém passava. E depois *fuera*n mais outra vez, foi com outro menino - com esse que tava conversando -, que ficou OITO hora e não foi atendido. E ele chorava e, assim na cadeira de roda, ele chorava e chorava, e a perna assim... e você via os enfermeiros conversando e tudo isso, porque, se for... em um trabalho mesmo, a gente... mas eles conversando, rindo, e as pessoas, aqui *na* fora, chorando (e rindo). Isso... pra mim, não. Eu acho assim, sistema de saúde em Latino-América não tem. Porque, em Colômbia, mesma coisa, e na Venezuela também. Na Venezuela, te atendiam quando era boa, mas se você entrava fazendo escândalo, chorando e tudo, emergência [incompreensível]... mas a atenção era imediata. Agora, aqui, eu acho, assim, é uma falha muito grande, porque eu tô pensando assim, se um dia de amanhã minhas irmã ficar doente? Ou um brasileiro qualquer? Morrem na porta. Não é atendido não... e isso é uma falha muito grave. E ele falava:

- Não, você não tem o direito pra reclamar.

E eu falava:

- Olha, eu tenho tanto direito como você, sabe por quê? Porque eu pago meus impostos, e... lá tá o *dinero* que utiliza o governo, e tudo isso não é do governo, é dos impostos que nós pagamo, eu pago imposto de moto, eu pago imposto de... de tudo, eu compro uma bala no supermercado, eu pago imposto. Isso que você tem que saber.

Ele, bravo:

- Não, volta pro *su* país e tal.

Mas aí não acho como xenofobia, (ali) acho, foi... essa *troco* de palavras foi mais por uma questão de ele se sentir ofendido por eu falar que eu senti mal [incompreensível]. Ele:

- Não, porque nosso governo de Lula, a gente se...

Fala:

- Olha, a Venezuela se fecha e se fecha.

Aí:

- Cê fez bem. Mas virou uma bagunça... e assim, aqui, *pelo meno*, éh... - fala - não, mas aqui *hicieron* muitas oportunidades, muita não sei que mais...

Na Venezuela, também *hicieron* muitas oportunidades, *hicieron* greves, bolsa de estudo,

universidades públicas e tudo isso, e nós acreditamos agora que o resultado foi por causa disso. Venezuela não tem se tornado muito capitalista, né? Se você percebe - não sei com as entrevistas dos outros -, já eles não, nada de esquerda. Talvez porque... por uma experiência, uma generalização. Assim como a xenofobia, que começa por culpa de uns e vira pra todos. Igual... o [que] sucede com os partidos políticos pra nós. Mas, há pouco, seria no outro partido. Porque... porque o outro tem muitos valores anticristãos [incompreensível], aí não dá.

Éh... porque, éh, assim, *pelo meno* na Venezuela, nos ensinaram muito nossos direitos. MUITO, mas os deveres não. Então, quando se *hay* um desequilíbrio nessa área, o país vira uma bagunça. A Venezuela, por causa também da *electricidade*, tem pessoas que trabalham dois vezes a semana. Só dois vezes. E, assim, se não querem ir, não querem ir, se não te quer atender, não te atende, se tem que pagar, tudo corrupção. E aqui, a mesma coisa, às vezes, a gente vai em lugares públicos, e o atendimento não é bom por falta de conhecimento, uma preparação, tudo isso, éh, muita fofoca, café, e isso faz com que o país fique em atraso. Éh, escutei outro dia um comentário de que o cara falava assim:

- Você sabe o que que é burocracia? Então “buro” de “buros”, que significa escritório - no espanhol, né? Não sei em português. - e... “cracia” de “crathos”, de poder.

Então o poder que se (serve-se) do escritório e que... por causa de uma má burocracia, um país fica em retrocesso. E é o que a gente vê. Às vezes, o sistema público é bem devagar. Ele é assim, eles conversam... outro dia, eu fui lá no Ministério de Educação. A senhora não me atendia, porque estava conversando e tomando café e conversando sobre a família e tal, e eu assim. E eu:

- Senhora, você me atende, por favor? Que eu vou... eu preciso sair e tô ocupado e tal...

Ela:

- Sim, sim, espera um momentinho.

Aí foi pegar uns xerox e ia descendo pelas escadas conversando com todo mundo. Então, quando... o funcionário público não vê que... que aquela pessoa que tá atendendo tem que ser priorizada, tem que ser atendida de bem, da melhor maneira *possible*, quando ela supera a fazer isso, o país vai *progressar*. Porque, imagina, essa pessoa tem mais coisa que fazer... aí atrasa, e assim é tudo... e assim é a vida. DESGASTA, porque é assim, você fala assim: “olha, eu tenho tal tempo”. Em um tempo estimado, poderia fazer lá... e você poderia fazer nesse tempo. Mas você não fez, não porque o sistema caiu, não porque tinha muita gente, não por... não, é porque ela não te quis atender de maneira rápida. E aí você vai nos particulares e, às vezes, até encontra um serviço melhor. Aí, *pelo meno*, se toma *posiciones* capitalistas, como a gente agora tem, como a que eu pago MUITO, mas eu sei que eu vou ter. Eu... *pelo meno*... tem meninos que me *han levado* a, éh, médicos particulares e, assim, na hora passa, atende... a gente “oh...”. E é os... é assim, éh, a minha situação na Venezuela não era nobre. A gente tinha e não tinha. Mas essas questões [incompreensível], como pessoa, sempre tem me degustado, né? Porque a gente pensa em aquele que não tem, *pelo meno*, eu penso, EU ficaria tudo tranquilo, mas se você não... [interrupção] e as pessoas que não têm... que não têm essa oportunidade, onde ficam? Onde mudam [incompreensível]? Aí *yo* estou reclamando muito pra procurar um médico particular pra ele, porque senão ele não... ele vai morrer aí. Eu já falei pra ele, é muito cruel, ele vai morrer aí e não vão atender. Que é assim que funciona. Tem uma outra coisa que eu não gosto do médico particular, *pelo meno*, já fiz cirurgia de varicoceles e foi... cê vai no hospital público e você é experimento pra os meninos que vão começar a fazer - cê sabia disso? E... eu tinha muitos amigos médicos, meu pai tinha muitos amigos médicos, e ele falava:

- Olha, lá vão fazer a cirurgia, lá era muito mais rápido [que] na Venezuela. - mas ele falava assim - Olha, lá vai ter o doutor e vai ter cinco pessoas mais, onde doutor vai falar corta aqui, tira aqui.

Aí eu falei:

- Não, então éh...

Meu pai falou:

- Aí não vou fazer a cirurgia pra meu filho não.

E nos hospitais públicos, porque... como os meninos que se estão formando em doutor, como aprende? Fazendo. Aí fazem qualquer... precisa tomar cuidado. Nunca pensou nisso não? E você tá dormida, cê... “cortou errado não?”.

Mas, além disso, eu gosto do Brasil. Eu acho assim, todo país tem suas falhas, né? E é a partir dessas falhas que você verdadeiramente (começa) quer ou não quer o país. Gasolina custa - quando você chega, fala “noossa, tem tudo”, depois “oh, gasolina tá cara”. Cê pensa assim, as conta, tem que pagar dívida, pagar cartão

e tudo isso. Mas, ainda assim, eu prefiro *vivir* em um país onde tenha que pagar por tudo, mas ter a *vivir* em país como na Venezuela, que você... tudo era de graça, e olha a bagunça que tá. Na Venezuela, era mais custoso comprar, éh... um litro de água que encher um tanque de um carro. Era mais barato... é assim, você podia sair um mês da sua casa, deixar as luzes acesas e a água desbastando, um mês direto, e você não... não fazia diferença no seu bolso, só que pagava o mesmo valor. Tudo de graça. Aí você fala “todos tinham oportunidade”, mas [incompreensível] que, pra nós, também não querem trabalhar. Querem que você dê tudo pra eles. Cê fala? Cê *comprende* o espanhol? Que aqui tem um vídeo de um venezuelano falando e... o venezuelano falando assim, que ele tinha ido pra o estrangeiro e muita xenofobia, por quê? Porque queria colocar ele [para] trabalhar oito horas por dia... que isso na Venezuela já não existia mais... que éh... [incompreensível] não pagava-se as pessoas, entravam aqui, e você pra tirar ele da casa era um problema. Porque tinha muitos direitos, MUITOS, mas seus deveres, isso não importava. Meus primos xingavam nosso chefe. Eles chegavam conversando... é assim, eles saíam sete horas, eles chegavam três horas em casa, falando:

- Não, vim embora, porque fui xingar o chefe, porque me mandou fazer algo que eu não quis e pronto.

Eu falava:

- Oh, mas é teu chefe.

- Não, mas, ah, que me mande embora, se me manda embora, melhor pra mim.

Então nesse ponto, né? Porque o ser humano é vil por *la naturaleza*, e ele sempre vai querer um passo na frente. Então, quando se *hay* muitos direitos, os deveres se esquecem. Aqui na casa, aqui tem liberdade pra tudo, mas essa liberdade é cobrada pra mim, no sentido de que depois vou ter que chamar atenção, “olha, e tal, e tal”. Nos seminários - pelo menos os seminários -, a gente conversava, em Psicologia, que é engraçado, porque, nos seminários que são mais rígidos e têm mais regras, tem mais seminaristas. Os seminários mais abertos têm não... tem doze, onze, aqui [nome do seminário], tem doze. Você vai na [nome do seminário], tem sessenta, setenta, e lá é mais rigoroso que aqui, porque a liberdade tem um preço que a gente tem que pagar.

Fonte: Compilação da autora

A narrativa de Jker Pazmiño traz alguns elementos novos à nossa análise, uma vez que o seu processo migratório, além de mais recente em relação aos demais, é tematizado sob a perspectiva de um deslocamento forçado que se constitui como realidade de muitos venezuelanos na contemporaneidade. Assim, ele já inicia seu discurso inscrevendo-se nele como um locutor que diz “eu” e situando os acontecimentos narrados com base no presente da enunciação, a partir de indicadores dêiticos pessoais (*eu* e *meu* país) e temporais (como as desinências verbais de tempo e o advérbio *ainda*), bem como do próprio verbo *emigrar*, cujo valor semântico aponta para o distanciamento físico (espacial) do sujeito de seu país de origem: “Então *eu* começo quando *tinha* dezesseis anos, *eu* decidi *emigrar* de *meu* país pela *situação*, pela *crisis econômica e política* que *atravessava* o país. *Ainda* atravessa”. Desse modo, ao apresentar inicialmente sua experiência individual, Jker, enquanto locutor/enunciador, legitima não apenas seu discurso, como também o seu estatuto de *testemunha-experenciador* das migrações contemporâneas. Em todo caso, ao focalizar o imaginário de crise para caracterizar econômica e politicamente a Venezuela e justificar a migração venezuelana, ele reforça a representação de uma migração forçada (“essa *migração forçada* com a qual *a gente vem*”) e se representa como membro de uma coletividade, por meio da ampliação do dêitico *eu* para *a gente* (*eu + todos os imigrantes venezuelanos*).

Todos esses elementos se mostram particularmente importantes na narrativa de Jker, pois fundamentam a construção discursiva do papel social conquistado por ele em sua trajetória como migrante, o qual lhe atribui ainda um outro lugar de fala e, logo, um outro estatuto de enunciador – o de *representante dos imigrantes venezuelanos* na nova sociedade em que se inserem (“*fui chamado pelo padre J, do [referência à organização], pra atender essa realidade aqui na [referência à residência] como coordenador*” e “*como imigrante e como parte do representante aqui dos venezuelanos*”). Podemos notar, assim, que o indicador dêitico espacial *aqui* demarca, de fato, sua inclusão na nova sociedade e destaca o lugar social que ele assume. Isso se evidencia no próprio tom adotado em seu relato, que faz com que seu discurso transite um pouco entre o testemunhal e o institucional. Esse último é representado, inclusive, por uma série de indutores sociais e jurídicos, fundados em imaginários que organizam e orientam os sistemas de pensamento e de valores privilegiados – e, ao contrário, estigmatizados – pela sociedade ocidental.

Diferentemente dos demais entrevistados, Jker parte do relato de um deslocamento anterior à sua entrada como imigrante no Brasil, mas que não deixa de caracterizar seu processo migratório e sua construção como sujeito migrante. Nesse sentido, ele começa a (se) contar a partir do momento em que aborda a sua decisão de ir para a Colômbia “em *condição de refugiado*”. Vale ressaltar que o fato de o próprio locutor/enunciador se designar como refugiado, em um primeiro momento, suscita uma representação dos sujeitos deslocados ancorada no imaginário de vulnerabilidade que perpassa o senso comum e que se faz presente, por exemplo, no discurso midiático. No entanto, ainda que esse ato de nomeação convenha à condição de deslocamento forçado experimentada por Jker, ela não se enquadra propriamente na definição jurídica que embasa o conceito de refugiado, uma vez que a obtenção de asilo não lhe é assegurada nem na Colômbia, nem no Brasil. Na perspectiva de Jker, porém, obter ou não o estatuto de refugiado não é fruto unicamente de uma decisão jurídica. Segundo ele, embora as solicitações por parte dos venezuelanos estejam no topo das estatísticas, poucos solicitam a condição de refugiado: “Mas quando a *pessoa* chega na cidade onde vai residir, troca a *condição* pra *residente temporal*, porque o *refugiado* vai te tirar alguns benefícios, como *você* não vai poder voltar pra seu país... não vai poder sair pra um outro... então a *gente* tem medo [...]”. Logo, ao invés de ser representado como uma estatuto legal, o refúgio é tratado, na narrativa de Jker, pelo viés da privação de liberdade – materializada por indutores retóricos de negação (*tirar e não*) – e do medo – aqui não mais como caracterizador exclusivo da condição de refugiado, mas da condição dos migrantes venezuelanos que experimentam o deslocamento forçado, identificados pelo marcador dêitico pessoal *a gente* e pelos termos genéricos *te* e *você*.

Nesse sentido, mesmo mencionando inicialmente uma “condição de refugiado”, podemos interpretá-la, de fato, como análoga ao refúgio com base nos desafios que o deslocamento forçado suscita, visto que Jker destaca, logo em seguida, que “sendo *menor de idade, não conseguia [...] entrar no país numa condição legal*”, sendo o imaginário de legalidade fortemente presente em seu discurso para tratar de sua existência na migração. Assim, ao mencionar os “*caminhos ilegais*” pelos quais se deslocou nessa primeira fase de sua experiência migratória, bem como a “*condição de morador de rua*” e a sobrevivência por meio do trabalho informal (“*ajuntando dinheiro, trabalhando, éh, limpando os vidros dos carros, consegui ajuntar um dinero pra continuar minha viagem*”), ele se representa em discordância com esse imaginário de legalidade, ao qual o imaginário de dignidade se encontra subjacente. Esse último se mostra também relevante na medida em que Jker sinaliza uma mudança de perspectivas em sua trajetória apenas no momento em que é acolhido por uma entidade religiosa que se dedica à causa das migrações. Em outras palavras, é pela via do acolhimento, que oferece suporte material e educação formal a Jker, que ele ressignifica sua experiência migratória e passa a representá-la – e a se representar – em conformidade com uma série de normas sociais fundadas nos imaginários de legalidade e de dignidade, por sua vez, inseridos no âmbito de um sistema de pensamento e de valores religiosos: “*eu entrei nessa comunidade pra fazer um camino formativo religioso. Fiquei na Colômbia três anos e lá estudei filosofia. E eu acabara a filosofia e, por motivos pessoais e pra poder ajudar a minha família economicamente, decidi sair desse camino de formação pra procurar algum trabalho*”.

Ao tratar de sua condição de existência na imigração, Jker resgata, em toda a sua narrativa, uma série de elementos que remetem à sua formação humana e intelectual, como forma não apenas de justificar as motivações que o levaram a sair da Venezuela, mas também de avaliar os modos como se configuram socialmente tanto o seu país de origem quanto o país de acolhida, o que remete ainda ao outro tema central imposto pelo campo discursivo das migrações, isto é, a relação emigração-emigrante / imigração-imigrante. Com isso, a maneira como representa essas duas sociedades e a própria relação que estabelece com elas é orientada por uma série de imaginários validados ou invalidados por ele à medida que traz para seu discurso um conjunto de indutores normativos e retóricos, de escolhas designativas e de índices de avaliação. Se, a princípio, o “fazer narrativo” de Jker desenvolve uma retomada cronológica dos principais acontecimentos que marcaram a transição de seu processo de emigração para seu processo de imigração, a partir do momento em que começa a falar mais profundamente de seu processo de estabelecimento e de acolhimento no Brasil, bem como dos vínculos que mantém com venezuelanos e brasileiros, essa linearidade se desfaz em seu discurso, assumindo traços de uma retórica emocional, segundo a qual

ele desvela seus sentimentos e imaginários, sem perder propriamente o tom mais racional que lhe é característico.

Assim, tendo por base sua identidade venezuelana e sua realidade como emigrante, Jker representa a nação venezuelana segundo o imaginário de desintegração, a qual, por sua vez, tem raízes políticas: “é uma *comunidade muito dividida*. Lá... a gente tem *oposição e governo*, éh, e acho que é um *mal que a sociedade enfrenta na atualidade*. Porque já não... o que antes era (*irmão*) já não é mais. Torna que a *sociedade seja muito dividida*”. É importante ressaltar que, embora Jker se distancie enunciativamente de sua comunidade/sociedade de origem pelo uso do indicador espacial *lá*, logo em seguida, ele já se identifica como membro dessa comunidade/sociedade pela ampliação do indicador dêitico pessoal *eu* para *a gente* (*eu + o povo venezuelano*), reafirmando sua condição de existência na emigração. Além disso, ele situa o cenário de divisão social que caracteriza a Venezuela em um tempo presente também ampliado, ou seja, não se trata apenas do presente que se instaura no *agora* da enunciação, mas de um presente ancorado em um contexto mais amplo (“*na atualidade*”) e a partir do qual é possível estabelecer uma comparação com o passado (“o que *antes* era irmão já não é mais”). Vale destacar também que o indutor retórico de negação (*não*) que desconstrói o imaginário de irmandade em torno do povo venezuelano, bem como as escolhas designativas empregadas para descrever esse quadro de divisão social (*mal e enfrenta*), acabam por estabelecer a desintegração como uma “norma na negativa”, o que é materializado na narrativa pelos indutores normativos “*comunidade/sociedade muito dividida*”.

A desintegração, assim concebida como “norma na negativa”, não é atribuída, contudo, à tentativa de derrubada do governo pela oposição, explicação que seria fundada em um imaginário de integração que representa o governo como referência positiva e a oposição como negativa. Contrariamente a essa perspectiva, o próprio governo venezuelano é representado por Jker como um regime ditatorial, a partir dos imaginários de ditadura e de democracia ancorados no discurso filosófico: “*filósofo Montesquieu fala que, quando os três poderes são constituídos por uma pessoa, não é mais democracia, mas sim ditadura*. Então... os *três poderes, pues, Legislativo, Judicial, Executivo*, eram *controlado pelo governo do Chávez*”. Ao instaurar, pois, a tripartição de poderes como norma jurídica, validada pelo discurso relatado de Montesquieu, Jker, expressando-se como um sujeito coletivo (*nós*), desconstrói o imaginário de coesão – ainda que forçada – que um regime ditatorial pressupõe e atribui a causa dessa desintegração social e política da Venezuela como nação à própria estrutura do sistema de governo venezuelano, caracterizada pela ausência da democracia: “*nós acreditamos, pensamos de que o que acontece na Venezuela é causa duma má política que começou em 1998*”, “foi *causa, por causa duma política malfeita*, então não tem pra onde...

escapar”, “porque, no ano 2005, a *democracia acabou* na Venezuela” e “*ai não havia democracia. Acabou, acabou o país*”.

Todo esse quadro justifica, portanto, o processo migratório de Jker e de outros venezuelanos, mas não anula a identidade nacional e emigrante desses sujeitos mesmo estando no Brasil, na medida em que os valores e imaginários sociais que carregam consigo continuam sendo evocados no modo como são representados: “nas *imigrações* também, pelo menos *aqui em Belo Horizonte*, a *comunidade dos venezuelanos* também é *bem dividida entre oposição, governo*. Porque *fuimos criados* com essa *condição* de que ou é *a favor*, ou é *contra*”. Em outras palavras, por mais que esses sujeitos estejam deslocados fisicamente de seu país de origem, o que é sinalizado pelo indicador dêitico espacial “*aqui em Belo Horizonte*”, há que se destacar um deslocamento simbólico em que eles perpetuam determinados sistemas de pensamento nos quais se sustenta sua formação humana e política. Desse modo, ao entrarem em contato com novos sistemas de pensamento que constituem a identidade coletiva da sociedade que os recebe, eles são julgados e, conseqüentemente, integrados ou marginalizados tanto pelos brasileiros quanto pelos próprios venezuelanos: “*peessoas que apoiam o governo de lá* estejam *aqui no Brasil* ou num *outro país* falando que o *governo está bem...* então, por que está *aqui, não está lá?*”, “*tem peessoas que ainda apoiam*, mas se sentem *culpável*. E... *aqui...* as *peessoas intentam não colocar*, expor a *preferência* deles pelo *partido político*, mas *a gente*, dá pra perceber, né? Quando... se têm entrevistas aqui, *o que mais se fala mal* é do *governo*, né?” e “*algumas divisões* enquanto *os que falam* e, às vezes, *o que não falam* por medo a ser *rechaçado*, né?”. Em todos esses trechos, ao ser relegado um lugar enunciativo de “*não pessoa*” aos imigrantes venezuelanos que compõem o grupo de apoio ao governo de Maduro (“*peessoas* que (ainda) apoiam”, “*os que falam*” e “*o que não falam*”), é estabelecida uma norma social, compartilhada por Jker e interna ao próprio grupo (“*a gente*”), que coloca a oposição ao governo como condição de aceitabilidade. Isso se reforça pelo uso dos índices de avaliação que qualificam os sujeitos que destoam dessa norma (“*culpável*” e “*rechaçado*”) e do indutor retórico de negação (*não*), que sugere o silenciamento desses sujeitos como forma de garantir sua aceitação no grupo.

Por outro lado, mais de uma vez em sua narrativa, Jker aponta um elemento que se mostra fundamental na representação de uma identidade coletiva venezuelana, evidenciado justamente pela condição de existência na imigração: a disposição dos venezuelanos para se adaptarem às exigências das circunstâncias que se impõem a eles. Assim, tanto os imigrantes venezuelanos quanto a própria migração venezuelana são representados segundo o imaginário de resiliência, que caracteriza sua capacidade de se reinventarem, seja no âmbito do trabalho, seja nas demais esferas de seu processo de inserção social: “Então aí vem um *outro aspecto*, o *venezuelano*

que deixa tudo lá pra vim trabalhar no Brasil, no trabalho que tiver. E sendo grato ainda” e “o que é diferente na migração venezuelana de qualquer outra é que ele nunca está pensando em ficar parado [...] a gente tem que correr muito de trás”. Ao destacar esse elemento identitário como sendo exclusivo da imigração venezuelana – e dos sujeitos que a experimentam – Jker retoma o imaginário de dignidade que, subjacente às normas sociais que valorizam o trabalho e o esforço individual, torna os venezuelanos merecedores de serem acolhidos no Brasil.

Em todo caso, é importante salientar que mesmo os traços identitários – aqui representados pela resiliência – são condicionados às circunstâncias em que determinado grupo se encontra. Isso se evidencia na representação que Jker faz dos venezuelanos quando inseridos no contexto sociopolítico do próprio país: “A Venezuela, por causa também da electricidade, tem *peessoas que trabalham dois vezes a semana. Só dois vezes. E, assim, se não querem ir, não querem ir, se não te quer atender, não te atende, se tem que pagar, tudo corrupção*” e “o venezuelano falando assim, que ele tinha ido pra o *estrangeiro* e muita *xenofobia*, por que? Porque queria colocar ele [para] *trabalhar oito horas por dia... que isso na Venezuela já não existia mais*”. Em uma primeira impressão, o modo como Jker representa seus próprios conterrâneos parece orientado por um conjunto de indutores desvalorizantes, que qualificam os venezuelanos negativamente – e de forma generalizada – segundo um discurso estigmatizante. No entanto, ao situar esses comportamentos sociais no quadro de um sistema de pensamentos e de valores que os institui como “normas na negativa”, materializadas pelos indutores normativos e retóricos de negação (como “*não querem ir*” e “*não te atende*”), Jker dirige sua crítica não aos venezuelanos, mas ao próprio regime político venezuelano, que naturaliza essas normas.

Assim, baseado em sua própria experiência e em determinados estudos, Jker busca problematizar o imaginário de assistencialismo que normalmente está na base da representação – e da interpretação – dos regimes e dos discursos de esquerda, como é identificado o governo venezuelano: “Na Venezuela, também *hicieron* muitas *oportunidades*, *hicieron greves, bolsa de estudo, universidades públicas* e tudo isso, e *nós acreditamos agora* que o *resultado* foi por causa disso. Venezuela *não tem se tornado muito capitalista, né?*” e “*pelo meno na Venezuela, nos ensinaram muito nossos direitos. MUITO, mas os deveres não. Então, quando se hay um desequilibrio nessa área, o país vira uma bagunça*”. Novamente, notamos no discurso de Jker uma ampliação do locutor que diz “eu” para um sujeito coletivo representado pelo *nós* (“*nós acreditamos*” e “*nos ensinaram nossos direitos*”), que acaba por atribuir essa (auto)reflexão a um grupo de venezuelanos que não é propriamente esclarecido, de modo que ela passa a apresentar um caráter conclusivo e adquire um valor de verdade. Por mais que as medidas assistencialistas sejam tomadas, aqui, como justificativa para a crise e a corrupção, o que contradiz até mesmo o sistema de

pensamento cristão ao qual Jker se adere, toda essa representação sociodiscursiva elaborada por ele não é suficiente para categorizá-lo conforme o imaginário de conservadorismo associado aos discursos e representantes de direita.

Esse estigma, não raro atribuído a imigrantes venezuelanos por brasileiros que desconhecem suas histórias e suas trajetórias como migrantes, acaba reforçando uma série de estereótipos que desvalorizam, de forma injusta e simplista, esses sujeitos. O próprio Jker, por exemplo, ao transpor essa reflexão política para o cenário político brasileiro, elabora uma série de associações entre o regime de esquerda na Venezuela e no Brasil, situando sua crítica sempre no âmbito da discussão sobre direitos e deveres. Assim, mesmo representando o sistema público brasileiro segundo o imaginário de falência – que ele estende aos sistemas públicos de todos os países da América Latina, tendo por base sua experiência também na Colômbia –, Jker reconhece que a configuração sociopolítica de esquerda no Brasil ainda é melhor que aquela proposta pelos atuais partidos e representantes políticos de extrema direita que estão no poder. Dessa maneira, ele refuta os princípios de direita tendo em vista justamente os valores defendidos pelo pensamento cristão: “Mas, há pouco, seria no *outro partido* [o de direita]. Porque... porque o *outro* [idem] tem muitos *valores anticristãos* [incompreensível], aí *não dá*”.

No tocante à questão migratória, a Venezuela é representada por Jker ora como um país de acolhida (“Pra década dos 80, dos 90s, *Venezuela foi o primeiro país que acolheu imigrante de TODO lugar, inclusive brasileiros*, por ter uma economia boa, na qual *não teve discriminação, não teve, éh, um mau trato a seus imigrantes*”), ora como um país que vivencia a realidade de uma emigração em massa (“de fato, *hoje é nossa vez de sair*, [...] *hoje tocou a nós a saída [d]a Venezuela*”). Paralelamente, ele representa o Brasil como um país de destaque por sua história e por suas políticas voltadas para a imigração: “Por que Brasil? Por dois *situações*: [...] *a história do país, de como foi construído*, é muito linda, porque foi *construída por imigrantes* também” e “*pelas condições políticas migratórias que o Brasil oferece, que não tem em esses ou outros países*”. Ao evocar, portanto, um imaginário de acolhimento que atravessa as representações desses dois países e os particulariza, conforme seu discurso, no cenário internacional, Jker significa positivamente sua relação com o Brasil e com os brasileiros.

Isso se reforça nos trechos em que Jker fala justamente de seu vínculo com a sociedade que o recebe, ao apresentar o Brasil metaforicamente como “*comunidade*” e “*pessoas*” e seu círculo de relações como “*laços de família*” e “*irmandade*”, conforme o imaginário de igualdade que o sustenta (“*tenho sido tratado como qualquer brasileiro*”): “*Eu não tenho nada que reclamar do Brasil, além dos serviços públicos. Éh... mas enquanto o Brasil como comunidade, como pessoas, é muito... um país muito acolhedor [...] o brasileiro, éh, te leva a uma situação de fazer você sentir no*

seu país”, “Os vizinhos, os amigos, os companheiros da escola, a igreja *aqui*, da [referência à igreja], *a gente tem se tornado uns laços de família*, onde... quando eles *precisam* de mim, *eu estou aí*, quando *preciso* deles, eles estão *aí*” e “tem se tornado uma *irmandade*, não teve, *não* tem havido uma *discriminação*, um... *você estrangeiro* vai ser *tratado diferente*. Não. Pelo contrário, *tenho sido tratado como qualquer brasileiro* e, de fato, a *sociedade* também”. Esse imaginário de igualdade, por sua vez, é apresentado na perspectiva de um contradiscurso, operado pelos indutores retóricos de negação (*não*) que agem contradizendo determinados indutores de “normas na negativa” (como “*discriminação*” e “*tratado diferente*”), esse último marcado também pelo indutor retórico de oposição (“*diferente*”). No que diz respeito à dêixis enunciativa, o locutor/enunciador se coloca tanto como sujeito individual, pelo indicador dêitico *eu*, como sujeito coletivo (*a gente = eu + a comunidade brasileira*), além de representar sujeitos imigrantes – como ele – por um *você* genérico, que o apaga enunciativamente de sua (auto)reflexão.

Apesar de fazer uma avaliação positiva de sua experiência migratória no Brasil, Jker reconhece uma série de dificuldades que se impõem à condição de existência na imigração: “eu explico muito pra *elas*, pra os *imigrantes que estão vindo*, que... *a gente não pode* ir de trás de um *trabalho MUITO BOM* no começo, porque *você não vai ter as condições de enfrentar esse trabalho*, principalmente pelo *idioma*”. Cabe observar que, na narrativa de Jker, essas dificuldades aparecem distanciadas de sua experiência individual como imigrante, uma vez que ele assume o lugar social – e o lugar de fala – de representante da comunidade venezuelana em Belo Horizonte, a partir do qual ele fala como integrante dessa coletividade (*a gente = eu + imigrantes venezuelanos*) ou como um guia dos sujeitos que ainda estão se estabelecendo aqui, que são representados por um *você* genérico. De todo modo, para além da questão do idioma, que se impõe como norma social, os obstáculos colocados pela sociedade do entorno também são tematizados por Jker em alguns trechos de sua narrativa: “falam que o *imigrante vem roubar o trabalho do outro*. [...] o que sucede é que o *estrangeiro normalmente vem a trabalhar o dobro* pra não ser mandado embora, porque *depende* desse trabalho e, com esse trabalho, vai conseguir *sustentar sua família*”. O que se evidencia nesse trecho é um discurso estigmatizante, comum a outras narrativas que analisamos, segundo o qual os imigrantes são representados de acordo com os imaginários de criminalidade e de (i)legalidade, materializados na narrativa de Jker pelo indutor retórico de amálgama “*roubar o trabalho do outro*” (aqui entendido como o cidadão brasileiro). Esse estigma, fortemente difundido entre os brasileiros, pelo senso comum, é desconstruído pelo enunciador ao empregar certos indutores de normas sociais (“*trabalhar*” e “*sustentar sua família*”), que pressupõem o imaginário de dignidade e defendem, portanto, a participação dos imigrantes do corpo social – inclusive, porque eles pagam impostos como qualquer cidadão brasileiro.

Ainda que Jker reconheça a existência de uma atitude xenofóbica na base desse discurso estigmatizante, o modo como ele concebe a xenofobia se fundamenta em dois imaginários, opostos e complementares: o de discriminação e o de conduta. Enquanto o primeiro se caracteriza justamente pela falta de abertura e de empatia da sociedade do entorno em relação à(s) condição(ões) de imigrantes e refugiados, o segundo diz respeito às próprias atitudes sociais adotadas pelos venezuelanos, enquanto comunidade imigrante, ao se inserirem na sociedade que os recebe: “tem muito *venezuelanos*, e isso tem levado a... *criar* uma certa *xenofobia*, mas também [...] pelo *comportamento* de *alguma minoria que vai roubar, vai matar pessoas*, tudo isso torna *generalizado*” e “*eu intento* muito de *refletir* com eles de que... a *xenofobia* é *alimentada* só por *pessoas ignorantes*, mas que também a *xenofobia* é causada por *conduta de nós como país*”. Nesse sentido, embora empregue escolhas designativas que problematizam a xenofobia como fruto de generalizações e como um problema social (metaforicamente, pela expressão “é *alimentada* por *pessoas ignorantes*”), Jker a projeta novamente na discussão em torno da noção de direitos e deveres individuais e coletivos no âmbito da sociedade, inserindo, pois, o imaginário de conduta no bojo desses deveres. Ao assumir que a própria imigração “mais que uma *patologia*, é uma *conduta que se forma a partir de experiências*”, ele desconstrói, finalmente, o imaginário de problema subjacente às representações – recorrentes no senso comum – da própria condição de existência na imigração e a ressignifica conforme o imaginário de reciprocidade: “*todos nós* somos vulneráveis, né? Então tanto... qualquer... a pessoa tem que saber que *todos nós* somos vulneráveis e que *todos precisamos de todos*” e “*nós* estamos *ajudando a construir o Brasil* com a sua história de actual”.

Todas essas considerações dizem muito do próprio *éthos* de Jker, que constrói uma imagem de si marcada por qualidades como maturidade, intelectualidade e liderança, reveladas não apenas nas reflexões que desenvolve, mas no próprio “tom” (*éthos* mostrado), algumas vezes institucional, adotado por ele em seu discurso. Com efeito, é possível observar, ao longo de toda a sua narrativa, uma maneira de dizer que explora, conscientemente, as potencialidades do próprio fazer narrativo, no sentido de agregar ao ato de (se) contar uma dimensão argumentativa, que remete ao seu papel social de representante da comunidade venezuelana na sociedade em que se insere. Uma vez designado como coordenador do projeto de que participa, voltado para o acolhimento de imigrantes venezuelanos, Jker se identifica por meio de um *éthos* dito que o representa como líder, integrando-o a essa comunidade (“*a gente*”), mas distinguindo-o dos demais membros dela (“*eu*” vs. “*o venezuelano como tal*”): “É isso, *a gente* aqui não vem brincar. Talvez até *eu* brinque, né? *Eu* que já comprei moto e tudo isso, mas *o venezuelano como tal* não vem pra isso”. É desse lugar de fala como líder imigrante venezuelano que Jker, enquanto locutor/enunciador, constrói um *éthos* coletivo em torno do imaginário de perseverança (“*a gente*

tem que correr muito de trás”), a partir do qual ele tenta convencer o destinatário a quem ele (se) conta da dignidade que envolve a(s) condição(ões) imigratória(s) dos venezuelanos. Paralelamente, é dessa posição de liderança que Jker orienta seus conterrâneos recém-chegados segundo as normas sociais de que compartilha, a exemplo das que se ancoram no imaginário de liberdade (“*Aqui na casa, aqui tem liberdade pra tudo, mas essa liberdade é cobrada pra mim, no sentido de que depois vou ter que chamar atenção, [...] porque a liberdade tem um preço que a gente tem que pagar*”).

Como forma de legitimar seu papel de líder, Jker recorre ainda ao *éthos* dito para se representar como um sujeito maduro – que, diferentemente das narrativas de Fadi e de Déborah, já inicia seu relato sinalizando o fato de seu processo migratório ter sido precoce (“*quando tinha dezesseis anos*”) – e intelectual (“*Porque a gente tem que estudar*” e “*são coisas que também (se) tem que estudar*”), que valoriza a busca por conhecimento como forma legitimar também o (próprio) discurso. Vale ressaltar, inclusive, a menção que ele faz à própria noção de *éthos*, que ele compreende segundo a perspectiva da Teologia, tendo em vista ainda um *éthos* dito que o identifica como cristão praticante e estudante no domínio das religiões (“*nós que somos creyentes*” e “*faço Teologia*”). Ao assumir que o *éthos* corresponde à identidade que os sujeitos constroem em relação a uma coletividade, Jker assume também uma identidade que o integra à sociedade de acolhida (“*já me sinto mineiro também [...]. Hay alguna teologia que se falava éthos, o éthos, a identidade da pessoa se constrói. E, nesse período de tempo, eu tenho podido construir uma boa... um bom éthos de mim, uma boa identidade*”). Longe de serem pretensiosas, as representações valorizantes que Jker faz de si e dos venezuelanos, bem como o “tom” (auto)confiante que caracteriza suas reflexões, visam assegurar a aceitação e a participação social desses sujeitos, conforme o imaginário de reciprocidade, evocado anteriormente, que os coloca – ou deveria colocar – em condição de equidade com os brasileiros: “*todos nós, com essa imigração, tamos aprendendo... brasileiros quanto venezuelanos*”.

3.2.6. Adiba

“Viver a vida, isso que eu acredito, isso que eu faço”

QUADRO 21 – Narrativa 6

Nome (fictício): Adiba		
Estatuto jurídico (anterior): Apátrida e refugiada	Nacionalidade: Brasileira	
Data de chegada no Brasil: setembro de 2014	Data de chegada em BH: setembro de 2014	
Área de atuação: Palestrante	Idade: não informada	Gênero: Feminino
Narrativa de vida		
<p>Quando eu cheguei no Brasil – setembro, era setembro 2014 -, então, nas leis brasileiras, não existia nem a definição de uma pessoa apátrida. Então... quando eu cheguei, eu cheguei como refugiada. Então, eu tava com um documento de viagem, que é o <i>laissez-passer</i> brasileiro, que tinha um visto dentro dele, que é um visto - vamo dizer – sírio. Que é... não é um visto humanitário, é um visto especial que a Embaixada da Síria tava dando pras pessoas, a Embaixada do Brasil no Líbano tava dando pras pessoas sírios. E a pessoa que leu minha história e quis ajudar... é por isso que eles me deram esse tipo de visto. Quando eu cheguei, ninguém sabia nem como fazer comigo. Porque não tinha orientação, não tinha ninguém que fala que precisa fazer, que não precisa. Aí... foi a I. Ela é uma amiga de um primo da família que acolheu a gente em Belo Horizonte. Porque... né? Governo brasileiro não é preparado, então não tem como ajudar a gente em nada. Não tinha suporte nenhum de ninguém.</p> <p>Então, eu fui mesmo, procurei no <i>facebook</i>, achei essa família em Belo Horizonte, acolheram a gente, é uma família simples que mora na periferia de Belo Horizonte, então eles não tinha nem ideia o que significa refugiado. Aí que fui com I. I, ela estudou, né? Ela estudou Relação Internacionais, ela estudou Direito Internacionais, ela trabalhava com refugiados, voluntária, então... ela tinha esse <i>background</i>, ela já tinha ouvido a palavra apátrida. E foi ela, assim, que orientou, que falou:</p> <p>- Olha, vamo tentar pedir refúgio pra você, tem que fazer isso, isso e aquilo...</p> <p>E no mesmo tempo... como não tem, por enquanto, nada dos apátridas, o único jeitinho pra existir legalmente era refúgio. Então, foi assim que a gente, que eu pedi refúgio e esperei por resultado. E foi muito confuso. Mesmo pra autoridade brasileira, mas foi a ACNUR que fez esse papel de explicar e de orientar e de falar que, ah, como, por enquanto, não tem outro jeito, tem que aceitar o refúgio. Foi o ACNUR que orientou o Ministério da Justiça. As pessoas lá, porque... como não existia apátridas dentro de... ah, das leis, então que eles deveriam fazer com a gente? Porque, eu pedindo o refúgio, eu ia conseguir CPF, carteira de trabalho... e o protocolo. E o protocolo, que é por seis meses, então... teria a solução. Então isso renova a cada seis meses.</p> <p>Nunca fui pra Síria. Eu sempre vivi e morei no Líbano, eu não conheço a Síria. Então... o motivo mesmo [de sair do Líbano], claro, foi a apatridia. Eu tentei em todos os outros países do mundo. O único país que me acolheu foi o Brasil. Porque... eu não tenho passaporte... não tinha, né? Passaporte. Então, como eu ia viajar pra um país, como eles iam colocar um visto se eu não tenho nem passaporte? A barreira foi este.</p> <p>Mas aí, depois, como a lei foi mudado e como, hoje em dia, existe na nova Lei da Imigração, então... é muito bom, é muito bom. Hoje Brasil virou exemplo pro mundo inteiro... sobre questão de apatridia, sobre como eles lidam com essa questão de identificar e de ajudar o reconhecimento e depois facilitar a naturalização, então não é um privilégio, éh... é um processo.</p> <p>No MEU CASO, no meu caso, o país foi bem aberto, ele foi... ajudou muito. Daí, eu não tenho nada pra reclamar, a única coisa que eu acho injusto é na questão de trabalho, é mercado de trabalho mesmo. É porque os imigrantes refugiados que tão chegando tão chegando sem carteira de trabalho. Então, na mente, na cabeça dos brasileiros, eles não têm experiência nenhuma. Então você não tem como falar e como provar do jeito brasileiro toda a sua experiência. E a língua que é uma barreira muito grande também. Porque as pessoas que chegam de fora não falam português, e, no Brasil, em Belo Horizonte, mais específico, ninguém fala outra</p>		

língua. Não ninguém, são muito poucos que falam outra língua aqui ainda.

[O processo de aprendizado do português aqui] foi muito bom. Começou com mesma família, I, dentro dum bar, tudo, tentaram me ajudar. Matriculei com Centro Zanmi, a gente foi, mais ou menos, em três, quatro semanas, mas, como era todo sábado, então a gente... era difícil também de acompanhar isso. E depois, com o tempo e com tudo... em 2018, eu me matriculei em CEFET, porque tinha que fazer uma prova de proficiência da língua portuguesa, que é o CELPE-Bras, então foi CEFET que me orientaram e... o PLAc, que chama o programa [interrupção]. Eu fiz uns dois meses, eu acho, três meses. Com o E... F... eles me ajudaram muito. Fiz o exame, enfim, não precisei dessa prova [riso]. Mas passei ela.

[Os laços com brasileiros] são mais ligados pras pessoas que eu fiz... pros meus amigos, pras pessoas que eu... que eu fiz amigos da vida lá [no Brasil]. Deixei os laços com meus amigos de lá [do Líbano] [riso].

Ah, tem que ter paciência, né? Essa que é a coisa mais importante... viver a vida, isso que eu acredito, isso que eu faço. Porque a vida passa tão rápido, então a gente tem que aproveitar de onde a gente tá. Isso que eu penso.

Fonte: Compilação da autora

A última narrativa – a de Adiba – é um relato *sui generis*, uma vez que se distingue das demais por uma série de fatores, desde o contexto de realização da entrevista, e o modo como a própria narrativa foi estruturada, até a própria condição migratória relatada por ela. Como Adiba não estava em Belo Horizonte no período em que as entrevistas foram realizadas, ela se dispôs a conversar via *Skype* como forma de contribuir com o nosso trabalho. No entanto, já no momento da conversa, pudemos observar um certo prejuízo, em relação às demais entrevistas, pela falta de uma interação presencial que nos possibilitasse uma conexão mais profunda como entrevistadora e entrevistada e uma comunicação mais fluida, inclusive por ela ter se sentido mais confortável em conversar apenas por chamada de áudio, e não de vídeo. Com isso, a quantidade de intervenções feitas por nós, ao longo do diálogo, foi bem maior que nas outras entrevistas, no sentido de conduzir a continuidade da conversa e/ou de garantir o entendimento de ambas as partes, sinalizando, por exemplo, casos de compreensão e de incompreensão.

Outro fator característico do relato de Adiba, como é indicado pelas intervenções entre colchetes na transcrição da narrativa, é uma maior fragmentação em seu “fazer narrativo”, ocasionada pela própria condução da entrevista. Uma vez que Adiba tem ganhado certa projeção pública nos meios institucionais e que ela se sente bem representada pelos discursos que veiculam a sua história, ela preferiu que a entrevista fosse guiada pelas perguntas de nosso roteiro, ao invés de narrar sua história de vida como migrante de forma ampla, como propunha a nossa pergunta de pesquisa. De todo modo, a maneira como ela (se) narra legitima seu estatuto de enunciadora, que é o de *testemunha-experenciadora* e, ainda, o de figura que ocupa um lugar de representatividade, o que confere um certo tom institucional ao seu discurso, tal como ocorre na narrativa de Jker.

Voltando nosso olhar propriamente para a narrativa, observamos que Adiba a inicia já se inscrevendo em seu discurso como uma locutora que diz “eu”: “Quando eu cheguei no Brasil –

setembro, era setembro 2014 –, então, nas *leis brasileiras, não existia nem a definição de uma pessoa apátrida*. Então... *quando eu cheguei, eu cheguei como refugiada*". As referências temporais precisas (por exemplo, "*setembro 2014*") remetem a um passado cronológico, que é marcado pelo advérbio *quando* e pelas desinências verbais de pretérito, situando os acontecimentos relatados em um momento distanciado do presente da enunciação. O que mais se evidencia nessa introdução, contudo, é o fato de Adiba já pretender construir uma representação de si, ancorada em atos de nomeação que remetem a seu estatuto jurídico como imigrante (*apátrida* e *refugiada*) e em indutores jurídicos (*leis brasileiras* e *definição*). Embora Adiba tenha chegado ao Brasil na condição de não pertencente a nenhuma nação, o que hoje corresponde à condição de apátrida, no momento de sua chegada, ainda não existia no Brasil o conceito jurídico de apatridia. Diante disso, sua (auto)representação aponta, logo no princípio da narrativa, para uma dupla anulação – marcada, em seu relato, pelos indutores retóricos de negação (*não* e *nem*): uma primeira anulação enquanto sujeito nacional e cidadão de algum país do mundo e uma segunda anulação enquanto sujeito reconhecido em termos de representação legal e jurídica dessa condição de existência.

Desse modo, a trajetória de Adiba como migrante se caracterizou, ao longo de anos, pela busca por uma nacionalidade ("*eu tentei em todos os outros países do mundo*"). E, nessa busca por nacionalidade, representada segundo um imaginário de perseverança, ela descreve justamente os impasses para ser identificada segundo um estatuto que a representasse, tendo em vista a falta de uma política migratória estruturada, no momento de sua chegada ao Brasil, e o desconhecimento da própria sociedade brasileira em relação à sua realidade: "*Quando eu cheguei, ninguém sabia nem como fazer comigo. Porque não tinha orientação, não tinha ninguém que fala que que precisa fazer, que que não precisa*", "*Governo brasileiro não é preparado, então não tem como ajudar a gente em nada. Não tinha suporte nenhum de ninguém*" e "*achei essa família em Belo Horizonte, acolheram a gente, é uma família simples que mora na periferia de Belo Horizonte, então eles não tinha nem ideia o que significa refugiado*". Como é ilustrado por esses trechos, boa parte da narrativa de Adiba é orientada por indutores normativos e jurídicos ("*saber como fazer*", "*ter orientação*", "*que que precisa fazer*", "*Governo brasileiro*", "*preparado*", "*ter como*", "*ter suporte*" e "*o que significa*"), bem como por indutores retóricos de negação que sinalizam a inexistência de normas sociais e legais que contemplassem, naquele momento, a condição de apatridia.

Diante disso, o que possibilitou, de fato, o processo de regularização da condição migratória de Adiba foi o encontro com uma pessoa que tinha não só conhecimento teórico, mas empírico da realidade de refugiados e apátridas: "*Aí que fui com I. I, ela estudou, né? Ela estudou Relação Internacionais, ela estudou Direito Internacionais, ela trabalhava com refugiados, voluntária, então... ela tinha esse background, ela já tinha ouvido a palavra apátrida*". Essa questão

suscita, novamente, o debate em torno da integração de imigrantes e refugiados, que acaba sendo condicionada, muitas vezes, a uma acolhida voluntária, normalmente por parte de membros da sociedade civil e das entidades religiosas. Com efeito, em sua narrativa, Adiba também ressalta um processo de estabelecimento no Brasil que se deu de forma positiva graças ao acolhimento do seu círculo de relações e da sociedade do entorno, representados a partir dos imaginários de abertura e de amizade: “No *MEU CASO*, no *meu caso*, o país foi bem *aberto*, ele foi... *ajudou* muito”, “[o processo de aprendizado do português aqui] foi *muito bom*. Começou com *mesma família*, *I, dentro dum bar, tudo*, tentaram *me ajudar*” e “[os laços com brasileiros] são mais *ligados* pras *pessoas que eu fiz*... pros *meus amigos*, pras *pessoas que eu*... que *eu fiz amigos da vida lá* [no Brasil]”.

Em todo caso, ela sinaliza uma dificuldade nesse processo de estabelecimento, que diz respeito aos obstáculos impostos pelo mercado de trabalho quanto ao reconhecimento da experiência e dos conhecimentos profissionais de imigrantes e refugiados, tendo em vista a ausência de documentos que os comprovem de acordo com as normas sociais e jurídicas brasileiras: “os *imigrantes refugiados que tão chegando tão chegando sem carteira de trabalho*. Então, *na mente, na cabeça dos brasileiros*, eles *não têm experiência nenhuma*. Então *você não tem como falar e como provar do jeito brasileiro toda a sua experiência*”. Essa problemática, acentuada também pelo não domínio da língua portuguesa enquanto norma social (“E a língua que é uma *barreira* muito grande também. Porque as *pessoas que chegam de fora não falam português*”), é contudo ressignificada na medida em que Adiba questiona a adesão dos brasileiros a outras normas sociais, como o conhecimento de outras línguas, o que se mostra fundamental não só no processo de acolhimento, mas no de inserção dos brasileiros em uma dinâmica de internacionalização, da qual podem também se beneficiar (“no Brasil, em Belo Horizonte, mais específico, *ninguém* fala *outra língua*. *Não ninguém*, são *muito poucos* que falam *outra língua aqui* ainda”). Por outro lado, Adiba constrói uma representação positiva do Brasil – por meio do termo *exemplo* – no que diz respeito ao pioneirismo do país na adoção de políticas migratórias que contemplam os apátridas e que devem ser asseguradas a eles como um direito, contrariamente ao que sugerem discursos que as tratam como privilégios – como aponta o indutor retórico de negação (“*não* é um privilégio”): “Hoje Brasil virou *exemplo* pro mundo inteiro... sobre *questão de apatridia*, sobre *como eles lidam com essa questão de identificar* e de *ajudar o reconhecimento* e depois *facilitar a naturalização*, então *não* é um *privilégio*, [...] é um *processo*”.

Ao tratar dos temas instituídos pelo campo discursivo das migrações, Adiba também os situa na esfera jurídica, sendo que a relação emigração-emigrante / imigração-imigrante é representada a partir dos trâmites legais para viabilizar seu deslocamento: “eu tava com um *documento de viagem*, que é o *laissez-passer* brasileiro, que tinha um visto dentro dele, [...] *não* é

um visto humanitário, é um visto especial". A mesma perspectiva – jurídica – é adotada para tratar de sua condição de existência na imigração, o que acaba refletindo uma condição de existência em sentido bem mais amplo – ao menos, enquanto a obtenção de alguma nacionalidade ainda constituía uma realidade incerta para Adiba. Logo, o “tom” institucional assumido por ela, ao longo de toda a narrativa, reforça sua posição de representatividade, ao reconhecer, em seu lugar de fala, um modo de reafirmar discursivamente a sua existência e a dos sujeitos apátridas, de um modo geral. Além disso, seu “tom” assertivo contribui para a construção de uma imagem de si (*éthos* mostrado) marcada por uma atitude de autoconfiança, determinação e empoderamento, o que é (re)afirmado pelo seu *éthos* dito (“então, *eu fui mesmo*”). É diante desse quadro de buscas e de aprendizados que Adiba representa seu processo migratório conforme o imaginário de paciência, que também pressupõe o imaginário de resiliência e serve de inspiração a todos os migrantes e, por que não, aos próprios brasileiros, contemplados pelo termo genérico *a gente*: “Ah, tem que ter *paciência*, né? Essa que é a *coisa mais importante... viver a vida, isso que eu acredito, isso que eu faço*. Porque a vida passa *tão rápido*, então *a gente* tem que *aproveitar de onde a gente tá*. Isso que *eu penso*”.

3.3. Do(s) discurso(s) sobre o outro à(s) narrativa(s) de si: apresentação e discussão dos resultados

Ao voltarmos nosso olhar para o *corpus* deste trabalho, constituído por notícias da imprensa de referência mineira e por narrativas de vida de imigrantes e refugiados que vivem na região metropolitana de Belo Horizonte, buscamos alcançar, empiricamente, respostas para uma série de hipóteses traçadas logo no início de nosso estudo, com base em uma perspectiva interdisciplinar, norteada pela Análise do Discurso de orientação francesa, e em algumas práticas sociais voltadas para o acolhimento desses grupos. Assim, após desenvolvermos uma análise linguístico-enunciativa – e, por isso mesmo, qualitativa – das representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados e dos modos de problematização das próprias migrações contemporâneas nos textos desse *corpus*, obtivemos um suporte mais sólido e consistente para reavaliar nossas hipóteses e apontar alguns resultados dessa análise.

Retomando, pois, essas hipóteses, pudemos constatar que (a) existem, sim, imaginários sociais que embasam a forma como a sociedade em geral concebe e estigmatiza a realidade de imigrantes e refugiados, considerados como um grupo social minoritário e que (b) esses imaginários são da ordem dos saberes de crença compartilhados pelo senso comum – por sua vez, refletido na opinião pública, que é simultaneamente influenciada e perpetuada por discursos de diferentes instituições, dentre elas as mídias referenciais, sob a aparência de discursos reificados. Nesse

sentido, foi possível, de fato, reconhecer as mídias analisadas como “elites simbólicas” (VAN DIJK, 2015), na medida em que, sendo essencialmente discursivas, mobilizaram um conjunto de estratégias linguístico-enunciativas em seu(s) discurso(s), visando legitimá-lo(s) – e legitimar o próprio estatuto do(s) enunciator(es) midiático(s) – e garantir um efeito de verdade em relação ao que é dito, especialmente pela ilusão de objetividade/neutralidade decorrente do apagamento enunciativo e pela convocação de locutores-informadores dotados de certa autoridade.

Com isso, mostrou-se sintomático o modo como imigrantes e refugiados foram recorrentemente representados nesse(s)/por esse(s) discurso(s), segundo um imaginário que os coloca normalmente na posição de “outro-estranho-estrangeiro” e que trata a condição de existência na imigração – e os próprios sujeitos que a vivenciam – como se fosse(m) fundamentalmente caracterizada(os) pela falta. É esse imaginário, sustentado pela noção de uma identidade coletiva, que consolida e generaliza uma narrativa estigmatizante, para não dizer racista e xenofóbica, sobre as migrações contemporâneas e os seus sujeitos, mas que se torna institucionalizada, sob o pretexto de proteger a soberania nacional e de garantir as normas sociais, supostamente ameaçadas por um outro/estrangeiro focalizado discursivamente pela ótica da imigração ilegal, dos problemas de integração, do crime e da violência (VAN DIJK, 2015). Não se leva em conta, nesse caso, que “as migrações humanas são um fato constante e maior na constituição das sociedades e das culturas” e que, portanto, “os movimentos migratórios são um dado constitutivo de todas as sociedades, mas também de todas as identidades nacionais” (LAACHER, 2012, p. 33; 37).⁸³

O que notamos nas notícias analisadas, portanto, é que nenhuma delas privilegia uma abordagem que contemple as qualidades e o potencial desses sujeitos que migram para o Brasil motivados por razões de diversas ordens; ao contrário, à exceção da notícia 6, na qual o discurso relatado do pároco da igreja da Boa Viagem valoriza o que os venezuelanos têm a oferecer ao nosso país, todos os demais representam os sujeitos deslocados pela narrativa da vulnerabilidade e/ou da criminalidade, ancorada no imaginário de falta, que questiona a própria dignidade desses sujeitos. Logo, é nítido nas notícias integrantes do *corpus* que,

Assim como outros grupos minoritarizados, imigrantes e refugiados no Brasil vêm sendo, frequentemente, marcados por aquilo que temos denominado “discurso da falta”. Trata-se de um discurso essencialista e totalizador que, a partir de uma posição etnocêntrica, significa certos sujeitos por aquilo que supostamente “não são”, “não fazem”, “não sabem” e “não conhecem”, apagando, conseqüentemente, suas vivências, suas agências, seus saberes e seus conhecimentos – que, cabe ressaltar, não integram os repertórios daqueles que os enxergam como um conjunto de lacunas a serem preenchidas. Como efeito desse

83 Tradução livre de: « ...les migrations humaines sont un fait constant et majeur dans la constitution des sociétés et des cultures. » // “...les mouvements migratoires sont une donnée constitutive de toutes les sociétés, mais aussi de toutes les identités nationales. ».

discurso, naturaliza-se a ideia de que tais sujeitos não estão “prontos” para ocuparem os lugares que estão ocupando ou desejam ocupar. (DINIZ; NEVES, 2018, p.100-101).

Essa reflexão acaba por esclarecer e justificar a comprovação de nossa terceira hipótese, isto é, a de que (c) há uma desigualdade de espaços de fala destinados à abordagem das migrações, o que favorece certos discursos institucionalizados política e socialmente, visto que inibe e silencia a(s) própria(s) voz(es) dos imigrantes e refugiados. Isso foi constatado por nós ao nos depararmos com a insuficiência – ou a quase inexistência – de discursos relatados de imigrantes e refugiados para problematizar a questão migratória contemporânea nos textos jornalísticos. Nas raras vezes em que aparecem, esses discursos são convocados ou para atestar a posição benevolente do Brasil em ajudar indivíduos de regiões menos favorecidas (notícia 4), ou para testemunhar sobre a condição de falta e de vulnerabilidade que experimentam (notícias 6, 8 e 13). Assim, uma vez que não é concedido um espaço de fala legítimo para que esses sujeitos se expressem com relação às políticas migratórias e às suas condições de existência na imigração, tanto do ponto de vista do que podem oferecer em termos de saberes quanto do ponto de vista do que sofrem em razão do preconceito e da xenofobia, os imigrantes e refugiados permanecem – discursivamente – ilegítimos. Isso é grave na medida em que, como aponta Sayad (2004), os custos e os benefícios da imigração, na perspectiva do país de acolhida, têm sido justificados por uma “ciência da ausência”, que é marcada por uma dupla ausência, baseada na ideia de que

A condição ou paradoxo do emigrante é que ele continua a “estar presente apesar de sua ausência”. Ele continua a “estar presente mesmo quando ausente e mesmo onde ele está ausente” – o que é equivalente a dizer que ele é nada mais que “parcialmente ausente onde ele está ausente”. Correlativamente, ele é “não totalmente presente onde ele está”, o que se torna “estar ausente apesar de estar presente”, e está “(parcialmente) ausente mesmo onde e quando ele está presente”. O perigo para o emigrante (que é também um imigrante) é que essas formas incompletas de ausência e de presença se tornarão eventualmente uma presença moral também (ele está presente de corpo e alma, agora e no futuro, devido a trabalho e parentesco [...]). Correlativamente, a ausência material, e meramente material, do emigrante se tornará eventualmente uma ausência “moral” (e “espiritual”), uma ausência consumada e uma ruptura completa com sua comunidade. (SAYAD, 2004, p.125).⁸⁴

Essa dupla ausência, como a entende Sayad (2004) de seu lugar social de pesquisador e experienciador das migrações contemporâneas, transparece, com efeito, tanto nos discursos midiáticos quanto nas narrativas de vida que analisamos. No entanto, enquanto a noção de ausência

84 Tradução livre de: “The condition or paradox of the emigrant is that he goes on ‘being present despite his absence’. He goes on ‘being present even when absent and even where he is absent’ – which is tantamount to saying that he is no more than ‘partially absent where he is absent’. Correlatively, he is ‘not totally present where he is’, which comes down to ‘being absent despite being present’, and is ‘(partially) absent even where and when he is present’. The danger to the emigrant (who is also an immigrant) is that these incomplete forms of absence and presence will eventually become a moral presence too (he is present in body and soul, now and in the future, present because of work and parenthood [...]). Correlatively, the material, and merely material, absence of emigrant will eventually become a ‘moral’ (and ‘spiritual’) absence, a consummated absence and a complete break with his community.”

é representada nas mídias pela figura do emigrante desertor e/ou desistente de viver em meio às condições de crise socioeconômica e política de seus países de origem e pela figura do imigrante que não partilha das normas sociais do país de acolhida, a ausência tematizada nos discursos dos imigrantes e refugiados que entrevistamos tem uma dimensão emocional-afetiva que transcende o peso de seu papel social enquanto sujeito emigrante-imigrante. Ainda que seus processos de construção identitária passem pelo questionamento acerca do estatuto e do *status* social que a condição de existência na imigração – e na emigração – lhes atribui, o que pudemos observar, nas narrativas desses sujeitos, é que essa dupla ausência é sentida principalmente nos laços identitários e pessoais com os que foram deixados para trás no movimento de emigração e com os que se apresentam como uma nova comunidade, à qual é difícil pertencer devido a todo o conjunto de normas, valores e imaginários que, ao consolidarem a identidade coletiva dessa comunidade/sociedade, tendem a excluir o outro que não se enquadra nela.

Ao (se) contarem, todos os imigrantes e refugiados com os quais conversamos mencionaram, de forma mais ou menos explícita, essa sensação de dupla ausência, sobretudo no que tange às reflexões acerca dos vínculos e dos afetos. Não se trata, pois, de uma ausência compreendida como a anulação de sua identidade e de sua dignidade, com base em um imaginário de falta que, a exemplo do que ecoa no discurso midiático e na opinião pública, exclui toda a bagagem histórica e cultural que carregam consigo e que construíram por meio de suas relações. Trata-se, pelo contrário, de uma ausência que se instaura a partir do momento em que o processo, também duplo, de desenraizamento do local de origem e de novo enraizamento no local de chegada (LISBOA, 2006) promove um deslocamento tanto físico quanto simbólico (SAYAD, 1998), que ressignifica não apenas suas histórias e suas culturas, mas principalmente suas relações.

Assim, nas narrativas de vida analisadas, de modo geral, pudemos constatar uma sensação de ausência em relação ao local de origem, motivada principalmente por dois fatores: primeiramente, como foi dito, pelo distanciamento físico dos familiares, amigos e conhecidos, o que é apresentado como uma dificuldade na maioria dos depoimentos, mesmo que os sujeitos que emigraram mantenham um vínculo sentimental com essas pessoas e, por vezes, ainda ofereçam suporte material a elas (como ocorre com Nela de Voz, Jean Marc, Fadi, Déborah e Jker); e, no caso dos sujeitos deslocados forçados, pelo ressentimento diante do fato de os países de origem não terem zelado por suas vidas (como transparece nas narrativas de Fadi, Jker e Adiba). Por outro lado, notamos também uma sensação de ausência em relação ao local de chegada, diante dos obstáculos enfrentados pela maioria dos imigrantes e refugiados que entrevistamos para obter e/ou fazer reconhecer seus documentos (à exceção de Jean Marc e de Fadi), do não domínio da língua portuguesa enquanto norma social instituída e do desconhecimento/desrespeito da sociedade

brasileira acerca dos diferentes aspectos socioculturais que caracterizam esses sujeitos e dos seus direitos civis no país. Essa última ausência é potencializada pela própria sociedade do entorno, que não se abre efetivamente para o acolhimento desses grupos, relegando-lhes um lugar de marginalização nas estruturas sociais e de silenciamento nos discursos hegemônicos, como pudemos notar nos próprios discursos (re)produzidos pelos textos midiáticos que analisamos.

Com isso, concluímos que (d) os imigrantes e refugiados não se sentem, na maioria das vezes, representados pelos e nos discursos institucionais/midiáticos. Ainda que apenas um dos entrevistados tenha manifestado tal ponto explicitamente, outros quatro trouxeram representações de si e de suas condições de vida que destoam das representações cristalizadas no/pelo senso comum, inclusive pelo uso recorrente da negação como operador de um contradiscurso. Assim, à exceção de Adiba, que se sente bem representada pelas mídias referenciais, dada uma certa projeção de sua trajetória individual no espaço público, os demais imigrantes e refugiados constroem narrativas, normalmente invisibilizadas, que colocam em evidência sua humanidade, sua dignidade, seu potencial e, principalmente, sua perseverança para sobreviver em uma sociedade quase sempre alheia à sua existência e para alcançar os lugares de representatividade que ocupam hoje.

Nessa perspectiva, ressaltamos que o espaço de fala assegurado, neste trabalho, aos imigrantes e refugiados, enquanto lugar de fala que pertence a eles por direito, possibilitou não apenas sua (auto)representação, mas uma representação de nossa sociedade, que, enquanto sociedade de acolhimento, tem o dever de repensar o próprio olhar sobre as migrações contemporâneas. Afinal, como nos lembra Maher (2007, p.55), o empoderamento desses grupos “depende não apenas de seu fortalecimento político ou da existência de legislações a eles favoráveis, mas também da educação do seu entorno para garantir esse respeito”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, buscamos analisar as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados, veiculadas no/pelo discurso, no quadro de uma realidade social não apenas atual como também cada vez mais presente em todo o mundo e, notadamente, no Brasil: as migrações contemporâneas do Sul global. Para tanto, tendo como principais referenciais teóricos a Análise do Discurso de orientação francesa e as demais teorias que com ela dialogam, dado o caráter interdisciplinar da ADF, voltamos nosso olhar para notícias da imprensa de referência mineira e para narrativas de imigrantes e refugiados que vivem na região metropolitana de Belo Horizonte, buscando identificar os imaginários sociais a partir dos quais esses sujeitos são representados em seus próprios discursos e em discursos outros, bem como os modos de problematização traçados em torno das próprias migrações contemporâneas.

Para tanto, partimos de uma breve contextualização sociopolítica das migrações contemporâneas, com base nos principais acordos internacionais e nos dispositivos legais e jurídicos que gerem as políticas migratórias no mundo, na América Latina e no Brasil. Por meio desses instrumentos, pudemos identificar como as diversas categorias de sujeitos migrantes são representadas, com base em determinados estatutos jurídicos e nos imaginários sociodiscursivos subjacentes a eles. Desse modo, em nosso primeiro capítulo teórico, pudemos discutir as concepções que embasam as representações legais desses grupos e o modo como elas influenciam as políticas públicas que os contemplam – ou deveriam contemplá-los.

Observamos, assim, que, embora o Brasil figure como um país sintonizado com esses instrumentos e precursor no acolhimento humanitário de migrantes deslocados forçados, há que se considerar a insegurança que representam, para esses grupos, a saída do Brasil do Pacto Global para as Migrações e o resgate do imaginário de soberania nacional, decorrentes da ascensão – como reflexo mundial – de grupos políticos mais conservadores. Além disso, notamos que ainda é necessária a atualização de uma série de parâmetros nos documentos nacionais que tratam da imigração e do refúgio, inclusive no que diz respeito às representações e às demandas específicas de cada categoria de sujeitos migrantes, a fim de que seu estabelecimento e seu acolhimento no Brasil tenham bases legais mais sólidas.

Em seguida, desenvolvemos, no segundo capítulo, uma revisão teórica dos principais referenciais que tratam das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos, assim como de conceitos que atravessam essas noções, como os de instituição imaginária da sociedade, memória coletiva, identidade individual e coletiva, elite simbólica e silenciamento. Desse modo, demonstramos como as noções de representações sociais e de imaginários sociodiscursivos estão

intrinsecamente ligadas: enquanto as representações se configuram como um sistema de valores, ideias e práticas cuja função é ordenar o mundo material e social e, assim, possibilitar a orientação e a comunicação dos sujeitos de uma dada sociedade/comunidade (MOSCOVICI, 2015, p.21), os imaginários constroem o real como universo de significação, sendo identificados no interior dos grupos sociais como normas de referência e transmitidos discursivamente (CHARAUDEAU, 2006, p.203).

Tendo em vista que os imaginários – e, por extensão, as representações sociais – são, por definição, inscritos em determinada sociedade/comunidade ou época (CASTORIADIS, 1982, p.175), eles só se perpetuam como sistemas de significação se forem compartilhados por meio da memória coletiva, que tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço (HALBWACHS, 2016, p.16). Isso se deve ao fato de que a esse grupo impõe-se uma lógica de percepção que o ajuda a compreender as noções provenientes do mundo exterior (HALBWACHS, 2006, p.61), sendo que a percepção da diferença constitui o *princípio de alteridade* a partir do qual se dá o processo de consciência identitária – individual e coletiva (CHARAUDEAU, 2015, p.18).

Uma vez que o reconhecimento da diferença é acompanhado normalmente de julgamentos negativos sobre o outro, aquele que não compartilha a identidade coletiva do grupo em questão, criam-se os estereótipos e os preconceitos (CHARAUDEAU, 2015, p.19), não raro, fundados em crenças racistas perpetuadas pelas “elites simbólicas” (VAN DIJK, 2015, p.35), que detêm espaços de fala institucionalizados, como as mídias. Logo, na medida em que os discursos institucionais são apresentados como consenso, mesmo não abrangendo os processos de significação em sua totalidade, eles contribuem para uma “política do silêncio” que se vale do silenciamento de grupos minoritarizados, como parte de uma retórica da dominação (ORLANDI, 2007, p.29; 110).

Nessa perspectiva, ainda no capítulo 2, tratamos do discurso das mídias levando em consideração a modalidade de mídia identificada como *imprensa de referência* (EMEDIATO, 2013, p.70), visto que o monopólio exercido por ela sobre os meios de informação, bem como as estratégias discursivas que emprega para (fazer) supor um propósito informativo pautado na objetividade/neutralidade, gera impactos significativos no modo como a opinião pública concebe a realidade social. Assim, constatamos que, ao mobilizarem sistemas de pensamento que associam saberes de crença a saberes de conhecimento (CHARAUDEAU, 2007) e promoverem a gestão dos pontos de vista apresentados em seus conteúdos (DUCROT, 1987; RABATEL, 2013), os discursos midiáticos orientam a perspectivização dos fatos (EMEDIATO, 2013). Com isso, obtém-se um efeito de verdade que é da ordem da convicção e que, portanto, é validado pela credibilidade

atribuída ao enunciador midiático pelo destinatário e pela opinião pública, em sentido mais amplo (CHARAUDEAU, 2007; 2016).

Paralelamente, abordamos também o gênero *narrativa de vida*, partindo de uma “concepção minimalista” e de uma abordagem etnossociológica (BERTAUX, 2006), interessada no conjunto de “práticas em situação”, que permitem ao pesquisador compreender os “contextos sociais” nos quais elas são inscritas. Ao situarmos nosso estudo das narrativas de vida no âmbito da Análise do Discurso de orientação francesa (MACHADO, 2011; 2013; 2016), tomamos emprestada da etnossociologia a classificação que identifica nosso objeto de estudo como *categoria de situação*, aqui representada pela condição migratória dos sujeitos que entrevistamos. A partir disso, voltamos nosso olhar para as “marcas” que remetem à subjetividade e à coletividade desses sujeitos, apreendidas nos/pelos elementos linguístico-enunciativos por meio dos quais se desvela e nas diferentes maneiras de dizer, ou seja, no próprio “fazer narrativo”.

Para tanto, recorreremos a alguns suportes teórico-metodológicos que nos permitiram empreender, no capítulo seguinte, uma análise linguístico-enunciativa dos textos do *corpus*. Destacamos, em nossa apresentação, alguns planos da Semântica Global de Maingueneau (2008b) que, ampliados por teorias que os complementam e os descrevem com mais detalhamento, mostraram-se úteis para construirmos nosso dispositivo “individualizado” de análise (ORLANDI, 1999). Assim, associamos: 1) a categoria (plano) *estatuto do enunciador e do destinatário* aos tipos de informadores apresentados por Charaudeau (2007); 2) a noção de *dêixis enunciativa* à concepção de *subjetividade na linguagem*, representada pelo *aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1988; 1989), e a ampliamos por meio da *distinção entre locutor e enunciador* e da *gestão dos pontos de vista* operada por essas instâncias (DUCROT, 1987; RABATEL, 2013), além de considerarmos as formas, sobretudo marcadas, da *heterogeneidade enunciativa* (AUTHIER-REVUZ, 1990), entre elas, o *discurso relatado* (CHARAUDEAU, 2009); 3) o *vocabulário* e os *temas* aos *indutores linguístico-discursivos* apontados por Turpin (2016) e aos *temas instituídos* apresentados por Sayad (1998); 4) o plano referente ao *modo de enunciação* às definições de *éthos* apresentadas pelo próprio Maingueneau (2008a; 2016), em trabalhos mais recentes, e por Kerbrat-Orecchioni (2010).

No último capítulo, analisamos discursivamente os textos do *corpus*, divididos em duas partes: a dos textos midiáticos e a das narrativas de vida. Para cada uma delas, apresentamos os procedimentos metodológicos que empregamos para a coleta, a organização e a própria análise dos textos. No caso das notícias, procuramos categorizá-las conforme alguns eixos temáticos que identificamos no conjunto de textos e empreendemos nossa análise discursiva no interior de cada eixo, relacionando as notícias relativas a ele. Já no caso das narrativas de vida, propusemos analisá-

las individualmente, apesar dos inegáveis aspectos que as aproximam, como vimos na discussão dos resultados. Ainda assim, as peculiaridades e os traços de subjetividade que caracterizam cada uma delas as tornam dignas de serem apresentadas/analizadas separadamente e colocadas em lugar de destaque. Após esse processo, buscamos discutir as análises desenvolvidas, comparando-as e confrontando-as com as hipóteses traçadas ao início de nossa pesquisa, como forma de melhor interpretar os resultados obtidos.

Traçado esse percurso teórico e analítico, pudemos observar, de fato, divergências entre as representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados elaboradas nos/pelos discursos institucionais e midiáticos e nos/pelos discursos dos próprios sujeitos deslocados. Paralelamente, pudemos constatar que as representações que predominam no espaço público e no senso comum são as que atribuem a esses sujeitos um *status* de minorias sociais, com toda a carga de estigmas e de discriminações que esse *status* suscita, apesar das iniciativas voluntárias de alguns membros da sociedade civil e de entidades religiosas voltadas para o acolhimento de imigrantes e refugiados, como apontado por muitos deles em suas narrativas de vida. De todo modo, uma vez silenciados ou privados de um lugar de fala que é seu por direito, os sujeitos migrantes se veem constantemente representados sob um “discurso da falta” ou sob imaginários outros que não os representam da maneira como identificam a si próprios. Logo, julgamos fundamental situar as reflexões sobre as representações sociodiscursivas na esfera de uma discussão mais ampla sobre representatividade.

Nesse sentido, a maior contribuição deste trabalho, que foi se delineando ao longo de sua própria realização e se tornou mais nítida com base nas falas dos imigrantes e refugiados com quem tivemos a oportunidade de dialogar, é (fazer) pensar em formas efetivas de, na prática, garantir a equidade na participação social desses grupos. Uma vez que, tanto na esfera acadêmica quanto na social, esforços de diversas ordens têm sido gradativamente empenhados para analisar o fenômeno das migrações contemporâneas e incluí-lo na agenda política, um caminho possível de ação é a aproximação mais estreita dessas iniciativas, tendo em vista maior reciprocidade entre os interesses da produção científica e do engajamento social. Podemos sinalizar, por exemplo, algumas possibilidades de colaboração entre trabalhos já existentes e/ou embrionários no âmbito do acolhimento humanitário, como os desenvolvidos por projetos de pesquisa e extensão voltados para o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) em centros de ensino relevantes – com destaque para a UFMG, a PUC Minas e o CEFET-MG – e por entidades sociais atuantes na Região Metropolitana de Belo Horizonte – principalmente o Coletivo de Mulheres Migrantes Cio da Terra e o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados.

Uma ação enriquecedora para o intercâmbio de experiências de acolhimento, ligadas ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa, é a realização articulada e contínua de grupos de estudo,

rodas de conversa e jornadas de formação que possibilitem entender as especificidades de cada uma dessas iniciativas, bem como os diferentes perfis de grupos para os quais estão voltadas, em relação aos contextos migratórios em que se inserem (origem e estatuto jurídico) e às características pessoais de seus integrantes (gênero, faixa etária, domínio da língua portuguesa, situação socioeconômica, dentre outras). O fortalecimento de parcerias dessa natureza, ao contar com o envolvimento de representantes dos grupos de imigrantes e refugiados que integram a comunidade acadêmica e/ou as do entorno, parece-nos um passo significativo para compreender as demandas individuais e comunitárias, além das contribuições sociais desses sujeitos, e para alcançar melhorias de maior impacto em suas vidas, fruto da socialização de suas próprias narrativas e reflexões sobre os modos como o acolhimento se dá.

Com base nessas trocas, é possível identificar mais claramente de que modo essas iniciativas se complementam e podem se articular ainda na elaboração conjunta de projetos de captação de recursos, direcionados às organizações nacionais e internacionais gestoras das migrações contemporâneas, para o investimento na execução de atividades voltadas não só para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, mas também para a capacitação profissional / geração de renda e a formação sociopolítica de imigrantes e refugiados. Entendendo, pois, o domínio do português não como mera finalidade das práticas de ensino em contexto de acolhimento, e sim como instrumento de empoderamento e transformação social, a proposta de atividades que atravessam diversas esferas do conhecimento e da sociedade – como educação, trabalho e política – só faz sentido dentro de uma perspectiva multicultural, que valorize as vivências e os saberes acumulados por esses sujeitos e que, por isso, sejam também orientadas por eles.

Finalmente, a projeção dessas reflexões na sociedade do entorno, viabilizada por esses mesmos projetos e conduzida por imigrantes e refugiados, além de necessária para sensibilizar essa sociedade quanto aos princípios do acolhimento humanitário, mostra-se cada vez mais importante para engajá-la na luta por políticas públicas que contemplem, com mais especificidade, a(s) condição(ões) dos sujeitos migrantes. Ainda que, constitucionalmente, eles tenham o direito de usufruir dos mesmos serviços básicos assegurados a brasileiros no país, podemos perceber uma série de lacunas, fruto de uma negligência profunda das instâncias políticas, no que tange à equidade de acesso a direitos e serviços por esses sujeitos. Isso só será possível a partir da consolidação de políticas públicas que intermediassem sua integração na sociedade, a exemplo do que apontam os estudos no âmbito das políticas linguísticas, que propõem a regulamentação do ensino-aprendizagem de PLAc nas instituições públicas do Brasil. Contudo, medidas como esta, embora condizentes com os princípios de um Estado democrático, ainda não ocupam o foco das discussões que atravessam os espaços de poder e decisão, pouco ocupados por representantes desses

grupos, e, por isso, dependem de uma mobilização coletiva para se consolidarem em nossa sociedade.

Diante disso, reconhecemos que a experiência das migrações contemporâneas, apresentada segundo a perspectiva de imigrantes e refugiados, tem o potencial de promover significativas transformações nas sociedades, não apenas na dinâmica das relações entre os diversos atores sociais, mas principalmente nos modos como essas sociedades (se) pensam face à alteridade. Assim, para que se possa falar de uma democratização efetiva dessas sociedades, é essencial, entre outras questões, promover uma democratização dos próprios espaços de fala, como forma de garantir a representatividade social dos diversos grupos que as integram. E, para que isso se concretize, é necessária uma reconstrução, ainda que a médio e/ou a longo prazo, dos sistemas de pensamento hegemônicos que marginalizam certos sujeitos e grupos sociais. Isso só poderá ocorrer a partir do momento em que se restituir a esses sujeitos o seu direito ao lugar de fala, assegurando seu protagonismo na produção de novos saberes, por meio de uma atitude de escuta e de acolhimento assumida pela sociedade do entorno.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR) / UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). *Coletânea de Instrumentos de Proteção Nacional e Internacional de Refugiados e Apátridas*. Brasília: ACNUR Brasil, 2013.

_____. *Global trends: forced displacement in 2017*. Switzerland: UNCHR, 2018. Relatório.

_____. *Global trends: forced displacement in 2018*. Switzerland: UNCHR, 2019. Relatório.

AKOKA, Karen. Qu'est-ce qu'un réfugié ? Des usages politiques des définitions juridiques. In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p.183-197.

ASSIS, Gláucia de O.; CECHINEL, Michelle M. S.; JUNG, Pilipp R. Aqui para ficar ou só de passagem? Experiências migratórias de senegaleses e ganeses no Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais*, v.33, n.2, s/p, jul./dez.2018.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) discursiva(s)*. Campinas, SP: Cad. Est. Ling., v.19, p.25-42,1990.

BAENINGER, Rosana. Contribuições da academia para o Pacto Global da Migração: o olhar do Sul. In: BAENINGER, Rosana et al. (org.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

_____. et al. (org.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BASTOS, Marco; RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. *Análise de Redes para Mídia Social*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

BAKHTIN, Maikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, Émile. A subjetividade da linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2006.

BOUDOU, Benjamin. Étranger : la constitution progressive d'une catégorie juridique et statistique. In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p.91-97.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 maio de 2017, Seção 1, p. 1-7.

CALABRESE, Laura. Migrant ou réfugié? L'enjeu des dénominations des personnes dans le discours médiatique. In: ____; VENIARD, Marie (éds). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p.153-160.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Glaucia P.; LIMBERTI, Rita P. (orgs). *Discurso e (des)igualdade social*. Belo Horizonte: Contexto, 2015. p.13-29.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CIVIL, Jude. *Dobras do tempo: a comunicação entre passado e presente a partir de experiências de imigração, racismo e desigualdades de gênero em relatos orais de haitianas em Belo Horizonte*. 2018. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CLOCHARD, Olivier. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, v. 2, p. 1-8, sep./nov. 2007. Disponível em: <http://echogeo.revues.org/1696>.

COMITÊ NACIONAL PARA REFUGIADOS (CONARE). *Refúgio em números*. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2018.

COMITÊ NACIONAL PARA REFUGIADOS (CONARE). *Refúgio em números*. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2019.

DAHLET, Patrick. Exclusão e (re)construção identitária na areia. In: LARA, Glaucia M. P.; LIMBERTI, Rita de C. P. (orgs.). *Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.77-95.

DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DINIZ, Leandro R. A.; NEVEZ, Amélia de O. Políticas linguísticas de (in)visibilização de estudantes imigrantes e refugiados no ensino básico brasileiro. *Revista X*, v.13, n.1, p.87-110, 2018.

DUCARD, Dominique. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, Glaucia P.; LIMBERTI, Rita de C. P. (orgs). *Discurso e (des)igualdade social*. Belo Horizonte: Contexto, 2015. p.109-128.

- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p.161-218.
- EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: _____ (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013. p.69-103.
- _____. Argumentation, postures énonciatives et interdiscursivité dans la médiation journalistique d'un événement. In: _____; LARA, Glaucia M. P.; MACHADO Ida L. (orgs.). *Análise do Discurso: situações de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 219-254.
- FIALA, Pierre. La famille migr-, champ lexical et affrontements discursifs. In: *Penser les mots, dire la migration*. . In: CALABRESE, Laura ; VENIARD, Marie (éds.). Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattam, 2018. p.145-152.
- GROSSO. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.
- GUADANINI, Sandra Magna. A construção da opinião e a designação nas revistas informativas. In: EMEDIATO, Wander (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013. p.137-155.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. O ethos em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v.3, p.117-135.
- KOCK, Ingedore G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAACHER, Smaïn. *C'est qu'immigrer veut dire : idées reçues sur l'immigration*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2012.
- LARA, Glaucia Muniz Proença. A(s) voz(es) dos vulneráveis: narrativas de vida de imigrantes e refugiados à luz da Análise do Discurso. In: BARONAS, Roberto L. *et al.* (orgs.). *As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamentos de vulneráveis: reflexão e práxis – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi*. Campinas, SP: Pontes, 2018. p. 145-166.
- _____. *Análise do discurso e (des)igualdade social: representações discursivas dos segregados/excluídos no Brasil e na França*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2017.
- _____; LIMBERTI, Rita de C. P. (orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. Belo Horizonte: Contexto, 2015.
- LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. *REMHU: "Projeto migratório"*, v. 14 n. 26/27, 2006.
- LOPEZ, A. P. A.; DINIZ, L. R. A. Iniciativas Jurídicas e Acadêmicas para o Acolhimento no Brasil de Deslocados Forçados. *Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira (SIPLE)*, n.9, p. 31-56, s/d.

MACHADO, Ida Lucia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. *Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, 2011.

_____. *Percurso de vida que se entremeiam a percursos teóricos*. Projeto de Pesquisa CNPq, 2013.

_____. *Reflexões sobre uma corrente de Análise do Discurso e sua aplicação em Narrativas de Vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: Kleiman Cavalcanti. (Org.). *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto. 2008c. p.11-29.

_____. Ethos literário, ethos publicitário e apresentação de si. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v. 3, p.193-207.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016. p.69-92.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOULIN, Carolina. A política internacional da mobilidade: governabilidade global e a produção da diferença no discurso disciplinar contemporâneo. In: OLIVEIRA, S. (org.). *Migrações e a Pan-Amazônia*. Manaus: Editora UFAM, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. *World Migration Report 2020*. Switzerland: IOM, 2019. Relatório.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *As formas do silêncio*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013. p. 19-66.

- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- SANTIAGO, Maria Magda de Lima. *Efeitos de credibilidade no jornalismo de opinião: heterogeneidade e subjetividade na crítica política ao governo Temer*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SANTOS, Marília C. “*Felicidade Clandestina*”: *refúgio e família no Brasil*. 2014. 150p. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *The suffering of the immigrant*. Cambridge: Polity Press, 2004.
- SENADO FEDERAL. *Estatuto do Estrangeiro: Regulamentação e legislação correlata*. Brasília: Senado Federal, 2013.
- SOUZA, Dimas Antônio de. *Diagnóstico sobre migração e refúgio em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UNILIVRECOOP, 2017.
- THERRIER, Dina. *Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e interações comunicativas marcadas por afetos*. 2018. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- TURPIN, Béatrice. A discriminação dos ciganos na imprensa francesa. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco (orgs.). *Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.117-133.
- VAN DIJK, Teun A. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, Glaucia P.; LIMBERTI, Rita P. (orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. Belo Horizonte: Contexto, 2015. p.31-48.

ANEXOS

Anexo 1

Estado de Minas

Total de notícias: 46 (de 01/01 a 24/04)

Eixos temáticos:

- imigração na Grande BH – 2 notícias
- imigração no Brasil – 8 notícias
- migração no mundo – 6 notícias
- imigração extraordinária/turismo – 5 notícias
- relações/conflitos internacionais – 22 notícias
- outro – 3 notícias

01/01

<https://www.facebook.com/297674750278959/posts/2133397430040006/>

Post: Dia 01/01, 7h - 35 reações, 1 comentário, 4 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.
Capa do jornal impresso – manchete: “Ano Novo, Pátria Nova”. Reportagem com Maha Mamo.

03/01

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/01/03/interna_nacional,1018550/colombiano-e-encontrado-morto-em-santa-teresa-no-rio.shtml

Post: Dia 03/01, 23h - 16 reações, 0 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 12/02.

07/01

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/07/interna_gerais,1019345/acidente-com-suspeita-de-embriaguez-causa-morte-de-colombiano-em-bh.shtml

Post: Dia 07/01, 12h50 - 10 reações e 0 comentários/compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

08/01

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/08/interna_internacional,1019805/brasil-deixa-pacto-global-pela-imigracao-da-onu.shtml

Post: Dia 08/01, 21h40 - 80 reações, 9 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

11/01

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/01/11/interna_nacional,1020681/mais-de-1-4-mil-vagas-de-cubanos-nao-sao-preenchidas-por-brasileiros.shtml

Post: Dia 12/01, 13h30 - 61 reações, 57 comentários, 39 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

13/01

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/13/interna_internacional,1021006/italiano-cesare-battisti-e-presos-na-bolivia.shtml

Post: Dia 13/01, 10h42 - 75 reações, 17 comentários, 8 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/13/interna_internacional,1021038/battisti-fara-escala-no-brasil-antes-de-ser-extraditado-para-italia.shtml

Post: Dia 13/01, 13h09 - 70 reações, 42 comentários, 8 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

14/01

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/14/interna_politica,1021178/italia-frustra-acao-do-brasil-para-extraditar-battisti.shtml

Post: Dia 14/01, 9h30 - 464 reações, 364 comentários, 28 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

28/01

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/28/interna_gerais.1025331/comboio-com-missao-israelense-chega-a-brumadinho.shtml

Post: Dia 28/01, 13h50 - 311 reações, 39 comentários, 133 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

29/01

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/29/interna_gerais.1025820/homens-sao-os-equipamentos-mais-avancados-que-temos-diz-israelense.shtml

Post: 29/01, 21h30 – 471 reações, 17 comentários, 50 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

30/01

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/30/interna_internacional.1026194/italia-permite-desembarque-de-imigrantes-apos-acordo-entre-7-paises-eu.shtml

31/01

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/31/interna_gerais.1026462/israelenses-estariam-desconfortaveis-com-subutilizacao-em-brumadinho.shtml

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/31/interna_gerais.1026489/porta-vozes-negam-conflito-entre-tropas-israelenses-e-brasileiras.shtml

06/02

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/02/06/interna_nacional.1028330/medica-cubana-e-morta-pelo-marido-com-golpes-de-chave-de-fenda.shtml

Post: 06/02, 15h50 – 75 reações, 26 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/06/interna_internacional.1028510/governadora-do-novo-mexico-desafia-trump-e-tira-tropas-da-fronteira.shtml

Post: 07/02, 14h30 – 23 reações, 4 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

13/02

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/02/13/interna_nacional.1030253/brasileiros-preenchem-todas-as-vagas-de-cubanos-no-mais-medicos.shtml

Post: 13/02, 18h40 – 1994 reações, 211 comentários. Último acesso: 14/02.

14/02

https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/02/14/internas_economia.1030552/bolsonaro-ministerio-foi-rapido-para-preencher-vagas-no-mais-medicos.shtml

Post: 14/02, 20h40 – 133 reações, 26 comentários, 11 compartilhamentos. Último acesso: 15/02.

18/02

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/18/interna_internacional.1031607/chile-promove-criacao-de-novo-grupo-sul-americano-ante-fracasso-da-una.shtml?fbclid=IwAR0uwb-bUPXJwbSrm8AK-gigu3FRRBXhVcCnqGT9fEIPF81N1xf6-eqH6z8

Post: 19/02, 2h – 22 reações, 1 comentário, 2 compartilhamentos. Último acesso: 20/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/18/interna_internacional.1031608/ataque-a-policia-na-fronteira-colombia-venezuela-deixa-um-morto.shtml?fbclid=IwAR26z3UHmXOMIbfGpJ25Cr5am--NbwVoFt_td8kQELPJK1uNLkFitev985c

Post: 19/02, 4h – 12 reações, 0 comentários, 3 compartilhamentos. Último acesso: 20/02.

20/02

https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2019/02/20/noticias-artes-e-livros.241892/livro-de-ayobami-adebayo-revela-dilemas-da-africa-contemporanea.shtml?fbclid=IwAROP9OwE50-rh2hzuMyQwf9e1r_lvBjkQNJ_cnf7FEHSsW88R5OM9zHhLk

Post: 20/02, aprox. 19h30 – 18 reações, 3 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 21/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/20/interna_internacional.1032308/anistia-internacional-pede-a-maduro-que-aceite-ajuda-para-venezuela.shtml?fbclid=IwAR0IHw7TV-qaPn4s-J8nrH-UgybMO5MrdX4ZubcqZ0DBko53gUzJGkLjnQ

Post: 20/02, aprox. 5h30 – 9 reações, 0 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 21/02.

21/02

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/21/interna_internacional,1032523/maduro-fecha-fronteira-da-venezuela-com-o-brasil-por-tempo-indefinido.shtml

Post: 21/02, 20h30 - 15 reações, 3 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 22/02.

22/02

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/21/interna_internacional,1032624/brasil-mantem-ajuda-a-venezuela-mesmo-com-fronteira-fechada.shtml

Post: 22/02, 5h - 15 reações, 0 comentários, 3 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/22/interna_internacional,1032835/militares-venezuelanos-matam-dois-e-ferem-15-na-fronteira-com-brasil.shtml

Post: 22/02, 13h46 - 161 reações, 23 comentários, 82 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/02/22/interna_politica,1032877/santos-cruz-participa-no-quenia-de-reuniao-da-onu-sobre-missoes-de-paz.shtml?fbclid=IwAR1UrvJh9ml0FsXGowjE1cNrzj4kOoCqbXgryqSji1gwImcmyi-4tSM5CXs

Post: 22/02, 13h30 - 5 reações, 0 comentários, 0 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

23/02

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/02/22/interna_politica,1032966/operacao-de-ajuda-a-venezuela-tera-inicio-neste-sabado-diz-governo.shtml?fbclid=IwAR1cRuAjrfei4BOBhj6mSONgYoxe5UcNnQR5IA8PhmMA0WWcFa0UjtW0_LFI

Post: 23/02, 4h - 33 reações, 13 comentários, 5 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/23/interna_internacional,1033054/ministro-da-defesa-brasileiro-afirma-que-nao-ha-possibilidade-de-confr.shtml

Post: 23/02, aprox. 11h20 - 20 reações, 2 comentários, 3 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/23/interna_internacional,1033086/em-manha-tensa-na-fronteira-maduro-e-guaido-convocam-manifestacoes.shtml?utm_source=fanpage&utm_medium=twitter

Post: 23/02, 14h30 - 16 reações, 1 comentário, 2 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/23/interna_internacional,1033163/colombia-diz-que-60-militares-venezuelanos-pediram-refugio.shtml

Post: 23/02, 22h20 - 78 reações, 6 comentários, 50 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

24/02

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/24/interna_internacional,1033252/guaido-aposta-na-pressao-internacional-apos-tentativa-frustrada-de-ent.shtml?utm_source=fanpage&utm_medium=twitter&fbclid=IwAR1T1jsSi6Q7qhFBfRNLZzbbDXarmTUM9-h4iLjd6hjU6HEk56em5huNKqU

Post: 24/02, aprox. 13h50 - 33 reações, 10 comentários, 10 compartilhamentos. Último acesso: 25/02.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/24/interna_internacional,1033294/dois-militares-venezuelanos-pedem-refugio-no-brasil.shtml?utm_source=fanpage&utm_medium=twitter&fbclid=IwAR0cucjDbCckOtsPonAkYVKsUe_NZYKO2hlW9Ps7A0BQrwlWGcHr4pi1nlM

Post: 24/02, aprox. 20h45 - 116 reações, 15 comentários, 21 compartilhamentos. Último acesso: 25/02.

28/02

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/02/28/interna_politica,1034444/bolsonaro-e-guaido-se-reunem-no-palacio-do-planalto.shtml

Post: 28/02, 8h31 - 55 reações, 22 comentários, 6 compartilhamentos. Último acesso: 01/03.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/28/interna_internacional,1034432/exercito-da-venezuela-revista-celulares-de-brasileiros-na-fronteira.shtml

Post: 28/02, 11h - 27 reações, 3 comentários, 11 compartilhamentos. Último acesso: 01/03.

06/03

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/06/interna_internacional,1035781/venezuela-sofre-novas-sancoes-dos-eua-e-expulsa-embaixador-alemao.shtml

Post: 06/03, 21h20 - 16 reações, 5 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 07/03.

15/03

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/14/interna_internacional,1037985/senado-dos-eua-derruba-manobra-de-trump-para-erguer-muro-na-fronteira.shtml?fbclid=IwAR1xJFPXLeQra_tS9ACt_gqRTAeD4Y3G06wXoI9sbyU3IGd2boq_I2RP-IE

Post: 15/03, 4h - 18 reações, 1 comentário, 2 compartilhamentos. Último acesso: 18/03.

26/03

https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2019/03/26/noticia_cruzeiro,574922/antes-do-jogo-entre-cruzeiro-e-lara-edilson-se-emociona-com-venezuela.shtml

Post: 26/03, 16h20 - 61 reações, 18 comentários, 5 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/26/interna_internacional,1041287/brasileiros-sao-presos-na-italia-por-fraude-em-pedido-de-cidadania.shtml

Post: 26/03, 23h40 - 13 reações, 4 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 03/04.

30/03

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/29/interna_internacional,1042306/china-envia-65-toneladas-de-remedios-e-insumos-medicos-para-a-venezuela.shtml

Post: 30/03, 2h30 - 74 reações, 23 comentários, 19 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/29/interna_internacional,1042346/cuba-pede-que-bloco-caribenho-rejeite-eventual-agressao-militar-a-vene.shtml

Post: 30/03, 4h30 - 40 reações, 27 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/03/30/interna_nacional,1042462/holandes-e-presos-suspeito-de-estuprar-menina-de-dois-anos.shtml

Post: 30/03, 20h - 14 reações, 1 comentário, 1 compartilhamento. Último acesso: 03/04.

04/04

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/04/interna_internacional,1043874/trump-ameaca-tarifas-automoveis-se-mexico-nao-deter-migracao-e-trafficos.shtml

Post: 04/04, 21h10 - 31 reações, 8 comentários, 4 compartilhamentos. Último acesso: 09/04.

06/04

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/05/interna_internacional,1044225/nosso-pais-esta-cheio-diz-trump-na-fronteira-com-mexico.shtml

Post: 06/04, 2h30 - 11 reações, 1 comentário, 1 compartilhamento. Último acesso: 09/04.

10/04

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/09/interna_internacional,1045148/oea-aceita-representante-de-guaido-ate-que-haja-novas-eleicoes-na-vene.shtml?fbclid=IwAR3rfm3yBIwF6ahE2D3heC-ItayWCw6ZGpY3Y70eANe-jBUeVQ4_ocRjYkE

Post: 10/04, 3h - 9 reações, 0 comentários e 4 compartilhamentos. Último acesso: 16/04.

12/04

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/04/12/interna_gerais,1045793/bh-recebe-encontro-solidario-no-mineirao-neste-fim-de-semana.shtml?fbclid=IwAR0QiCOPaPg4I1DBSRKnZnRw4EvtWJgmbGd2pzJ2S45eONAL4ZKmsu5iss

Post: 12/04, 19h40 - 12 reações, 0 comentários e 1 compartilhamento. Último acesso: 16/04.

13/04

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/12/interna_internacional,1046012/pacientes-com-parkinson-sofrem-com-falta-de-remedios-na-venezuela.shtml?fbclid=IwAR1k6hnwejgP1-S9XcYRSZKc62WqkrymEx3xQdX25znwLlwZqsHjUtBESUo

Post: 13/04, 5h30 - 12 reações, 3 comentários, 5 compartilhamentos. Último acesso: 16/04.

17/04

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/16/interna_internacional,1046831/ajuda-humanitaria-da-cruz-vermelha-chega-a-venezuela.shtml

Post: 17/04, 3h29 - 10 reações, 0 comentários, 3 compartilhamentos. Último acesso: 18/04.

Anexo 2

O Tempo

Total de notícias: 47 (de 01/01 a 24/04)

Eixos temáticos:

- imigração na Grande BH – 3 notícias [abordada por alto em 2 outras]
- imigração no Brasil – 7 notícias [abordada por alto em 1 outra]
- imigração no mundo – 6 notícias [abordada por alto em 1 outra]
- imigração extraordinária/turismo – 8 notícias [abordada por alto em 1 outra]
- relações/conflitos internacionais – 16 notícias
- outro – 7 notícias

09/01

<https://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/bolsonaro-diz-que-brasil-jamais-se-recusar%C3%A1-a-ajudar-imigrantes-1.2088638>

13/01

<https://www.otempo.com.br/capa/brasil/battisti-ser%C3%A1-trazido-ao-brasil-antes-de-ser-enviado-para-it%C3%A1lia-1.2090184>

30/01

https://www.otempo.com.br/cidades/agentes-de-israel-distraem-moradores-de-brumadinho-com-jogos-1.2129385?fbclid=IwAR1YANDdoFMDU4_tEh8VgUjOatPVhN-npdvao01JNignnwhU5AwlOKRdEYk
https://www.otempo.com.br/cidades/desastre-em-brumadinho/ex%C3%A9rcito-israelense-voltar%C3%A1-mais-cedo-devido-a-mal-estar-generalizado-1.2129461?fbclid=IwAR0PLRArhV7hDb5QAZ9_8bobKf2pWFXmXTy8Jrp7tIcUY-vGlbE-4u-Bb1l

Post: 30/01, 23h09 – 2852 reações, 987 comentários, 812 compartilhamentos. Último acesso: 18/02.

31/01

https://www.otempo.com.br/cidades/bombeiros-confirmam-que-israelenses-deixam-o-brasil-nesta-quinta-1.2129554?fbclid=IwAR3IN_XSgdtO9yQU3RtrR69GqCJMsuHHp_wcqqlvh-TXssRuMAKU9U0SvU

01/02

https://www.otempo.com.br/cidades/desastre-em-brumadinho/ap%C3%B3-3-dias-israelenses-partem-em-a%C3%A7%C3%A3o-que-custou-us-7-milh%C3%B5es-1.2130073?fbclid=IwAR1YSnKJSLSm5jWbvES5x_mJ72dk0crPh9SyeonoIlgCtfM7mPqC7bhVRKM

Post: 01/02, 08h04 – 1350 reações, 333 comentários, 408 compartilhamentos. Último acesso: 16/02.

https://l.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.otempo.com.br%2Fcidades%2Fmilitares-israelenses-que-ajudaram-em-brumadinho-chegam-a-telaviv-1.2130295%3Ffbclid%3DIwAR3Z2_cXZQgSH_0efLBBBoHICFiCpeHEEiP32Jy5qfkz9mDs6Yh1kmie2nY&h=AT164ku7W2w_sn7ADgx86kgxDLreK4UxYRph5gdhGVnqO7IWKzSapFogaEm1Mca3vchBdvGd7x7EDU33mVtkNC4GKj0Xv9u8QeMOMwayj2LJPqrj6cKuPR98ctue3hUEAnHUFn0JeYdD8t4Unj4UveQSV3vTUBa6UiswXowJat2QeZcqVNLc4p3uL2WO8rWjJOfqv0DhAEITMRCnQznIhtNe27rynOY5IEJEeekpxrFKoVZbSrLYvbVGCzPqIhx354ajkO1sSwjrw22FTx9AafC7aszBnVPer_duDvgglFxb3w3RWKLZ3_081kxOIIgPK6jsHXDDQuy42EOs4rE2z2mroyS8QJKrFy5iHAG1zq7daOkO7NOIxYzuLNHAMgVSAV6DIXUPsbmtq2C8Lqo1YhK66Vfy4mym90BGHHk7hSpUK3cCkgUB2U7VffKZvOGO1nL7Qgg_wXYiutmZfybX_dk-vaGE5aJlprf4xEWQpjGv-rQUbvNShbTF3pH7JdYHCR4GxDUvj8K6wL83fY-dhYgz_zNFfqHL_mufMCxieTOIAE-uRgqvoTDfEYmr7Z0nPsbIva5j8K0WpHDAeqMvs0RSZYmziZGSms3b1gw9z-QlyufdhDL5Ec6q-nAzjOW7PrI

Post: 01/02, 17h59 – 690 reações, 109 comentários, 46 compartilhamentos. Último acesso: 16/02.

04/02

https://www.otempo.com.br/capa/brasil/m%C3%A9dica-cubana-%C3%A9-assassinada-com-golpes-de-chave-de-fenda-1.2131295?fbclid=IwAR37yHn7LnOei6_69AbzxAhfg0AdZojLzrsWJqZqj7fvQJqVA8mGZeXRdJY

05/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/cidades/grupo-de-45-venezuelanos-ser%C3%A1-transferido-para-minas-gerais-1.2131809>

Post: 05/02, 14h18 – 286 reações, 122 comentários, 31 compartilhamentos. Último acesso: 16/02.

14/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/cidades/m%C3%A3e-de-bh-acusa-pai-de-ter-sequestrado-filha-e-sumido-com-ela-na-nig%C3%A9ria-1.2136470>

Post: 14/02, 15h34 - 93 reações, 6 comentários, 54 compartilhamentos. Último acesso: 15/02.

17/02

https://www.otempo.com.br/cidades/venezuelanos-que-est%C3%A3o-em-minas-sonham-poder-voltar-para-casa-1.2137800?fbclid=IwAR26Xg5tuFj3b6XznW3M_Hy1LGn8mXjaH9DJx7vBzg7N7V_8LjfmqEbyZD0

Post: 17/02, aprox. 22h – 178 reações, 9 comentários, 5 compartilhamentos. Último acesso: 18/02.

21/02

<https://www.otempo.com.br/capa/mundo/maduro-anuncia-fechamento-total-de-fronteira-terrestre-com-o-brasil-1.2139539?fbclid=IwAR1bZwUPsCNeFJCZyv2t6JgfKsq76CQUXbirm7VOKF4M85MNV1E8zp7mFZQ>

Post: 21/02, 15h15 - 123 reações, 45 comentários, 14 compartilhamentos. Último acesso: 22/02.

22/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/venezuela-dois-mortos-e-15-feridos-ap%C3%B3-soldados-abrirem-fogo-contra-civis-1.2140058>

Post: 22/02, 12h28 - 915 reações, 217 comentários, 625 compartilhamentos. Último acesso: 23/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/avi%C3%A3o-da-fab-com-ajuda-humanit%C3%A1ria-%C3%A0-venezuela-j%C3%A1-est%C3%A1-em-boa-vista-1.2140063>

Post: 22/02, 14h04 - 131 reações, 29 comentários, 12 compartilhamentos. Último acesso: 23/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/bolsonaro-convoca-reuni%C3%A3o-para-discutir-tens%C3%A3o-na-fronteira-da-venezuela-1.2140160>

Post: 22/02, 17h41 - 112 reações, 67 comentários, 25 compartilhamentos. Último acesso: 23/02.

23/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/venezuela-ordena-fechar-a-fronteira-com-a-col%C3%B4mbia-no-estado-de-t%C3%A1chira-1.2140436>

Post: 23/02, 8h35 - 19 reações, 1 comentário, 7 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/maduro-e-guaid%C3%B3-medem-for%C3%A7as-em-s%C3%A1bado-tenso-na-venezuela-1.2140467>

Post: 23/02, 11h12 - 66 reações, 22 comentários, 23 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/quatro-militares-venezuelanos-desertam-depois-de-atravesar-a-fronteira-1.2140470>

Post: 23/02, 11h35 - 567 reações, 36 comentários, 155 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/guarda-nacional-bolivariana-amplia-fechamento-da-fronteira-com-o-brasil-1.2140473>

Post: 23/02, 13h10 - 17 reações, 2 comentários, 0 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/na-fronteira-venezuelana-manifestantes-jogam-pedras-na-pol%C3%ADcia-1.2140499>

Post: 23/02, 15h03 - 27 reações, 1 comentário, 7 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/caminh%C3%A3o-do-brasil-com-ajuda-cruza-fronteira-da-venezuela-em-pacaraima-1.2140534>

Post: 23/02, 17h - 77 reações, 6 comentários, 8 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/deser%C3%A7%C3%B5es-nas-for%C3%A7as-de-seguran%C3%A7a-venezuelanas-sobem-para-60-1.2140599>

Post: 23/02, 20h01 - 156 reações, 26 comentários, 27 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

24/02

https://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/vittorio-medioli/venezuela-para-l%C3%A1-de-madura-1.2140614?fbclid=IwAR3zK_GMRo9ydG7mo51YRAK_xbtFgXasvlgGfK6gwE9jqv2R0hkAGb8O3M

Post: 24/02, aprox. 10h30 – 14 reações, 1 comentário, 3 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/mour%C3%A3o-e-ara%C3%BAjo-v%C3%A3o-hoje-para-bogot%C3%A1-para-reuni%C3%A3o-do-grupo-de-lima-1.2140783?fbclid=IwAR2YZUXM_RgibmUNd4cCQRyXK7KU8FiPv9RdVg1-ZHbfRHadiUrEg5Depjs

Post: 24/02, aprox. 12h30 – 11 reações, 2 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 25/02.

https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/carnaval-2019/governador-de-roraima-vai-decretar-estado-de-calamidade-na-sa%C3%BAde-1.2140843?fbclid=IwAR1HaoboMTIbLWUIU2VbOi4kprnQzjJLR_0QvkLMc9wZGsr5jQtc4nLMUK

Post: 24/02, aprox. 18h30 – 55 reações, 2 comentários, 14 compartilhamentos. Último acesso: 25/02.

<https://www.otempo.com.br/capa/mundo/governo-venezuelano-canta-vit%C3%B3ria-por-bloqueio-de-ajuda-humanit%C3%A1ria-1.2140901?fbclid=IwAR16dP8cE5AmVZNUeCY76yy1ztOySLxLi8iabpEDSE69Vo-ZTW3lJHn5xWI>

Post: 24/02, aprox. 20h20 – 74 reações, 7 comentários, 11 compartilhamentos. Último acesso: 25/02.

25/02

<https://www.otempo.com.br/capa/mundo/mais-de-170-militares-venezuelanos-desertaram-para-brasil-e-col%C3%B4mbia-1.2141257?fbclid=IwAR2OnKx3sXOtZmZ79znTP7uLaRh6njIUT-ZR-Pblwaj7kDjvzMI2evIRPdk>
[Imigração venezuelana para o Brasil]

Post: 25/02, aprox. 17h30 – 599 reações, 34 comentários, 361 compartilhamentos. Último acesso: 26/02.

26/02

<https://www.otempo.com.br/capa/mundo/com-escassez-de-caix%C3%B5es-enterro-se-torna-via-cr%C3%BAcis-1.2141506?fbclid=IwAR2H5G2EEeXCjtGc0jkNi32plyGll4K18fOCAZiilsCHw2ztcQCHY72TgH3g>

Post: 26/02, aprox. 10h15 – 224 reações, 23 comentários, 97 compartilhamentos. Último acesso: 27/02.

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/brasil-define-com-venezuela-retirada-de-brasileiros-da-fronteira-1.2141867?fbclid=IwAR39FvPicqAF2dBQk67Ecfnm2c7Y3jHWu8EQtcCbp-c8C_nHrp4rZivOmDA

Post: 26/02, aprox. 23h45 – 27 reações, 0 comentários, 9 compartilhamentos. Último acesso: 27/02.

28/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/guaid%C3%B3-diz-que-h%C3%A1-300-mil-venezuelanos-em-risco-de-morte-na-venezuela-1.2142677>

Post: 28/02, 16h29 - 111 reações, 62 comentários, 33 compartilhamentos. Último acesso: 01/03.

10/03

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/trump-pedir%C3%A1-o-equivalente-a-r-33-bi-para-muro-na-fronteira-com-m%C3%A9xico-1.2147672?fbclid=IwAR1M0jTdJYOzjAnu8iJzTb9GLKDTcWdM6zY_r1S2aOsqVKjgezYAmoG8RSs

Post: 10/03, aprox. 22h – 20 reações, 11 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 11/03.

12/03

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/col%C3%B4mbia-barras-parentes-de-maduro-que-tentavam-fugir-de-apag%C3%A3o-na-venezuela-1.2148449>

Post: 12/03, 15h40 - 97 reações, 12 comentários, 15 compartilhamentos. Último acesso: 13/03.

15/03

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/em-manifesto-atirador-da-nova-zel%C3%A2ndia-critica-miscigena%C3%A7%C3%A3o-no-brasil-1.2149999?fbclid=IwAR0W7dkIPopa7XAM8FkmG0CRwpRdcz4I00c_anMmftLOGzR2Un8ikH6oxfA

Post: 15/03, 15h32 – 662 reações, 147 comentários, 174 compartilhamentos. Último acesso: 18/03.

17/03

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/governo-quer-fim-do-visto-para-brasileiros-nos-estados-unidos-1.2150188?fbclid=IwAR17-wwUPkCJeXcBFkzQ5RivISC2Lvub1BR_W9zd1Wa5Z_YsqdUxoiFMFwU

Post: 17/03, aprox. 11h – 1,4 mil reações, 219 comentários, 255 compartilhamentos. Último acesso: 18/03.

26/03

<https://www.otempo.com.br/mobile/superfc/cruzeiro/lateral-do-cruzeiro-chora-ao-comentar-situa%C3%A7%C3%A3o-da-venezuela-1.2155058>

Post: 26/03, 18h45 - 111 reações, 55 comentários, 11 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

27/03

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/brasileiros-que-falsificavam-passaporte-s%C3%A3o-presos-em-opera%C3%A7%C3%A3o-na-it%C3%A1lia-1.2155336>

Post: 27/03, 10h43 - 64 reações, 10 comentários, 29 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/uni%C3%A3o-europeia-destina-50-milh%C3%B5es-para-ajuda-humanit%C3%A1ria-na-venezuela-1.2155496>

Post: 27/03, 15h16 - 102 reações, 50 comentários, 25 compartilhamentos. Último acesso: 03/04.

01/04

<https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/conhe%C3%A7a-os-personagens-de-%C3%B3rf%C3%A3os-da-terra-nova-novela-da-globo-1.2157597>

Post: 01/04, 21h30 - 17 reações, 8 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 03/04.

02/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/divers%C3%A3o/refugiado-ex-bbb-kaysar-estreia-como-ator-em-%C3%B3rf%C3%A3os-da-terra-1.2162307>

Post: 02/04, 17h43 - 46 reações, 6 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 03/04.

07/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/brasil/desastres-iminentes-criam-onda-de-refugiados-no-brasil-1.2164826>

Post: 07/04, 21h - 50 reações, 5 comentários, 21 compartilhamentos. Último acesso: 09/04.

08/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/brasil/imigrante-colombiano-encontra-vidro-em-marmita-dada-por-um-homem-1.2165002>

Post: 08/04, 9h49 - 2175 reações, 259 comentários, 670 compartilhamentos. Último acesso: 09/04.

<https://www.otempo.com.br/mobile/pol%C3%ADtica/antes-de-poss%C3%ADvel-a-%C3%A7%C3%A3o-militar-na-venezuela-bolsonaro-ouvir%C3%A1-congresso-1.2165409>

Post: 08/04, 20h47 - 79 reações, 51 comentários, 8 compartilhamentos. Último acesso: 09/04.

15/04

https://www.otempo.com.br/economia/dois-mil-m%C3%A9dicos-cubanos-continuam-no-pa%C3%ADs-e-sobrevivem-na-informalidade-1.2168651?fbclid=IwAR0F3zl8jdJO9CZY_wsavH4njRL6c0KJbUqdhMD0BLsz6W0F4xcHhiBx5Lk

Post: 15/04, aprox. 20h - 717 reações, 291 comentários, 177 compartilhamentos. Último acesso: 16/04.

17/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/economia/minas-est%C3%A1-intacta-diferente-da-s%C3%ADria-diz-governador-1.2169789>

Post: 17/04, 20h44 - 490 reações, 181 comentários, 185 compartilhamentos. Último acesso: 18/04.

<https://www.otempo.com.br/mobile/superfc/futebol/por-seguran%C3%A7a-globo-n%C3%A3o-vai-acompanhar-cruzeiro-e-galo-na-venezuela-1.2169821>

Post: 17/04, 21h37 - 194 reações, 74 comentários, 35 compartilhamentos. Último acesso: 18/04.

19/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/em-serm%C3%A3o-papa-condena-pedofilia-e-fechamento-de-fronteiras-a-imigrantes-1.2170675>

Post: 19/04, 23h20 - 122 reações, 27 comentários e 13 compartilhamentos. Último acesso: 22/04.

23/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/vereador-da-cidade-de-hitler-renuncia-ap%C3%B3s-comparar-imigrantes-a-ratos-1.2172050>

Post: 23/04, 16h19 - 18 reações, 0 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 24/04.

27/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/onu-21-migrantes-venezuelanos-est%C3%A3o-desaparecidos-no-mar-do-caribe-1.2174181>

Post: 27/04, 17h18 - 27 reações, 0 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 30/04.

29/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/estudantes-portugueses-oferecem-pedras-para-atirarem-em-alunos-brasileiros-1.2175034>

Post: 29/04, 23h59 - 423 reações, 131 comentários, 152 compartilhamentos. Último acesso: 30/04.

Anexo 3

Imigração em Minas Gerais

07/01

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/07/interna_gerais,1019345/acidente-com-suspeita-de-embriaguez-causa-morte-de-colombiano-em-bh.shtml

Post: Dia 07/01, 12h50 - 10 reações e 0 comentários/compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

05/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/cidades/grupo-de-45-venezuelanos-ser%C3%A1-transferido-para-minas-gerais-1.2131809>

Post: 05/02, 14h18 – 286 reações, 122 comentários, 31 compartilhamentos. Último acesso: 16/02.

14/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/cidades/m%C3%A3e-de-bh-acusa-pai-de-ter-sequestrado-filha-e-sumido-com-ela-na-nig%C3%A9ria-1.2136470>

Post: 14/02, 15h34 - 93 reações, 6 comentários, 54 compartilhamentos. Último acesso: 15/02.

17/02

https://www.otempo.com.br/cidades/venezuelanos-que-est%C3%A3o-em-minas-sonham-poder-voltar-para-casa-1.2137800?fbclid=IwAR26Xg5tuFj3b6XznW3M_Hy1LGn8mXjaH9DJx7vBzg7N7V_8LjfmqEbyZD0

Post: 17/02, aprox. 22h – 178 reações, 9 comentários, 5 compartilhamentos. Último acesso: 18/02.

12/04

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/04/12/interna_gerais,1045793/bh-recebe-encontro-solidario-no-mineirao-neste-fim-de-semana.shtml?fbclid=IwAR0QiCQPpPg41IDBSRKnZnRw4EvtWJgbmGd2pzJ2S45eONAL4ZKmsu5issI

Post: 12/04, 19h40 – 12 reações, 0 comentários e 1 compartilhamento. Último acesso: 16/04.

Imigração no Brasil

03/01

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/01/03/interna_nacional,1018550/colombiano-e-encontrado-morto-em-santa-teresa-no-rio.shtml

Post: Dia 03/01, 23h - 16 reações, 0 comentários, 1 compartilhamento. Último acesso: 12/02.

08/01

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/08/interna_internacional,1019805/brasil-deixa-pacto-global-pela-imigracao-da-onu.shtml

Post: Dia 08/01, 21h40 - 80 reações, 9 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

09/01

<https://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/bolsonaro-diz-que-brasil-jamais-se-recusar%C3%A1-a-ajudar-imigrantes-1.2088638>

11/01

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/01/11/interna_nacional,1020681/mais-de-1-4-mil-vagas-de-cubanos-nao-sao-preenchidas-por-brasileiros.shtml

Post: Dia 12/01, 13h30 - 61 reações, 57 comentários, 39 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

04/02

https://www.otempo.com.br/capa/brasil/m%C3%A9dica-cubana-%C3%A9-assassinada-com-golpes-de-chave-de-fenda-1.2131295?fbclid=IwAR37yHn7LnOei6_69AbzxAhfg0AdZojLzrsWJqZqj7fvQJqVA8mGZeXRdJY

06/02

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/02/06/interna_nacional,1028330/medica-cubana-e-morta-pelo-marido-com-golpes-de-chave-de-fenda.shtml

Post: 06/02, 15h50 – 75 reações, 26 comentários, 2 compartilhamentos. Último acesso: 12/02.

13/02

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/02/13/interna_nacional,1030253/brasileiros-preenchem-todas-as-vagas-de-cubanos-no-mais-medicos.shtml

Post: 13/02, 18h40 – 1994 reações, 211 comentários. Último acesso: 14/02.

14/02

https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/02/14/internas_economia,1030552/bolsonaro-ministerio-foi-rapido-para-preencher-vagas-no-mais-medicos.shtml

Post: 14/02, 20h40 – 133 reações, 26 comentários, 11 compartilhamentos. Último acesso: 15/02.

23/02

<https://www.otempo.com.br/mobile/capa/mundo/guarda-nacional-bolivariana-amplia-fechamento-da-fronteira-com-o-brasil-1.2140473>

Post: 23/02, 13h10 - 17 reações, 2 comentários, 0 compartilhamentos. Último acesso: 24/02.

24/02

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/24/interna_internacional,1033294/dois-militares-venezuelanos-pedem-refugio-no-brasil.shtml?utm_source=fanpage&utm_medium=twitter&fbclid=IwAR0cucjDbCxxOtsPonAkYVKsUe_NZYKO2hlW9Ps7AOBQrwlWGcHr4pi1nlM

Post: 24/02, aprox. 20h45 – 116 reações, 15 comentários, 21 compartilhamentos. Último acesso: 25/02.

25/02

<https://www.otempo.com.br/capa/mundo/mais-de-170-militares-venezuelanos-desertaram-para-brasil-e-col%C3%B4mbia-1.2141257?fbclid=IwAR2OnKx3sXQtZmZ79znTP7uLaRh6njIUT-ZR-Pblwaj7kDjvzMI2evIRPdk>

Post: 25/02, aprox. 17h30 – 599 reações, 34 comentários, 361 compartilhamentos. Último acesso: 26/02.

17/03

https://www.otempo.com.br/capa/mundo/governo-quer-fim-do-visto-para-brasileiros-nos-estados-unidos-1.2150188?fbclid=IwAR17-wwUPkCJeXcBFkzQ5RivISC2Lvub1BR_W9zd1Wa5Z_YsqdUxoiFMFwU

Post: 17/03, aprox. 11h – 1,4 mil reações, 219 comentários, 255 compartilhamentos. Último acesso: 18/03.

08/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/brasil/imigrante-colombiano-encontra-vidro-em-marmitta-dada-por-um-homem-1.2165002>

Post: 08/04, 9h49 - 2175 reações, 259 comentários, 670 compartilhamentos. Último acesso: 09/04.

15/04

https://www.otempo.com.br/economia/dois-mil-m%C3%A9dicos-cubanos-continuam-no-pa%C3%ADs-e-sobrevivem-na-informalidade-1.2168651?fbclid=IwAR0F3zl8jdJO9CZY_wsavH4njRL6c0KJbUqdhMD0BLsz6W0F4xcHhiBx5Lk

Post: 15/04, aprox. 20h – 717 reações, 291 comentários, 177 compartilhamentos. Último acesso: 16/04.

29/04

<https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/estudantes-portugueses-oferecem-pedras-para-atirarem-em-alunos-brasileiros-1.2175034>

Post: 29/04, 23h59 - 423 reações, 131 comentários, 152 compartilhamentos. Último acesso: 30/04.

Anexo 4**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, que quer ouvir e analisar sua história de vida. O trabalho tem como título: *As representações sociodiscursivas de imigrantes e refugiados no cenário brasileiro contemporâneo*.

Se você concordar em participar, deve estar ciente de que sua entrevista será coletada para análise. Você não estará sendo julgado(a) por isso. Não haverá, portanto, maiores riscos para você durante o processo.

Esclareço que seus dados só serão utilizados em trabalhos acadêmicos (artigos, apresentações em congressos etc.) e que você não será identificado(a), ou seja, seu nome será mantido em sigilo (usarei um nome fictício para me referir a você). Excluirei também qualquer outra informação que permita identificá-lo(a). Assim, todo cuidado será tomado para evitar sua identificação.

Você tem a garantia de que, em qualquer momento da pesquisa (antes, durante ou depois da sua realização), poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, o que resultará na imediata exclusão dos seus dados. Além disso, você poderá deixar de responder a alguma questão proposta sempre que se sentir pouco confortável em relação ao(s) assunto(s) tratado(s). Seu silêncio, nesse caso, será respeitado.

Sua participação é voluntária, não implicando, portanto, qualquer pagamento da minha parte. Também não haverá qualquer gasto de sua parte.

Coloco-me à sua disposição para esclarecer alguma dúvida que você possa ter em relação à pesquisa. Abaixo, deixo minhas informações de contato, bem como o endereço e o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627- Sala: 4035- Pampulha - Belo Horizonte, MG
Telefone: (31) 3409-5491 – E-mail: poslin@letras.ufmg.br

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa/ UFMG
Unidade Administrativa II - 2º andar
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte, MG
Telefone: (31) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Caso você queira participar, peço que assine este documento em duas vias, dando o seu consentimento. Uma via ficará com você e a outra, comigo.

Agradeço sua participação.

Bárbara Mano de Faria
Pesquisadora responsável

Nome do voluntário: _____

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2019.

Assinatura

Anexo 5**Guia de Entrevista**

Entrevistado:

Data:

Horário:

Local:

Descrição do contexto da entrevista:

Pergunta de pesquisa: *Qual é a sua história de vida como migrante?*

Roteiro de entrevista:

1. Qual o seu estatuto jurídico como migrante no Brasil?
2. Qual(is) a(s) sua(s) motivação(ões) para sair de seu país de origem?
3. Como tem sido sua experiência como refugiado/imigrante no Brasil? Descreva os pontos positivos e os pontos negativos.
4. O que você tem a dizer do tratamento dos brasileiros em relação aos imigrantes/refugiados que vêm para nosso país?
5. Você tem planos de continuar sua história no Brasil ou de retornar ao seu país de origem? Por quê?

Perguntas secundárias:

1. Como foi o seu processo de estabelecimento/acolhimento no Brasil?
2. Você mantém contato com a sua comunidade em seu país de origem?
3. Você tem laços com alguma(s) comunidade(s) de imigrantes no Brasil?
4. Você tem laços com alguma comunidade de brasileiros?
5. O que você tem a dizer do tratamento dos brasileiros em relação aos imigrantes da mesma origem que você no Brasil?

Entrevista – Dados Pessoais

Nome completo:

Nome fictício a ser usado:

Nacionalidade:

Cidade de nascimento:

Data de nascimento:

Principal ocupação:

Condição migratória:

Tipo de visto:

Chegada no Brasil:

Chegada em Belo Horizonte:

Anexo 6

Normas para Transcrição⁸⁵

Ocorrência	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entoação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritos do transcritor	((minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	--
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [Linhas
Indicações de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto	(...)
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”

Observações:

- 1 Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases
- 2 Fáticos: *ah, eh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? Você está brava?*)
- 3 Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
- 4 Números: por extenso.
- 5 Não se indica ponto de exclamação (frase exclamativa)
- 6 Não se anota *cadenciamento da frase*.
- 7 Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh :: : ... (alongamento e pausa)*
- 8 Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

85 Elaboradas por CASTILHO, A.T. & D. PRETI. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, v.II: Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1986, p. 9-10. Extraídas de KOCK, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

Anexo 7

Entrevista 1

Nome (fictício): Nela de Voz		
Estatuto jurídico: Imigrante (visto permanente)	Nacionalidade: Peruana	
Data de chegada no Brasil: 2000	Data de chegada em BH: 2002	
Área de atuação: Artesã	Idade: 50 anos	Gênero: feminino
Entrevista		
<p>P: então vai lá Nela me conta sua história de vida como migrante ((riso))</p> <p>N: minha história de vida como migrante... bom é eu tenho dezenove anos em Brasil cheguei no ano dois mil... é:: saí do: do meu país... é a verdade a o motivo um dos motivos principais da: da saída de lá do meu país foi a vontade de: de conhecer outras cultura de viajar... e:: eu sempre tive essa vontade quando yo achei que era o momento não pensei duas vezes e: como eu sou artesã desde muito nova então é: a única é:: o único meio que me permitiria eu sair do do meu país e fazer essa viagem () artesanatos... então peguei um mochilão enorme acho que era quase do meu tamanho coloquei nas costas dei tchau para a minha família e empreendi a viagem... no início é quando saí de casa bom minha família ficou chocada meus pais... meus irmãos até que me apoiavam mas meus pais ficaram bem tristes bem abalados não entendiam muito é: o sentido de por que eu estava indo embora e: e bom eu fui fui criei asas e fui... e aí fui aos poucos de cidade em cidade... saí de Lima daí fui para uma cidade próxima para outra depois cheguei na Bolívia fiquei aos poucos vend enquanto vendia ia viajando atravesssei a Bolívia toda cheguei em Mato Grosso atravesssei pra o lado do Brasil e: recebi meu visto de: é turista entrando no Brasil... então quando chego no Brasil é: cheguei para Corumbá daí peguei um ônibus que: estava - e eu não sabia para onde ir realmente - então cheguei na rodoviária e olhei lá qual o nome que estava mais afim que eu que eu achava mais bonito ((riso))... aí eu vi Presidente Prudente eu falei “gente que nome engraçado PRESIDENTE PRUDENTE ah vou lá para Presidente Prudente” ((riso))... comprei uma passagem cheguei em Presidente Prudente fiquei lá lembro que uma noite dormi lá mas: é: minha ideia não era bem ficar por aí e então é: tomei um banho comi esse dia andei um pouquinho pela cidade bem pouco e: voltei para a rodoviária e me direcionei a São Paulo... então: viajei para São Paulo e aí finalmente de São Paulo fui para Campinas... onde me estabeleci em Campinas estive com é uma família de peruanos que já moravam lá me receberam que eu já até conhecia... e: e eles tipo me acolheram né? me adotaram né? eles também ficavam assim meio é:: preocupados pelo fato de eu chegar num lugar que não conhecia não falava a língua e: e: eles me ofereceram um espaço na casa deles era uma família com filhos e então eu eu aceitei e fiquei... eu fiquei um tempo sou muito grata nóh a essa fase que eu fiquei porém é:: era uma casa de família eu tinha que que cumprir com as regras da casa né? então não era o que eu queria eu queria minha liberdade eu queria é:: me sentir livre sem ninguém que tenha que me falar NADA e outra coisa eu precisava e tinha vontade de eu poder pagar o espaço por onde eu morar... então eu precisava muito de isso queria muito então: é: agradei eles - fiquei uns aproximadamente cinco meses em casa de eles - e: agradei e me () alugar um quarto dentro de uma república de mulheres... alugou o quarto e: tinha meu espaço tranquilamente trabalhava na na na rua vendendo meus artesanatos desde o primeiro dia que cheguei e: e bom... aí dei continuidade e logo depois ao pouco tempo fiquei sabendo que: teria: o Rock in Rio e eu fiquei - meu meu sonho sempre foi par fazer parte do Rock in Rio - então: comprei um ingresso e fui para o Rock in Rio isso foi no ano dois mil e um em janeiro... é: cheguei no Rio de Janeiro não conhecia NINGUÉM e - eu não lembro por que que eu fui a parar em Niterói ((riso)) - fui a parar em Niterói e: é: lembro que atravesssei aquela ponte louca depois una balsa... e lembro que:: que aluguei fui lá procurando onde tinha uma hospedagem e me indicaram um que estava ali bem ali na saída das balsas e eu não tinha percebido que: que essa hospedagem era um motel de: da zona né? ((riso))... e aí eu entrei me hospedei lá mas achava estranho porque era tudo é com luz VERMELHA e quando entrei no quarto o quarto era redondo todo VERMELHO com espelhos no TETO e eu falava “gente” e eu toda inocente ((riso)) foi muito engraçado... mas então aí eu fui pra conhecer é: a cidade do do Rio de Janeiro Ipanema né? para para ir para a praia e aí eu atravesssei - eu lembro que eu atravesssei - e cheguei lá e vi - nóh foi encantador quando eu cheguei no Rio de Janeiro realmente - ... então tentei trabalhar trabalhei lá: é: eu acho que no segundo dia conheci outros artesãos que me falaram que tinha uma: uma: feira na nos Arcos da Lapa onde podia trabalhar na madrugada porque tinha tipo forró: assim na madrugada toda... e que lá tinha muitos é: hispanos expondo e () muito interessante conhecer é: outras outros hispanos né? que talvez poderia ter (outros) peruanos também enfim... aí eu cheguei lá e: e realmente vi um monte de gente é: expondo e me emocionei aí virei amiga de todo mundo... e por coincidência encontro com una amiga que era amiga de de Peru já... ela era una amiga que</p>		

eu tinha conhecido na minha adolescência e ela já tinha feito a mesma coisa que eu porém uns anos antes... então ela já estava instalada no Rio ela morava no centro do Rio... e aí ela me falou “o que você tá fazendo no no Niterói? vem pra cá fica comigo no meu quarto” e tal... e eu falei “não beleza” aí ela me acompanhou no outro dia fomos lá no em Niterói e pegamos peguei minhas coisas e fui e fui e me instalei no Rio de Janeiro... éh:: ela ela morava no centro então me instalei lá... e bom e ela digamos ela me ensinou éh: a me mover no Rio de movimentar no Rio porque como era o sistema de trabalho e tudo né?... tinha os horários que você podia expor tinha outros horários porque é tudo info era dentro da informalidade... então éh: ah muitas histórias aconteceram... lembro que a gente expunha lá na: no Calçadão - que chama sim? - éh o Calçadão e lembro que: tinha: o tal do fiscal que lá são chamados de “rapa” né?... então ela me falou “olha quando você escutar a ‘rapa’ você pega as quatro pontas do seu pano e sai correndo porque a ‘rapa’ vem e pega tudo”... nossa eu falava “gente como assim?”... aí de pronto estava expondo e escuto “a ‘rapa’ a ‘rapa’”... quando vejo todo mundo sair correndo e eu peguei os as quatro (pontas) e enfiei dentro do mar e atrás de mim vinha um fiscal atrás de mim e eu entrei no mar entrei entrei e ele também tentou entrar mas quando ele viu que se estava molhando aí ele voltou pra trás e eu de longe dava tchau assim... nossa foi muito assustador e pen pensar que ia perder minha coisas foi uma loucura assim... não é muito - éh tem coisas tem coisas bonitas que a gente lembra e ri mas tem coisas também bem pesadas assim porque: o fato de ser mulher migrante e viajar sozinha assim a gente se expõe a muitos perigos né? muitos perigos éh: realmente é bem perigoso assim... eu: passei por situações assim éh: chatas né?... mas sempre consegui me defender: nunca pa nunca: tipo: me dei TÃO mal assim... mas é: que em geral sempre me relacionei com pessoas boas de boa índole então: éh tipo não me dei essa oportunidade de me envolver em coisas erradas de com pessoas erradas... então eu acho que isso também ajudou muito a: a ser a mulher que eu sou hoje né?... éh: tive muitas experiências muitas... e: e bom éh eu tenho dezenove anos aqui então vivi mui muita coisa né?... eu acho que - por exemplo nessa fase que eu cheguei eu tinha o visto de: de turista... eu tinha: me deram três meses né?... e depois eu fui e renovei mais três meses... e logo depois desses seis meses eu: fiquei ilegal... não tinha como renovar não tinha os acordos que hoje tem do Mercosul não tinha... Peru não fazia parte de do Mercosul então éh: você não conseguia... então eu fica fiquei ilegal um bom tempo... e aí com essa ilegalidade éh tudo é complicado né?... você sem documentos você não faz nada você não consegue alugar um quarto com seu nome ninguém acredita em em um ilegal né?... quem vai acreditar em um ilegal?... NINGUÉM... então éh: foi eu - acho que essa foi - a fase mais dura que eu passava porque eu me sentia: anulada... eu me sentia uma pessoa anulada que não podia fazer nada não podia NADA assim... eu dependia dos outros para qualquer coisa né?... então isso: eu acho que esse fato de de você não ter documentos isso mexe muito com a autoestima de um migrante né?... você se anula você não consegue desenvolver você não consegue crescer... como você vai crescer se não tem nada?... um documento que te que você possa dizer “oi eu sou tal” né?... então eu acho que isso para mim foi o mais assim pesado uma situação bem complicada né?... e: e bom isso foi éh a primeira fase () da minha vida da da minha es da minha chegada no no Brasil... e: também passei por uma situação mui muito triste quando com meu pai que foi no ano dois mil... ele se foi embora e eu não e eu não consegui voltar lá eu não consegui ir lá porque se eu saía do Brasil eu perderia a possibilidade de: de voltar porque teria que pagar uma multa de aproximadamente oitocentos reais e eu não teria esse dinheiro para pagar essa multa... então aí eu: saindo do Brasil eu não poderia voltar então eu pensei com muita tristeza e resolvi ficar por aqui e isso me dói até hoje não poder ter me despedido de ele... e isso mexeu muito comigo me deixou numa depressão bem forte bem muitos meses fiquei muito mal éh: e: bom e com toda essa tristeza eu tinha que continuar trabalhando para me sustentar... né? então era a tristeza de ter perdido meu pai era: o não ter documentos era: - nóh foi complicado... essa foi a primeira fase da da minha chegada né?... então éh: lá no Rio de Janeiro conheci éh amigos que moravam aqui em Belo Horizonte e que também eram artesãos e eles éh: me convidaram para vir aqui em Belo Horizonte no ter é quando o verão terminasse né? então

[

P: isso foi quando?

N: isso foi no ano dois mil... no ano dois mil... (...) então ao término do verão éh: eu decidi vir com com eles porque: eu me sentia acompanhada né? me sentia identificada também porque eram pessoas de de fala éh: da minha língua e a gente acaba sempre buscando pessoas com quem se identificar né?... então eu me sentia bem com eles e aí resolvi vir para Belo Horizonte... cheguei em Belo Horizonte: - mentira eu cheguei no dois mil isso foi dois mil e um do Rock in Rio quando fiz o: cheguei no Rio de Janeiro e tal foi no ano dois mil e um - ... então vim para Belo Horizonte e: e alugamos - éramos seis pessoas - alugamos uma casa em Santa Teresa... éh na: na rua Pouso Alegre... e aí alugamos e nos instalamos éh mas éh foi engraçado porque a gente chegou não tínhamos NADA... aí a primeira coisa que a gente foi comprar foram seis colchões ((riso))... cada um com seu colchão num canto da casa... e aí éh:: beleza iniciamos uma vida em comunidade né? compramos um fogãozinho e assim algumas coisas básicas... após alguns meses de convivência decidi viajar... meu desejo por continuar viajando e viver minha liberdade falava mais alto então decidi ir para um festival de inverno no Araguaia arrumei minha mochila e parti... então: fui com com uma amiga... e aí quando a gente estava viajando estávamos

- o caminho é muito longe né? de Belo Horizonte para lá... eu lembro que a gente viajava viajava e nunca chegava ((riso)) - ... quando estava chegando ao meu destino eu comecei a passar mal no ônibus eu falei “meu Deus que que está acontecendo?”... chegando na cidade éh: fui no médico porque eu não parava de vomitar vomitava vomitava... quando fui no médico fizeram exames eu tava era grávida... não eu falei - porque eu já estava aí com o que? com trinta e um anos - eu falei “gente chegou chegou e eu vou assumir”... só que aí eu voltei pra: eu voltei pra: pra Belo Horizonte - eu fiquei lá os dias do festival - e voltei para buscar a pessoa... aí eu busquei e ele ficou super feliz e me falou que: a gente encararia e tal... e bom eu falei “não tudo bem então vamos encaramos encaramos”... aí: co começamos a a: a construir nossa vida né?... aí eu fiquei grávida minha barriga crescendo e eu continuava trabalhando... e aí: éh: trabalhei até o: nos nove meses de gravidez eu trabalhei... trabalhei... e bom aí eu: comprando as coisas para o meu bebê: éh: montei um quarto lindo pra ele... e aí a gente: tínhamos um vizinho que era esquizofrênico e me xin e xingava o tempo todo e falava que éramos uns gringos de merda que éramos cachorros que éramos - nossa e era muito pesado e eu não queria ter meu filho aí né? porque ele já tinha me ameaçado que que faria alguma coisa com com meu filho quando ele nascesse... então eu trabalhava na época na na no UNI-BH na faculdade e: e como eu sou bem sociável já rápido conhe comecei a conhecer as pessoas que circulavam pela porta da faculdade os vizinhos né? do bairro da Lagoinha... então aí eu falava “ei bom dia” com um “bom dia” com outro e aí tinha um senhor que todo dia passava e ele era apaixonado comigo e: e eu sabia que ele tinha casas lá lá no final da rua então aí um dia perguntei “aí por acaso você não tem uma casa para me alugar?” ele falou “tenho tem uma que desocupou esses dias você quer?” eu falei “uai eu quero mas como que é? o senhor vai: vai me cobrar por ade por adiantado?” ele falou “olha se você quiser mudar amanhã você muda amanhã” eu falei “mentira Seu P”... “pode”... e eu continuava ilegal então imagina quem que vai te oferecer uma casa assim sem nome assim tipo sem documentos né?... então eu falei “nossa éh então é lá que a gente vai... é nessa casa que a gente vai”... e aí no outro dia eu fui no médico e ya me internaram porque eu: fazia eu tinha di eu tinha dificuldades de: éh: de: (...) eu tinha dificuldade de: de:: traba de de fazer trabalho de parto então aí eu: (...)

P: cê tava falando que cê foi internada porque cê teve dificuldade

N: sim então eu fui internada e: e: bom aí éh: lembro que meu irmão me acompanhou e: e bom éh: aí meu irmão avisou para o pai de meu filho e aí eles fizeram a mudança enquanto eu estava ganhando o neném... mudaram mas a gente não tinha muita coisa mesmo então em um táxi coube tudo ((riso))... então eles: éh bom aí quando eu saí do hospital e eu cheguei na na casa nova né?... então bom essa essa fase da da minha vida foi: lá na Lagoinha tentando construir minha vida e: com com em família mas: infelizmente não não deu certo com com com ele né? e não não não deu certo então - mesmo assim insisti tentei mas enfim - ao cabo de quatro anos eu me separei e: e aí eu pensei né? “agora eu vou ter que ser mãe e pai”... eu falei “nossa eu tenho que começar agora a criar uma: uma estrutura para eu poder trabalhar e cuidar do meu filho”... então foi aí que eu: éh: esquematizei e mudei todo o meu o meu estilo de vida TODO mudei amizades porque até então as amizades que eu tinha eram amigos dele: éh: então mudei éh TUDO né? a proposta de trabalho tudo... então aí eu decidi formalizar meu trabalho e aí foi onde eu criei a minha marca a [referência à marca] né?... então aí eu: éh: montei uma loja abri uma loja no centro da da cidade em frente do Palácio das Artes e:: meu filho estudava a três quarteirões daí então me facilitava né?... eu busquei as condições para eu poder: para poder éh: () da minha vida tipo foi: bem éh: bem louco foi bem bem desgastante porque: era era uma realmente era uma loucura mas encarei isso a infância praticamente toda a adolescência de meu filho a até hoje né?... então eu a e passei por muitos perrengues... bom com a chegada de meu filho eu consegui me legalizar né?

P: ah isso que eu ia te perguntar

N: e a me lega consegui me legalizar por prole né?... então aí eu tive visto de permanência... então graças a esse visto eu também consegui dar vários passos né?... aí foi com isso foi que eu consegui abrir uma loja... foi isso... então éh: bom aí eu estive com abri essa loja depois abri uma outra... e assim em geral tive três lojas fazia feiras participava de feiras éh no Expominas enfim me movimentava por trabalhava assim pra caramba (...)

P: éh:: cê falou assim que era um momento em que aí você já começava a ir em feiras no Expominas e a loja

N: sim... então éh me fui expandindo... aí tinha funcionárias né? fiz abri um CNPJ aí eu contratava éh pessoas que (vinham) trabalhar - trabalhar na Feira Hippie na Feira do Mineirinho - tinha então as lojas... virei uma EMPRESÁRIA assim dum dia para outro assim... não não foi de um dia para outro foi assim um processo né?... fui crescendo fui crescendo fui crescendo... só que éh:: as coisas começaram a: o comércio éh: começou a cair bastante... e o tipo de de de material com que eu trabalhava ele: éh comecei a ter muita concorrência e: lembro que do lado da loja que eu tinha veio uma pessoa e montou três vezes maior que minha loja com mais capital e me derrubou então aí eu fui fechando aqui fui fechando lá... enfim tive uma fase assim bem complicada... enfim até que eu fiquei só em um ponto em uma feira fixa que era duas vezes por semana e fiquei lá vários anos trabalhando mas o público começou a mudar e também eu vi que mis produtos já num não eram aceitos... e: e bom aí eu decidi entregar... quando eu entreguei fiquei sem nenhuma referência... né? não tinha -

era como se estivesse voltando a zero... tipo volver a começar... então eu: eu comecei a: assim entrei - isso foi no ano dois mil e doze - lembro que eu: entrei em uma depressão assim horrível horrível... e eu não sabia o que fazer porque de pronto minha vida era tão agitada tão agitada assim de pronto não fazia nada assim e não tinha dinheiro que entrava... assim tipo tinha dias que - meu filho estudava na na Escola Afonso Pena e eu morava na Lagoinha - e eu levava ele a pé e buscava ele a pé... a gente fazia esse esse (percorria) tudo a pé porque eu não tinha dinheiro pra passagem... né? então assim o pouco que eu que eu conseguia ganhar era pra comer e pagar o aluguel de casa... então foi uma fase bem: bem difícil... foi uma fase bem difícil... mas aí eu éh comecei fa a a a inventar a inventar o que fazer e: construí uma um *delivery* de: comida peruana... e: comprei uma caixa de de isopor com uma: esses com um suporte para carregar nas costas e eu era e eu cozinhava e eu entregava aí eu fazia tudo eu era o *delivery* ((riso))... e:: comecei a vender comida para o para estra para artesãos que trabalhavam na rua ou em lojas e éh estrangeiros e amigos também que tinham empresas que eu conhecia e tinha um monte de pessoas já conhecido então éh: eu lembro que anunciava pelo facebook pelo messenger falava ca o cardápio do dia e: e todo mundo né? então fazia um itinerário de de de entrega e eu atendia regiões de Santa Efigênia éh o Centro e: Funcionários... para não para não ter que me deslocar muito né?... e então nessa época não tinha Uber né? então fazia tudo de ônibus... então eu acordava quatro e meia da manhã quatro horas da manhã para cozinhar picar cortar e tudo... e meu filho já estava um pouquinho mais grande aí eu colocava no ônibus falava pro motorista “por favor cuida do meu filho” ((riso)) colocava ele no ônibus voltava para casa correndo para cozinhar entregar tinha que sair de casa dez e meia da manhã para chegar onze horas porque né? o horário do almoço nas empresas é onze horas... aí nossa mas éh foi - e e eu comecei a crescer comecei a ganhar dinheiro comecei a ganhar dinheiro só que éh: nossa eu praticamente não dormia - era uma loucura eu sozinha né?... e: não tinha ninguém que me ajudasse assim ninguém me ajudava em nada eu que fazia as compras TUDO... então aí contratei uma moça que me ajudava a cortar... pelo menos a uma assistente né? de de cozinha... mas aí ao pouco tempo eu não desistia de trabalhar no artesanato e tudo estava parado eu tinha mercadoria mas tava tudo parado porque né? eu me dediquei pra a vender comida... então éh: aí eu comecei a descobrir que existia que estava acontecendo uma: um comércio alternativo a: ao comércio às propostas suaves de de de de lojas de shopping né? de comércio... e: e que estava éh: estava muito na prática o uso de feiras com produtores locais... então aí eu comecei a pesquisar comecei a: a me informar e vi que: que eu poderia participar então comecei a participar dessas feiras e: e aí fui conhecendo outras pessoas fui conhecendo gente... parei com a comida e fui conhecendo pessoas envolvidas em esse tipo de eventos organizar que organizavam expositores e criei toda uma rede de feiras onde eu: comecei a participar... então aí fui crescendo fui crescendo fui crescendo e éh: senti que nesse tipo de espaços meus trabalhos eram maior valorizados... as pessoas que visitam esse tipo de feiras são pessoas que vão à procura específica de trabalhos diferentes que era com o que eu trabalhava... então: eu senti que aí até que enfim eu tinha achado o meu público... sabe?... e então: comecei muito a participar em eventos a procurar espaços em faculdades também na [referência à instituição] e: e então aí foi fui criando fui criando esse círculo de: de trabalho e: só crescendo cada vez mais e foi: é o que eu desenvolvo desenvolvo até hoje... né?... porque:: en esos espacios éh: vá outro tipo de pessoas outro tipo de público... e:: e eu muitas vezes eu: desistia de alguns espacios algumas feiras que eu participava antes éh de: de ter até a loja porque o público que ia lá eles não reconheciam meu trabalho né? não não queriam não se interessavam por saber da onde que vinha e por que que eu falava com sotaque... então aí já vinha a intolerância vinha o preconceito o racismo a xenofobia né?... “por que você está aqui? por que você não volta para su país?” esse tipo de coisas... e então eu me senti incomodada com essas questões e quando eu vejo que em outros espaços de repente eu posso me sentir melhor eu eu posso dialogar com as pessoas as pessoas - mesmo que que elas tenham curiosidade por saber da onde que eu vim por que que eu estou aqui e tal - éh são mais delicadas para te perguntar né? elas agradam e elas éh batem palmas pro trabalho que a gente oferece... então é diferente então eu encontrei encontrei o lugar onde eu posso vender minhas coisas numa forma tranquila onde eu sou valorizada... e em geral até hoje é o que eu faço... esse tipo de trabalho... e e me sinto muito orgulhosa de poder insis de poder de po porque eu tive a capacidade de insistir naquilo que eu acreditei sempre - desde que eu tenho acho que uso de razão - sempre sempre acreditei no trabalho autônomo sempre falava com minha mãe “mãe eu quero fazer isso” minha mãe me apoiava... e então: eu sempre acreditei e hoje com cinquenta anos eu posso dizer que nunca desisti ((entonação de choro)) acredito no meu trabalho e hoje sou até inspiradora para outras mulheres... se inspiram e se identificam comigo com meu trabalho... e isso é uma coisa muito bonita realmente eu sinto orgulho do que eu faço

Entrevista 2

Nome (fictício): Jean Marc		
Estatuto jurídico: Imigrante (visto de estudante)	Nacionalidade: Haitiana	
Data de chegada no Brasil: fevereiro de 2014	Data de chegada em BH: fevereiro de 2014	
Área de atuação: Estudante	Idade: 29 anos	Gênero: Masculino
Entrevista		
<p>P: então Jean Marc por favor... cê pode me contar qual é a sua história de vida como migrante?</p> <p>JM: então éh: minha vida como migrante tem um aspecto mais: pra o lado estudante porque: eu venho pra cá pra estudar então: basicamente eu frequento mais o [referência à instituição] aqui na [referência à instituição]... e aí partindo dessa trajetória eu começo a descobrir alguns mais aspectos importante éh:: na minha trajetória acadêmica... exemplo eu sei que eu sou imigrante mas de uma forma pensa que eu sou é homem estrangeiro negro e isso começa a partir da vivência da experiência no curso também vivência fora éh do campus isso me começa a levar em cabeça então... eu: nasci num país que toda a maioria da população é negra... mas o contexto ser negro aqui no Brasil me: me leva a pensar um pouco porque eu nunca pensei nesse aspecto sobre a questão social político direito... então... ser imigrante pra mim não é só uma questão de deixar seu país pra: buscar uma forma que a mídia apresenta buscar vida melhor ou em outros pontos porque cada éh imigrante que vierem pra cá seja estudante quem que vem pra trabalho tem um objetivo diferente... então meu objetivo é bem diferente com alguém que vem pra trabalhar porque eu venho pra buscar conhecimento ao mesmo tempo de buscar o esse conhecimento tem essa éh: essa noção essa novidade que é pra mim que eu sou homem negro estrangeiro... eu sei que eu sou homem mesmo que eu sou negro mas eu tô falando negro no contexto brasileiro... que éh: tem que lutar tem que você vai encontrar dificuldade na sua cidade pelos seus direitos... então à noite se você é negro tem alguns lugares às vezes a polícia vai te parar então esse contexto negro eu nunca viveu no meu na minha na minha terra... então isso me começa a fazer refletir um pouco o que é ser estrangeiro negro no Brasil... então basicamente minha vida como imigrante é passar pra esse processo de entender eu como estudante negro estrangeiro aqui no Brasil</p> <p>P: uhum... então quais foram assim primeiro suas principais motivações pra deixar o seu país de origem?</p> <p>JM: então éh: desde: criança eu eu sempre sonhei em estudar fora... e eu sempre conversa com meus pais depois o ensino médio quero fazer um estudo fora então éh: o estudo o fato de estudar fora me leva a sair do Haiti... então eu sempre sonhei estudar no Canadá mas eu basi infelizmente as burocracia que tem lá no Haiti pra estudar no Canadá não deu não deu certo pra mim aí eu lutei pra: tentar no Brasil... na verdade eu eu fiz vários processos tentei na França tentei no Bra éh: Brasil e eu tentei em outros países também... e o resultado saiu mais o resultado que saiu mais rápido foi o Brasil eu (optei) vim pra cá... o objetivo é sair pra estudar</p> <p>P: uhum... e:: é:: como foi o processo de estabelecimento e de acolhimento no Brasil?</p> <p>JM: então éh no início o fato que você chegou como estudante você chegou sem conhecimento da cultura da forma de vivência das pessoas... eu senti que eu tava: bem acolhido éh: porque tava fazendo curso de português quando vou precisar conversar com alguém as pessoas tava quer conversar comigo tal... eu tava nesse sentido que tava tudo tranquilo... mas: com o tempo você vai sentir tem uma: tem uma certa dificuldade você vai encontrar porque óbvio quando você tá no [referência à instituição] alunos professores olha pra você como intercambista como estrange éh aluno estrangeiro... mas uma vez que eu sair do [referência à instituição] eu não sou mais o aluno da [referência à instituição] eu sou qualquer negro no Brasil então não e: e isso não aparece no meu rosto que eu sou estrangeiro... então esse acolhimento tem um lado positivo e mesmo um lado negativo o lado positivo pra quem convive mais me conhece conhece que eu sou aluno estrangeiro me recebe bem... mas quando eu sair do campus e eu tô andando vou numa lanchonete a interação com outras pessoas que não me conhecem você sente uma certa dificuldade a interação não é igual aqui no [referência à instituição] e fora do [referência à instituição]... então de forma tem esse lado que é o acolhimento DENTRO do [referência à instituição] que você é BEM-VINDO à [referência à instituição] mas dentro da sociedade você é estranho... o estranho que que faz que você não é não é bem-vindo aqui... mas: éh quando você vai começar falar as pessoas vão descobrir que você é estrangeiro diminui um pouco esse estranho porque ele percebe não esse cara não é:: não vai fazer mal... e eu senti isso aqui eu senti que o fato que você é um NEGRO aqui homem negro se você não aponta pra falar não abre sua boca pra falar a sociedade vê você estranho... então: o fato de ser estrangeiro ajuda também nesse processo de diminuir a questão de: de medo que a sociedade tem sobre os negros... mas: de forma: geral eu posso dizer tem dois momento nesse processo de: de acolhimento... um acolhimento que é das</p>		

peças que é próximo que entendem que eu sou estrangeiro e um acolhimento de sair daqui e dentro da sociedade eu tenho que falar pra que as pessoas me dão uma resposta me acolhe bem... se eu não falei eu tô excluído entendeu

P: uhum... éh... cê pode me falar assim dos seus laços com a comunidade de brasileiros que você convive assim?

JM: éh: como eu falei ((riso)) a maioria do tempo que eu passo é aqui no [referência à instituição]... mas: fora disso eu tenho uma: uma: uma convivência mais com os alunos estrangeiros também que vêm do mesmo programa comigo que é PEC-G... éh parece que a gente é uma comunidade eu vou falar parece porque não é todo dia a gente tá juntos mas... quando nós precisamos fazer algumas coisas entre nós e ou fazer uma festa então a gente se junta pra pra conversar pra discutir ao mesmo tempo eu conversei com os alunos colegas da da fac da universidade a gente sai juntos vai numa festa então... éh minha: meus laços mesmo é basicamente com alunos estrangeiros e estudante do da [referência à instituição]

P: uhum... e você mantém laços éh com a sua comunidade do seu país de origem? lá no Haiti ainda os que ficaram?

JM: sim minha família óbvio que a gente conversa todo dia e: meus pais meus amigos bem próximo a gente conversa mas... éh: o mais importante eu posso falar é que eu sempre quer saber o que tá acontecendo no Haiti tipo eu sempre acompanho as notícias pra ter: um conhecimento tipo eu não quer um pouco fugir um pouco éh: do Haiti tipo “ah eu tô aqui no Brasil e não quer saber o que tá acontecendo”... eu sempre quer: as novidades seja na cultura econômica política... eu sempre tá ouvindo o que tá acontecendo aí nesse caso eu praticamente às vezes meu corpo tá aqui mas minha mente tá lá no Haiti... mas fora disso eu acho que basicamente eu sempre conversei com estrangeiros e: alunos da: do [referência à instituição]

P: uhum... e quais são seus planos? cê tem intenção de continuar sua história no Brasil ou de retornar ao Haiti e por quê? assim como que cê imagina sua vida sendo construída?

JM: éh é: uma boa pergunta é o que eu sempre tô nessa vibe pensar é uma pergunta “por quê?”... “por que eu tô aqui?”... “por que eu tô fazendo pesquisa sobre a imigração haitiana?”... éh: “qual o meu destino aqui?”... às vezes a gente cada um tem um objetivo bem determinado bem específico na nessa terra... éh: por enquanto eu quero estudar... é a verdade eu quero estudar é ter mais conhecimento sobre a questão da imigração o que é ser estrangeiro num país como o Brasil pode ser fora... mas ao mesmo tempo tem esse lado éh que tá me éh falando comigo “tem que fazer algo pra minha terra” eu tenho que voltar: pra fazer al éh: éh fazer uma MUDANÇA... mas eu não sei ainda como vai ser eu não a gente não sabe o futuro porque tem esse lado pessoal também porque às vezes a gente quer mudar mas a gente não é Messias ((riso)) a gente a gente não vai conseguir resolver tudo e tem a questão da família às vezes a família tá esperando algo algo de você porque quando você sai os pais éh: gastam uma fortuna e pra você sair da sua terra pra estudar ao mesmo tempo eles tão esperando que “ah meu filho vai fazer algo diferente vai trazer um presente tal”... então tem esses dois lados o lado pessoal e a convicção o objetivo que eu tenho de: como: de de TENTAR fazer algo pra melhorar minha terra ao mesmo tempo eu quero estudar então eu não eu tô nesse processo não posso dar uma resposta exata que eu vou “ah eu vou voltar pro Haiti”... ah: eu não tô eu não tenho meu plano é estudar ao mesmo tempo tentar fazer algo que pode melhorar a condição do povo haitiano... e são esses meus planos meus objetivos

P: ótimo... tem alguma reflexão que cê possa trazer assim sobre o que você aprendeu e o que você tem a ensinar com essa sua experiência? por exemplo até mesmo falar dessa transformação que cê tem vontade de fazer num sei

JM: então éh eu aprendi muito aqui no Brasil... sinceramente eu aprendi muito sobre éh: como lidar como lidar aqui sobre a questão racial (que tem)... porque: ao mesmo tempo eu aprendi muito sobre MEU país... como o primeiro país que saiu da escravidão tudo isso... entender um pouco esse esse esse pe esse peso de ser um haitiano... pra mim éh: eu falei peso no sentido de no CONTEXTO que a gente tá vivendo hoje no contexto de apresentam o Haiti como éh: um dos países mais pobres e: e negam um pouco a história desse país entendeu?... éh: eu nesse sentido eu acho que a gente éh tá num mundo bem complicado porque óbvio a gente eu não eu não tô querendo querendo dizer que a mídia tem que falar sobre a história do país todo mundo tem que saber que o Haiti foi o primeiro país que saiu da escravidão mas o sistema não vai permitir isso entendeu?... o sistema não tem interesse de falar éh sobre o Haiti no sis nesse sentido... então quando eu falei sistema tô dizendo que éh: a classe dominante mundial porque a gente sabe que o Haiti foi o primeiro país que NEGRA que conseguiu a independência que permite que a gente pode pensar sobre direitos humanos entendeu?... então um país que sai nesse processo ninguém vai ter interesse pra falar sobre isso e se você tá olhando sobre as lei da da ONU sobre direitos humanos di direitos sobre a questão racial isso o Haiti já falou sobre tudo isso a Revolução Haitiana permite que a gente reflete sobre isso mas ao mesmo tempo esse sistema que a gente tem hoje... por fato do terremoto a gente saiu desse lado histórico e o terremoto que passou lá no Haiti a questão éh social e e e nega

essa história a gente tá vivendo num Haiti que é que tá sobreviver pra: tipo todos os haitianos tão sobreviver... então isso a mídia apresenta isso então eu acho que eu aprendi isso muito éh: aqui no Brasil a forma que a mídia apresenta é é minha terra... então: o que eu quer passar é mostrar que o Haiti não é só isso... então mostrar que ANTES éh do terremoto ANTES de tudo que é a questão da pobreza então da questão política o Haiti sempre vai ficar éh uma nação forte éh um país forte que traz a experiência pra qualquer cidadão éh éh que tá sofrendo de sistema colonial que tá sofrendo de sistema racial que o Haiti leva essa experiência esse futuro de que você pode viver você tem direitos de viver em qualquer país... então eu acho que o a Revolução Haitiana traz esse essa luz de de de de de viver digno como ser humano como a pele não pode ser um fato de: de um pesado pra: pra qualquer cidadão que tem pele negra então o fato que você nasceu nessa terra você tem direito de viver então isso é uma: é uma questão é uma das coisas que eu aprendi muito aqui no Brasil e eu acho que eu quero trazer essa experiência também de essa experiência que a gente tem direito pra viver seja negro brancos éh diminui um pouco essa éh essa questão racial que a gente tá vivendo no mundo hoje

Entrevista 3

Nome (fictício): Fadi		
Estatuto jurídico: Refugiado	Nacionalidade: Síria	
Data de chegada no Brasil: março de 2014	Data de chegada em BH: não informada	
Área de atuação: Chefe de cozinha	Idade: 25 anos	Gênero: Masculino

Entrevista

P: é uma pergunta bem aberta pra você falar - assim entre meia hora e uma hora o tempo que você preferir – éh: me responder qual é a sua história de vida como migrante

F: na verdade eu cheguei ao Brasil em dois mil e quatorze então cheguei sem um real no bolso... só tinha o dinheiro de o: avião mesmo... quando cheguei aqui comecei procurar trabalho e tal: porque não tem dinheiro pra viver... aí comecei a trabalhar num lanchonete doze horas por dia... era o salário setecentos e sessenta em dois mil e quatorze e comecei a trabalhar doze horas por dia pra ganhar mais dinheiro e: o hora extra né?... e quando comecei a trabalhar assim comecei a achar mais dinheiro tá rendendo no meu bolso porque eu não tô gastando nada eu almoço lá janto lá e volto só tomo banho e: dormir... era de segunda a segunda sem folga... fiquei assim dois anos e vendi dois férias... pra conseguir juntar dinheiro porque quero fazer uma coisa diferente quero crescer quero... aí eu e meu amigo mesma coisa quando chegou meu amigo falou desse jeito comigo “quero trabalhar doze horas por dia”... ele também começou... dois anos e vendeu dois férias... a gente começou ficou: com dinheiro mais ou menos sessenta sessenta e nove mil... depois de dois anos então dois mil e dezesseis... final de dois mil e dezesseis... falei “ou vamos procurar uma loja ou um negócio pra abrir: fazer esfirra fazer quibe e a gente: apresentar comida nossa pra o povo brasileiro... e vão ver se vai dar certo”... falou “vamos procurar”... e achou primeiro dificuldade porque não tem fiador pra gente... então a gente pagou um dinheiro pra o fiador (...) então: a gente juntou esse dinheiro e começou procurar uma loja a gente achou aqui uma loja na [região de BH]... aí o aluguel do loja era quatro mil reais então precisa fiador pra conseguir pegar a loja e nós não temos fiador... a gente procurou uma empresa pra: pagar em dinheiro pra pagar pra eles confiar a gente né?

P: uhum

F: e a gente conseguiu fazer isso... foi bem fácil com eles... e depois éh:: era: uma fritadeira só e uma estufa bem pequena e um forno... só isso no loja... eu falei “ou vamos começar então fazer esfirra e fazer quibe e fritar o salgado”... “ah Fadi precisa isso” falei “não... vamos começar agora e depois vamos ver o que que vai vir mas se não der certo então a gente não gastou muita coisa”... tem que sempre ficar agindo com dinheiro na mão né?

P: uhum

F: uma (ferramenta) pra você... se quebrou alguma: algum mês você tem que conseguir pagar né?... e começou desse jeito a gente acordava seis horas da manhã começa subir pra cima fazer os produtos desce onze horas abrir loja onze até meia noite... e depois meia noite a gente fecha loja e entra pra fazer o faxina pra a casa e sai pra dormir... todo dia assim ficamos três meses... sem um funcionário... nós dois mesmos fazer comida cobrar cliente ir pra mercado faz compras contador contabilidade coisas de banco... mesma coisa depois começou dar certo (consegui) sobrar dinheiro com a gente falei “vamos colocar funcionário... um funcionário ensina a gente e ele ajuda pouquinho”... sim começou começou... e deu certo... agora: já tô com: cinquenta funcionário e abri mais duas casas

P: isso é ótimo

F: era nós dois e ainda até: até esse ano... nós dois... os sócios... depois chegou o irmão do meu sócio entrou com os dois unidades novas então ()

P: aham

F: e tá dando certo... a vida aqui difícil... não foi fácil pra gente mas pra quem quer crescer tem trabalho pra quem - não em Austrália não em Canadá não em Estados Unidos não tem isso... mas eu prefiro aqui porque eu consegui fazer uma coisa de nada... mas ralei pra dar certo

P: claro... com certeza

F: eu vendi duas férias e: ganhei décimo terceiro pra conseguir ganhar juntar dinheiro... quase não saía só casa dormir casa trabalho trabalho casa casa trabalho dois anos

P: rotina muito pesada né?

F: foi... mas depende pra quem quer crescer quer fazer uma coisa... eu posso trabalhar só oito horas posso tem folga posso tem tudo pode ficar férias ficar em casa... mas aí eu não preferi porque quero crescer quero fazer uma coisa diferente

P: pra depois poder ter esse descanso né?

[

F: isso isso

[

P: no momento em que você tiver confortável

[

F: isso... aham... e deu certo

P: ah que bom... e aí como que você avalia assim a experiência de imigrante no Brasil? pontos positivos pontos negativos

F: negativos

P: tem mais pontos negativos?

F: isso... porque

P: que que você me conta sobre isso?

F: porque o: o imigração aqui - o brasileiro gosta de ajudar... gosta muito de ajudar ainda o mineiro - Minas Gerais - ele é muito receptivo... então de qualquer forma ele quer te apresentar: quer te ajudar: quer ficar do lado de você:... você sente uma família aqui não qualquer cidade você sente isso ou não qualquer país

P: uhum

F: então o ponto de imigração aqui - pelo eu conheço migra imigrantes eles são trabalhadores e todos que eu conheço - eu conheço umas seis... todas () pra serviço pra ganhar dinheiro... então eles não são ah: moleques

P: uhum... é um pouco isso né? e me fala um pouquinho então da sua motivação pra sair da Síria... que que te fez vir pro Brasil?

F: foi por causa do guerra... a gente começou guerra (janeiro) de dois mil e onze... aí: eu fiquei um ano lá estudei Medicina eu sou estudante de Medicina... depois tranquei faculdade e fui pra Líbano fiquei dois anos... então de dois mil e doze até dois mil e quatorze eu estava no Líbano... fiquei trabalhando no cozinha... aprendi fazer comida... pra ganhar dinheiro e ajudar minha família lá né?... e: quando a gente viu o Brasil tá: tá recolhendo os: refugiados quer ajudar os refugiados sem: sem dinheiro no banco sem alguma coisa só vai: pegar: visto de graça... eles quer ajudar... e a gente começou com: eu e meu amigo pra ir o consulado pra ver que que eles precisam papeis: tal que que eles tá pedindo... eles falaram “não volta semana que vem já pegar o visto... mas lá o Brasil não te dá dinheiro não te dá casa não te dá escola... você vai trabalhar vai arrumar uma casa pra morar vai tudo... o Brasil te ajudou pra sair do seu país... pra não morrer não acontecer uma coisa”

P: e aí o visto que você pegou pra sair de lá foi de turismo?

[

F: de passear... noventa dias... e eles falaram com a gente “quando esses noventa dias pode ficar... dentro esses noventa dias você: pensa... se você quer ficar você vai na Polícia Federal pede refugiado”... (disseram) “se não quiser você só há visto de passear você vai voltar no seu país... então você tem só noventa dias pra pensar olhar: como é que vai dar: se deu certo não deu: conseguir morar: conseguir arrumar serviço”... é isso

P: e aí você: a partir desses noventa dias avaliou melhor ficar?

F: a gente: na hora

P: e aí como foi esse processo de estabelecimento?

F: foi bem tranquilo e:: todos ajudaram a gente aqui então: a gente não sabe falava nem português né?... e começou produzir no Google aonde faz isso vamos no foi no Polícia Federal aqui no Anchieta o que que precisa de fazer e tal... deu tudo certo

P: e aí você conseguiu o visto de refugiado com quanto tempo? que ele chegou pra você?

F: eu peguei o protocolo em seis meses primeiro protocolo e depois o segundo protocolo peguei o carteira de imigração... de imigração três anos agora eu tenho carteira de imigração de indeterminado sem data sem validade

P: até você conseguiu a cidadania

F: isso

P: né?

F: isso

P: e aí você pretende construir sua vida aqui no Brasil

F: claro... eu já sou mineiro: e quero ficar em BH ou Brasil porque o Brasil fez pra mim muito mais que o meu país fez pra mim

P: uhum... entendi... e você ainda mantém contato com pessoas da sua comunidade de lá?

F: minha família lá: todo dia converso com eles e quero voltar pra lá visitar eles um mês pelo menos ficar do lado deles... eu ajudo eles mandar dinheiro pra eles daqui também... o que eu consigo fazer posso fazer eu tô disponível

P: entendi... e: como que é o contato com a comunidade de imigrantes aqui no Brasil? o seu contato?

F: ah:: não... nenhum contato

P: nenhum... além do sócio das pessoas que

F: só

P: nenhum

F: eu conheço só três imigrantes e só isso que eu converso com eles... e do meu país então mesma coisa mesma cultura e tal

P: uhum

F: mas os outros não tenho contato... porque não tenho tempo pra sair: e ficar: sabe?

P: claro... e deixa eu ver aqui mais alguma coisa... laços com brasileiros aqui que você criou?

F: como?

P: laços com brasileiros aqui no Brasil que você criou? você chegou a ficar próximo de brasileiros aqui? se tornaram amigos?

F: eu tenho amigos mais que do meu país... tenho mais de quatro amigos de verdade o resto colega né?

P: brasileiros?

F: isso... saio com eles a gente almoça juntos vai no: fazer churrasco cachoeira programas todos

P: muito bom... e você tem mais alguma reflexão algum comentário? do que você

F: não eu agradeço muito... e:: falei o Brasil me deu muito mais que eu fiz no meu país então uma coisa: eu agradeço muito... eu vejo isso então tem que ajudar todo mundo eu e meus funcionários sem eles agora não

consigo manter meu andamento né?... então eu ajudo eles eles ajudam mim e a gente vai crescer junto

P: claro com certeza... cê pode contar mais um pouquinho das suas ações sociais? do que vocês fizeram há pouco tempo?

F: a gente foi no: Brumadinho ajudar lá e: a gente foi no programa de casa a gente fez almoço lá pra apresentação... e: cada um veja a gente como que a gente trabalhadores trabalha eles que fez entrevista com a gente acaba fiquei mais conhecido aqui no Brasil pelo minha qualidade não por causa que eu... pelo meu qualidade que eu mando... e nós são trabalhadores a gente acorda sete da manhã fica até meia noite... não qualquer um aguenta não

P: não... não mesmo

F: não... e eu ainda: você estrangeiro quer manter tudo mesmo com lei com funcionário tudo certinho e todo mundo tá satisfeito

P: muito bom

F: a gente agora virou mais amigos mais que funcionário e um patrão porque eu sou muito novo dos meus funcionários... eu tenho 24 anos então: eu fico às vezes vergo com vergonha de chamar atenção de ca de um porque ele é mais velho que eu então como é que eu vou chamar atenção?... acaba ser mais amizade pra eu fico mais próximo dele pra ele não se sentir que fica triste ou tal... e é o que importa pra todo mundo pra quem quer trabalhar comigo eles faz eles falam comigo “Fadi você é um exemplo pra gente como que você cresceu:” cheguei sem um real no bolso... sem falar nada de português

P: conta um pouquinho dessa relação com o português? de como foi até agora e de como vai ser?

F: português: - agora meu português - eu não acho que ele é muito bem: (...) então: o português vai éh: eu cheguei em dois mil e quatorze e até dois mil e dezenove eu não peguei nem aula nem estudei nem faculdade foi tudo () do dia a dia com meus funcionários meus colegas meu onde eu trabalho também eles me ajudaram muito... eu escrevo pouco pouca coisa mas: agora vou começar fazer o éh: prova do:

P: cê quer pegar um certificado?

F: isso... quero fazer o prova pra pegar o certificado português e pra: conseguir pegar a cidadania e quero ficar brasileiro

P: ((riso)) pra sempre

F: pra sempre... isso mesmo ((riso))

Entrevista 4

Nome (fictício): Déborah		
Estatuto jurídico: Refugiada	Nacionalidade: Congolesa	
Data de chegada no Brasil: dezembro de 2015	Data de chegada em BH: dezembro de 2015	
Área de atuação: Professora de Línguas	Idade: 24 anos	Gênero: Feminino

Entrevista

P: então Déborah cê pode me contar a sua história de vida como migrante por favor?

D: então ((riso)) não foi: fácil não de chegar até aqui porque a gente passou muitas coisas... primeiramente eu até chegar aqui porque quando eu saí do meu país eu vem direto pra cá né aí com: fiquei eu cheguei na casa de um amigo do meu pai e: depois éh: - as culturas são diferente né - aí eles ele me achava tipo - depois que eu fiquei sabendo né disso - achava: éh: achava tipo preguiçosa - sabe essas coisas? - tipo ah nossa eu cheguei aqui com dezenove anos tipo “ah ela não tá correndo atrás das coisas” e eu cheguei eu não sabia nada de português e: morava longe aí eu fiquei com aquele coisa falei - devia ter vontade de voltar para o meu país por causa disso - mas depois falei “ah vou ficar mesmo porque depois vai dar tudo certo”... aí de lá eu cheguei foi em dezembro eu cheguei na casa dele a gente viajou foi pro pra Bahia Nova Viçosa ele tem uma (ele) tem uma casa lá a gente morou lá ficou lá uns quase um mês com a família dele e todo mundo foi bom... aí quando voltei comecei a estudar português na UFMG... aí depois na ca aí na casa dele ficou longe na UFMG aí eu fiquei sabendo da minha prima né? que mora aqui... aí eu falei “nóh nossa” eu falei “nossa que foi um livramento encontrar minha

prima eu vou ir morar com ela porque aqui eu não tô me sentindo bem"... éh ele falava inglês a esposa dele tentava também falar inglês as filhas só que TENTAVA então eu quando ia conversar com ela ela () tenta a pensar eu não tinha paciência disso eu saía () entra no quarto sabe?... aí

[

P: esse é o amigo do seu pai

D: sim

P: aí eles me achavam tipo "nossa ela só fica no quarto" eu falei "uai gente eu não entendo NADA português" e quando vo quando vocês tão rindo eu penso "nossa será que eles tão rindo de mim?" aí fico com aquela coisa eu falo "melhor ficar no quarto pra não ficar com esses pensamento"... aí depois minha prima - eu falei "eu vou morar com a minha prima" - comecei a morar lá na na Pampulha na casa da P porque ela morava com a P... aí eu fiquei lá comecei a estudar ing éh português depois o português foi... eu não tipo não tava entendendo quase nada porque: era quarenta e cinco minutos e: eu chegava e não tava entendendo nada estava quase acabando aí falei "não éh: vou não vou conseguir não português desisto volto pro meu país e tal" e meu pai falou "pra que você vai voltar aqui minha filha fica lá aqui não tem... não tem perspectiva entendeu?... cê ficar lá vai ser bom pra suas irmãs... éh: quem sabe se um dia cê consegue alguma coisa pra ajudar ele? elas"... eu falei "ah tá bem"... meu pai que me dava que me apoiava sempre de continuar na luta... mas foi bem difícil... aí quando comecei a morar com a P eu parei... eu parei de de ir na na UFMG né?... porque tive que renovar matrícula e tal não tinha como... aí eu parei e eu não tinha nem acabado nem nada... e os meus documentos também... nóh tava dando tudo errado... falei "vou na Polícia Federal vou vou" - eu tinha eu porque o vi o passa o a passagem que eu veio era de ida e volta... a minha passagem - aí falei "eu vou voltar porque: já que tenho minha passagem de ida e volta vou voltar mesmo porque ah não dá mais"... aí meu pai falou "não... fica"... meu pai que me dava sempre apoio as meninas também falavam "não Déborah cê vai voltar pra que no Congo que você vai fazer lá? tem NADA"... aí eu falei "ah () nossa será que eu volto será que não"... aí: depois a minha amiga ela me mostrou o Centro Zanmi - antigamente era o Centro Zanmi - aí foi lá foi que... tipo eu eu foi lá: e conversei com a com a com a J eu contei a história dela tudo o que aconteceu:... aí ela me ajudou a pedir refúgio aqui... aí eu pedi refúgio foi dois mil e dezesseis dezessete se não me engano... aí depois ficou ficou difícil porque os documentos... criar um conta bancária não tinha conta não tinha como criar uma conta... éh: tipo... nossa foi muito difícil as coisas os lugares que eu ia precisava dos documentos falava que esse documento não dá... nossa mas tava tan dando tanto errado tanto errado... eu falei "gente mas que que eu fiz nessa vida"... depois - porque meu pai já tava aqui ele é missionário... éh ele tem uma outra amiga dela dele - aí a amiga dele falou "nossa Déborah a gente ficou sabendo que você veio pro Brasil... onde cê tá?"... eu falei "nossa eu tô morando aqui na Pampulha com minhas amigas"... falou "não... vem morar aqui comigo"... ela tem um salão de beleza o salão dela chamava [referência ao salão]... aí eu fui morar com ela... o meu português tava mais ou menos... eu fui morar com ela ela começou a me ensinar a trabalhar... eu comecei a trabalhar no salão dela... ela começou a me ensinar como escovar o cabelo como que lava o cabelo me ensinou tudo tipo até a cultura brasileira... porque eu não sabia eu aprendi tudo o que ela que que porque ela tava em contato com o amigo do meu pai... outro amigo lá que eu cheguei na casa dele ele começou a contar "nossa a Déborah ela é preguiçosa... ela não sabe fazer as coisas num sei o que" mas a R falou "mas você mostrou pra ela como que é a cultura brasileira?... ela NÃO SABE... ensina pra ela como que acontece as coisas no Brasil... ela NÃO SABE"... aí ele falou "ah não não sei o que" aí a R aí quando ele ficou sabendo que eu tô morando com com a R a outra amiga ele ficou tipo "por que ela tá morando lá?... ela saiu da minha casa ela tá morando lá com ela"... aí: depois ela começou a me ensinar ela começou a falar comigo que: na outra família o que que aconteceu foi tal tal tal... eles não quis me falar mas depois falou pra ela... aí isso eu fiquei muito triste com isso porque: eles poderiam me falar né?... e outra coisa eu não: eu não sabia a cultura brasileira até hoje eu tô aprendendo... eu tô aprendendo como viver com os brasileiros e: depois que eu fiquei sabendo disso quando a R falou tal que as coisas que aconteceram lá na casa dela ela começou a me ensinar como que é a cultura brasileira imagina... ela me levava nas nos lugares mostrar como que é: como que as pessoas se a pessoa falar isso aqui tipo por exemplo falar () cê é doida? não é porque cê é DOIDA é porque tá a pessoa tá brincando ((riso))... nó eu levava muito a sério isso...

[

P: é mesmo?

D: é:... porque sabe quando a gente tá aprendendo português às vezes fica com aquela coisa na cabeça?... aí não sai... aí ficava assim aí ela falou "não quando a pessoa te fala assim" - ela pegou até uma uma professora pra me ensinar português imagina... eu ia na casa dela ela me ensinava português eu voltava em casa no salão... imagina eu tava morando na casa dela ela me ensinou a trabalhar no salão consegui fazer escova finalizar o cabelo ela começou a me pagar... eu morava na casa dela mas me pagando no salão dela... aí eu falava "não R eu vou começar a pagar algumas algumas despesas de casa" ela não deixava sabe?... nossa ela a R ela tem um coração que nunca vi na vida nunca vi... ela po eu acho eu acho que ela foi chamada só pra enca ajudar as

pessoas sabe?... éh ela foi chamada só pra ajudar as pessoas... aí eu morava na casa dela eu morei UM ANO na casa dela sem na sem comprar nada nada nada ainda ela me pagava... e vou ter que cuidar pelo menos limpar a casa (né?)... tinha uma moça que limpava a casa ela ia todos os dias cozinhava... e eu ajudava com a filha dela... tipo quando a gente saía ajudava com a filha dela a gente ia nos lugares mas ela não deixava tipo eu comprar as coisas não... aí depois ela falou comigo “nossa Déborah o que você acha éh de: pensar em morar sozinha?”... ah depois quando tava morando na casa dela ela falou “olha dá por que cê não tenta dar aula de inglês?”... falei “uai R mas é verdade hein?”... aí eu mandei o meu o: currículo na escola as escola [referência à escola] e tal... aí depois a [referência à escola] me chamou pra ir dar aula no sábado... foi aula de francês porque eu mandei meu currículo falando de francês e inglês... aí a [referência à escola] me chamou dando aula de inglês de francês e todas todo sábado de uma quarenta e cinco até pra quatro horas... e era era eu tinha só uma turma na uma turma eu recebia eu acho que uns duzentos e oitenta reais por mês que eu recebia... aí eu falava “nossa mas tem que aumentar minhas turmas”... a R falou “olha Déborah se aumentar suas turmas na [referência à escola] você ver que na [referência à escola] você vai ganhar bem deixa aqui no salão”... tipo eu ficava com aquela coisa “nossa se eu vou lá na trabalhar na nas aulas será que não vou magoar a R? ela me ensinou tantas coisas e eu vou deixar ela assim deixar salão pra ir dar as aulas”... eu ficava com aquela coisa na minha cabeça... aí ela fa um dia ela chegou comigo ela me falou “olha Déborah eu vi que as aulas vão dar muito bom pra você... porque se você dá sua disponibilidade lá na Fisk eles vão te dar muitas turmas”... aí falou “vamo tentar?... semestre que vem fala pra ele que você tem disponibilidade semana inteira”... aí eu falei “nossa eu tenho disponibilidade semana inteira”... aí minhas turmas aumentaram foi pro cinco turmas eu acho... é... aumentou a R falou “tá vendendo?”... aí no salão eu ia às vezes quando tô eu tenho a éh horário va éh livres aí eu ia no salão ajudava ela... aí chegou um dia ela falou comigo “não Déborah agora o que você acha de morar sozinha?”... eu falei “nossa morar sozinha”... eu falei “será que a R tá me mandando embora da casa dela? que que eu fiz?”... EU fiquei me perguntando TANTAS coisas tantas... aí falou “Déborah eu não tô te mandando embora da su da minha casa... não... eu acho está na hora pra você ficar MAIS responsável ainda cuidar das suas coisas se organizar mais sabe? porque a cultura são diferentes mas eu vejo você: corre muito atrás das coisas... é claro a gente às vezes a gente coloca a culpa na cultura mas: colocando do lado a gente consegue fazer algumas coisas”... aí eu falei pra ela “nossa R eu não vou vai ser difícil R não vou conseguir não”... comecei a chorar liguei pro meu pai eu falei “pai eu vou voltar de novo”... meu pai “que que tem: (riso) você morar sozinha minha filha?”... meu pai ficou também primeiro preocupado mas ele não queria me mostrar preocupação... ele falou “nossa vai ser muito bom pra você porque olha a R vai te acompanhar em tudo ela já ela ela” - porque ela conversa com meu pai sempre - aí eu falei “ô R vamo vou tentar”... aí depois eu procurei um - aqui em frente onde eu moro mesmo - tinha um: um: tipo um quitinete né?... tinha um quarto sala banheiro... eu achei lá... aí eu falei “ô R olha eu achei um quitinete tal onde eu vou morar”... aí a R falou “nossa muito bom”... aí a gente foi visitar o quitinete eu e ela a gente viu que era bom: o preço também tava bom:... aí ela mesma fez tipo chá de casa nova na casa dela... convidou as pessoas amiga... porque óh (eu era) tipo QUERIDA das amigas dela sabe?... porque eu sou muito sabe? humilde... todos lugares que eu vou eu sou mais: eu deixo muito mais tipo... sei lá eu não sei como posso fazer eu quero eu: eu gosto de deixar tipo uma marca onde eu vou... eu quero que as pessoas fala “nossa aqui tinha uma pessoa boa: que a gente gostou:”... quero mostrar de verdade quem eu sou... aí todos os lugares onde a gente ia com ela eu era assim tipo chega eu já começo a fazer as coisas porque é a cultura nossa por exemplo... eu chego no algum lugar eu já começo a ajudar “você precisa de ajuda” e tal tal... isso pra mim era eu sempre sou assim... aí as amigas dela gostavam muito de mim... quando ela falou “olha a Déborah vai começar a morar sozinha vamo fazer chá de casa nova”... “pode trazer algo?”... “toda coisa que você quiser”... então outras pessoas trouxe fogão:: geladeira:: nossa eu ganhei MUI nossa até as vasilhas que eu tenho aqui em casa nun... óh nunca comprei NADA... de todo mundo que que que vem me deu tudo tudo tudo tudo... toalha nossa tudo... nossa foi muito bom muito bom mesmo

[

P: emocionante né

D: é... aí depois eu mudei... a R fez as compras... nós a R... não sei se é uma pessoa ou é um anjo... ela fez umas compras tipo quando a gente mudou quando eu mudei eu fui morar sozinha... ela fez uma compra... ela tinha a chave da minha casa né?... aí sempre eu já eu já gostava de maquiagem e tal... eu fazia - quando eu tava morando na casa dela - eu fiz um curso de maquiagem... ela falou “olha eu tenho uma cadeira que eu vou te dar me dá a chave da sua casa que o L vai deixar a cadeira lá”... ela deixou a cadeira lá na minha casa e comprou fez as compras tudo tudo que eu tava precisando... arroz TUDO... então óh arroz ela comprou arroz feijão carne tudo tudo tudo material de limpeza porque lá em casa não tinha nada né? eu acabei de colocar as coisas... óh eu cheguei: quando cheguei no salão ela falou “óh sua chave tá aqui... espera e a gente vai na sua casa juntas”... aí a gente foi na minha casa quando eu abri nossa eu encontrei compras nossa:... eu falei “R que que cê quer que eu te faça o que mesmo? ((riso))... nem sei eu vou te levar pro Congo mesmo”... ela falou “não Déborah é porque: sei lá você merece... tipo você se disponibilizou se colocou no a disposta você me ajudou e e eu puxava muito sua orelha você chorava sabe? porque as culturas são diferentes” - falava das coisas - ... eu falei “nossa

isso eu não vou conseguir nóh:” aí tal... mas eu vi que ela tava me ajudando e: eu acredito se hoje tava... aí depois de lá eu:: tava morando sozinha... aí con continuei a dar aula ali na [referência à escola]... depois eu foi dar aula no [referência ao centro de línguas] de de [referência ao projeto de línguas] eu participei num encontro lá... aí depois eu acho a gente tinha um evento lá no Centro Zanmi porque o Centro Zanmi deu: o: tipo um apoio pra gente faz comprar as coisas... óh aquele lá eu acredito que se hoje tem as minhas roupas - porque eu faço roupa do Congo também - () e me ajudou mui bastante com o dinheiro que eles me deram a gente comprou tecido a gente vendeu bastante na - era uma fe uma festa não lembro uma fe uma festa sim - a gente vendeu mui bastante bastante mesmo... e: foi assim que: tava continuando mas antes de eu começar a costurar tipo quando tava morando nas meninas eu: comecei a costurar como?... porque não tinha nada as meninas falou “olha a gente vai pre” - a P né? - “vamos fazer uma festa africana... nessa festa a gente vai precisar comprar camisa a gente vai precisar fazer umas camisas do Congo” - porque antes no Congo eu fazia corte e costura comecei a estudar corte e costura só que parei - aí elas falaram “olha nós tá precisando muito muito do:” - porque eu tava sem nada nada nada - ... aí: elas falaram “olha a gente vai fazer umas camisas mas como? a gente não tem a máquina nem ninguém pra costurar”... eu falei “olha eu vou costurar”... falaram “não mas Déborah O QUE?”... eu falei “OLHA eu vou costurar... você tem tecidos?... vocês vão comprar as camisas”... falou “você não tem nem a máquina”... eu falei “minha filha preocupa com isso não vai dar tudo certo”... nossa aí depois lá eu: falei pro meu pai liguei pra ela pra ele - porque o amigo do meu pai falou que a filha dela tinha uma máquina né? eu usava a máquina dela da filha dela e tal... ele falou que ele vai comprar ele vai me dar uma máquina de presente: e tal só que eu não tipo esperava muito nisso - ... aí depois eu falei pro meu pai “pai eu tô precisando de uma máquina que vai me ajudar a crescer no Brasil o senhor compra essa máquina hoje?... eu prometo que eu não vou te pedir mais dinheiro” ((riso))... (ele falou) “cê tem certeza?”... eu falei “sim pai tenho certeza se cê me compra essa máquina pra mim hoje eu não vou te pedir mais dinheiro”... aí meu pai ele: procurou dinheiro e mandou dinheiro comprou a máquina e comprei aí comecei a costurar as camisas né? personalizar as camisas colocar o tecido do Congo... aí as meninas tava me pagando vinte por cada camisa eu acho vinte ou quinze não me lembro... aí depois eu falei “uai gente por que” - antes de morar na casa da R né? antes de encontrar até a R - falei “por que eu não posso tentar começar a trabalhar com roupas”... ah: e depois falei “nossa vai ser uma boa ideia”... depois comecei a depois de da gente costurar - eu costurei mais de cento e cinquenta camisas - e a gente vendeu todas todas camisas quando a gente tinha festa a gente vendeu todas... eu falei “essa é uma boa coisa que eu posso começar a fazer”... aí () decidiu de fazer as camisas... a P viu que tava dando certo ela não sabia costurar... ela se interessou a costurar eu mostrei uns passos pra ela de costura... hoje ela tem a máquina dela também ela costura também nossa ()... eu falo assim “a gente cresce é porque a gente se ajuda também”... hoje ela tem a máquina dela ela costura também ela faz muitas coisas... e porque a gente vai se dando mais mesmo sabe?... porque a gente pensa que as coisas é difícil né?... mas e se a gente não está junto não: não vai dar certo sabe?... falo “a gente tem que se colocar juntos... a gente tá aqui no país estrangeiro e se a gente não se reúne vai dar sempre errado”... aí a P ela começou a aprender a costurar eu falei “vamo trabalhar junto vamos fazer as camisas juntas”... aí a gente começou a fazer as camisas juntas hoje também ela criou a marca [referência à marca] das camisas a minha marca é [referência à marca] das camisas que: a gente criou um site onde a gente tá tentando vender as camisas e:: até hoje estamos aí: tentando

[

P: uma ajudando a outra né?

D: é:: tentando... e: também: eu: gostei muito do do do que que eu aprendi na R... eu tenho eu tô aqui com a minha amiga que eu moro com ela aqui a gente mora duas pessoas eu ela é do Congo também... ela era igual... igual eu mesmo né?... aí: eu comecei a mostrar a ela os caminho como que acontece as coisas como que acontece as coisas aqui no Brasil ela tem dificuldade no português também mas

[

P: ela veio depois

D: sim ela veio depois

P: uhum

D: ela tem dificuldade no português também e:: agora ela saiu no trabalho dela sofreu preconceito: ela teve que deixar o trabalho dela porque ela não tava aguentando mais:... e ela tá:: assim ela saiu porque: sempre ela gostava de ser modelo né?... aí ela ficou mandando o instagram pras pessoas que tão procurando... aí tem uma agência que chamou ela né? de uma hora pra ela ir ela queria que eu isse pra com ela eu falei “não tenho compromisso antes depois a gente vai”... (ela falou) “não tem problema não”... aí ela foi lá conversou até com ela já chegou tá conversando com o pessoal lá sabe?... pra ver se vai dar tudo certo a gente vai se ajudando

P: ah eu vou torcer muito: vou torcer muito

D: (risos) éh nossa história é longa tem outras coisas que eu não falei

P: claro... não mas eu acho assim cê falou muito da sua relação assim com os brasileiros que cê conheceu aqui teve dois lados né?

D: sim mas além desses dois lados o:: sempre eu vou eu vou no Centro Zanmi encontro com brasileiros num sei se eu encontro brasi num sei se todos imigrantes mas no meu caminho eu posso falar noventa por cento das pessoas que eu encontro são pessoas bons com coração bom... por exemplo quando fazem uma entrevista aqui eu gosto muito quando eu compartilho com as pessoas pra ver que tem pessoas bom nesse mundo tem pessoa bom nesse mundo que gosta de ajudar outra pessoa... ele não vai olhar ali seu la seu lado fraco seus ponto fraco mas ele vai olhar primeiro o que tá no coração isso que eu aprendi muito também com a R... eu vejo o que tá no coração da pessoa... eu hoje meu sonho é ter poder ajudar todos os migrantes... TODOS os migrantes que viessem ter um jeito de mostrar como que acontece as coisas no Brasil é um sonho porque eu vi que eu encontrei umas pessoas boa até hoje continuo a encontrar umas pessoas bons que eu aproveito daquelas pessoas aproveito da palavra deles e que eu posso transmitir essa palavra por com outros imigrantes principalmente do meu país porque é um país sem desenvolvimento sem - como posso falar - é um país é um país bem que não tem - como posso dizer - é um país tá pra trás né?... éh: e quando a gente vem aqui a gente vem aqui no Brasil pra a gente tenta aproveitar o máximo possível os brasileiros que a gente encontra no país com corações bons porque tem outros que a gente encontra que ela até te olha te como se você não existe sabe?... a gente sofre preconceitos sofremos bastante bastante mesmo mas eu sempre levo o lado bom da coisas... é muito difícil eu levar lado ruim do: tipo dos brasileiros que eu já conheci porque eu falo “olha” - se hoje por exemplo a pessoa eu tô sofrendo preconceito e tal - eu falo “olha pra mim eu tenho uma missão... e se eu fico me baseando nas coisas ruim que eu vou encontrar eu não vou conseguir chegar na missão que eu tenho” então sempre eu encontro as pessoas eu pego o lado bom das pessoas... temos todo mundo temos lado ruim todo mundo tem... mas sempre eu tento pegar o lado bom da pessoa porque eu vejo o brasileiro é muito avançado sabe? pelos pensamento... e eu gosto muito ficar no mundo do brasileiro pra poder aprender mais sabe?... aproveitar da inteligência deles ((riso))... aproveitar da inteligência deles e poder ajudar pelo menos dois ou três congoleses que eu posso conseguir

P: aí eu fico tão emocionada de ouvir isso

D: imagino... nossa éh:

P: é um grande aprendizado né?... e cê pode ensinar muito com a sua experiência muito muito muito

D: nó minha história poderia ser um livro

P: ai... quem sabe um dia?

D: TANTA coisa gente

P: e você ainda é muito nova né?

D: é... vou fazer 24

P: muito nova

D: é impressionante... cê ainda mantém contato com as pessoas do seu país cê fala muito do seu pai mas com outras pessoas lá sempre manteve?

D: sim a gente conversa pelo whatsapp e facebook às vezes porque lá também a internet é difícil e às vezes fico sem conversar com eles porque pra conseguir éh: pra comprar créditos tipo eles não tem wifi igual aqui gente tem acesso... pra eles não então tem que: eles têm que comprar crédito às vezes aí tem carro... aí final de semana assim hoje conversei até com meu pai quando cheguei aqui final de semana assim quando eu (peço) que todo mundo tá em casa meu pai ele compra um crédito pode ser de um dois dólares ((sotaque inglês)) coloca pra gente conversar no whatsapp pelo vídeo e leva todos os créditos dele ((riso))

P: ((risos)) gasta muito mais né? pelo vídeo

D: gasta muito mais... fala “ô filha manda foto” ((riso))... aí assim

P: e cê veio sozinha?

D: sozinha

P: e a sua motivação pra vim pra cá? qual que foi assim o maior motivo de você ter vindo?

D: olha sem eu sempre eu queria ser éh:: tipo maquiadora esteticista aí quando meu pai - porque meu pai trabalha na ONU... aí o amigo dele né? ... e ele falou “nossa se você tem sua filha que quer estudar no Brasil manda ela

no Brasil"... meu pai falou "ah vou tentar" - ... quando meu pai tava aqui ele veio aqui falar sobre missionários sobre Congo mesmo que que acontece no Congo... aí acabou que criaram um ONG que chama [referência à ONG] até a R a o esposo dele que é o: presidente da ONG... a ONG chama [referência à ONG]... e o [referência à ONG] ele: eles colocaram eles reuniram brasileiros mand - pessoal da igreja né? - mandavam dinheiro pro meu pai no Congo pra comprar comida por exemplo... o: éh: quando tava lá né? O: final do ano assim as festas crianças ou cê tem que ver a alegria das crianças porque: elas eles sabe pouca coisa pra pra eles é: muita sabe?... às vezes a gente vê nossa "ah esse arroz e tal" mas pra eles é uma é uma felicidade... tem as crianças que pra eles comer arroz e feijão é uma festa... quando se come arroz e carne tem que ter uma festa sabe?... aí meu pai quando o pessoal tava mandando dinheiro pro meu pai meu pai comprava comida pra eles aí tava sabe? muito muito feliz sabe? as crianças gostavam os pais e comprava roupas também sabe? o a ONG que mandava o dinheiro comprava roupas também e depois o amigo do meu pai falou "manda a Déborah pra cá pra ela: tentar ver como que é no Brasil e tal"... aí eu veio aí depois... não mas é difícil

P: cê tem vontade de continuar sua vida no Brasil ou você ainda pensa em voltar?

D: aí depende... depende... eu: a minha família né? que eu penso muito que: ficar longe da minha família porque a primeira né? a primeira vez que eu fico longe da minha família e: as coisas que acontecem lá: eu penso: "será que eu volto será que não?" mas na maioria das vezes eu penso na minha família porque: ah: eles passam umas coisas difíceis tipo a minha irmã ela ela foi tipo estuprada: ela tava saindo da escola: e sabe? são umas coisas quando eu penso eu: num sei mais... é difícil mesmo "ah será se eu volto? será não?" mas vamo ver né? ((entonação triste))

P: é maravilhoso que cê pensa tanto no outro e isso é tocante demais assim cê deixa sua vida se guiando pelo desejo de também fazer o bem pras pessoas né? ou pra sua família ou pra quem tá aqui... eu acho que nessas horas a gente acaba encontrando uma orientação se a gente se guia por bem né? se a gente se guia por bem... é muito emocionante sua história

D: eu acho que eu vou escrever um livro

P: por que que cê num faz isso um dia?

D: nossa nossa eu vou porque é tanta coisa... às vezes eu esqueço das coisas que eu já passei que É difícil... éh o trabalho às vezes nó... difícil você encontra as pe outras pessoas me falava que "nossa vocês vêm tipo aproveitar do nosso país"... a gente tá aqui sem trabalho sem nada sabe?... aqui primeiro no prédio tem uma moça... olha que: ela deixa a gente muito mal mesmo... porque ela ve às vezes ela vê a gente e tipo ela corre não sei se se a gente tem problema aí eu falei pra minha amiga que... num sei num sei se ela tem problema mental... não sei... ela tava trabalha ela tava dan estudando onde eu dou aula... ela saiu tipo um dia eu tava conversando com meu pai no celular ela tava na sala da aula ela falou que tipo eu tava falando dela e eu tava conversando com meu pai no celular... quase que foi mandada embora do meu trabalho por causa disso aí... é muito difícil... é difícil mesmo ((choro))... mas a gente a gente não fez nada pra ela a gente vive bem sabe? eu tipo não tenho problema com as pessoas mas o que me deixa muito tipo ela vê a gente às vezes ela ela corre mesmo não é às vezes ((choro))... ela começa a orar aí eu falo "será que a gente tipo ela vê um demônio na gente?" aí: é muito difícil essas coisas... mas a gente tenta pensar a gente fala que temos uma coisa que temos que conseguir temos uma missão mesmo se a gente encontra essas coisas

P: nossa e nunca deixa de acreditar nessa missão porque... sua história é muito muito inspiradora... se ela soubesse da metade dessa história eu acho que ela teria muito a aprender com você e a crescer com você sabe?... e a crescer com você... nossa

D: ai Bárbara é muita coisa que a gente pode dormir acordar dormir

P: quando quando cê veio cê falou que você como que foi assim até conseguir o visto permanente?

D: foi quando eu pedi refúgio aí eu tinha protocolo... aí eu mandava mensagem pelo pelo CONARE todos os dias eu era chata nesse ponto até CONARE (ele) falou "ó a gente tem que liberar essa menina" ((riso))... ó eu quando eu coloco () na minha cabeça EU SIGO nin nossa eu falo as pessoas falava "ô moça não mas demora um ano dois anos" eu falei "gente" porque pensava tanta coisas... o mod protocolo não não fala "não esse documento não vale" no banco nos luga outros lugares faculdade até que eu desisti por causa do protocolo

P: não aceitavam?

D: é porque queria estudar na UFMG né?... aí: não falou que tem que esperar... falava "você tem que esperar dois anos" falei "what? dois anos"... falei "não eu não vou esperar tudo isso eu vou ter que mandar pelo CONARE uma mensagem todos os dias que eles vão cansar de mim e eles vão me liberar"... MANDAVA mensagem mandava mensagem todos os dias às vezes na hora eles respondiam a mesma coisa... às vezes respondia... e um dia foi: ano passado - eu pedi refúgio foi em dois mil e dezessete éh que eu pedi refúgio - ... aí

- é dezessete que eu pedi – aí - não dezesseis foi dezesseis junho assim - aí depois um ano e meio né? as pessoas falavam “nossa demora uns dois três anos às vezes”... porque a minha amiga de (Lima) ela já vai fazer dois anos que não responderam pra ela... eu falo “manda e-mail manda e-mail pra eles todos os dias que eles vão te responder”... aí comecei a mandar e-mail e-mail e-mail e-mail e-mail aí um dia mandou mensagem pra mim que marcou a entrevista aí a entrevista foi feita lá no Centro Zanmi mesmo... aí depois da entrevista falou que demora três meses pra: pra: responder né? se eles aceitaram ou não... aí depois - não eu fiz a entrevista foi antes sim não foi em dezembro não porque em dezembro que eu tive permanente... eu fiz a entrevista eu acho foi em junho dois mil e dezoito... então meu processo demorou só um ano em junho dois mil e dezoito... – aí - em junho ou agosto eu acho foi dia doze de junho ou agosto se não me engano - ... aí depois de: no dia mesmo do entrevista eu perguntei pra moça “olha que dia que vai de quanto quanto tempo que vai demorar?” ((riso)) aí ela falou “olha não sei mas depende três seis meses” falou “por quê?” eu falei “não porque eu quero muito estudar eu quero muito fazer outras coisas com meu documento que não consigo”... aí: eu a gente tava conversando pelo Skype né?... aí ela falou “nossa mas você tem PODER na sua palavra” eu falei “nunca fiz uma entrevista com com uma pessoa assim”... a moça nem conheço ela aí eu tô lá tipo ((riso)) falei “por quê?” falou “não sei eu só percebi isso nunca fiz uma entrevista assim: com uma imigrante: que: se esforça bastante primeiro precisa de uma outra pessoa para en pra traduzir mas você veio falar sozinha e em português e tal” a moça já começou a falar () da entrevista foi pelo por Skype ((riso))... aí ela falou “olha vamos ver né? me passa seu e-mail” aí passei meu e-mail pra ela... aí depois ela falou comigo “olha vamos esperar um pouquinho porque ela mandou e-mail pra mim que tinha muita gente na fila mas eu vou te ajudar o mais possível” mas nem conhecia a mulher eu vi só no no pelo Skype... “eu vou te ajudar o mais possível” e aí mandou e-mail... aí eu respondi pra ela aí depois foi ela que falou comigo “olha seu: documento já saiu mas você tem que esperar o a mensagem do CONARE”... ela mandou um mês antes que o meu documento já saiu e que é pra esperar o CONARE confirmar porque ela não pode confirmar mas ela tava seguindo o processo e já saiu... e: até hoje eu converso com ela pelo pelo pelo e-mail mando mensagem pra ela e tal... e sabe? até no Skype marquei ela ((riso)) e: é assim... depois ela falou comigo - depois que eu recebi a mensagem em dezembro é dezembro dois mil e dezoito dezembro ou novembro é - que fui aceita que era pra eu acabei de ter uma residência de nove anos - são onze onze ou nove é uma coisa assim - aí foi nó muito bom

P: aí mudou muita coisa né?

D: bastante... mudou bastante coisas porque nó

P: documento faz toda a diferença

D: nu... faz muita diferença muita muita mesma e: tô tentando ver se eu vou poder viajar esse dezembro pra ver minha família porque quatro anos... eu fiquei: passei muito mal os os últimos dias porque eu saí de lá meu irmão tinha quatro anos né? que somos cinco... eu sou a mais velha da minha família são somos quatro meninas e um menino... éh aí o meu irmão... eu saí de lá ele tinha ele era tinha eu dormia com ele né? ele era bebezinho... aí a minha irmã - eu tava conversando com a minha irmã né? - aí minha irmã falou “ô G vem cá a Déborah quer falar com você” e ele ficou levou uns cinco segundos pra ele saber qual Déborah que é sabe?... aí ele falou “que Déborah” “a nossa Déborah” e eu ouvi porque ela tava gritando... nossa eu cortei celular fui chorar chorar chorar chorar aí meu pai tava ligando eu falei “ô pai nossa até meu irmão tá me esquecendo”... tipo ((riso))... meu pai falou “tá nada”... falei “sim pai porque é uma coisa que tem que ser tic-tac falou do meu nome ele tem que saber que é eu sabe? mas ele levou uns cinco segundos pra saber que é a NOSSA Déborah que tá querendo falar com ele entendeu?”... eu fiquei: sabe?... mas eu falo “vai dar certo” ((entonação triste))

P: vai dar certo... vai... você já conquistou tanta coisa num é?... tem algum última reflexão assim que cê queira fazer sobre o que cê aprendeu sobre o que cê tem a ensinar sobre a experiência de migrante no Brasil?

D: olha eu sempre que que eu falo é que: a gente sempre temos que estar éh:: - como posso falar - disposta a aprender... sempre temos que estar disposta a aprender por que?... a gente vai num país que a gente não sabe sempre a gente vai encontrar dificuldade então sempre a gente coloca aquilo na nossa cabeça... não vai ser cem por cento bom... primeiro pra nós que vem como refugiados imigrantes vamos encontrar muitas coisas mas sempre seja aberto pra aprender a cultura do outro país e você vai ver que tudo vai se melhorar... só ficar aberto disposta a ENTENDER a APRENDER com as pessoas que você conhece DAR SEU MELHOR pras pessoas... às vezes você às vezes as a gente você não vai tipo você fala “nó que que eu vou falar?” tipo sai tipo aquela pouca coisas que você vai mostrar o seu atitude pode ajudar também outra pessoa... eu falo que nesse mundo somos todos imigrantes... somos todos refugiados... a gente é refugiado do trabalho somos imigrantes do trabalho das coisas de casa somos todos refugiados que eu falo... e se você aceita que você é refugiado que sempre estamos buscando algo... e quem busca algo bom?... é uma pessoa que foge... que encontrou umas barreiras e quer achar uma coisa bom... a gente encontra barreiras no trabalho que quer dizer que a gente é refugiado porque sempre estamos correndo onde a gente vai achar paz... e é isso que eu pego sempre eu falo que somos todos refugiados... somos todos imigrante nesse mundo... se você aceita que você é refugiado é

imigrante óh... não vai ter nada de discriminação nada de preconceito nada

Entrevista 5

Nome (fictício): Jker Pazmiño		
Estatuto jurídico: Imigrante (residência temporária)	Nacionalidade: Venezuelana	
Data de chegada no Brasil: maio de 2018	Data de chegada em BH: maio de 2018	
Área de atuação: Filósofo e Estudante de Teologia	Idade: 21 anos	Gênero: Masculino
Entrevista		
<p>P: Certinho então Jker queria te pedir mais ou menos em trinta a sessenta minutos pra você me contar sua história de vida como migrante por favor ((riso))... é muito pouco tempo?</p> <p>J: quanto?</p> <p>P: trinta a sessenta minutos meia hora a uma hora</p> <p>J: com tudo né?</p> <p>P: com tudo as pergunta que aí eu três e meia vou ter que sair</p> <p>J: três e meia?... tá ótimo... perfeito... no máximo se precisar sair antes não tem problema nenhum</p> <p>P: beleza</p> <p>J: aqui são só umas perguntas assim meio de guia pra passar por alguma coisa ou outra mas em geral sua história de vida acho que já vai trazer mais ou menos essas questões que eu coloquei aqui</p> <p>P: beleza... então eu começo quando tinha dezesseis anos eu decidi emigrar de meu país pela situação pela crise econômica e política que atravessava o país... ainda atravessa... aí: eu decidi ir pra Colômbia em condição de refugiado... só que pela minha idade sendo menor de idade não conseguia... éh: entrar no país numa condição legal... eu fui roubado e eu decidi continuar minha viagem e entrei pelo aqueles caminhos ilegais que tem em todo país que faz divisão com outro... passando pelos camino ilegal teve a experiência de ver pessoas morrer... e isso me levou a tomar mais coragem e continuar minha viagem... eu:: fiquei na fronteira da Venezuela com Colômbia chamada Cucuta éh: em torno de sete dias em condição de morador de rua... e... éh: juntando dinheiro trabalhando éh limpando os vidros dos carros consegui juntar um dinero pra continuar minha viagem... éh: por questão do destino - pra nós que somos creyentes falamos que por questões de Deus - eu cheguei numa: numa situação que eu me topei com uma comunidade religiosa que: ela: tinha um trabalho faz um trabalho muito bonito com os imigrantes e eu me tornei um scalabriniano - a comunidade se chama os Missionários de San Carlos Scalabrinianos fundada por João Batista Scalabrini - e eu entrei nessa comunidade pra fazer um camino formativo religioso... fiquei na Colômbia três anos e lá estudei filosofia... e eu acabara a filosofia e por motivos perso pessoais e pra poder ajudar a minha família economicamente decidi sair desse camino de formação pra procurar algum trabalho... nessa procura de algum trabalho saiu a oportunidade de eu vir vier aqui no Brasil e eu éh: tendo outras funções - Itália Estados Unidos Peru - eu decidi vir vier para o Brasil... por que Brasil? por dois situações éh: as (...) a história éh: (...) éh a história de: do país de como foi construído é muito linda porque foi construída por imigrantes também... isso levou a a tomar mais coragem pra vir vir vier vier pra cá também por: pelas condições políticas migratórias que o Brasil oferece que não tem em esses ou outros países... aí eu fiz uma trajetória de voltar pra Venezuela éh: de ônibus de ônibus atravessei toda a Venezuela e cheguei a Roraima... Roraima a gente pede condição de refugiado pra entrar... e:: aí peguei um outro ônibus até Manaus e de Manaus depois esperei a que fora comprada minha passagem para chegar até Belo Horizonte... éh: chegando no Brasil chegando aqui em Belo Horizonte a gente: tem todo aquele processo de regulamentação - não sei como se falaria - pra tirar o CPF éh identidade aí eu a gente sempre troca o visto de condição de refugiado pra residência temporária</p> <p>P: aí cê chegou a receber a condição de refugiado?</p> <p>J: não... não... eu acho assim ele é mais algo formal pra você poder transitar pelo país e:: eu como todas as pessoas que estão aqui no Brasil éh: venezuelanos muito poucos solicitam condição de refugiado... talvez em estatística é assim tá no top... mas quando a pessoa chega na cidade onde vai residir troca a condição pra residente temporal porque o refugiado vai te tirar alguns benefícios como você não vai poder voltar pra seu</p>		

país: não vai poder sair pra um outro... então a gente tem medo de você troca sua condição pra residente temporal... e aí fiz aquele todo aquele processo de documentação carteira de trabalho e tudo isso... comecei a fazer alguns cursos de português... e meu primeiro trabalho foi lá na Guaicurus como eu te falei pra me adaptar no país e: e aos pouco aprender o idioma... de fato é um uma dificuldade que todo imigrante venezuelano atravessa... e: eu explico muito pra eles pra os imigrantes que estão vindo que: a gente não pode ir de trás de um trabalho MUITO BOM no começo porque você não vai ter as condições de: de enfrentar esse trabalho principalmente pelo idioma... e nada... depois éh arrumei uma bolsa de estudo... faço teologia na PUC e fui chamado pelo padre J do [referência à organização] pra atender essa realidade aqui na [referência à residência] como coordenador...

P: muito bacana... cê pode me falar um pouquinho também éh... como tem sido mesmo essa sua experiência - a gente já conversou um pouquinho antes né? - mas como tem sido essa experiência como imigrante no Brasil assim o processo de acolhimento em relação com comunidade de brasileiros... ou de outros imigrantes aqui

J: ah de maneira pessoal pra mim tem sido muito positiva... eu não tenho nada que reclamar do Brasil além dos serviços públicos... éh:: mas enquanto o Brasil como comunidade como pessoas é muito um país muito acolhedor... isso torna que essa migração forçada com a qual a gente vem seja mais calma... seja mais tranquila no sentido de que o brasileiro éh te leva a uma situação de fazer você sentir no seu país... e por isso tem se tornado muito tranquila né? éh::... a xenofobia faz parte da sociedade em qualquer lugar que a gente se encontre... éh: mas aqui em Belo Horizonte especificamente a gente não encontra isso... pelo menos não agora... porque o venezuelano que tem vindo tem vindo trabalhar dar o melhor de si e a mostrar que na Venezuela éh era um país que lutava muito por aquelas pessoas que queriam e o principal que o venezuelano quer aqui em Belo Horizonte é manter a sua família bem... em Roraima a situação já é diferente porque é um: é uma cidade menor: é um povo menor: um povo onde a economia não está muito bem e:: tem muito venezuelanos e isso tem levado a: criar uma certa xenofobia mas também por: pela pelo comportamento de alguma minoria que vai roubar vai matar pessoas tudo isso torna generalizado... pero de modo geral o Brasil tem sido um país muito acolhedor no qual não me arrependo de ter vindo

P: ah que bom fico feliz... éh cê mantém contato com a sua comunidade do país de origem na Venezuela dos que estão lá com os que estão aqui sim claro né? missionário

J: Éh eu mantenho contacto com a comunidade mas cabe ressaltar que é uma comunidade muito dividida... lá: a gente tem oposição e governo éh e acho que éh: é um mal que a sociedade enfrenta na atualidade... porque já não: o que antes era (irmão) já não é mais... torna que a sociedade seja muito dividida e isso leva a se refletir éh: se reflete éh:: nas imigrações também pelo menos aqui em Belo Horizonte a comunidade dos venezuelanos também é bem dividida entre oposição governo... porque fuimos criados com essa condição de que ou é a favor ou é contra... não existe o diálogo não existe a compreensão esses valores éh infelizmente no meu país se foram perdendo muito assim ao longo do tempo... inclusive eu faço parte disso... éh a gente () que: pessoas que apoiam o governo de lá estejam aqui no Brasil ou num outro país falando que o governo está bem... então por que está aqui não está lá?... mas éh: manter o contato com as pessoas da Venezuela ainda fica complicado pela questão da electricidade... o único meio pela qual a gente se conecta se comunica é pela internet... e na Venezuela: éh: agora: a electricidade vá a quatro cinco seis hora às vezes até um dia sem eletricidade leva a manter essa comunicação muito muito escassa assim é muito pouca... porque às vezes a gente tem um tempo aqui pra enviar mensagem mas a pessoa lá não tem internet

P: não tem como receber

J: então fica meio difícil

P: é um dificultador né?

J: normalmente a gente vê (anota) depois: a pessoa escuta quando pode responde... então não é uma uma comunicação sincrônica

P: uhum entendo... e: e aqui na casa cê sente que também existe essa divisão quando vêm venezuelanos aqui pra casa? essa divisão de:

J: existe mas é menor

P: uhum

J: é menor porque: de fato: tem pessoas que ainda apoiam mas se sentem culpável culpável... e: aqui: as pessoas tentam não: éh colocar expor a preferência deles pelo partido político mas a gente dá pra perceber né?

P: uhum

J: quando: se têm entrevistas aqui o que mais se fala mal é do governo né? porque nós acreditamos pensamos de

que o que acontece na Venezuela é causa duma má política que começou em mil novecentos e noventa e oito... então: quando a gente vem aqui as argumentações e tudo isso leva também a criar também algumas divisões enquanto os que falam e às vezes o que não falam por medo a a ser rechaçado né?

P: uhum... sim claro... éh são coisas que normalmente não aparecem né? quando a gente

J: é... e aqui em século vinte e um com essa situação onde: diariamente morrem milhas de pessoas por desnutrição onde não tem electricidade: água potável éh... a violência te matam pelos () tudo isso causado éh: foi causa por causa duma política malfeita então não tem pra onde: escapar... meu pai pelo meno meu pai era apoiava o governo até um certo tempo e ele mesmo éh: compreendeu que tava fazendo errado... porque no ano dois mil e cinco a democracia acabou na Venezuela... porque os três poderes que constituíam o governo - fala Maquiavel Montesquieu eu acho filósofo Montesquieu fala que quando os três poderes são constituídos por uma pessoa não é mais democracia mas sim ditadura - ... então: os três poderes pues legislativo judicial executivo eram controlado pelo governo do Chávez... aí não havia democracia... acabou acabou o país

P: entendi... é muito bom cê colocar tudo isso... muito bom ouvir isso de uma pessoa que realmente viveu né? a situação lá

J: e estudou né?

P: e estudou

J: porque a gente tem que estudar pra... mas aqui no Brasil que é um país também dividido e:: e assim eu pelo menos não sou a favor de nenhum dos dois governos mas quando me perguntam pelo meu eu falo o que que eles fizeram o que que levou à situação que tem atualmente... e eu acho assim éh: tem que enganar tem que (ganhar) muito a uma população do Brasil na qual querem fazer ver que a culpa da Venezuela de estar assim é de Estados Unidos quando: de fato: os bloqueios internacionais começaram no ano dois mil e quinze e eu te falei a crise começou no ano dois mil e cinco dois mil e oito... então: não tem nada a ver uma coisa com a outra... o bloqueio evita o comércio talvez evita entrar alimentação pra Venezuela mas éh a alimentação já tinha acabado no ano dois mil e oito... então éh são coisas que também (se) tem que estudar

P: com certeza... com certeza... e aí você tem planos de construir sua história aqui ou de retornar pra Venezuela?

[

J: não eu

[

P: se tiver mais de uma resposta

J: eu só penso em ficar aqui eu de fato tenho uma conta bancária tô movimentando muito pra depois tirar um crédito... não mas de fato: como tenho sido também acolhido aqui no Brasil se a situação continuar assim de aqui a quatro anos de fato vou querer morar aqui... éh: já estou morando mas vou querer me radicar no Brasil como um todo... porque de fato: a saudade da Venezuela é mais gastronômica: uma saudade é mais de um que o outro amigo... além disso não... então: já me sinto mineiro também então não me veria morando num outro na minha cidade... hay alguma teologia que se falava ethos o ethos a identidade da pessoa se constrói... e nesse período de tempo eu tenho podido construir uma boa um bom ethos de mim uma boa identidade e isso tem me levado a cada vez quer mais no Brasil conhecendo agora a sua falência... porque é um processo que se vai dando à medida que a gente vai vivendo né? a gente também paga imposto como imigrante a gente paga imposto tem deveres tem direitos e: e isso aí... a gente vai conhecendo e vai avaliando cada vez mais

P: com certeza... cê falou um pouquinho sobre a vinda da sua família e tal cê pode contar isso um pouquinho agora também que eles vieram bem depois né?

J: é... foi assim... eu trouxe meu pai faz seis meses e tenho aqui uma missão de: de trazer venezuelanos... éh não tinha trazido meu pai de primeira porque havia uma uma resistência... por quê? porque a pessoa já maior mais de quarenta anos ele era polícia de alta patente era advogado... então deixar tudo isso do lado pra vim construir uma vida nova é bem diferente a mim que estou chegando que só tenho vinte anos... então: pelo um lado a gente compreende essa essa essa vontade de radicar apesar de teu pai ficar ruim na Venezuela... mas à medida que passaram os tempo à medida que passou o tempo ele decidiu vier e aí automaticamente éh: como por torno de um mês demorou o processo aí eu comprei a passagem e eles entraram (igual em condição) de refugiado em la fronteira e em Boa Vista Roraima pegaram um avião até Belo Horizonte... a gente fez todo aquele processo de regularizar os documentos colocou minhas irmãs estudar em escolas municipais e meu pai conseguiu trabalhar nessa escola municipal como faxineiro... então aí vem um outro aspecto o venezuelano que deixa tudo lá pra vim trabalhar no Brasil no trabalho que tiver... e sendo grato ainda... pelo meno meu pai uma das melhores alegrias que ele experimentou aqui no Brasil que ele comenta e eu comparto essa alegria com ele foi que com o

seu primeiro salário fez um mercado... e aí ele falava que tinha mais de cinco ano que não experimentava eso de fazer um mercado e encher a geladeira e tudo isso... que o salário na Venezuela () às vezes nem isso... então fazer isso aqui éh pra ele tornou de muita alegria... colocando de lado seu profissão sua experiência e sua maturidade... então ele tá viendo aqui fazer o trabalho de faxineiro e do melhor jeito possível pra não ser mandado embora também né?... um imigrante às vezes falam que o imigrante vem roubar o trabalho do outro... muitas vezes éh não é não é isso que sucede o que sucede é que o estrangeiro normalmente vem a trabalhar o dobro pra não ser mandado embora porque depende desse trabalho e com esse trabalho vai conseguir sustentar sua família... isso torna que às vezes tem um destaque maior

P: com certeza... e aí pensando agora que sua família tá aqui e que você né? tem esses planos de talvez construir essa história - cê falou há pouco da sua identidade mineira que já começa a surgir assim - cê pode falar um pouquinho também dos laços com brasileiros que você tem criado aqui com a comunidade brasileira mesmo?

J: de fato: tem uns laço muito bom né? os os vizinhos os amigos os companheiros da escola a igreja aqui da [referência à igreja] a gente tem se tornado uns laços de família onde: quando eles precisam de mim eu estou aí quando preciso deles eles estão aí... então de fato tem se tornado uma irmandade não teve não tem havido uma discriminação um: um: você estrangeiro vai ser tratado diferente... não... pelo contrário tenho sido tratado como qualquer brasileiro e de fato a sociedade também... éh quando a gente já começa a trabalhar a gente tem se que tem que colocar muito na mente que faz parte duma sociedade e que de fato já você começa a ter um direito de reclamar mas também de fazer pela sociedade... então os laços aqui tem sido muito bons

P: ah que bom... tem mais alguma coisa que você queira acrescentar

J: como o que? me explica

P: em geral

J: dá uma:

P: ((riso)) uma pista? além das que eu já dei aqui?

J: é

P: não... algo assim alguma reflexão sobre a sua história como migrante mesmo sobre a sua experiência sobre o que ela tem te ensinado ou o que você pode ensinar com ela

J: ah de fato eu converso muito sobre a xenofobia né?... eu pelo menos sou uma pessoa ciumenta como imigrante e como parte do representante aqui dos venezuelanos... éh: há ciúme pela migração também... por quê? porque a gente não quer que imigrantes ruins éh: assim imigrantes ruins em que aspectos?... tiveram já antes muitos antecedentes negativos lá na Venezuela que esses imigrantes chegam até cidades como Belo Horizonte... por quê? porque isso queimaria o filme e já eu não sei () entrada como Jker senão como aquele venezuelano que vem roubar... então de fato eu converso muito com meus colegas venezuelanos que: às vezes a a imigração mais que uma patologia é uma conduta que se forma a partir de: de experiências... é assim você me contrata eu trabalho péssimo pra você você não vai voltar a contratar uma pessoa da minha nacionalidade pela essa experiência... então eu intento muito de refletir com eles de que: a xenofobia é alimentada só por pessoas ignorantes mas que também a xenofobia é causada por conduta de nós como como país... então peço pra eles ter muita paciência mas cada vez nós também temos que ficar mais ciumento com quem chega no em Belo Horizonte pelo menos... eu já fiquei sabendo que chegaram outros grupos e pra nós isso é alarmante que nós temos mais ciúme por por que no queimem nosso filme... por outra parte éh todos nós somos vulneráveis né?... então tanto qualquer a pessoa tem que saber que todos nós somos vulneráveis e que todos precisamos de todos... assim tenhamos as melhores condições ou as piores condições siempre vamos a precisar do outro... pra década dos oitenta dos noventas Venezuela foi o primeiro país que acolheu imigrante de TODO lugar inclusive brasileiros por ter uma economia boa na qual não teve discriminação não teve éh um mau trato a seus imigrantes e que de fato hoje é nossa vez de sair hoje é no no hoje tocou a nós a saída a Venezuela e que: talvez eu pense em ficar mas que eles estão de passo e eles estão de passo os imigrantes estavam de passo pra dar o melhor de nós e que de fato pra ajudar a construir o país... nós estamos ajudando a construir o Brasil com a sua história de actual... éh talvez no futuro nós tenha tenga tenhamos que voltar e: cada quem vai levar na sua mente a história que é um marco né? positivo ou negativamente... esperemos que seja positivo... todos nós com essa imigração tamos aprendendo... brasileiros quanto venezuelanos... porque imagina uma pessoa que tinha lá uma duas profissões vem aqui a pegar qualquer serviço éh acho que é uma já uma ensinança... até pra o brasileiro... tem treze milhões de desempregados - falam né? - treze quatorze e: quando eu vejo: abro jornais abro - inclusive com essa mesma situação de os imigrantes conseguir trabalho rápido - aí eu fico "olha mas por que que não conseguem trabalho?"... talvez porque não é não é em sua área né?... assim você graduou de linguística... você quer trabalhar em uma área de lingua... se você não consegue você não trabalha você não pega outro trabalho... e é algo que: é natural da pessoa que mora no país porque talvez você não paga aluguel e

tudo isso... mas o migrante que vem e essa é uma oportunidade ele vai saber aproveitar

P: tem sempre que se reinventar né?

J: tem

P: nas oportunidades

J: tem de fato... de fato: é: o que é diferente na migração venezuelana de qualquer outra é que ele nunca está pensando em ficar parado (...)

P: de onde que a gente parou?... cê me falava sobre as experiências eu falei sobre a questão de se reinventar (...)

J: a gente falava sobre se reinventar né? a partir da experiência da migração

P: é... e foi isso que eu falei que a gente tem que correr muito de trás... aqui tem pessoas que tem trabalho bom e ainda no domingo vão vender comida na Feira Hippie... e é isso a gente aqui não vem brincar... talvez até eu brinque né?... eu que já comprei moto e tudo isso mas o venezuelano como tal não vem pra isso... o venezuelano vem mais pra: trabalhar juntar dinheiro e enviar pra sua família todo mês... eu agora parei um pouco porque já tenho meu pai minhas irmãs aqui... mas assim oitenta por cento dos venezuelanos que estão aqui em Belo Horizonte no Brasil éh: pelo meno a metade de seu o dinheiro sempre vá pra Venezuela... pra ajudar sua família economicamente pra arcar com alimentação é saúde tudo isso... só isso... sistema público sistema de saúde não serve é o mesmo que por Latino-América éh pelo meno

J: cê falou até mais assim né? ((riso))

P: sim... lá não é assim porque eu já tenho Unimed... mas é triste... éh outro dia eu descuti com uma pessoa que é do partido de esquerda porque ele falou assim ((mudança no timbre de voz)) “vocês na Venezuela não tem nada e vem pra cá exigir” e eu falei “não mas eu não estou exigindo por mim porque eu tenho Unimed... eu tô exigindo talvez pelo seu filho porque você não tem plano de (farmácia) pra brasileiro você não tem plano de saúde... éh: eu tô falando pra seu filho: pra minha namorada: pra minhas irmãs: () e entram em condição de estrangeiras”... porque a gente levou aqui um menino - aquele que tá doente - e ficamos OITO hora e não foi atendido... e assim ninguém passava... e depois fueran mais outra vez foi com outro menino - com esse que tava conversando - que ficou OITO hora e não foi atendido... e ele chorava e assim na cadeira de roda ele chorava e chorava e a perna assim... e você via os enfermeiros conversando e tudo isso porque se for: em um trabalho mesmo a gente... mas eles conversando rindo e as pessoas aqui na fora chorando (e rindo)... isso: pra mim não... eu acho assim sistema éh de saúde em Latino-América não tem... porque em Colômbia mesma coisa e na Venezuela também... na Venezuela te atendiam quando era boa mas se você entrava fazendo escândalo chorando e tudo emergência ()... mas a atenção era imediata... agora aqui eu acho assim é uma falha muito grande porque eu tô pensando assim se um dia de amanhã minhas irmã ficar doente? ou ou um brasileiro qualquer?... morrem na porta... não é atendido não... e isso é uma falha muito grave... e ele falava “não você não tem o direito pra reclamar” e eu falava “olha eu tenho tanto direito como você sabe por quê? porque eu pago meus impostos e: lá tá o dinheiro que: que utiliza o governo e tudo isso não é do governo é dos impostos que nós pagamos eu pago imposto de moto eu pago imposto de de tudo eu compro uma bala no supermercado eu pago imposto... isso que você tem que saber”... ele bravo “não volta pro su país e tal”... mas aí não acho como xenofobia (ali) acho foi: essa troca de palavras foi mais por uma questão de ele se sentir ofendido por eu falar que eu senti mal ()... ele “não porque nosso governo de Lula a gente se”... fala “olha a Venezuela se fecha e se fecha”... aí: “cê fez bem”... mas virou uma bagunça... e assim a aqui pelo meno éh fala “não mas aqui hicieron muitas oportunidades muita não sei que mais”... na Venezuela também hicieron muitas oportunidades hicieron greves bolsa de estudo universidades públicas e tudo isso e nós acreditamos agora que o resultado foi por causa disso... Venezuela não tem se tornado muito capitalista né?... se você percebe - não sei com as entrevistas dos outros - já eles não nada de esquerda... talvez porque: por uma experiência uma generalização... assim como a xenofobia que começa por culpa de uns e vira pra todos... igual: o sucede com os partidos políticos pra nós... mas há pouco seria no outro partido... porque: porque o outro tem muitos valores anti-cristãos () aí não dá

P: é... a importância de conhecer os direitos também né?

J: direitos e deveres

P: quando você fala disso dessa situação por exemplo cê consegue se colocar por conhecer né? os direitos e os deveres como migrante

J: é... porque é assim pelo meno na Venezuela nos ensinaram muito nossos direitos

P: ensinaram

J: MUITO mas os deveres não... então quando se hay um desequilíbrio nessa área o país vira uma bagunça... a

Venezuela por causa também da electricidade tem pessoas que trabalham dois vezes a semana... só dois vezes... e assim se não querem ir não querem ir se não te quer atender não te atende se tem que pagar tudo corrupção... e aqui a mesma coisa às vezes a gente vai em lugares públicos e o atendimento não é bom por falta de conhecimento uma preparação tudo isso é muita fofoca café e isso faz com que o país fique em atraso... é escutei outro dia um comentário de que o cara falava assim “você sabe o que que é burocracia?” então buro de buros que significa escritório - no espanhol né? não sei em português – e: era cracia de de crathos de poder... então o poder que se serve-se do escritório e que: por causa de uma má má burocracia um país fica em retrocesso... e é o que a gente vê... às vezes o sistema público é bem devagar: ele é assim eles conversam... outro dia eu fui lá no Ministério de Educação... a senhora não me atendia porque estava conversando e tomando café e conversando sobre a família e tal e eu assim... e eu “senhora você me atende por favor? que eu vou eu preciso sair e tô ocupado e tal”... ela sim sim espera um momentinho aí foi pegar uns xerox e ia descendo pelas escadas conversando com todo mundo... então quando: o funcionário público não vê que: que aquela pessoa que tá atendendo tem que ser priorizada tem que ser atendida de bem da melhor maneira possible quando ela supera a fazer isso o país vai progressar... porque imagina essa pessoa tem mais coisa que fazer... aí atrasa e assim é tudo... e assim é a vida... cê concorda ou discorda?

P: concordo

J: cê não tem ido num lugar e eles fazendo lá fofoca e você fala “oh” mas

P: é muito importante né? distinguir o espaço de trabalho do espaço de relações pessoais

J: é

P: é muito fundamental isso

J: é muito

P: eu concordo com você é uma coisa que me desgasta bastante também

J: DESGASTA porque é assim você fala assim “olha eu tenho tal tempo”... em um tempo estimado poderia fazer lá... e você poderia fazer nesse tempo... mas você não fez não porque o sistema caiu não porque tinha muita gente não por não é porque ela não te quis atender de maneira rápida... e aí você vai nos particulares e às vezes até encontra um serviço melhor... aí pelo meno se toma posiciones capitalistas como a que a gente agora tem como a que eu pago MUITO mas eu sei que eu vou ter... eu:: pelo meno: tem meninos que me han levado a é médicos particulares e assim na hora passa atende... a gente “oh:”... e é os é assim é o: a minha situação na Venezuela não era nobre... a gente tinha e não tinha... mas essas questões () como pessoa sempre tem me degustado né?... porque a gente pensa em aquele que não tem pelo meno eu penso EU ficaria tudo tranquilo mas se você não você tem seguro particular?

P: de saúde?

J: é? por seus pais

P: por mim mesma

J: por seu trabalho?

P: pelo meu trab não pelo meu trabalho mas porque eu pago por fora

J: tá vendo? e se você não tivesse

P: SUS

J: SUS... e aí?... e a gente pelo meno: quando tem uma consciência mais ou menos tem que pensar nos que não têm

P: sim... e o que é direito vira privilégio né?... poder pagar um plano de saúde com todo o sacrificio que às vezes existe nisso

J: é porque você paga impostos você não teria nenhum

P: nem todos têm condição né?

J: porque você trabalhando e pagando seus impostos já você teria que ter automaticamente:

P: com certeza

J: no SUS né? nem sequer um particular no SUS... e ser atendida... e as pessoas que não têm que não têm essa oportunidade onde ficam?... onde mudam ()... aí yo estou reclamando muito pra procurar um médico particular pra ele porque senão ele não ele vai morrer aí... eu eu já falei pra ele é muito cruel ele vai morrer aí e não vão

atender... que é assim que funciona... tem uma outra coisa que eu não gosto do médico particular pelo meno já fiz cirurgia de varicoceles e foi: cê vai no hospital público e você é experimento pra os meninos que vão que vão vão começar a fazer - cê sabia disso?

P: os residentes

J: cê sabia disso?

P: cê fez a cirurgia de apendicite?

J: Não varicocele dos testículos () nos testículos mas fazem aqui... no abdômen... e: eu tinha muitos amigos médicos meu pai tinha muitos amigos médicos e ele falava “olha lá vão fazer a cirurgia” lá era muito mais rápido na Venezuela ()... mas ele falava assim “olha lá vai ter o doutor e vai ter cinco pessoas mais onde doutor vai falar corta aqui tira aqui”... aí eu falei “não então éh” meu pai falou “aí não vou fazer a cirurgia pra meu filho não”... e nos hospitais públicos por que: como os meninos que se estão formando em doutor como aprende? fazendo... aí fazem qualquer... precisa tomar cuidado... nunca pensou nisso não?

P: bastante

J: nunca pensou nisso não?

P: eu nunca precisei passar por uma cirurgia assim então não vivi a situação mas acho que cê eu tivesse vivido ((riso)) também ficaria assim

J: e você tá dormida cê: “cortou errado não?”... mas além disso eu gosto do Brasil... eu acho assim todo país tem suas falhas né? e é a partir dessas falhas que você verdadeiramente (começa) quer ou não quer o país... gasolina custa - quando você chega fala “nossa tem tudo” depois “óh gasolina tá cara”... cê pensa assim as conta tem que pagar dívida pagar cartão e tudo isso... mas ainda assim eu prefiro viver em um país onde tenha que pagar por tudo mas ter a viver em país como na Venezuela que você tudo era de graça e olha a bagunça que tá... na Venezuela era mais custoso comprar éh: um litro de água que encher um tanque de um carro... era mais barato... é assim você podia sair um mês da sua casa deixar as luzes acesas e a água desbastando um mês direto e você não: e você não: não fazia diferença no seu bolso só que pagava o mesmo valor... tudo de graça... aí você fala “todos tinham oportunidade” mas () que pra nós também não querem trabalhar... querem que você dê tudo pra eles... cê fala? cê compreende o espanhol?

P: compreendo um pouco... quando vocês conversam é muito rápido

J: que aqui tem um vídeo de um venezuelano falando e: e: o venezuelano falando assim que ele tinha ido pra o estrangeiro e muita xenofobia por que? porque queria colocar ele trabalhar oito horas por dia: que isso na Venezuela já não existia mais: que éh... () não pagava-se as pessoas entravam aqui e você pra tirar ele da casa era um problema... porque tinha muitos direitos MUITOS mas seus deveres isso não importava

P: e é nesse ponto que cê acha que deu errado?

J: deu muito... meus primos xingavam nosso chefe... eles chegavam conversando... é assim eles saíam sete horas eles chegavam três horas em casa falando “não vim embora porque fui xingar o chefe porque me me mandou fazer algo que eu não quis e pronto”... eu falava “oh mas é teu chefe” “não mas ah que me mande embora se me manda embora melhor pra mim”... então nesse ponto né?... porque o ser humano é vil por la natureza e ele sempre vai querer um passo na frente... então quando se hay muitos direitos os deveres se esquecem... aqui na casa aqui tem liberdade pra tudo mas essa liberdade é cobrada pra mim no sentido de que depois vou ter que chamar atenção: “olha e tal e tal”... nos seminários - pelo menos os seminários - a gente conversava em psicologia que é engraçado porque nos seminários que são mais rígidos e têm mais regras tem mais seminaristas... os seminários mais abertos tem não... tem doze onze aqui () tem doze... você vai na () tem sessenta setenta e lá é mais rigoroso que aqui porque a liberdade tem um preço que a gente tem que pagar

Entrevista 6

Nome (fictício): Adiba		
Estatuto jurídico (anterior): Apátrida e refugiada	Nacionalidade: Brasileira	
Data de chegada no Brasil: setembro de 2014	Data de chegada em BH: setembro de 2014	
Área de atuação: Palestrante	Idade: não informada	Gênero: Feminino
Entrevista		
<p>P: éh a primeira coisa... hoje em dia você tem nacionalidade brasileira né? quando você chegou ao Brasil cê pode falar um pouquinho do seu estatuto assim jurídico como apátrida</p> <p style="text-align: right;">[</p> <p>A: isso</p> <p>P: como funciona:</p> <p>A: sim claro... quando eu cheguei no Brasil setembro era setembro dois mil e quatorze então nas leis brasileiras não existia nem a definição de uma pessoa apátrida... então: quando eu cheguei eu cheguei como refugiada</p> <p>P: certo</p> <p>A: então eu tava com um documento de viagem que é o <i>laissez-passer</i> brasileiro que tinha um visto dentro dele que é um visto - vamo dizer - sírio né?</p> <p>P: uhum</p> <p>A: que é não é um visto humanitário é um visto especial que a embaixada da Síria tava dando pras pessoas a embaixada do Brasil no Líbano tava dando pras pessoas sírios</p> <p>P: certo</p> <p>A: e a pessoa que leu minha história e quis ajudar</p> <p>P: ótimo</p> <p>A: é por isso que eles me deram esse tipo de visto... quando eu cheguei ninguém sabia nem como fazer comigo né? porque não tinha orientação não tinha ninguém que fala que que precisa fazer que que não precisa... aí: foi a I... ela é uma amiga de um primo da família que acolheu a gente em Belo Horizonte</p> <p>P: certo</p> <p>A: porque: né? governo brasileiro não é preparado então não tem como ajudar a gente em nada</p> <p style="text-align: right;">[</p> <p>P: faltava o suporte legal né?</p> <p>A: é... não tinha suporte nenhum de ninguém</p> <p>P: uhum</p> <p>A: então eu fui mesmo procurei no facebook achei essa família em Belo Horizonte acolheram a gente é uma família simples que mora na periferia de Belo Horizonte então eles não tinha nem ideia o que significa refugiado</p> <p>P: uhum</p> <p>A: aí que que fui com I... I ela estudou né? ela estudou relação internacionais ela estudou direito internacionais ela trabalhava com refugiados voluntária então: ela tinha esse <i>background</i> ela já tinha ouvido a palavra apátrida</p> <p>P: uhum</p> <p>A: e foi ela assim que orientou que falou olha vamo tentar pedir refúgio pra você tem que fazer isso isso e aquilo e no mesmo tempo: como não tem por enquanto nada dos apátridas o único jeitinho pra existir legalmente era refúgio... então foi assim que a gente que eu pedi refúgio e esperei por resultado</p>		

P: uhum

A: e foi muito confuso né? mesmo pra autoridade brasileira mas foi a ACNUR que fez esse papel de explicar e de orientar e de falar que ah como por enquanto não tem outro jeito tem que aceitar o refúgio

P: uhum... entendi (...) agora não consigo te ouvir... a última parte eu não consegui te ouvir

A: qual?

P: cê falou do ACNUR aí logo depois

A: tá foi o ACNUR que orientou o Ministério da Justiça né? o as pessoas lá porque: como não existia apátridas dentro de: dentro de: ah das leis então que que eles deveriam fazer com a gente?

P: sim

A: porque eu pedindo o refúgio eu ia conseguir CPF carteira de trabalho

P: ótimo

A: e o protocolo né? e o protocolo que é por seis meses então: teria a solução... então isso renova a cada seis meses

P: uhum... entendi... e com isso essa sua história de vinda fala muito das motivações pra sair da Síria né? tá muito ligada a essa situação

A: não nunca fui pra Síria

P: oi?

A: eu não entendi a pergunta

P: éh: todas essas questões né ligadas à apatridia foram o que mais motivou a sua saída do país de origem né?

A: é... eu mo - eu sempre vivi e morei no Líbano eu não conheço a Síria

P: ah sim

A: então: o motivo mesmo claro foi a apatridia

P: uhum... e e aí você chegou a buscar também esse acolhimento em outros países antes de vim pra cá?

A: eu tentei em todos os outros países do mundo... o único país que me acolheu foi o Brasil

P: e como que tem sido essa experiência?

A: porque: eu não tenho passaporte não tinha né? passaporte então como eu ia viajar pra um país como eles iam colocar um visto se eu não tenho nem passaporte?

P: uhum

A: a barreira foi este

P: uhum... entendi... aí sempre havia essa dificuldade né?

A: sim

P: e aí como que tem sido essa experiência no Brasil como imigrante agora como brasileira? que que cê vê assim como positivo e negativo? acho que negativo vem muito a falta dessa legislação no começo né?

A: sim mas aí depois como a lei foi mudado e como hoje em dia né? existe na nova Lei da Imigração então: é muito bom é muito bom... hoje Brasil virou exemplo pro mundo inteiro

P: uhum

A: sobre questão de apatridia sobre como eles lidam com essa questão de identificar e de ajudar o reconhecimento e depois facilitar a naturalização então não é um privilégio

P: uhum

A: éh:: é um processo

P: uhum uhum... com certeza... é um direito né?

A: sim

P: é um direito... e o que você acha em geral assim do tratamento dos brasileiros em relação aos imigrantes que

vêm: em relação a refugiados?

A: no MEU CASO no meu caso o país foi bem aberto ele foi ajudado muito... daí eu não tenho nada pra reclamar a única coisa que eu acho injusto é na questão de trabalho é mercado de trabalho mesmo

B

P: uhum... em que sentido você acha injusto?

A: é porque os imigrantes refugiados que tão chegando tão chegando sem carteira de trabalho... então na mente na cabeça dos brasileiros eles não têm experiência nenhuma... então você não tem como falar e como né? provar do jeito brasileiro toda a sua experiência

P: uhum... entendi

A: e a língua que é uma barreira muito grande também né? porque as pessoas que chegam de fora não falam português e no Brasil em Belo Horizonte mais específico ninguém fala outra língua... não ninguém são muito poucos que falam outra língua aqui ainda

P: sim com certeza e isso dificulta muito a comunicação né?

A: sim

P: como que foi seu processo assim de aprendizado do português aqui?

A: foi muito bom... começou com mesma família I dentro dum bar tudo tentaram me ajudar... matriculei com Centro Zanmi a gente foi mais ou menos em três quatro semanas mas como era todo sábado então a gente era difícil também de acompanhar isso... e depois com o tempo e com tudo... em dois mil e dezoito eu me matriculei em CEFET porque tinha que fazer uma prova de proficiência da língua portuguesa que é o CELPE-Bras então foi CEFET que me orientaram e: o PLAc que chama o programa ()

[

P: ah eu dou aula lá também junto com eles

A: ah sério?

P: quem que era sua professora?

A: E... F... eles me ajudaram muito

P: e aí você fez o exame de proficiência em dois mil e dezoito?

A: sim... fiz o exame enfim não precisei dessa prova ((riso))

P: ah: que bom ((riso))

A: mas passei ela

P: uhum uhum... entendi... éh e aí os laços que você mantém com os brasileiros aqui tão mais ligados a essa família que te recebeu: o pessoal do:

A: não são mais ligados pras pessoas que eu fiz pros meus amigos pras pessoas que eu: né? que eu fiz amigos da vida lá

P: uhum... ah que bom... e mesmo assim você continua mantendo laços com as pessoas no Líbano? com seus conhecidos lá ou conhece outras pessoas do Líbano aqui?

A: não

P: aqui não

A: não... deixei os laços com meus amigos de lá ((riso))

P: é?

A: é

P: claro... claro... tudo bem... e aí tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar? sobre o aprendizado com toda essa experiência sobre o que você tem a ensinar pra outras pessoas que como você buscam essas soluções?

A: ah: como assim? não entendi

P: se você tem alguma reflexão a acrescentar de todo o seu processo migratório: sobre o que você aprendeu com

ele com os contatos e sobre o que você pode também né? ensinar a outras pessoas agora que você já passou por essa experiência

A: ah tem que ter paciência né?... essa que é a coisa mais importante: viver a vida isso que eu acredito isso que eu faço... porque a vida passa tão rápido então a gente tem que aproveitar de onde a gente tá... isso que eu penso

P: ah isso é um ensinamento pra mim também ((riso))... muito obrigada

B: ((riso)) de nada